



Instituto de
Estudos
Avançados da
Universidade de
São Paulo

Relatório 2014



Sumário

| | |
|---|----|
| Ser contemporâneo: o IEA-USP atualiza sua presença entre o passado e o futuro | 5 |
| Institucional..... | 8 |
| Redes | 41 |
| Eventos Internacionais..... | 51 |
| Revista Estudos Avançados..... | 60 |
| Outras Publicações..... | 63 |
| IEA na <i>web</i> | 66 |

Pesquisa

| | |
|--|-----|
| Jerry Hogan..... | 74 |
| Massimo Canevacci | 76 |
| Bernardo Sorj | 79 |
| Amazônia em Transformação: História e Perspectivas | 100 |
| Astrofísica Nuclear Não Convencional | 103 |
| Brasil-França..... | 107 |
| Diálogos Interculturais..... | 108 |
| Filosofia, História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia..... | 114 |
| Fórum Permanente: Sistema Cultural entre o Público e o Privado | 117 |
| O Futuro nos Interpela..... | 122 |
| Humanidades e Mundo Contemporâneo..... | 133 |
| Lógica e Teoria da Ciência..... | 135 |
| Meio Ambiente e Sociedade..... | 137 |
| Nutrição e Pobreza..... | 147 |
| Observatório da Inovação e Competitividade..... | 149 |
| Política Ambiental | 156 |
| Políticas Públicas, Territorialidade e Sociedade..... | 158 |
| Qualidade da Democracia..... | 164 |

Ser contemporâneo: o IEA-USP atualiza sua presença entre o passado e o futuro

No tempo-*agora*, como o *Angelus Novus* de Walter Benjamin, o IEA revê criticamente seu passado e o da Universidade visando a projetar futuros possíveis. Em 2014, esta experiência no espaço-tempo foi explorada de várias formas, como pelos instigantes debates dos ciclos realizados, pelo resgate histórico da luta pelos direitos humanos na cidade de São Paulo ou ainda pela antecipação das discussões sobre a crise hídrica do Sudeste.

Nesse ano, também revimos a nossa história institucional, com a homenagem aos grandes nomes que passaram pelo Instituto, e adensamos um projeto ambicioso de abrangência intercontinental, que visa não só à criação de redes de pesquisa e à transformação das estruturas acadêmicas como também a uma significativa participação na formação de futuros líderes da academia. O contemporâneo, modelado dinamicamente ‘entre o passado e o futuro’ (vide Hannah Arendt, 1961) pautou o 2014 no IEA.

Nada seria mais atual em 2015 que uma discussão sobre a crise hídrica pela qual passa a capital paulista. Mas esse debate foi antecipado pelo IEA ainda em março de 2014, quando a sociedade ainda não conhecia o tamanho do problema que enfrentaria. O seminário *Verão 2013/2014 e Cenários de Estresse Hídrico*, organizado pelo Grupo de Pesquisa Meio Ambiente e Sociedade, relacionou o cenário de estresse hídrico com as dimensões institucional e de governança da água e seus desdobramentos no plano socioambiental e na segurança alimentar.

Falando em crise, quando os problemas financeiros e questões institucionais da USP ganharam peso e atingiram a dinâmica da Universidade, o IEA reuniu grandes nomes da educação nacional na tentativa de entender os problemas e buscar soluções. Do debate *Reflexões sobre a Crise da USP* saíram propostas com vistas a mudanças nas instâncias de representação na Universidade, descentralização das decisões, diversificação de critérios de avaliação de acordo com as áreas do saber, avaliação criteriosa de projetos, cur-

sos, docentes, estudantes e funcionários e retomada dos vínculos com a sociedade paulista.

Nesse mesmo período, o IEA lançou o *Dossiê Desafios Institucionais da USP*, uma coletânea de links para as versões online de artigos, editoriais e reportagens pertinentes à crise de vários veículos de comunicação e também para os sites do Cruesp, da Sala de Imprensa da Reitoria da USP e das entidades representativas da comunidade uspiana. O material é um guia completo para entender a crise e gerar uma densidade crítica diante desta situação, mas sobretudo em relação ao recorrente e desgastante emprego da greve como instrumento de pressão interna (Reitoria) e externa (governo estadual). Se em 2013 a ocupação deixou rastros profundos, em particular pelos atos de destruição, a greve de 2014 foi marcada pela sua extensão: 100 anos, digo, 116 dias (quase um terço do ano). Os prejuízos à pesquisa, à convivência acadêmica e às aulas, em particular as de graduação, são indelévels.

Aqui, cabe destacar que devido a esta greve muitas das atividades do Instituto tiveram que ser adiadas ou organizadas em espaços improvisados, já que o prédio da Administração Central, onde o IEA se encontra, esteve fechado pelos grevistas. Graças à colaboração de outras unidades que cederam seus espaços para realização de nossos eventos, ao empenho de nossos funcionários e à compreensão dos pesquisadores, conseguimos manter boa parte da agenda de atividades. Deixamos aqui registrado o agradecimento à Escola de Comunicação e Artes (ECA), à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA), ao Instituto de Relações Internacionais (IRI), à Escola Politécnica (Poli) e ao Instituto de Química (IQ).

Ainda na tentativa de entender o hoje, a perplexidade que tomou conta do Brasil quando do fracasso da seleção na Copa do Mundo levou o IEA a reunir pensadores em mais um laboratório: *Debate em Dois Tempos: A Fantasmagoria da Derrota, o Futebol como*

Metáfora. “As derrotas para Alemanha e Holanda impactariam na autoestima brasileira e na imagem que o país projeta interna e externamente?”, foi a pergunta feita aos debatedores.

Outro encontro centrado no presente foi a conferência com o crítico e curador Martí Peran *Como Converter a Fadiga numa Exposição de Arte?*, promovida pelo Grupo de Pesquisa Fórum Permanente: Sistema Cultural entre o Público e o Privado. Para Peran, uma das maneiras mais consensuais para definir a contemporaneidade consiste em reconhecer como contemporâneo aquilo que concentra sua atenção nas feridas do nosso tempo.

Em relação aos grupos de pesquisa, o debate filosófico no IEA foi enriquecido em 2014 com a aprovação, em abril, pelo Conselho Deliberativo dos grupos Humanidades e Mundo Contemporâneo, coordenado pela filósofa Olgária Matos (FFLCH-USP), e O Futuro nos Interpela, coordenado pelo também filósofo Renato Janine Ribeiro (FFLCH-USP).

A combinação da presença destes dois novos coordenadores com a de nosso professor visitante Massimo Canevacci gerou debates marcantes focados em produções artísticas e culturais de última geração, como as performances de Marina Abramovich e o filme *Ela*, do diretor americano Spike Jonze.

Janine organizou um ciclo pautado no contemporâneo: *Tardes Cariocas: A USP Ouve o Rio de Janeiro* trouxe notáveis cientistas sociais do estado vizinho para discutir e aproximar mais a reflexão que se faz nas duas principais cidades do país.

Os demais ciclos do ano foram *Em Busca do Sentido Perdido: Diálogos Interdisciplinares sobre Ciência e Transcendência*, de Bernardo Sorj, professor visitante do IEA, e *Diálogos de Competitividade*, do Grupo de Pesquisa Observatório da Inovação e Competitividade/NAP. Em quatro seminários, o ciclo de Sorj teve por objetivo tratar das mudanças ocasionadas pelo declínio das grandes ideologias políticas e discutir a produção de sentido em um novo contexto sociocultural. Já os *Diálogos de Competitividade* trataram, em cinco encontros, de questões-chave para a competitividade da indústria brasileira.

Na revisão de nosso passado, um trabalho de extrema importância foi o lançamento da *Cartografia de Direitos Humanos de São Paulo* pela Cátedra Unesco de Educação para Paz, Direitos Humanos, Democracia e Tolerância, sediada no IEA-USP, que promoveu o

resgate histórico das lutas pelos direitos humanos na cidade de São Paulo. O projeto foi contemplado no Edital 2013 da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária e contou com as parcerias do Centro Universitário Maria Antonia e do Ministério Público Federal (por meio da Procuradoria Regional da República – 3ª Região).

Ao longo do ano, uma série de atividades (oficinas, exposições de arte e fotografia, workshops e debates) apresentou as lutas pelo reconhecimento e efetivação da igualdade de raça, sexo, gênero; pelas diretas, pela moradia, pela livre expressão; a resistência às ditaduras, entre outras, sempre tendo a cidade de São Paulo como cenário. Para cada lugar que sediou essas lutas e conquistas foram coletadas fotografias e colhidos depoimentos com pessoas que vivenciaram a defesa dos direitos humanos na capital. Esse material deu origem à plataforma digital *Cartografia de Direitos Humanos de São Paulo*, que georreferencia os marcos e apresenta roteiros de visitação por região e por tema.

Neste esforço de olhar para trás e reconhecer o legado dos que nos antecederam, o IEA promoveu uma homenagem inédita a todos os professores honorários do Instituto, com especial destaque aos dois a quem o Conselho Deliberativo outorgou o título mais recentemente: Gerhard Malnic e Alberto Luiz da Rocha Barros (*in memoriam*). O título de honorário é concedido a professores aposentados da USP com expressiva contribuição ao IEA, à USP e à ciência brasileira. Olhar para suas histórias ajuda-nos a traçar caminhos mais acertados.

Quem também mereceu a deferência do IEA em 2014 foi o matemático Artur Avila, vencedor da Medalha Fields, a premiação máxima do mundo da matemática. A *Conferência Artur Avila*, que abriu o *I Congresso Brasileiro de Jovens Pesquisadores em Matemática Pura e Aplicada*, teve a participação do matemático e foi organizada pelo IEA e pelos Instituto de Matemática e Estatística (IME) e Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC), ambos da USP. Os três institutos também se uniram meses antes na promoção do debate *Artur Avila, a Medalha Fields e a Escola Brasileira de Matemática*, buscando contextualizar historicamente a conquista de Avila e da matemática brasileira.

Sabemos da importância de se criar novas lideranças no ambiente acadêmico, assim como Avila na matemática mundial. Por isso, em 2014 iniciamos a preparação de um dos mais arrojados projetos des-

ta gestão, a Intercontinental Academia (ICA), que acontecerá em 2015 e 2016. Iniciativa da rede Ubias (Institutos de Estudos Avançados Baseados em Universidades), a ICA reunirá 15 jovens pesquisadores de diferentes países e áreas do conhecimento para participarem de um projeto colaborativo sobre o 'tempo'. Durante todo o projeto, os participantes terão a orientação de cientistas seniores de reconhecimento internacional. Somos os organizadores desta primeira edição, em parceria com o Instituto para a Pesquisa Avançada (IAR, na sigla em inglês) da Universidade de Nagoya, do Japão.

Outra iniciativa inovadora em 2014 foi a criação de uma publicação impressa com formato experimental, completamente diferente dos periódicos tradicionais. Seu primeiro número reuniu os relatos sobre os principais debates e conferências realizados em 2013 pelo IEA, além de entrevistas com os professores visitantes do Instituto à época.

Diferente deste objeto gráfico ainda não identificado, nossa revista "Estudos Avançados" se fortalece a cada ano justamente por sua tradição. Sua credibilidade e respeito juntamente à comunidade científica também se devem, em grande medida, ao trabalho criterioso de seu editor, o professor Alfredo Bosi. Nas três edições publicadas este ano, os temas abordados em seus dossiês foram: "50 anos do Golpe de 1964", "Integridade Científica" e "Literatura Brasileira" (nº 80); "Trabalho, Emprego e Renda", "Classe média" e "Frei Tito" (nº 81); e "Sociedade e Ambiente", "Ciência, Valores e Alternativas I" e "Enrico Fermi" (nº 82). Todo o material publicado pela revista desde 1987 está disponível em formato digital gratuitamente na Scientific Electronic Library Online (SciELO). A revista do IEA é a mais acessada em toda a plataforma SciELO. Em 2014 foram 2.943.347 acessos.

Além destes destaques, devemos lembrar que no âmbito das publicações do IEA há outras produções que merecem ser mencionadas, como a "Scientiae Studia - Revista Latino-Americana de Filosofia e História da Ciência", do grupo de pesquisa Filosofia, História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia, e o "Periódico Permanente", do grupo Fórum Permanente.

Neste relatório, o público pode constatar a extensa agenda de atividades cumprida pelas equipes de pesquisa e estudo do Instituto em 2014, que incluiu publicações, reuniões internas, várias modalidades de eventos públicos e mesmo a participação em atividades externas ao IEA, no Brasil e no exterior.

Com 22 grupos de pesquisa (16 em São Paulo e seis no Polo São Carlos), dois grupos de estudo (um em São Paulo e outro no Polo Ribeirão Preto), duas cátedras e um convênio internacional, torna-se impossível selecionar o que merece mais destaque, dada a variedade de temáticas e abordagens.

No entanto, vale a pena lembrar uma das faces do IEA: a preocupação constante em debater políticas públicas de alcance municipal, nacional e internacional. Exemplos desse trabalho desenvolvido por alguns grupos foram os seminários *Impactos Ambientais do Novo Plano Diretor do Município de São Paulo*, *O Novo Guia Alimentar do Ministério da Saúde* e *Changing Global Environments*.

Em termos de visibilidade pública, um dado extraordinário de 2014 foi o total de mais de 150 mil visitantes ao site do Instituto, um crescimento de 29% em relação a 2013. Esse percentual torna-se ainda mais surpreendente quando contrastado com dois outros crescimentos do ano: no número de pessoas com acesso à internet no mundo (7,8%) e no Brasil (8,5%) e no número de *websites* em toda a web (44%), que naturalmente diluiu ainda mais os acessos.

Esse desempenho significativo também ocorreu na versão digital da revista "Estudos Avançados" (na SciELO), que atingiu cerca de 3 milhões de acessos a seus artigos durante o ano, o que a torna a revista líder nessa categoria na SciELO, com uma média de 5 acessos para cada artigo de todas as edições da revista publicadas até dezembro de 2014.



Martin Grossmann
Diretor

Institucional



Conferência com Artur Avila em dezembro de 2014

Governança

ZOÓLOGO CARLOS ROBERTO FERREIRA BRANDÃO ASSUME A VICE-DIRETORIA DO IEA

Carlos Roberto Ferreira Brandão, professor titular do Museu de Zoologia (MZ) da USP, assumiu em janeiro a vice-diretoria do IEA-USP. Ele foi escolhido pelo reitor João Grandino Rodas no final de dezembro a partir de lista tríplice da qual constavam também os nomes dos professores Paulo Saldiva, da Faculdade de Medicina (FM), e Luiz Nunes de Oliveira, do Instituto de Física de São Carlos (IFSC).

Brandão é doutor em zoologia pelo Instituto de Biociências (ICB) da USP, onde também fez o mestrado e a graduação. Tornou-se livre docente em 1995. É professor titular do MZ desde 1999, sendo o curador da coleção de insetos *Hymenoptera* (ordem que inclui abelhas, vespas e formigas) da instituição. Foi diretor do MZ (2001-2005), onde é professor e orientador no Programa de Pós-Graduação em Zoologia. Atua também no Programa de Pós-Graduação em Entomologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da USP.

O zoólogo integrou o Comitê Executivo do Inter-

national Council of Museums (Icom) (2010-2013) e presidiu o Comitê Brasileiro do organismo (2006-2010). Foi presidente do Comitê Organizador da Conferência Internacional do Icom Rio de Janeiro 2013 e organizador do Icom South-South Museums Dialogue, também em 2013. É pesquisador associado do American Museum of Natural History. Integra comitês editoriais de revistas no país e no exterior e conselhos de entidades culturais, além do Conselho de Relações Internacionais da USP e a Câmara Setorial de Museus da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.



Carlos Roberto Ferreira Brandão

REGINA PEKELMANN MARKUS É A NOVA CONSELHEIRA DO INSTITUTO

A farmacóloga Regina Pekelmann Markus, profes-

sora titular do Instituto de Biociências (IB) da USP, é a nova integrante do Conselho Deliberativo (CD) do IEA-USP. Ela assumiu a vaga anteriormente ocupada pelo filósofo Renato Janine Ribeiro, cujo segundo mandato terminou no primeiro semestre deste ano.

Essa vaga pode ser ocupada por pessoa vinculada ou não à USP. A escolha é de competência do CD. O mandato é de dois anos, sendo permitida a recondução para mais um mandato.

Atualmente, Regina Markus é secretária da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), diretora executiva da Academia de Ciências do Estado de São Paulo (Aciesp) e integrante da Comissão Científica da Intercontinental Academia, projeto coordenado pelo IEA e pelo Instituto de Pesquisa Avançada da Universidade de Nagoya.



Regina Pekelmann Markus

Ela doutorou-se em farmacologia pela antiga Escola Paulista de Medicina da atual Universidade Federal de São Paulo e é professora titular do Departamento de Fisiologia Geral do IB desde 1997. Foi pesquisadora na University of West Virginia, nos EUA, e na Universidad Autónoma de Madrid, Espanha, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Farmacologia e Terapêutica Experimental e secretária de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Suas linhas de pesquisa são farmacologia autonômica, sinalização celular neuroendocrinoinflamatória e cronobiologia.

Novos grupos de pesquisa

NOVO GRUPO DE PESQUISA ANALISARÁ OS REFLEXOS DA ACELERAÇÃO DO TEMPO NA CULTURA

“Aceleração do Tempo e Pós-Democracia: Violência

e Comunicação” é o tema a ser explorado pelo Grupo de Pesquisa Humanidades e Mundo Contemporâneo do IEA, aprovado pelo Conselho Deliberativo (CD) em reunião realizada no dia 4 de abril.

Coordenado por Olgária Matos, professora sênior do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, o novo grupo será voltado para a influência da temporalidade acelerada na cultura contemporânea. De acordo com o projeto de pesquisa, o objetivo é analisar “as relações entre a aceleração do tempo, a cultura da inovação e a guerra com o fenômeno urbano como sociedade da comunicação, da informação e do saber”.

O projeto é construído em torno de quatro eixos: a cultura do excesso; o distanciamento com as formas de sociabilidade da tradição iluminista; o capitalismo contemporâneo; e a incidência das transformações socioculturais da contemporaneidade no aparelho psíquico do ser humano.

Esses eixos são investigados a partir de uma perspectiva ampla, que abrange a ética, a política, a ciência e a estética, com foco em núcleos temáticos, como a crise de valores e de identidade, a ruptura com a tradição, o declínio das noções de democracia e de república; o aumento da violência; o capitalismo contemporâneo; o advento da tecnociência; e a obsolescência do gosto.

Entre as questões-chave abordadas pelo grupo estão a crescente desagregação da comunidade política; as lutas por hegemonia; o enfraquecimento dos ideais de direitos universais, espaço público e vida em comum; a emergência do individualismo; o arrefecimento do sentimento de culpa e da preocupação com o outro; a intensificação de diferentes formas de incivilidade; e o desaparecimento do simbólico e do transcendente como estruturantes da vida social e cultural.

Pesquisadores

De caráter multidisciplinar, o novo grupo é composto por pesquisadores de diversas áreas, entre as quais filosofia, história, literatura, antropologia e psicanálise. A ideia é que cada integrante se dedique a um subtema do projeto, relacionado à sua linha de investigação e a seu domínio de conhecimento. De dois em dois meses, o grupo se reúne para que os integrantes apresentem os resultados parciais, relatem em que estágio da pesquisa se encontram e dialoguem com os outros integrantes.

Além de ter como integrantes permanentes professores da USP, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o grupo conta com pesquisadores convidados da Accademia de Belle Arti Di Frosinone, Itália, do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), França, e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). *Consulte mais informações na pág. 132.*

RENATO JANINE RIBEIRO COORDENA NOVO GRUPO NO IEA

Analisar a possibilidade atual de promoção de uma melhoria sem precedentes na qualidade da vida humana, assim como os desdobramentos da concretização desse potencial, é o objetivo de novo grupo de pesquisa cuja criação foi aprovada pelo Conselho Deliberativo (CD) do IEA no dia 4 de abril. O grupo é coordenado pelo filósofo Renato Janine Ribeiro, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e integrante do CD.

A partir de um ponto de vista filosófico, o grupo explorar utopias voltadas para a construção de um mundo centrado no lazer, livre da escassez e onde o trabalho não seja o aspecto mais importante no cotidiano dos indivíduos. Discute, ainda, a emergência de uma sociedade mais libertária, caracterizada pela facilidade em mudar de identidade, opinião, profissão, orientação sexual e nacionalidade, bem como de romper laços sociais e de criar outros novos, mais livres e flexíveis.

A princípio, o grupo se concentra em oito eixos de abordagem: a revolução das invenções, das máquinas e da informática; a extinção da escassez; o fim da história; a violência num mundo sem miséria; o consumismo e o conformismo; as diferenças entre felicidade e prazer; as utopias e seus princípios; e a redução de danos.

Enfoque

De acordo com o projeto de pesquisa do grupo, os avanços tecnocientíficos constituem um divisor de águas na concretização de cenários utópicos, uma vez que tornam possível satisfazer desejos antes reprimidos por diversas limitações, bem como atingir o estágio da felicidade, no qual se consegue “extrair o máximo de satisfação pessoal do mínimo de estímulos externos”. Além disso, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia viabiliza, do ponto de vista

técnico ou material, o aumento da produtividade e a redução da jornada de trabalho.

A perspectiva de produzir mais trabalhando menos suscita uma série de questões a serem discutidas pelo grupo, entre as quais se destacam a possibilidade, inédita, de dedicar mais tempo ao ócio que ao trabalho; o surgimento de identidades mais maleáveis, que deixariam de ser baseadas na profissão; a supressão das carências que marcaram a trajetória da humanidade; o enfraquecimento dos vínculos sociais e a liquidez dos relacionamentos; e o fim da história — ou, como pontua a proposta de pesquisa, o fim de uma história movida pela economia e pela escassez.

Mas, como destaca o projeto, transformar as novas utopias em realidade esbarra em dois aspectos: o imperativo de conter o consumismo por trás da necessidade de produzir e trabalhar cada vez mais; e a continuidade da violência, já que esta não desapareceria mesmo com o fim da escassez, dado o anseio, inerente à natureza humana, de ter o que o outro tem ou quer ter.

Dinâmica do grupo

O grupo deu início às suas atividades com um núcleo de cinco pesquisadores, incluindo o coordenador. A expansão no número de integrantes será gradual, à medida que conferencistas externos tenham interesse em tornarem-se membros. Entre estes convidados, já foram contatados o antropólogo Máximo Canevacci, professor visitante do IEA, e a filósofa Olgária Matos, professora da FFLCH e coordenadora do Grupo de Pesquisa Humanidades e Mundo Contemporâneo, também recém-criado.

O projeto prevê reuniões a cada 45 dias durante os semestres letivos, com um mínimo de seis reuniões por ano. Abertas a todos os interessados e com a participação de pesquisadores externos, essas reuniões são dedicadas ao desenvolvimento de temas teóricos e ao debate sobre eles em termos práticos. A proposta do grupo inclui também reuniões internas, participação em congressos, organização de conferências e publicações, como artigos, livros e blogs. *Consulte mais informações na pág. 121.*

Laboratório

25 de julho

DEBATE EM 2 TEMPOS: A FANTASMAGORIA DA DERROTA, O

FUTEBOL COMO METÁFORA

Bernardo Sorj (IEA-USP), Carlos Melo (Insper), Daniela Alfonsi (Museu do Futebol), Fernando Mires (Universidade de Oldenburg), Germán Labrador Méndez (Princeton), Lorenzo Mammi (FFLCH-USP), Luiz Carlos Ribeiro (UFPR), Martin Grossmann (ECA e IEA - USP), Massimo Canevacci (IEA-USP), Renato Janine Ribeiro (IEA-USP) e Ugo Giorgetti (cineasta)

Sala Ruy Leme da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP

Num texto em que comenta a história da metáfora que associa Deus a uma esfera onde o centro está em toda parte, Jorge Luis Borges inicia dizendo que “talvez a história universal seja a história de algumas metáforas”.

No entanto, parece que o futebol como representação do Brasil não é uma metáfora válida para falar do país. Pelo menos ele não é visto assim por quase todos os participantes do *Debate em Dois Tempos: A Fantasmagoria da Derrota, o Futebol como Metáfora*, realizado pelo IEA no dia 25 de julho. A associação que prevaleceu na discussão foi a de que o atual futebol brasileiro é mais uma metonímia, uma parte que representa o todo daquilo que há de errado no país.

Produção de conhecimento

Na abertura do debate, o diretor do IEA Martin Grossmann destacou que o futebol é uma complexidade em si mesmo e permite estabelecer pontes com a sociedade, com o que é ser brasileiro e com o papel do país no mundo. Para ele, o fato de o futebol ser propício para elaboração de metáforas e analogias lhe faculta o poder de produzir conhecimento.

Outra forte característica do futebol, segundo Grossmann, é o fato de ser um facilitador das relações entre as pessoas: “Na Inglaterra, o primeiro assunto quando duas pessoas se encontram é o tempo; no Brasil, é o futebol”.

Por causa dessa importância e diante da campanha da seleção brasileira na Copa do Mundo disputada no país, com a derrota vexatória perante a Alemanha por 7 a 1 e para a Holanda na disputa pelo terceiro lugar, o IEA decidiu realizar um amplo debate sobre os eventuais efeitos desse fracasso na autoestima brasileira e na imagem que o país tem projetado interna e externamente nos últimos anos.

O debate reuniu pesquisadores do Instituto, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, da Universidade Federal do Pa-

raná, da Princeton University (EUA), do Museu do Futebol, da Universidade de Oldenburg (Alemanha), do Instituto Superior de Ensino e Pesquisa (Insper) e um cineasta.

Contra e a favor da metáfora

Renato Janine Ribeiro, professor titular de ética e filosofia política da FFLCH e coordenador do Grupo de Pesquisa O Futuro nos Interpela do IEA, foi o moderador do debate e fez as exposições iniciais nos dois tempos.

Janine indagou aos debatedores convidados em que medida o futebol, em função do que aconteceu na Copa do Mundo, é ou não uma metáfora da sociedade brasileira, sobretudo num momento em que o país vivencia uma campanha eleitoral polarizada para a Presidência da República. O filósofo destacou que houve o desejo de que a seleção ganhasse a copa pelo que isso representaria como metáfora da vitória de um projeto político: “Teríamos um coramento do período iniciado em 2003 com a eleição do PT para a Presidência e no qual houve um processo de inclusão de massa”.

No entanto, no entender de Janine, o projeto político começou a falhar desde o ano passado, o que foi demonstrado pela exigência da população por serviços públicos de qualidade. “A metáfora do padrão Fifa representava ganhar a copa fora e dentro de campo. Os que torciam a favor ou contra estavam fazendo uma metáfora da política.” No entanto, no seu entender, o futebol acabou sendo desmetaforizado.

Fortuna e virtù

Com a derrota, “opôs-se uma equipe alemã caracterizada pelo planejamento e organização a uma decadência do futebol brasileiro que corresponderia a uma decadência do país”. Janine identifica no resultado favorável à Alemanha um elemento do pensamento de Maquiavel: a fortuna corresponderia a 50% do resultado, podendo ser uma boa ou má sorte; os outros 50% seriam devidos à virtù, identificada com a ação viril: “Ao definir uma meta, o planejamento é uma virtù”.

Em resposta a Grossmann sobre se no Brasil de hoje, com a nova classe média, a sociedade que construiu a democracia é capaz de reformá-la, Janine disse que a mídia impõe o discurso, sequestra termos, assim como sequestrou as manifestações do Movimento Passe Livre, que eram de esquerda e quando emplacaram foram transformadas em manifestações

contra a corrupção. “Mas há sinais alvissareiros. Há liberdade de expressão, não há tutela da liberdade de imprensa, apesar de a mídia querer inibir o que acontece nas redes sociais.”

Mal-estar interno

No período da manhã, o primeiro tempo do debate reuniu, além de Janine e Grossmann, o cientista político Bernardo Sorj, professor visitante do IEA-USP; o historiador Luiz Carlos Ribeiro, da Universidade Federal do Paraná (UFPR); o cineasta Ugo Giorgetti; e a antropóloga Daniela Alfonsi, diretora de conteúdo do Museu do Futebol.

Bernardo Sorj comentou que o Brasil estava sendo transformado em uma potência emergente econômica e política, mas veio junho de 2013 e o mal-estar interno. “Já que a imagem era de um país melhor, a população queria melhorias internas também e disse: ‘Futebol é futebol, mas há coisas mais importantes’.”

O pesquisador lembrou que em 2013, apenas 30% da população apoiava a Copa, mas quando ela estava para começar esse percentual saltou para 60%. De qualquer forma, ele não considera que a Copa do Mundo ou as Olimpíadas possam servir como metáforas das políticas públicas do país. Um indício desse descolamento, em sua opinião, foi a reação dos torcedores à derrota para a Alemanha: “Já no final do primeiro tempo, as redes sociais na internet estavam repletas de piadas sobre os até então 5 a 0”.

Para Sorj, o que deve ser questionado é se um país em desenvolvimento, democrático, deve organizar um espetáculo internacional caríssimo como a Copa do Mundo. Nem a desculpa do legado (acessos viários, transporte público, expansão de aeroportos etc.), em sua opinião, pois as obras deveriam ser feitas de qualquer jeito. Para ele, “esse tipo de evento é apropriado para países ricos ou, ainda, para países autoritários, que precisam desse tipo afirmação”.

Indagado por Janine sobre o que fazer, agora que as obras já foram realizadas, Sorj disse que hoje o povo tem exigências democráticas: “Não há necessidade de expressões futebolísticas e carnavalescas, o país não precisa disso para sua autoestima. Cada vez menos a população está disposta a ouvir discursos nacionalistas pelo que não importa”.

Identidade nacional: projeto da elite

Na sua exposição, Luiz Carlos Ribeiro destacou que “o futebol tem força simbólica e, há muito tempo,



Luiz Carlos Ribeiro

tem uma historicidade e pensar sobre isso é trabalhar a própria história do Brasil”. Para ele, o futebol sempre foi utilizado na busca de uma identidade nacional, “com uma forma de legitimar nossa identidade no cenário internacional”.

O historiador disse que o futebol foi o componente popular mais presente na elaboração de um projeto nacional e que esse projeto foi sendo elaborado aos poucos: “No início do século 20, elite política, intelectuais e dirigentes buscam utilizá-lo para construir uma identidade nacional. Vargas tentara isso com a capoeira, mas fracassou”. Para ele, a ideia de que o futebol explica o Brasil “é um projeto das elites, um projeto ideológico e político”.

Para o pesquisador, grande parte do ideário instaurado com a posse de Lula em 2003 foi contemplada, “contudo, dialeticamente, surgiram novas expectativas. O PT e esferas do mercado internacional propiciaram uma experiência paradoxal: contemplação e frustração de expectativas”.

Com isso, houve um redirecionamento das expectativas: “A questão nacional perdeu força. No caso dos movimentos sociais, o melhor exemplo é junho de 2013. Houve um arrefecimento da necessidade da identidade nacional”.

Transpondo a situação para o campo esportivo, o historiador exemplificou com a internacionalização dos jogadores, que até o início dos anos 80 tinham uma relação quase cívica com a seleção. E isso não ocorre só no Brasil: “Messi não tem a força imaginária na Argentina que Maradona tem”.

Antes e depois de 70

Ugo Giorgetti disse que há a “tendência de ver o futebol como algo que atravessa a história de forma monolítica”. Para ele, até os anos 50, o futebol era algo restrito, não era massificado. “No campo da arte não houve nada sobre o futebol até então, só o

conto “Corinthians (2) x Palestra (1)”, de José Alcântara Machado, de 1927.” Lembrou que nos anos 50 o jornal “O Estado de S. Paulo” tinha apenas uma página de esportes e nela o futebol dividia espaço com o xadrez, o turfe e o boxe.



Ugo Giorgetti

“Os dirigentes eram ignorantes, prepotentes, os jogadores eram escravos. Ganhamos em 58 e continuou assim. A mudança aconteceu em 70, quando a sociedade se tornou de massa. Foi a primeira copa em que todas as pessoas que tentavam vender coisas aos outros se organizaram.”

Na opinião do cineasta, a copa de 2014 foi impingida à população pela TV, publicidade e corporações. “Quem ganhou foi a Odebrecht, a Rede Globo, quem vendeu televisores. A copa foi muito boa para quem ganhou com ela. O povo, que a esculhambou nas redes sociais, colocou o futebol no seu devido lugar.”

Desejo de ser grande

Daniela Alfonsi explicou que a curadoria do Museu do Futebol sempre trabalhou com o mote de que o futebol é o Brasil que deu certo: “A ideia forte da curadoria é a questão do desejo de ser grande do povo que se materializa no futebol: maior número de copas, maior número de títulos, maior estádio, celeiro de craques etc. E isso perdurou até esta copa, com 12 cidades-sede, o slogan ‘copa das copas’”.



Daniela Alfonsi

O museu possui espaços sobre o início do futebol no Brasil, sua expansão na sociedade, uma sala chamada Rito de Passagem, referente ao trauma de 1950, e Sala das Copas, com a cronologia e fatos do futebol, da sociedade e do mundo relacionado com cada uma. Segundo Daniela, o espaço onde o público passa o maior tempo é a Sala das Copas.

Perguntada se a sala Rito de Passagem será alterada por causa da derrota diante da Alemanha e sobre como será o conteúdo da Sala das Copas a respeito de 2014, a antropóloga disse que ainda não há nenhuma decisão a respeito e que deverá ser montada uma equipe interdisciplinar para definir o tratamento a ser dado às duas questões.

À tarde, o debate reuniu Janine, Grossmann e cinco pesquisadores: o cientista político Carlos Melo, do Instituto de Ensino Superior e Pesquisa (Insper) e integrante do Grupo de Pesquisa Qualidade da Democracia do IEA; o cientista político Fernando Mires, da Universidade de Oldenburg, Alemanha; o professor de literatura espanhola Germán Labrador Méndez, da Universidade de Princeton, EUA; o antropólogo Massimo Canevacci, professor visitante do IEA-USP; e o filósofo e crítico de arte Lorenzo Mammì, da FFLCH.

A favor da metáfora

Para Carlos Melo, o futebol é uma metáfora profunda, cultural, histórica e conjuntural do país: “Até o final dos anos 80, o país teve duas ou três gerações de craques. Mas outros períodos da seleção demonstram que ter um craque não basta, é preciso ter um clima. E não temos mais craques no futebol, na música, na política como tínhamos na segunda metade do século 20”.

Janine perguntou a Melo sobre o papel de FHC e Lula como líderes políticos, já que ele considerava que não há mais líderes como Ulisses Guimarães. Indagou também se ele considerava o trabalho em equipe superior ao talento individual do craque.

Em resposta, Melo disse que o Brasil passou por uma série de transformações, mas o sistema político continua intacto: “A política é arcaica em relação ao resto do país. Nesse sentido, a organização do futebol é um retrato da política brasileira, ou uma metonímia de uma realidade maior. Além de Ulisses Guimarães, poderia ter citado Juscelino, Getúlio. Antes houve muitos líderes. FHC e Lula talvez tenham sido os últimos. O que vem depois deles?



Carlos Melo

FHC passou dos 80 anos e Lula está chegando aos 70”.

Quanto ao papel do craque, Melo argumentou que não é verdade que o Brasil sempre ganhou com craques, pois “em 58, 62 e 70 havia equipes. E o fato é que no futebol e na política as coisas se transformaram e o feio passou a ser perder, não jogar mal”.

Futebol e política como espetáculos

Para Germán Labrador Méndez, a vida social é constituída de jogos e “não há distinção entre o espetáculo do futebol e o espetáculo da política; ambos são imprevisíveis”.



Germán Labrador Méndez via videoconferência

O pesquisador comentou que em 2008 a Espanha ganhou a Eurocopa e em 2010 a Copa do Mundo, “mas não houve o sentimento de o país possuir a coroa do futebol”. Em sua opinião, a vitória em 2008 serviu como uma reafirmação internacional, num momento em que a Espanha era considerada a 8ª economia do mundo. “Em 2010, diante da crise, a vitória na copa funcionou como uma reafirmação de aspirações coletivas. Em 2012, na nova conquista da Eurocopa, a situação já era distinta, com o país em crise, tendo de ser resgatado pelo FMI, com perdas materiais sendo consoladas por vitórias imateriais.”

Méndez vê um significado importante no sucesso dos times espanhóis nos últimos anos, algo que su-

geria uma articulação, uma coordenação das nações que integram a Espanha.

Quanto a 2014, ele considera que tudo foi preparado para um espetáculo quixotesco de uma seleção campeão de um país em crise. “E foi significativo que o dia da eliminação da Espanha pelo Chile coincidissem com a abdicação do rei Juan Carlos, terminando um reinado marcado em sua etapa final por escândalos.”

Efeitos do crescimento evangélico

Na sua exposição, Massimo Canevacci disse que a psicologia pode instruir o esporte e que não dá para entender o futebol sem entender as emoções em jogo. Citou o antropólogo britânico Gregory Bateson (1904-1980), que dizia que cada cultura tenta elaborar as emoções da maneira mais estável.

Canevacci vê uma dimensão metonímica no futebol brasileiro, com o crescimento cada vez maior de uma parte específica dos jogadores: aqueles que professam a fé evangélica, com o conseqüente crédito a Deus pelas ações dos homens.

“No jogo contra a Alemanha, era como se Deus não estivesse mais a favor desses jogadores. Quando o Brasil começou a perder, a metáfora religiosa começou a se inverter, como se eles estivessem pensando que se Deus não é por alguém, então é contra esse alguém.”

Para o antropólogo, Luiz Felipe Scolari é um bom treinador, mas não entende que é preciso fazer um tipo de intervenção que afirme a capacidade de ação de cada jogador e do time em geral. “Todavia, o crescimento da concepção evangélica da vida torna isso impossível, já que as ações são atribuídas a Deus.”

“Há uma luta política, ideológica, por uma hegemonia evangélica que está transformando o Brasil. Que tipo de coisa isso está criando no país? Esse tipo de hegemonia uniformiza, declarando guerra inclusive à religiosidade afro-brasileira.”

Um entretenimento e suas contingências

Fernando Mires frisou que, além de ser um jogo (“e todas as coisas que possuem regras são jogos”), o futebol é um entretenimento, um “ter entre”. Mas se é isso, “é um entre o quê? Vida e morte? Longe e Perto? Se é um entretenimento, então recuso o conceito de metáfora. Toda metáfora é um substituto. Todas as palavras são metáforas, inclusive a pala-

vra metáfora”.

Na sua concepção, não é possível explicar o futebol como metáfora nem a política como metáfora. “As regras no futebol são aplicadas de forma mais exata que na política e o futebol é mais democrático que muitas democracias.”

Para Mires, a política não determina o futebol nem o futebol determina a política, e ambos estão sujeitos a contingências. “Há uma transferência mútua, que não é harmônica nem igualitária e depende do tipo de política que se está falando.”

Ainda sobre a vinculação do futebol à metáfora, Mires disse que metáforas estão relacionadas com o tempo e o espaço, são associações e buscam algo que nunca acontecerá. “Muita coisa mudou. A velocidade é muito maior, e não só no futebol. Além disso, não há mais futebol nacional.”

Metonímia do atraso

Lorenzo Mammì, expositor final do debate, comentou que os jogadores desenvolvem sua carreira no exterior e estão impregnados da cultura do clube em que jogam: “Mesmo que a seleção brasileira ganhasse a copa, isso não teria nada a ver com o futebol jogado no país”. Para ele, não existem mais escolas de futebol próprias de cada país, por isso não dá para definir o futebol como metáfora da cultura de um país.



Lorenzo Mammì

Outra comparação da qual é preciso fugir, segundo ele, é a entre espontaneidade e organização: “Não há nada mais difícil do que organizar o desfile de uma escola de samba e os brasileiros são capazes disso. Turistas que visitam o Rio acham que ninguém trabalha lá, mas há mais gente trabalhando do que na Europa. A diferença é que no Rio ninguém se veste para trabalhar”.

Mammì enumerou várias deficiências do futebol no

Brasil: decadência do Campeonato Brasileiro; perda de jogadores para países pouco representativos, como a Ucrânia; estrutura patriarcal; desalinhamento com o calendário europeu e consequente saída de jogadores no meio do campeonato brasileiro; falta de política de responsabilidade fiscal; incapacidade de renovação do projeto. No entanto, para ele “o futebol não é uma metáfora, mas uma metonímia do atraso em outras áreas”.

Ribeiro perguntou a Mammì como é possível lidar com a saída de jogadores para times estrangeiros se isso tem a ver com o mercado internacional. Mammì acredita que só uma melhor organização dos times brasileiros dará a eles poder de barganha para manter os atletas.

Borges termina seu texto sobre a esfera cujo centro está em toda parte voltando à questão das metáforas, mas de forma diferente: “Talvez a história universal seja a história da variada entonação de algumas metáforas.” Então, diante do exposto e discutido pelos debatedores, pode-se dizer que talvez a história das relações do futebol brasileiro com o país seja a história da variada entonação de algumas metonímias.

📺 [VÍDEO goo.gl/p6csVo](https://goo.gl/p6csVo)

Ciclo Tardes Cariocas

O ciclo de conferências *Tardes Cariocas - A USP ouve o Rio de Janeiro* trouxe notáveis cientistas sociais do Rio de Janeiro para promover um diálogo entre as reflexões feitas nas duas principais cidades do país. A atividade, proposta e coordenada por Renato Janine Ribeiro, foi composta de quatro encontros.

28 de abril

A VIDA NÃO É JUSTA

Andréa Maciel Pachá (TJRJ) e Renato Janine Ribeiro (IEA-USP)
Sala de Eventos do IEA

Divorciado há dois anos, um jovem casal recorre à Justiça para solucionar um problema corriqueiro, parte do cotidiano de muitos pais: decidir em que escola a filha de 9 anos será matriculada. Embora compartilhem a guarda da criança, os dois adultos são incapazes de conversar e chegar a um consenso sobre uma questão simples ligada à educação da garota.

Conflitos familiares como esse, que resultam da dificuldade de dialogar e entrar num acordo, fazem

parte do cotidiano profissional de Andréa Pachá, juíza com mais de 20 anos de magistratura na Vara da Família. De acordo com ela, trata-se do sintoma de uma sociedade infantilizada que, sem preparo para lidar com frustrações emocionais, terceirizam para o Estado a responsabilidade de solucionar impasses da intimidade da vida privada.

Pachá falou sobre o tema em *A Vida Não É Justa*, primeiro encontro do ciclo de conferências *Tardes Cariocas: A USP Ouve o Rio de Janeiro*, realizado pelo IEA no dia 28 de abril. Coordenado por Renato Janine, professor titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e conselheiro do Instituto, o ciclo se estenderá ao longo do ano e trará a São Paulo pensadores e pesquisadores da capital fluminense para discutir questões sociais e vinculados às relações humanas, com o objetivo de intensificar o intercâmbio de ideias entre as duas principais cidades do país.

Mediada por Janine, a exposição de Pachá dialogou com o livro “*A Vida Não É Justa*”, de sua autoria, no qual conta, através de crônicas ficcionais sobre relacionamentos, amores e filiações, casos triviais e inusitados que intermediou ao longo de sua carreira, como a história que abre esta reportagem. Na crônica, escrita em primeira pessoa, a juíza reproduz a mesma postura que adotou no exercício profissional: julga o caso improcedente.

“Decidir a escola havia se tornado uma questão de honra para os pais, de modo que ganhar o processo parecia mais urgente que garantir o bem-estar da criança. A Justiça não podia interferir. Os pais precisavam assumir a responsabilidade da vida adulta: fazer escolhas e lidar com a frustração. Quem pariu Mateus que o embale”, analisou Pachá, resumindo o final da história.

Transformações

Segundo Pachá, a partir do momento em que é promulgada a Constituição de 1988, a Justiça, antes restrita à proteção dos interesses das elites, é ampliada e passa a abranger um extenso leque de direitos individuais e coletivos. “A ditadura chegava ao fim com a mensagem de que os cidadãos tinham direito à tudo: à saúde, à educação e até à felicidade. Para efetivar esses direitos, o Poder Judiciário foi trazido como protagonista e o juiz passou a ser chamado para resolver toda a sorte de conflitos”, contextualizou.

Ao mesmo tempo, as relações familiares começavam

a se transformar. A família se tornava um círculo mais democrático, no qual era possível compactuar múltiplos direitos. “Antes as relações eram hipócritas; imperava um silêncio imposto pelo arbítrio: os homens mantinham amantes que não tinham direito a nada e cujos filhos não eram reconhecidos. Até 1988, o que se protegiam não eram os direitos das pessoas, mas o sagrado matrimônio”, lembrou a juíza.



Andréa Maciel Pachá

Aos poucos, o ambiente familiar foi se tornando mais humano e mais aberto ao diálogo. Conforme observou Pachá, teve início uma revolução dos direitos individuais, e pautas da vida privada ganharam visibilidade pública, como o casamento gay, a adoção de crianças por homossexuais e o reconhecimento de filhos afetivos.

Contudo — ressaltou a juíza —, se de um lado a Constituição trazia à tona os valores fundamentais da solidariedade, do afeto e da ética, de outro a sociedade do consumo e do espetáculo difundia a lógica do ter sobre o ser, da aparência sobre o conteúdo. A reivindicação por múltiplos direitos foi influenciada, assim, pela busca incessante da satisfação, do prazer e da felicidade.

Expectativa da felicidade

Ao falar sobre sua experiência profissional, Pachá afirmou que sua maior angústia ao longo dos 20 anos de magistratura foi testemunhar a dificuldade dos casais em lidar com o fim do amor. “Tudo vira um problema sem solução quando as pessoas não conseguem aceitar que o amor acabou.”

De acordo com a juíza, essa dificuldade deve-se, em grande medida, às expectativas dos indivíduos em torno dos relacionamentos, do amor, do afeto, enfim, de uma felicidade exposta constantemente na mídia e nas redes sociais, mas que é incompatível com a própria condição humana, a qual implica perdas, dor e desilusões. Janine acrescentou que essas

expectativas têm uma forte relação com o romantismo, que coloca o encontro de duas almas como o ápice da felicidade.

A esse ideal romântico, originalmente marcado pelo despojamento material, soma-se a influência do consumismo. Para Pachá, cada vez mais os parceiros veem o outro não como sujeito com individualidade e autonomia para fazer escolhas, mas como um bem de consumo. “No casal, um enxerga o outro como objeto de satisfação dos seus desejos, o que torna a separação mais difícil”, avaliou.

Mas, como o amor possível nem sempre é o amor idealizado, vem a frustração. E, com a frustração, a necessidade de ser reparado pelo sofrimento. “Espera-se que a justiça resolva o sentimento de desamparo em questões que envolvem o afeto, e isso não existe. Não há poder no mundo que restabeleça a dor de um amor”, ponderou Pachá, ressaltando que, ao levarem os casos para o Judiciário, os indivíduos desejam não só ser justificados, como também verbalizar a frustração e viver o luto do fim do amor. “Mas há limites para a atuação do Estado. Juiz não é terapeuta”, observou.

Terceirização

Como exemplo da tendência de terceirizar para o Estado a responsabilidade de resolver conflitos da esfera familiar, que envolvem a intimidade dos indivíduos, Pachá mencionou um acontecimento recente envolvendo pais e filhos da classe alta da cidade do Rio de Janeiro.

O impasse em questão teve início quando os alunos do ensino médio de um colégio da elite carioca organizaram uma festa de formatura, cuja principal atração era uma briga de espuma entre anões. Os pais, constrangidos, não concordavam com o show, mas acabaram pagando as despesas da festa, que custou em torno de R\$ 1 milhão. Contudo, apelaram para a justiça a fim de barrar o evento, com o argumento de que menores de idade iriam consumir bebida alcoólica.

Segundo Pachá, trata-se de um entre muitos casos nos quais a sociedade delega ao Estado a responsabilidade de fazer escolhas íntimas e pessoais. A juíza afirmou que é comum os pais procurarem a Justiça para baixar portarias proibindo a entrada de menores em casas noturnas como forma de restringir o acesso dos filhos. “Essa fuga tem acontecido com frequência no direito da família. Diante da dificuldade de dizer não, de dialogar e encontrar uma so-

lução, os pais terceirizam para a Justiça o papel de impor limites.”

No entanto, advertiu, os mesmos indivíduos que recorrem à Justiça para solucionar problemas pessoais e expõem a intimidade familiar num processo repudiam a interferência do Estado em outras esferas da vida privada, como quando são chamados a soprar o bafômetro. “Querem a presença do Estado apenas quando lhes convém”, destacou.

Mas transferir para a Justiça a autoridade para estabelecer regras e a responsabilidade por fazer escolhas não é exclusividade de pais que se esquivam do papel de educador. Conforme questão levantada pelo público e corroborada por Pachá, a política também vem passando por um processo de terceirização.

“Por que a justiça decide sobre casamento gay? Porque o Congresso não legislou sobre o tema. O judiciário está julgando questões que deveriam ter sido deliberadas pelo Legislativo e Executivo”, explicou, acrescentando que vem daí a frustração representativa da sociedade. “Quem vem decidindo sobre matérias importantes para a sociedade não são os membros do Legislativo, escolhidos por voto, mas o juiz, que não foi eleito pelo povo”, arrematou.

Abordagem psicanalítica

Janine chamou atenção para o conteúdo psicológico e psicanalítico presente tanto na fala quanto no livro de Pachá. De acordo com ele, a influência dessas linhas de pensamento fica evidente em dois aspectos principais: na postura de escuta da juíza, na medida em que procura entender o que está por trás dos conflitos; e no esforço de responsabilização, isto é, de mostrar aos envolvidos que eles são responsáveis por suas escolhas e que, por isso, não podem terceirizá-las.

“Assim como faz o psicanalista, a Andréa precisa frustrar e dizer: o que você espera de mim — a solução, a felicidade, o fim do desamparo — eu não posso dar. Você é responsável por suas escolhas”, comparou o mediador, acrescentando que a juíza também assume o papel de lembrar que ninguém tem a obrigação de ser feliz e que a frustração e o sofrimento fazem parte da vida.

Segundo Pachá, essa influência vem de suas leituras e de sua própria experiência no divã, uma vez que se submete à psicanálise há muitos anos. “É preciso lembrar as partes de que o mais importante não é a felicidade, mas a maneira como enxergamos a banalidade de nossa condição humana. Nossa precarie-

dade nos faz ainda melhores”, frisou.

Além disso, destacou que, ao longo de sua carreira como juíza, teve a oportunidade de “assistir à exposição das vísceras da sociedade e observar as transformações sociais de um lugar privilegiado”.

De acordo com ela, no direito da família os conflitos são continuados e se mantêm, a não ser que as pessoas assumam a responsabilidade e participem da solução. Por isso, a postura do juiz deve ser a de mediar acordos e insistir na busca de consensos. “Em 20 anos, julguei menos de 1% dos casos que passaram por mim. Quando houve julgamento, o impasse não acabou e o processo foi desdobrado em outros processos. Não há sentença de um juiz de família que resolva o conflito”, concluiu.

📺 **VÍDEO** goo.gl/Zae71v

13 de maio

DESMILITARIZAR AS POLÍCIAS E REVOLUCIONAR A ARQUITETURA INSTITUCIONAL DA SEGURANÇA PÚBLICA: UMA AGENDA DEMOCRÁTICA PARA O BRASIL

Luiz Eduardo Soares (UERJ) e Renato Janine Ribeiro (IEA-USP)

Sala de Eventos do IEA

Para que a polícia no Brasil deixe de considerar suspeitos como inimigos internos e observe integralmente os princípios democráticos e o respeito aos valores da cidadania é preciso uma nova arquitetura institucional. No entender do cientista político Luiz Eduardo Soares, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e ex-secretário Nacional de Segurança Pública, o primeiro passo para que isso aconteça é a reformulação de três aspectos do sistema policial:

- desmilitarização das Polícias Militares;
- adoção do ciclo completo: a mesma polícia deve se encarregar do policiamento ostensivo, realização de flagrantes, investigação e captura de criminosos;
- carreira policial única, na qual qualquer integrante tenha a oportunidade de ascender a postos superiores.

Na conferência que fez no segundo encontro do ciclo *Tardes Cariocas: A USP Ouve o Rio de Janeiro*, no dia 13 de maio, no IEA-USP, Soares destacou que essas são as principais mudanças previstas

na Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 51, apresentada em setembro de 2013 pelo senador Lindbergh Farias (PT-RJ).

Na conferência intitulada *Desmilitarizar as Polícias e Revolucionar a Arquitetura Institucional da Segurança Pública: Uma Agenda Democrática para o Brasil*, o cientista político informou que colaborou na formulação da PEC 51 e que ela é fruto de ampla negociação. No seu entender, “ela não resolve todos os problemas da segurança pública, mas propõe algumas mudanças radicais, que podem produzir resultados importantes em médio prazo”.



Luiz Eduardo Soares

Ele rebateu duas críticas à proposta que vem sendo divulgadas nos últimos meses: prejudicaria direitos dos policiais militares e seria um “trem da alegria”, pois facilitaria demais a ascensão funcional: “É proposta a desmilitarização, mas com a manutenção dos direitos adquiridos pelos atuais policiais militares, e é possível estabelecer limitações à ascensão na carreira única e ao mesmo tempo possibilitar que todos tenham condições de disputar a progressão funcional”.

A questão relevante, de acordo com Soares, é que a maior parte dos profissionais da área de segurança pública do país avaliam que o modelo atual não funciona. Em pesquisa que realizou com Marcos Rolim e Sylvia Ramos e na qual foram ouvidos 64.120 profissionais de todo o país, 70% dos policiais militares, 55% dos policiais civis não delegados e 52% dos delegados concordaram com esse diagnóstico.

Realidade

“Temos 50 mil homicídios dolosos por ano, dos quais apenas 8% são investigados, logo, 92% ficam não só impunes, mas também sem investigação”, comentou. No entanto, Soares considera que esses números não significam que o Brasil seja um país da impunidade: “Em números absolutos, o Brasil tem

a quarta população carcerária do mundo, 550 mil presos, atrás dos Estados Unidos, China e Rússia. Além disso, o país vive um processo de impressionante aceleração no crescimento da população carcerária: “Em 1995, tínhamos 140 mil presos, hoje temos 550 mil, dos quais 70% são negros, 40% estão em prisão provisória, 12% foram encarcerados por homicídio e 2/3 por crimes contra o patrimônio ou tráfico de drogas. Essa aceleração começou em 2002 e disparou em 2003”.

Como é possível esse crescimento num período em que houve diminuição do desemprego e redução de desigualdades? Para Soares, grande parte da explicação deve-se ao fato de que quem faz a agenda da segurança pública não são os responsáveis pelo aprimoramento institucional, mas os “solavancos do dia a dia”: diante de fatos de grande repercussão, diante da crise, é preciso reagir, mas “não se inova, não se aperfeiçoam os procedimentos, apenas se faz mais do mesmo”.

Origens

Na visão de Soares, a sociedade brasileira foi incapaz de formular uma política democrática para a segurança pública. “A transição brasileira tem a marca da continuidade. No final da ditadura, os militares puderam impor condições, entre elas a anistia recíproca e a intocabilidade das polícias e da segurança pública, que permaneceram de alguma maneira sob a tutela militar.”

Ele ponderou que talvez naquele momento esse quadro se impusesse nas negociações para a transição democrática, “mas estamos há 25 anos da conclusão do processo de transição democrática e não há mais nenhuma justificativa para evitar esse tema difícil”.

O fato de o país não ter tido um “momento de verdade” — com proposto por Nelson Mandela —, partindo direto para a conciliação, explica parte do problema da segurança pública, no seu entender. “Na África do Sul, ao reconhecer os crimes praticados, os algozes, os torturados eram perdoados. Não havendo o reconhecimento, eram punidos. Chamar os crimes pelos nomes, sem adjetivos — tortura, assassinato, responsabilidade do Estado, política do Estado —, traria efeitos importantes na sociedade, sobretudo numa área tão sensível à questão da violência como o é a segurança pública”, argumentou.

Como isso não aconteceu, as instituições policiais tampouco passaram por um rito de passagem, um

filtro simbólico de reinvenção da identidade que permitisse definir “o que é formar uma polícia para a democracia, a serviço da cidadania, respeitando marcos legais e institucionais, definindo-se como protetora de direitos e que não considere suspeitos como inimigos internos a serem combatidos”, disse o pesquisador.

Conexões

Para Soares, não foi a ditadura que criou a violência policial, mas ela a qualificou e a institucionalizou: “Antes da ditadura já havia no Estado do Rio de Janeiro as escuderias e esquadrões da morte, grupos de policiais que matavam suspeitos. Esses grupos se vincularam no Rio de Janeiro ao mundo do jogo do bicho, que se converteu numa fonte de renda do crime organizado e se associou a grupo militares da repressão política”.

Duas decisões na área de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro em meados dos anos 90 contribuíram decisivamente para o recrudescimento da violência, em sua opinião. Uma foi quando o general Nilton Cerqueira — “que se comprazia em afirmar publicamente ter matado Carlos Lamarca com as próprias mãos” —, foi nomeado secretário de Segurança Pública e propôs à Assembléia Legislativa um benefício que ficou conhecido como “Gratificação Faroeste”, uma premiação a ser incorporada nos salários dos policiais que demonstrassem bravura em ação. Segundo Soares, a aprovação dessa medida teve impacto direto na escalada no número de mortes registradas em autos de resistência como vítimas de supostos confrontos com policiais, autos que não são investigados, apenas declarados.



Público do evento

A outra decisão polêmica foi adotada pelo Batalhão de Operações Especiais (Bope), “a unidade mais feroz e mais competente do ponto de vista bélico da polícia fluminense”, que decidiu não aceitar mais rendição: “Ao suspeito na linha de tiro, abordado

pelo Bope em alguma incursão noturna e que não conseguisse fugir só restava combater até à morte”. Em reação a essas duas medidas, “os traficantes se armaram ainda mais e passaram a se antecipar à ação policial, matando policiais aleatoriamente, de forma igualmente covarde, uma prática bárbara, evidentemente, mas que deve ser analisada no contexto dessa espiral terrível de violência”.

De acordo com Soares, de 2003 a 2012, houve 9.646 mortes provocadas por ações policiais no Estado do Rio de Janeiro. “O que acontece quando a sociedade libera o policial para matar, que é o que defende quem diz que o importante é a segurança do cidadão, não importando como ela seja atingida? Quando acontece isso, também damos a liberdade para o policial não matar e vender caro essa outra possibilidade. A vida se converte numa moeda que se inflaciona rapidamente e que estimula um mercado de vida e morte, que acaba degradando a instituição. A corrupção prospera. O que aconteceu no Rio de Janeiro foi exatamente isso.”

Milícias

Outro agravante historiado e analisado por Soares na conferência foi o surgimento das milícias. Ele considera o “bico” feito por muitos policiais como a origem do processo: “Trata-se de um ‘gato orçamentário’. O policial recebe salários irrealistas — com exceção do Distrito Federal e de alguns salários um pouco melhores de poucos estados — e o policial em busca de melhores condições de vida para sua família se dispõe a ter um segundo emprego, o ‘bico’, que é ilegal, mas tolerado. Nenhum governo se debruça sobre esse problema; ao contrário, joga o manto protetor e deixa isso à sombra, prosperando. Quanto mais isso crescer, menor a chance de haver reivindicações”.

O governante poderia alegar que fiscalizar isso não é sua responsabilidade, mas sim da Polícia Federal (PF), mas esta “tem 15 mil servidores e o mundo como responsabilidade; essa área não é prioridade dela nem ela quer colocar a mão nessa cumbuca”. O governo poderia reivindicar para si essa responsabilidade, por convênio com o Ministério da Justiça, de acordo com o pesquisador, “mas isso não interessa, pois do jeito que está é possível continuar pagando um salário irreal, tolerando uma transgressão legal”.

Na opinião de Soares, a maioria dos policiais que faz o bico “dá um duro danado com a melhor das intenções, são pessoas honradas, fazem o que qualquer um faria, porque o salário é insuficiente; não

há crime do ponto de vista moral, há uma prática ilegal. E aqueles que não têm boas intenções, e não são poucos no Rio de Janeiro? Esses vão encontrar uma área de ação já coberta com o manto da tolerância. E investem nessa área de forma perversa, praticando assaltos, roubos de carros e outros delitos para vender segurança”. O resultado disso, de acordo com o pesquisador, é que eles percebem que não há investigação, nenhum tipo de punição, e percebem também que não basta criar insegurança para vender segurança, “é possível ir além e nesse vácuo surgem milícias, máfias muito organizadas”.

Irrracionalidade

Ao comentar a conferência de Soares, o filósofo Renato Janine Ribeiro, conselheiro do IEA e coordenador do ciclo, destacou que “o sistema é extremamente racional na sua articulação, mas irracional na sua entrega, nos produtos perversos que entrega”, mas considerou que, apesar disso, “existe um alento democrático ao se pensar que para todos os problemas há soluções democráticas”.

Janine criticou a forte presença na sociedade brasileira da concepção de que, quando se trata da realidade da vida, não é possível perseguir ideais: “Toda vez que se fala de algum ideal, de igualdade, democracia, de transparência, há pessoas que vêm nos dizer que isso é impossível, que bandido só vai entender a força bruta, que a criança só vai entender a palmada, que o estudante só vai entender a disciplina”.

O filósofo considerou fascinante a exposição de Soares, por mostrar como um conjunto de preceitos “favorável à brutalidade acabou trazendo resultados muito piores do que os problemas que pretendia enfrentar”. No seu entender, com variações, isso vale para diversas áreas, como a prisional, a educacional e a da saúde. “De modo geral, o que estamos vendo é uma falência dos sistemas autoritários e ao mesmo tempo o canto do cisne está sendo muito terrível, muito longo, e temos muita dificuldade em superá-lo.”

📺 [VÍDEO goo.gl/7Xs7Ww](https://goo.gl/7Xs7Ww)

4 de agosto

MODERNIDADES MÚLTIPLAS E AS METAMORFOSES DA ÉTICA DO TRABALHO

Adalberto Cardoso (UERJ) e Renato Janine Ribeiro (IEA-USP)
Sala da Congregação do Instituto de Relações Internacionais da USP

As diferenças entre as visões de mundo do carioca e do paulistano foram o ponto de partida do sociólogo Adalberto Cardoso para falar sobre *Modernidades Múltiplas e as Metamorfoses da Ética do Trabalho no Brasil*, tema do terceiro encontro do ciclo de conferências *Tardes Cariocas: A USP Ouve o Rio de Janeiro*. Organizado pelo IEA e coordenado pelo filósofo Renato Janine, professor titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e coordenador do Grupo de Pesquisa O Futuro nos Interpela, o ciclo visa a intensificar o diálogo entre pensadores das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo no debate de questões sociais e vinculadas às relações humanas.



Adalberto Cardoso e Renato Janine Ribeiro

Com base em sua experiência como pesquisador na capital paulista, onde fez graduação, mestrado e doutorado pela USP, e na capital fluminense, onde é professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Cardoso começou sua fala explorando os vínculos entre a proposta do ciclo e a temática da conferência, realizada no dia 4 de agosto.

De acordo com o sociólogo, as distinções entre os pontos de vista dos cariocas e dos paulistanos – as quais estariam por trás do escasso intercâmbio de ideias entre eles – ressoam na escolha dos objetos e na construção dos problemas de pesquisa investigados nas duas principais metrópoles do país. Enquanto o Rio de Janeiro estaria interessado em entender a dinâmica cultural do Brasil e em transformar a realidade social da cidade, São Paulo se concentraria nos grandes movimentos sociais, ligados à estrutura socioeconômica, sem compromisso com o engajamento.

Ao longo de sua trajetória acadêmica, Cardoso – que é também pesquisador associado do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) e

do Warwick Institute for Employment Research – pôde observar como esses diferentes olhares repercutem na formação da ética do trabalho.

No início de suas pesquisas, desenvolvidas em São Paulo, dedicou-se a estudar a classe operária – “um objeto formal e estável”, que refletiria as relações trabalhistas em uma cidade fundada numa hierarquia social rígida e na era da indústria. Ao mudar para o Rio de Janeiro, se deparou com uma tradição de pesquisa bem diversa, voltada para a informalidade, a pobreza e o universo das favelas. A partir dali, o foco de suas investigações passou do trabalho industrial padrão, consolidado na Era Vargas, para o trabalho informal e a estratificação social, entendidas como legado da escravidão.

Herança escravista

Segundo Cardoso, o principal elemento da composição de uma ética do trabalho no país foi a escravidão – prática que ordenou a sociedade brasileira durante séculos e cujos traços estruturais permaneceram arraigados na mentalidade nacional após a abolição. Para ele, o passado escravista deixou marcas profundas nas relações sociais posteriores, fortemente influenciadas pela questão da raça, e “determinou o *ethos* das relações de trabalho no Brasil”.

Essa herança, marcada pela imagem depreciativa do negro e do próprio trabalhador brasileiro, cristalizou uma ética de desvalorização do trabalho manual, visto como indigno, impuro e denegrido. E um dos ecos dessa visão elitista e preconceituosa – destacou o sociólogo – foi a exclusão dos ex-escravos nas atividades produtivas que despontavam nos primórdios da ordem capitalista no Brasil.

Considerados indivíduos inferiores, inaptos e incapazes de evolução, os negros libertos foram, portanto, deixados à margem do processo de modernização do país na passagem do século 19 para o 20. Conforme sublinhou Cardoso, isso ocorreu porque predominava a ideia de que os escravos só trabalhavam sob o julgo da chibata e, uma vez livres, não o fariam mais. “Daí a importância dada à força de trabalho estrangeira”, ressaltou.

Mão de obra imigrante

“Em São Paulo, aprendi que o problema da falta de mão de obra surgiu com o fim da escravidão, mas ela vinha acabando há tempos”, afirmou o sociólogo, explicando que o processo de abolição foi lento e teve início já em 1830. De acordo com ele, quando a Lei Áurea foi assinada, em 1888, vários

estados já tinham eliminado o regime escravista – o qual se mantinha com força apenas em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e no sul da Bahia – e a população de libertos era muito grande, de modo que a força de trabalho não era mais majoritariamente escrava.

Para Cardoso, a carência de mão de obra ocasionada pela abolição foi um pretexto criado pela elite de São Paulo – mais especificamente, pelos plantadores de café – para justificar a importação de trabalhadores. “Os paulistas acreditavam que os brasileiros, ex-escravos e filhos de escravos, não foram talhados para o trabalho e que a solução era trazer gente de fora para o país”, comentou.

Dessa forma, o uso da mão de obra imigrante europeia não teria sido uma injunção, mas uma escolha, que revelava uma visão altamente preconceituosa dos paulistas em relação ao Brasil e ao povo brasileiro. Segundo o sociólogo, tratava-se do “desejo de civilizar, enriquecer e embranquecer o país e, assim, estabelecer uma pequena Europa num ambiente selvagem” por parte de um grupo que produzia para exportar, com foco no consumidor estrangeiro e sem compromisso com a nação.

“A ideia das relações capitalistas de trabalho e de modernização do país foi construída em São Paulo e, nesse processo, os ex-escravos foram incorporados de forma excludente”, completou, destacando que a opção pelos imigrantes com o objetivo de purificar a força de trabalho teve grande impacto na construção do Brasil moderno.

Era vargas

Uma nova ética do trabalho começa a ser esboçada a partir de 1930, quando Getúlio Vargas assume o poder, cria o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e dá início ao seu projeto de valorização integral do homem brasileiro, o qual culminou na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Segundo Cardoso, o objetivo era sanear, civilizar e educar o povo, pois acreditava-se que a oferta de boas condições de vida – como segurança do trabalho, previdência social e financiamento da casa própria – aumentaria o preparo dos brasileiros para construir uma nação.

Baseado na ampliação dos direitos trabalhistas e asentando no capitalismo corporativo, o projeto varguista previa a ampliação do trabalho formal e o desenvolvimento do operário padrão: um profissional capacitado, casado e com filhos, devotado à família

e ao emprego, com todos os documentos em dia – incluindo a carteira de trabalho. Determinava, ainda, que as indústrias deveriam ter no mínimo 2/3 de trabalhadores brasileiros, “a fim de combater o viés de seleção da elite paulista pelo elemento estrangeiro”, observou o sociólogo.

Para viabilizar o projeto, o governo Vargas estabelece uma parceria com a indústria e cria uma série de medidas, entre as quais a fundação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) – instituição voltada para a formação de uma força de trabalho capacitada.

“Vargas descobriu que, diferentemente do que pensava a elite paulista, os brasileiros estavam disponíveis para trabalhar. Muitos não possuíam Registro Civil ou RG, mas tinham carteira de trabalho, na esperança de conseguirem um emprego formal”, ponderou Cardoso, lembrando que os varguistas criam estar enfrentando, pela primeira vez, a herança da escravidão no Brasil.



Adalberto Moreira Cardoso

Ética da proteção

Ancorada na ideia de proteção do trabalhador, a ética do trabalho forjada no governo Vargas buscava resgatar, valorizar e purificar o trabalho manual através da mediação e regulamentação do Estado. Distinguiu-se, portanto, da protestante – uma ética sintonizada com o espírito capitalista e alicerçada na ideia de vocação e predestinação pessoal em nome de Deus, que defendia a meritocracia, o individualismo e o empreendedorismo, conforme destacou Cardoso. “Vargas substitui Deus pelo Estado, entendido como um projeto de nação e espelho do povo, algo que também condizia com o desenvolvimento do capitalismo”, afirmou.

Da mesma forma – acrescentou –, a ética varguista distinguia-se da socialista, uma vez que esta baseava-se na igualdade construída pela solidariedade e

inspirava-se no mote “a cada um segundo suas necessidades, de cada um segundo suas possibilidades”. Fundada no trabalho organizado em sociedades de apoio mútuo e, mais tarde, em sindicatos e partidos políticos, essa ética voltava-se para a construção da identidade coletiva de classe.

Apesar dessas diferenças, Vargas procurou alinhar seu discurso com os ideais sindicalistas. “Isso porque, sem os sindicatos, os direitos trabalhistas não teriam validade e o projeto varguista não iria para frente”, esclareceu Cardoso, lembrando que, ao discursar para operários, em 1943, o então presidente disse: “os sindicatos são sua fortaleza e nenhum governo poderá governar sem vocês”.

O sociólogo observou, ainda, que o projeto abrangia outras promessas associadas à inclusão dos trabalhadores, como reforma agrária; fixação do homem no campo para conter o êxodo rural; e criação de um mercado de consumo interno.

Lula X Vargas

Para Cardoso, o ex-presidente Lula é a expressão cabal do varguismo. “Quando surgiu como liderança, batalhou por um sindicato livre para lutar pela efetividade dos direitos do trabalho”, disse, ressaltando que – orientado pelo sonho da inclusão social – ele foi capaz de estender suas políticas à massa de pessoas que viviam na informalidade e haviam ficado de fora do projeto de Vargas.

“Ele conseguiu fazer algo que Vargas planejou, mas não realizou, que foi construir um mercado interno, criar uma dinâmica de inclusão pelo consumo: dar casa, roupa e bem-estar através do mercado, enfim, dar autonomia para as pessoas comprarem”, completou.

No debate que sucedeu à exposição de Cardoso, Janine voltou às similaridades entre os dois ex-presidentes ao traçar um paralelo entre a rejeição a ambos em São Paulo. De acordo com o filósofo, a aversão à Lula – e ao PT como um todo – no estado retoma a recusa dos paulistas da década de 1930 a um governo voltado para a inclusão dos trabalhadores. “Qual a explicação para essa aversão? Por que a classe média paulista é contra o PT?”, indagou.

Trata-se – segundo o expositor – da relutância da sociedade em aceitar o projeto estatizante, visão que seria compartilhada tanto por Lula quanto por Vargas. “São Paulo sempre foi a fortaleza de resistência

ao varguismo e, hoje, se constitui também um polo de resistência ao lulismo, que é uma reencarnação do varguismo”, reforçou. “O mundo que Vargas estruturou foi o da indústria, da classe média de São Paulo, que foi anti-varguista e hoje é anti-lulista. Ironicamente, a classe média estruturada por Vargas se volta contra essa estruturação”, completou.

O sociólogo observou que o estado de São Paulo foi o berço do PT e do PSDB – duas grandes forças políticas brasileiras, que representariam, respectivamente, o operariado e a intelectualidade da classe média. “O PSDB sempre expressou bem as aspirações e a ideologia de uma grande parcela do país; o PT, por outro lado, tem apoio garantido de aproximadamente 30% do eleitorado”, afirmou, enfatizando que a chamada nova classe média continua com o Partido dos Trabalhadores e se sente recompensada pelas políticas sociais implementadas nos últimos 12 anos.

“Mas a recusa ao PT, hoje, não é apenas ideológica, mas moral”, advertiu Cardoso, para quem a oposição conseguiu construir, a partir da dinâmica política, a ideia de que o partido é “o único corrupto, o mais corrupto, o que inventou a corrupção”.

📺 **VÍDEO** goo.gl/ljZDCi

10 de outubro

A UNIVERSIDADE EM UM TEMPO DE CHOQUE CULTURAL

Luiz Bevilacqua (UFRJ) e Renato Janine Ribeiro (IEA-USP)
Sala de Eventos do IEA

Há um descompasso entre o sistema de educação superior brasileiro e a nova dinâmica da produção do conhecimento científico e tecnológico. Esse foi o ponto de partida da exposição de Luiz Bevilacqua, professor emérito da Universidade Federal do Rio



Luiz Bevilacqua e Renato Janine Ribeiro na abertura do evento

de Janeiro (UFRJ), na conferência *A Universidade em um Tempo de Choque Cultural*.

De acordo com o pesquisador do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (Coppe) da UFRJ, as universidades do país permanecem arraigadas a uma cultura de ensino defasada, que as impede de acompanhar as mudanças em curso no âmbito da ciência e da tecnologia, bem como de formar profissionais preparados para um mercado de trabalho em transformação.

Idealizador da proposta que deu origem à área de pesquisa “Interdisciplinar” na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Bevilacqua presidiu o comitê que elaborou o projeto acadêmico-pedagógico da Universidade Federal do ABC (UFABC), da qual foi reitor *pró-tempore*.

Ocupou, ainda, uma série de cargos em instituições de educação e pesquisa, entre os quais o de secretário-executivo do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI); diretor das Unidades de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); presidente da Agência Espacial Brasileira (AEB); e integrante do comitê de fundação do Inter-American Institute for Global Change Research.

Organizado e moderado pelo filósofo Renato Jaine Ribeiro, coordenador do Grupo de Pesquisa O Futuro nos Interpela do IEA, a conferência foi o quarto encontro do ciclo *Tardes Cariocas: A USP Ouve o Rio de Janeiro*, que visa a intensificar o diálogo entre pensadores da capital fluminense e da capital paulista no debate de questões sociais e vinculadas às relações humanas.

Choque cultural

Segundo Bevilacqua, as universidades brasileiras, em geral refratárias a reformulações no sistema de ensino, precisam abandonar o tradicionalismo e se adaptar à nova cultura de ensino e aprendizado que vem se configurado no universo da produção de conhecimento em função, sobretudo, dos progressos científicos e tecnológicos das últimas décadas.

“Nós estamos numa onda de choque cultural. Não é era do conhecimento, é mais do que isso. E numa onda, a gente não pode nadar, a gente tem que surfar, tem que ter outro modo de encarar o mundo. É preciso coragem e ousadia.”

O professor atribui esse ritmo acelerado da ciência e

da tecnologia a avanços em dois eixos que considera fundamentais para a evolução da universidade: aumento da capacidade de observação, proporcionada pelo desenvolvimento de instrumentos laboratoriais inovadores; e aumento da capacidade de cálculo, viabilizada por computadores de última geração.

De acordo com ele, a combinação desses dois fatores resultou no aparecimento de novas competências e deu origem a áreas do conhecimento que extrapolam as fronteiras disciplinares. “Surgiu a necessidade de rearrumação da ciência, do conhecimento e de suas aplicações em torno da interdisciplinaridade.”

Diante desse novo contexto, afirmou, as universidades devem se esforçar para oferecer uma formação mais sintonizada tanto com as demandas de aprendizado dos estudantes quanto com as exigências do mercado de trabalho, procurando reorganizar o currículo de graduação a partir de duas diretrizes principais: implementação de uma matriz de ensino interdisciplinar; e redução da carga horária dos estudantes, “para que eles sejam capazes de ganhar autonomia para trilhar os próprios caminhos”.

Por um novo modelo de universidade

Segundo o professor, a UFABC foi projetada tendo em vista a necessidade de se adaptar a esse novo contexto. O primeiro passo foi abandonar a tradicional divisão em departamentos e adotar um modelo de organização em torno de três centros interdisciplinares: 1) Centro de Ciências Naturais e Humanas; 2) Centro de Matemática, Computação e Cognição; e 3) Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas.

O conferencista lembrou que, embora a UFABC tenha base tecnológica e concentre-se nas engenharias e ciências da natureza, a abordagem interdisciplinar dos centros permite que seus estudantes adquiram também fundamentos das ciências humanas e sociais.

“Existe um princípio básico que é a competência, formação sólida dos estudantes, inclusive formação humanística. Acho que a universidade deve cobrir todo o espectro do conhecimento, do mais racional ao mais transcendental. Ninguém pode se formar sem conhecer o mundo em que está vivendo, então tem que saber filosofia e entender a sociedade”, ressaltou.

A formação integral dos estudantes é garantida, ainda, por uma matriz curricular flexível, que inclui

um ciclo básico de três anos, comum a todos que entram na UFABC, composto por 40% de disciplinas obrigatórias e 60% de disciplinas optativas e/ou eletivas.

Ao final deste triênio, o universitário recebe o título de bacharel em ciência e tecnologia. Pode, então, optar por ingressar no mercado de trabalho ou por permanecer na universidade e complementar os estudos com uma graduação em uma das engenharias ou um bacharelado em Física, Matemática, Biologia, Química, Ciências da Natureza, Ciências da Computação, entre outros. Uma terceira opção é partir do ciclo básico direto para a pós-graduação.

O estudante entra para a universidade — não entra para um curso específico —, e ao longo do percurso escolhe a profissão que mais lhe agrada. “Ao proporcionar uma formação científica e tecnológica, a UFABC dá oportunidade para que ele exerça seu direito de escolha. O estudante não pode ficar confinado a trilhos. Se errar na escolha, ele pode consertar”, afirmou Bevilacqua.

Formação cultural

Para Janine, um dos pontos que mais chama atenção na proposta do bacharelado interdisciplinar trienal da UFABC é a percepção de que o ensino superior deve se voltar não apenas para a profissionalização, mas também para a formação cultural dos estudantes. Isso significa eximir as universidades do compromisso exclusivo de conceder títulos que garantam uma reserva de mercado.

O filósofo ponderou que muitos estudantes não veem a formação universitária como uma via para obter um diploma que os habilitem a seguir determinada profissão, mas como um caminho para ampliar o repertório cultural, ascender no mercado de trabalho e melhorar a remuneração. “Por um lado, a regulamentação das profissões é uma conquista trabalhista, por outro, não corresponde mais à velocidade do conhecimento”, observou.

A trajetória dos graduados em Direito é exemplo disso. Segundo Janine, cerca de 90% deles são reprovados no exame da OAB. “Ou seja, de todas as pessoas que passam pelas 1200 faculdades de direito do Brasil, somente 10% poderão advogar. Os outros 90% são recusados por deficiências na formação. Por outro lado, porém, mesmo quando não forma advogados, um curso de Direito melhora a formação do seu aluno e a sua remuneração.”

Por isso, destacou, o ensino superior não deve ser

visto apenas como uma forma de empregabilidade numa área específica, mas como uma formação ampla e inclusiva, que abre possibilidade para a pessoa ampliar sua cidadania. “Para melhorar a cultura, a empregabilidade, o salário e até a cidadania, é preciso estudar cinco anos de códigos, ou é possível haver um aprendizado mais cultural?”, questionou.



Luiz Bevilacqua

Bevilacqua lembrou que a proposta da UFABC vai ao encontro das ideias de Janine: oferecer não apenas uma formação profissional visando a empregabilidade, mas promover inclusão social e introduzir os estudantes num ambiente civilizatório.

Ensinar x aprender

Para Bevilacqua, a fundação de uma universidade nesses moldes foi possível porque houve uma conjuntura favorável. Ao contrário do que ocorre em instituições já estabelecidas, onde inovações no sistema de ensino esbarram na resistência de professores, conselhos universitários e mesmo em regras previstas em estatutos, no caso da UFABC não havia uma estrutura burocrática ou um corpo docente impondo impeditivos.

Além disso, a UFABC foi fundada sobre alguns princípios básicos. De acordo com o professor, o primeiro deles consiste em combater a ideia de que o estudante aprende porque alguém ensina. “Não existe isso. Ele aprende porque estuda. A universidade não é o lugar onde prioritariamente se ensina, mas onde prioritariamente se aprende.”

Bevilacqua defende a redução da carga horária de aulas presenciais tanto quanto possível, a fim de dar mais independência intelectual ao estudante e tempo para que estude por si só. De acordo com ele, a aula não é o momento de ensinar todo o conteúdo de uma disciplina, algo que seria desgastante e impossível, mas de dar acesso aos principais tópicos de um tema e tirar as dúvidas da classe.

“O aluno tem que ter iniciativa: buscar suas próprias soluções, procurar resolver os próprios problemas, andar com as próprias pernas, e não perguntar o professor como resolve isso”, disse, ressaltando que uma das propostas da UFABC é justamente desenvolver o lado criativo e independente dos estudantes, preparando-os para enfrentar novos problemas.

“Estimulando nossos estudantes a serem ousados, a escolherem seus próprios caminhos, a descobrir, inventar, ter um pensamento crítico. E as universidades brasileiras precisam olhar isso de forma muito cuidadosa”, completou.

Eixos interdisciplinares

“Não se deve colocar vinho novo em vasos velhos.” Para Bevilacqua, a frase sintetiza o segundo princípio que orientou a fundação da UFABC: a estruturação do projeto-pedagógico da universidade tendo em vista o novo contexto de produção do conhecimento, marcado pela interdisciplinaridade e pela interação cada vez maior entre ciência e tecnologia.

O conferencista destacou que, além de optar pela organização da UFABC em torno de três centros interdisciplinares, foi preciso adaptar a matriz curricular, organizando os cursos a partir de seis eixos atravessados por diversas disciplinas: 1) Estrutura da Matéria; 2) Energia; 3) Processos de Transformação; 4) Comunicação e Informação; 5) Representação e Simulação (modelagem matemática); e 6) Humanidade e Ciências Sociais Aplicadas.

Esses eixos substituíram as diretrizes clássicas das graduações de universidades brasileiras — física, biologia, química, cálculo. Foram abolidas, assim, as disciplinas específicas para cada curso, como uma termodinâmica para engenheiros, outras para físicos, químicos, biólogos. “Interdisciplinaridade é efeito, e não causa. Não pode ser algo artificial. Os problemas que estamos vivendo é que exigem a convergência de competências.”

A ideia dos eixos foi reunir professores de diversas áreas e extrair os conteúdos mais importantes para um bacharelado interdisciplinar, tendo em vista que o ciclo básico é voltado para estudantes que ainda não fizeram opção por uma carreira em particular. “O estudante não entrou lá para fazer física, química ou engenharia, ele entrou para um bacharelado. É preciso dar o essencial, e não especializar desde o início”, explicou Bevilacqua.

Segundo o conferencista, o mundo está mudando

e caminhando em direção à interdisciplinaridade, mas as universidades permanecem paradas no tempo, adotando a mesma metodologia de ensino de décadas atrás. “Entrei na escola de engenharia civil em 1955. Tive Física 1, 2, 3 e 4, Cálculo 1, 2, 3 e 4, Química 1 e 2. Mais de 60 anos depois, o que nós temos? Física 1, 2, 3 e 4, Cálculo 1, 2, 3 e 4...”

A flexibilidade curricular da UFABC foi possibilitada, em grande medida, pela decisão de não oferecer cursos de graduação clássicos, como engenharia civil e mecânica, mas carreiras alternativas — caso das engenharias aeroespacial, biomédica, de materiais, e ambiental —, que ainda não são submetidas à rígida regulamentação do CREA e de outros conselhos profissionais.

Bevilacqua lembrou, ainda, que a interdisciplinaridade deve começar por concursos de professores para grandes áreas do conhecimento. De acordo com ele, o modelo de contratação adotado pelas universidades brasileiras, baseado na abertura de editais para disciplinas específicas, leva à superespecialização dos docentes e dificulta o intercâmbio entre eles.

Professores-conferencistas

Ainda sobre aspectos da formação do corpo docente, Bevilacqua ressaltou as dificuldades impostas pelo regime de Dedicção Exclusiva (DE), que obriga os professores a cumprirem uma jornada de 40 horas semanais de trabalho, veta o exercício de outras atividades remuneradas públicas ou privadas e exige dedicação não só ao ensino, mas também à pesquisa.

“Há uma pressão muito grande para o professor estar na universidade e não ter outra atividade fora”, disse, destacando que a formação universitária em determinadas carreiras, como medicina e engenharia, requer conhecimentos técnicos dominados por profissionais que exercem a profissão. “Quem vai ensinar a fazer ponte tem que saber fazer ponte. E para saber fazer ponte, tem que estar no mercado, construindo pontes.”

A solução, de acordo com ele, é diversificar o perfil do corpo docente, incluindo professores que atuam no mercado de trabalho e que possam ministrar disciplinas da sua área de expertise focadas na prática, sem compromisso com o ensino integral e a pesquisa. Trata-se dos professores-conferencistas — “pessoas que venham para a universidade e transmitam sua experiência profissional. Não tem que ter dedicação exclusiva, porque assim ele desaprende. E não é lendo livro que se aprende essas coisas. Para a parte

profissionalizante, a universidade tem que estar mais aberta.”

Qualidade x quantidade

O terceiro princípio norteador do projeto da UFABC mencionado por Bevilacqua foi a estruturação de um plano de carreira docente voltado mais para a qualidade que para a quantidade das publicações. “Publicar não é uma atividade para engodar os currículos, mas para fazer avançar o conhecimento”, analisou.

De acordo com conferencista, é preciso combater a política de vincular a progressão de carreira ao volume de publicações. A ideia é avaliar os professores não a partir do número total de livros e artigos publicados, mas dos dois ou três melhores trabalhos produzidos.

“No início, os mais pessimistas diziam que ia ser um desastre. Mas os dados mostram o contrário”, disse, lembrando que os índices da Scimago (base de dados que mede o fator de impacto de periódicos e a produção científica de diversos países) “mostram que a produção da UFABC está ótima”.

Afirmou, ainda, que a questão da produção acadêmica no Brasil passa pela valorização dos periódicos produzidos no país. Para ele, a própria comunidade acadêmica brasileira não dá o devido reconhecimento às revistas científicas nacionais, postura que estaria associada à cultura de desvalorização da ciência nacional como um todo.



Participante faz pergunta ao expositor

Mobilidade estudantil

Segundo Bevilacqua, um dos grandes objetivos do projeto da UFABC é encaminhar os bacharéis graduados no ciclo básico para outras universidades brasileiras ou estrangeiras. No entanto, a efetivação dessa mobilidade estudantil tem esbarrado na resistência das instituições de ensino superior nacionais,

que dificultam o processo devido sobretudo a divergências na matriz curricular, relacionadas as ementas das disciplinas.

Além disso, o conferencista destacou o problema da diferença de qualidade entre as diversas universidades do país. Frequentemente, as mais conceituadas se recusam a receber estudantes de outras, consideradas inferiores.

Já a mobilidade externa, de acordo com ele, é mais fácil e já vem acontecendo, uma vez que as universidades estrangeiras são mais abertas ao intercâmbio de estudantes, particularmente as instituições de países signatários da Declaração de Bolonha, que estabeleceu um Espaço Europeu de Ensino Superior.

Por outro lado, a internacionalização — tema trazido à tona pelo público — continua sendo um desafio devido, sobretudo, à já mencionada cultura de desmerecimento da pesquisa nacional por parte dos próprios pesquisadores brasileiros. De acordo com Bevilacqua, os acadêmicos que atuam no país se colocam numa posição de inferioridade diante da comunidade científica internacional.

Para explicar o problema, ele utilizou uma metáfora entre a proposta de estabelecer uma parceria de cooperação internacional e um convite para jantar. “Convido vocês [pesquisadores estrangeiros] para jantar em minha casa. Eu preparo a comida? Não, peço que vocês tragam a comida porque a minha é ruim. Isso não é internacionalização, é subserviência”, finalizou.

📺 [VÍDEO goo.gl/ulvRcX](https://goo.gl/ulvRcX)

Outros eventos

CICLO A MEDALHA FIELDS DE ARTUR AVILA E A ESCOLA BRASILEIRA DE MATEMÁTICA

O matemático Artur Avila, de 35 anos, pesquisador do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (Impa) e diretor de pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) da França, foi um dos quatro contemplados com a Medalha Fields em 2014, tornando-se o primeiro latino-americano a receber a honraria, considerada o Prêmio Nobel da matemática. Avila tornou-se assim o detentor da maior honraria científica internacional de qualquer área já concedida a um pesquisador brasileiro.

Criada em 1936 e concedida apenas a matemáticos com menos de 40 anos, a Medalha Fields foi entregue aos ganhadores deste ano no dia 13 de agosto, durante o Congresso Internacional de Matemáticos, ocorrido em Seul, Coreia do Sul. A honraria só é atribuída a cada quatro anos, durante os encontros da União Matemática Internacional. O Rio de Janeiro sediará o próximo congresso, em 2018. Será a primeira vez que ele acontecerá num país do hemisfério sul.

A premiação de Avila é a coroação de uma longa caminhada da matemática brasileira. Embora a conquista deva-se primordialmente aos méritos e brilhantismo individuais do jovem matemático, deve ser creditada também à sua participação num contexto científico que pode ser definido como uma escola brasileira de estudos sobre sistemas dinâmicos, estabelecida primordialmente pelo Impa, instituição que exerce um papel importante no cenário mundial há vários anos e onde Avila fez sua pós-graduação.

Para contextualizar historicamente a conquista de Avila e da matemática brasileira, o IEA e o Instituto de Matemática e Estatística (IME) da USP, com apoio do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC) da USP em São Carlos, realizaram o ciclo *A Medalha Fields de Artur Avila e a Escola Brasileira de Matemática*, organizado em dois encontros.

15 de outubro

ARTUR AVILA, A MEDALHA FIELDS E A ESCOLA BRASILEIRA DE MATEMÁTICA

Edson de Faria (IME), Marcelo Viana (IMPA), Mauricio Peixoto (IMPA), Wellington de Melo (IMPA)

Instituto de Matemática e Estatística da USP e Sala de Eventos do IEA

📺 **VÍDEO** goo.gl/ZXvXe3



Maurício Peixoto, Wellington de Melo, Marcelo Viana e Edson Faria

10 de dezembro

CONFERÊNCIA ARTUR AVILA

Artur Avila (IMPA e CNRS); Jacob Palis (IMPA); Eduardo Colli (IME-USP)

📺 **VÍDEO** goo.gl/U8awLF

O evento de abertura do 1º Congresso Brasileiro de Jovens Pesquisadores de Matemática Pura e Aplicada, ocorrido no dia 10 de dezembro, no Auditório István Jancsó da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, não seguiu os moldes tradicionais de inauguração de um encontro acadêmico.

A sessão foi uma homenagem a Artur Avila, ganhador da Medalha Fields de 2014, maior honraria científica já recebida por um brasileiro, e, como quase tudo na carreira desse jovem matemático, transcorreu de forma intuitiva (palavra muito cara a Avila ao falar de suas pesquisas) e num clima de uma grande conversa (sua forma preferida de trabalho), pulando-se a conferência formal do homenageado até então prevista e partindo-se diretamente para o debate (afinal, pular etapas é uma especialidade de Avila).

A conversa teve início já na apresentação do coordenador da sessão, Eduardo Coli, professor do Instituto de Matemática e Estatística (IME) da USP, que falou sobre a história dos Congressos Internacionais de Matemáticos e da Medalha Fields, sistemas dinâmicos, a “genealogia” científica de Artur Avila e sobre sua contribuição às áreas a que se dedica. Jacob Palis, presidente da Academia Brasileira de Ciências e professor emérito do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa), do qual foi diretor, fora convidado inicialmente para comentar a apresentação de Avila, mas foi chamado imediatamente por ele para participar da conversa.

A utilidade do prêmio

Além de ser uma forma de a comunidade de matemáticos reconhecer as contribuições de um pesquisador, para que mais serve um prêmio como a Medalha Fields? Para Avila, a maior utilidade de uma premiação como essa é criar a oportunidade de se falar em matemática.

“Muita gente não sabe que há pesquisa em matemática, pensa que é uma área morta, que os matemáticos só escrevem fórmulas e fazem provas. O prêmio possibilita a um público maior saber que há pesquisa em matemática e entender porque os matemáticos

são financiados, além de fazer com que jovens considerem a possibilidade de seguir a carreira”, disse.

Declarou, porém, que a perspectiva de um prêmio pode ser uma motivação quando se é criança, mas que ninguém entra numa carreira científica buscando ganhar um prêmio: “Aos 20 anos, a pessoa vai perceber que não é uma coisa muito realista fazer a carreira com um objetivo como esse, que é muito improvável e não depende exclusivamente da dedicação. Como em tudo na vida, há uma parte aleatória: se as descobertas vão ser frutíferas, se a pessoa escolheu um caminho que vai dar certo, entre outras coisas”.



Artur Avila

Avila afirmou que teve muita sorte no início de sua trajetória por ter sido introduzido às Olimpíadas de Matemática nos anos 90, quando elas ainda não eram muito disseminadas. O fato de morar no Rio de Janeiro e as olimpíadas estarem bastante conectadas ao Impa também ajudaram: “Na primeira vez que ganhei uma medalha em olimpíadas fui recebê-la no Impa e vi que havia matemáticos lá que eram os nossos heróis nas olimpíadas. Estavam lá o Gugu [Carlos Gustavo Tamm de Araújo Moreira, pesquisador titular do Impa] e o Nicolau [Nicolau Saldanha, ex-pesquisador do Impa e atualmente professor da PUC-Rio]. Eu quis conhecer a instituição e entrar nela. Fiquei sabendo que o Gugu tinha feito o mestrado junto com o segundo grau e achei que poderia fazer o mesmo”.

Ele disse que à visibilidade dada à matemática no país em função de sua premiação com a Medalha Fields soma-se o fato de que em 2018 o Rio de Janeiro vai sediar o Congresso Internacional de Matemáticos. “Há um certo holofote agora sobre a matemática e temos de aproveitar os próximos quatro anos para podermos dizer em 2018 que fizemos o máximo por um desenvolvimento que pode ter repercussões por décadas.”

Pura + aplicada

Avila falou também sobre a complementaridade do trabalho de matemáticos puros e aplicados. Para ele, não há necessidade de todos os matemáticos estarem diretamente conectados com as aplicações e não há essa necessidade nem do ponto de vista de quem está interessado sobretudo nas aplicações.

Na sua opinião, o matemático aplicado talvez esteja interessado em um problema justamente porque gosta de ver as coisas sendo aplicadas, ao passo que o matemático puro geralmente está trabalhando em algo porque “o achou bonito, possibilita alguns exercícios um pouco mais interessantes, que o motivam, e nem liga se ouve falar em aplicação”.

Para ele, o importante é que os matemáticos atuem no fluxo entre as duas áreas, “pois certas ideias utilizadas na aplicação só são possíveis graças ao trabalho de matemáticos puros, por terem sido imaginadas em outro contexto que não aqueles previstos pelo matemático aplicado”, sendo que o matemático puro também usufrui desse fluxo, já que “muitos modelos extremamente interessantes, ricos e considerados belos saem das aplicações”.

Importância da ousadia

Jacob Palis disse que na época em que Gugu, Nicolau e Avila ganharam medalhas de ouro em olimpíadas internacionais, o Brasil participava desse certame com poucas pessoas e o trio era especial, pois “não era nada fácil o treinamento deles, não se comparava ao de concorrentes de outros países”. Ele afirmou que o treinamento dos competidores brasileiros “está muito melhor, mas há países que treinam seus estudantes durante o ano todo”.

Palis destacou a ousadia como a característica essencial de Avila: “O cientista precisa ser ousado, não ter medo de elaborar uma ideia”. Para Palis, Avila existe por que o Impa “atropelou”, referindo-se à possibilidade de um estudante iniciar o mestrado na instituição quando ainda está cursando o ensino médio e iniciar o doutorado quando ainda está fazendo a graduação.

“O Artur não frequentou a universidade, propriamente, mas o diploma dele não é falso. Aceitaram os créditos que ele tinha cumprido no Impa e ele concluiu mais um ou outro. E isso aconteceu com muitos, talvez duas dezenas de jovens muito brilhantes.”

Atropelo

Instado pelo diretor do IEA, Martin Grossmann, a falar como tinha sido o processo de “atropelar” em sua formação, Avila disse tudo havia sido bem tranquilo. “Quando voltei da olimpíada internacional, propuseram-me começar no nível básico do curso de iniciação, que leva automaticamente ao mestrado, o qual leva automaticamente ao doutorado, então não houve muito mistério”.

“No entanto, sempre existem algumas dificuldades nos processos de escolha do que fazer e que em qualquer momento poderia ter ocorrido que chegasse à conclusão de que o que estava fazendo não era o mais adequado”, declarou.

Ele disse que a passagem pelas olimpíadas não tem muito a ver com o estudo que fez no mestrado, assim como aprender a teoria básica não tem muito a ver com a capacidade de fazer pesquisa; “tem alguma coisa a ver, mas a pessoa pode não ser muito boa para apreender lendo, desenvolver ferramentas ou conseguir fazer coisas sem saber se existe uma solução”.

Além disso, Avila enfrentou as exigências do sistema educacional: “Terminei o segundo grau com a ajuda de alguns professores, que foram compreensíveis com as minhas ausências. Na universidade foi a mesma coisa. Alguns professores eram contra e outros eram mais favoráveis. Fui reprovado muitas vezes na faculdade. Havia professores que não gostavam muito do Impa. Um deles observou que eu não era muito presente e não quis me dar a prova de álgebra linear para fazer. Fui sendo reprovado nessa disciplina até aparecer algum professor mais razoável que me permitisse passar. Foi a última prova que fiz na graduação, no dia anterior à defesa de tese de doutorado no Impa”.

Interesses

Avila disse que quando começou a estudar no Impa não sabia que linha de pesquisa seguir e que só no mestrado identificou que gostava de análise, “de uma maneira ampla, fazendo basicamente uma separação dela da álgebra”. Afirmou que era bom aluno também em álgebra, mas tinha a sensação que se beneficiava da utilização da memória e da habilidade para fazer exercícios, e menos de um processo intuitivo do que iria fazer.

Avila, que trabalha com análise e sistemas dinâmicos, vê estes como uma área de intersecção de vários ramos da matemática e a qual pode ser observada

sob vários pontos de vista, como o geométrico, o analítico e o da probabilidade. Quanto à análise, considera-a também aplicável a diversas áreas, como a probabilidade, a geometria e a topologia.

Ele valoriza o aspecto intuitivo no processo de entendimento do que está fazendo: “Não basta repetir os processos que foram feitos por outra pessoa, mas criar um entendimento que permita escolher um entre vários caminhos. Fazer uma por uma todas as possibilidades para resolver uma questão, copiando todas as maneiras que foram feitas até então, isso não dá certo com questões difíceis. Se isso bastasse, outra pessoa teria feito, pois repetir os passos que já foram feitos qualquer pessoa pode fazer. É preciso trazer uma compreensão pessoal íntima sobre um problema mais complicado. É preciso saber qual é sua linha geral de compreensão, que geralmente não é em sistemas dinâmicos. Em sistemas dinâmicos, vai haver uma intuição que se refletirá, no meu caso, numa compreensão de análise”.

O que aconteceu com Avila é que quando ele estava terminando o mestrado fez uma disciplina de doutorado com Wellington Celso de Melo, professor titular do Impa, que começou a conversar com ele sobre uma análise complexa utilizada em sistemas dinâmicos. “Ele foi me orientando, indicando cursos, e quando vi estava fazendo os cursos de sistemas dinâmicos. Mas isso não teria funcionado se o que ele estava me ensinando não batesse com o que eu gostava”, afirmou.

Perguntado por uma integrante da plateia por que declarou que “sentia um alívio” ao ser indagado sobre como se sentia por um repórter logo depois de divulgado que fora contemplado com a Medalha Fields, Avila confirmou que dissera isso e historiou os últimos seis anos de sua vida.

“Em meados de 2008 eu compreendi que estava sendo considerado para ganhar a medalha em 2010. Achei uma coisa difícil com que lidar de imediato. Até 2010, todo dia alguém lançava esse tema na conversa, dizendo que torcia por mim etc. E não há nada que se pode fazer num momento assim. Não se pode demonstrar nenhum superteorema para ser considerado para o prêmio, e nem haveria tempo hábil para isso. Era alguma coisa totalmente além das minhas possibilidades de agir na direção de que se esperava.”

Além disso, disse que o pesquisador em campanha para o prêmio tem de tornar seu trabalho mais co-

nhecido pelos matemáticos e começa a fazer uma série de palestras de divulgação. Avila afirmou que fez um pouco disso, mas preferiu continuar a fazer as palestras que usualmente faz, nas quais procura expor as ideias fundamentais e explicar por que as considera fundamentais. “Eu fazia as palestras dessa maneira, que não é a ideal para valorizar o próprio trabalho se a pessoa está interessada em fazer o marketing, que eu não tinha o menor interesse em fazer”.

O receio de Avila era a perspectiva de ter de suportar uma situação difícil de lidar psicologicamente de 2008 a 2018, com duas possibilidades de desfecho: ganhar a medalha ou ultrapassar a idade limite para ganhá-la, que é de 40 anos.

Ele não foi premiado em 2010, mas aquele ano foi bastante complicado, pois foi convidado a fazer uma palestra plenária na abertura do Congresso Internacional de Matemáticos, que seria assistida pelas pessoas envolvidas na próxima escolha de ganhadores da medalha. Avila disse que foi um período muito desgastante e resolveu tomar algumas decisões para os próximos quatro anos, entre as quais se preocupar um pouco mais com a saúde, “para não ficar naquela tensão toda que não permite nem dormir”. Além disso, reduziu as palestras para a apreciação de seu trabalho e continuou a proferir palestras do tipo que gosta.

Para 2010, ainda tentou fazer alguns teoremas que pudessem ser considerados para a avaliação, mas depois, de 2010 a 2014, preferiu se dedicar a vários problemas, tendo “a sorte de resolver vários deles interessantes em diversas direções e que desbloquearam algumas áreas de sistemas dinâmicos”. Também não se preocupou em produzir e publicar papers para ter seu trabalho reconhecido, apesar de alguns continuarem a surgir, fruto do trabalho com alguns colaboradores.

“Quando eu recebi a ligação de que seria premiado, cinco meses antes do congresso, pensei: ‘Agora vou ficar tranquilo quanto a isso, tendo apenas que aguentar mais cinco meses em que as pessoas vão ficar tentando extrair informações confidenciais sobre o assunto’. Então foi por isso que respondi que ‘sentia alívio’ pela divulgação da minha premiação”.

Experiência na França

Respondendo a uma pergunta da plateia sobre a importância de sua mudança para a França, depois da obtenção do doutorado, para suas realiza-

ções matemáticas e mesmo para a Medalha Fields, Avila respondeu que considera muito importante, de maneira geral, os matemáticos interagirem com os vários grupos: “A matemática é internacional. É muito errado dizer que se tenha de almejar que o matemático se forme e exerça toda sua carreira em seu país. Isso não é desejável nem na Europa e nem nos Estados Unidos”.

Ele lembrou que os quatro ganhadores da Medalha Fields em 2014 não trabalham onde nasceram, com exceção dele, que trabalha seis meses na França e seis meses no Brasil.

Avila disse que saiu do Impa com a “ideologia” sobre os sistemas dinâmicos ensinada no instituto e com uma noção dos tipos de problema que são sistemas dinâmicos. “Isso é uma parte importante do que é feito em sistemas dinâmicos no mundo, mas não corresponde a tudo o que é pesquisado.”

Ao concluir o doutorado, ele trabalhava numa área ainda mais específica, a dinâmica unidimensional. Ao chegar na França, foi fazer um pós-doutorado com Jean-Christophe Yoccoz (Medalha Fields de 1994), que já trabalhara no Impa e era autor, em parceria com Jacob Palis, de uma contribuição fundamental em dinâmica unidimensional.



Jacob Palis

Avila direcionou seu interesse para algumas questões específicas e um ano depois finalmente conseguiu se tornar pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). “Tive que fazer três vezes o concurso para entrar. Quando entrei, o instituto que eu queria não me quis e eu fui para um laboratório de probabilidades. Eu nunca tinha feito um curso de probabilidade na vida, sabia um pouco como provar algumas coisas.” Todavia, as rotinas de trabalhos dos dois não batiam e Avila resolveu dar continuidade aos trabalhos relacionados com sua tese de doutorado, trabalhando sobretudo

com Gugu, colega do Impa. Depois de algum tempo, contou, descobriu que ninguém estava interessado no que ele fazia lá. Passou a observar se havia problemas que lhe interessassem entre aquelas pesquisados do grupo com quem tinha contato. “Abri um pouco as direções em que eu estava trabalhando para poder conversar com os meus colegas, mas para fazer isso não poderia ser em dinâmica unidimensional, pois ela fica rapidamente muito elaborada, é uma das áreas mais difíceis de se entrar e atingir a pesquisa de ponta.”

Ele atuava num subgrupo do laboratório, constituído por ele, um amigo e um sujeito um pouco mais velho “que esquecia o que já tinha me dito e todo dia me contava a mesma coisa sobre um problema fundamental”. Avila concluiu que a única maneira de fazer aquele pesquisador parar de falar do assunto era tentar resolver o tal problema. Tentou trabalhar nisso com Yoccoz, mas ele já estava lidando com o problema com outro grupo. Avila acabou trabalhando com Giovanni Forni e os dois conseguiram resolvê-lo.

Nesse estágio, Avila já estava com duas alternativas bem diferentes da dinâmica unidimensional: “Tinha muitos caminhos para explorar e viajava bastante. A situação me forçou a sair da minha zona de conforto. Fui obrigado a trabalhar em áreas um pouco diferentes e foi muito útil estar nessa condição”.

Para ele, é essencial que o pesquisador chegue ao exterior aberto a novas possibilidades e não apenas desejando trabalhar com alguém super famoso e num ponto particular. “Pude voltar em melhores condições, trazer mais coisas para o Impa. Se não tivesse saído do país, teria feitos bons trabalhos mas teria trazido menos coisas”, afirmou Avila

28 de novembro

A HISTÓRIA NOS PODE ENSINAR ALGO? 100 ANOS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Helmut Galle, Elcio Loureiro Cornelsen, Karen Lisboa, Luís Sérgio Krausz, Rainer Schmidt, Valéria Sabrina Pereira, Winfrid Halder

Sala de Eventos do IEA

No ano que marca o centenário de eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914–1918), o IEA rememorou as lições que o conflito deu ao mundo no seminário *A História nos Pode Ensinar Algo? 100 Anos da Primeira Guerra Mundial*. Organizado em parceria com a Cátedra Martius de Estudos Alemães

e Europeus, vinculada à USP, e o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD), o encontro aconteceu no dia 28 de novembro.

O seminário contou com cinco exposições divididas em dois painéis: Literatura, coordenado por Helmut Galle, professor do Departamento de Letras Modernas Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, e História e História das Ideias, sob coordenação de Karen Lisboa, professora do Departamento de História da FFLCH.

O primeiro painel foi dedicado a uma reflexão estética sobre a produção literária em torno da Primeira Guerra Mundial. Os expositores se concentraram no atual boom europeu de romances gráficos sobre a temática, particularmente nas obras de Jacques Tardi e Joe Sacco; na representação do conflito na lírica expressionista; e em duas grandes obras de literatura que tratam da situação dos judeus no cenário pós-guerra: “Radetzky Marsch”, de Joseph Roth, e “Hóspede Por Uma Noite”, de Samuel Agnon.

Os aspectos políticos e historiográficos foram abordados no segundo painel, com exposições voltadas para a descrição e interpretação da Primeira Guerra Mundial no contexto da globalização; para a discussão das possibilidades de aprender com a história; e para análise da conjuntura ideológica ligada ao conflito.



Winfrid Halder, Rainer Schmidt e Karen Lisboa

Os expositores exploraram os seguintes temas:

- Narrar Através de Imagens: A representação da Batalha de Somme por Joe Sacco – Valéria Sabrina Pereira (UFMG)
- A Primeira Guerra Mundial na Lírica Expressionista – Elcio Loureiro Cornelsen (UFMG)
- Olhares Judaicos sobre a Primeira Guerra Mundial: Joseph Roth e S. Y. Agnon – Luiz Sergio Krausz (USP)

- A luta de Ideias na Primeira Guerra Mundial – Rainer Schmidt (USP/DAAD)
- A História nos Pode Ensinar Algo? Abordagens da Primeira Guerra Mundial – Winfrid Halder (Heinrich Heine University Düsseldorf)

📺 VÍDEO goo.gl/VQO3Wt

15 de dezembro

HOMENAGEM AOS HONORÁRIOS

Martin Grossmann (IEA), Alfredo Bosi (IEA), Carlos Guilherme Mota (FFLCH) e Rui Curi (ICB)
Sala do Conselho Universitário da USP

Em cerimônia informal na Sala do Conselho Universitário no dia 15 de dezembro, o IEA prestou homenagem a todos os seus professores honorários, com especial destaque aos dois a quem o Conselho Deliberativo outorgou o título mais recentemente: o fisiologista Gerhard Malnic, professor emérito do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) da USP e ex-diretor e ex-vice-diretor do IEA; e (*in memoriam*) o físico Alberto Luiz da Rocha Barros (1930-1999), que foi professor do Instituto de Física (IF) da USP e um dos articuladores (assim como Malnic) da criação do IEA, do qual participou ativamente.

Aberta pelo diretor do Instituto, Martin Grossmann, a cerimônia teve uma saudação a todos os professores honorários apresentada pelo também honorário Alfredo Bosi, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas (FFLCH) da USP, membro da Academia Brasileira de Letras, ex-diretor e ex-vice-diretor do IEA e editor da revista “Estudos Avançados”.



Martin Grossmann, Alfredo Bosi, Rui Curi e Carlos Guilherme Mota

Em seguida, Rui Curi, professor do Departamento de Fisiologia e Biofísica do ICB, fez exposição sobre a carreira acadêmica e militância institucional de Malnic. Coube ao historiador Carlos Guilherme

Mota, professor emérito da FFLCH, primeiro diretor e também professor honorário do IEA, apresentar depoimento sobre a importância de Rocha Barros no ensino de física, na militância política e institucional e na articulação de vários setores da USP para a criação do Instituto.



Rui Curi na homenagem ao honorário Gerhard Malnic

A cerimônia teve a presença do pró-reitor de Pesquisa, José Eduardo Krieger; da presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Helena Nader; do vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), Hernan Chaimovich (ex-vice-diretor do IEA); de professores honorários e de familiares daqueles já mortos; de atuais e ex-integrantes da Direção, do Conselho Deliberativo e do conjunto de pesquisadores do Instituto; além dos funcionários do IEA.

Na sua saudação, Bosi não se restringiu às realizações acadêmicas dos professores honorários. Também destacou traços peculiares das personalidades de vários deles e fatos ilustrativos de sua relevância para a Universidade e a ciência brasileira.

O primeiro de quem falou foi o fisiologista Alberto Carvalho da Silva (1916-2002), professor emérito da USP e presidente da Fapesp (1984-1993). Bosi disse que, quando começou a frequentar o Instituto, contou com a colaboração do “professor Alberto”, como todos o chamavam, ressaltando que Carvalho da Silva contribuiu com a elaboração do Código de Ética da Universidade, em 2000, trabalho encabeçado por Bosi. “Na convivência com sua pessoa o que mais me marcou foi o seu sentido do tempo, que ele demonstrava no mais alto grau. Falo não só de seu próprio tempo, que ele administrava com sabedoria, mas do tempo alheio, que ele poupava com a mais fina educação.”

Quanto ao geógrafo e ambientalista Aziz Ab’Sáber (1924-2012), professor emérito da FFLCH e pre-

sidente da SBPC (1993-1995), classificou-o como “mestre apaixonado, que não ocultava suas alegrias nem suas mágoas”. Lembrou que Ab’Sáber foi “a alma de um dos projetos científicos e ecológicos mais notáveis saídos da USP, o Projeto Floram, ao qual o IEA dedicou um número inteiro da revista ‘Estudos Avançados’”. Comentou que a maior paixão do geógrafo era “converter conhecimento em prática, de forma a devolver à sociedade o que esta transfere às instituições de ensino superior”.

Ao falar do ecólogo Paulo Nogueira-Neto, Bosi disse ser ele o “ícone-símbolo da ecologia no Brasil”, com destaque internacional. “Basta lembrar que participou da Comissão Brundtland da ONU de 1983 a 1986 como representante da América Latina, comissão em que surgiu pela primeira vez a expressão ‘desenvolvimento sustentável’”. Destacou que Nogueira-Neto é professor emérito do Instituto de Biociências, integrante da Academia Paulista de Letras e presidente da Associação de Defesa do Meio Ambiente de São Paulo (Adema), além de ter sido secretário especial do Meio Ambiente do governo federal de 1974 a 1986.

Para Bosi, o químico Paschoal Senise (1917-2011), professor emérito da USP, representava “o ideal do pesquisador, em grande parte solitário, em tudo discreto, silencioso, rigorosamente fiel a seu laboratório e à sua instituição, o Instituto de Química”. Acrescentou que talvez nenhum outro professor da Universidade tenha desempenhado com tanta fidelidade e perseverança a condição de aposentado ativo e permanente sênior. Ele atribuiu à dedicação de Senise toda a estrutura da pós-graduação da Universidade, “contribuição inestimável, dado que os regimentos ainda estavam por fazer”.

De Crodowaldo Pavan (1919-2009), Bosi disse que foi um dos nomes centrais da genética na universidade brasileira e além dela, graças à ressonância internacional de suas pesquisas. Ele lembrou as participações de Pavan em inúmeros debates promovidos pelo IEA, particularmente nas sessões de lançamento das edições da revista “Estudos Avançados”. “Ele se apaixonava por problemas variadíssimos. Tudo o interessava de perto, mas tinha uma prioridade, quase uma obsessão: o nível de ensino dos cursos de graduação, pois acreditava nas virtudes de uma educação científica sólida, continuada, coerente e profunda.”

Sobre Gerhard Malnic, que seria homenageado na sequência da cerimônia por Rui Curi, Bosi disse

que o mínimo que poderia expressar é que “se o professor Malnic não existisse deveria ser inventado”. Ainda na área biomédica, lamentou “não ter competência técnica para apreciar como se deve a brilhantíssima trajetória de Eduardo Krieger” e demonstrou sua grande curiosidade em conhecer a fundo a descoberta dos inibidores da enzima conversora da angiotensina a partir do veneno da jararaca, trabalho que contou com a participação de Krieger em sua fase final e possibilitou o desenvolvimento pela indústria farmacêutica de remédios para o controle da hipertensão arterial.



Bosi apresentou, em nome do Instituto, a saudação a todos os professores honorários

Bosi disse que se for considerada não apenas a excelência científica dos professores honorários, mas também o envolvimento com o Instituto e empenho para que ele de fato cumpra a missão criativa que presidiu a sua fundação, reconhece-se imediatamente as figuras de José Goldemberg, Carlos Guilherme Mota, Sergio Mascarenhas e Yvonne Mascarenhas: “Os quatro integram a história do IEA intimamente, nas qualidades respectivas de reitor fundador, primeiro diretor e coordenador e vice-coordenadora do Polo do IEA em São Carlos”.

Há um ponto comum no caminho universitário que eles escolheram e trilham, segundo Bosi: “Conseguiram conjugar, admiravelmente, sua capacidade intelectual com a energia necessária para enfrentar a corveia administrativa, neles aliada à paixão pela difusão do conhecimento”. Do mérito científico e da energia administrativa nasceu o IEA, “por obra, determinação e clarividência do professor Goldemberg, sempre aberto a tudo que dignifique a USP, mesmo nos momentos penosos, como os que periodicamente atravessamos”.

Também exemplo dessa conjugação é a carreira de Carlos Guilherme Mota, de acordo com Bosi: “Historiador de grande fôlego e nosso primeiro diretor,

sempre se caracterizou pela imaginação, pela ousadia dos projetos, pelos seus enérgicos pronunciamentos, herdeiro que é da tradição crítica da FFLCH. Essa tradição tem servido de parâmetro para toda a carreira de Mota e é dela que sempre esperamos uma refundação de nossas instituições. Uso a propósito o termo refundação, pois é uma das metas constantes de Mota, sobretudo nas crises da Universidade”.

Em relação a Sérgio Mascarenhas, Bosi destacou ser ele “um físico de renome internacional, homem de excelente cultura letrada, recentemente autor de sonetos, amante das figuras do Renascimento, conhecedor de Rafael e Leonardo da Vinci, envolvido em restauração de obras pictóricas e ao mesmo tempo um apaixonado pela tecnologia mais avançada e aplicada à economia brasileira, no caso da agricultura e da agropecuária, tendo seu nome indissolivelmente vinculado aos programas de instrumentação agropecuária da Embrapa”.



Placa entregue aos professores honorários

Sobre Yvonne Mascarenhas, que “aliou seus extensos conhecimentos de física da matéria condensada com uma constante ação educacional”, Bosi ressaltou que hoje é referência nacional o projeto de educação científica por ela desenvolvido com estudantes do ensino fundamental e ensino médio em São Carlos e região. Ao lembrar da colaboração de Yvonne com o Grupo de Trabalho sobre Educação que ele coordenou no IEA, comentou: “Inteligência aguda, sensibilidade feminina para o detalhe, intuição prática, uma excepcional modéstia e descrição, eis as qualidades que pude observar nesses anos de convivência feliz com a sua pessoa”.

No final de sua fala, Bosi reverenciou a figura de Antonio Candido, “a rigor, maior crítico literário de língua portuguesa, em qualquer tempo, pois des-

de o século 19, quando emergiu o estudo histórico das letras em Portugal e no Brasil independente, nenhum outro estudioso dominou com tanta mestria a linguagem crítica ancorada em sólida perspectiva social”.

Bosi lembrou que Candido fez uma das primeiras conferências do Instituto e “sempre disse palavras esperançosas sobre o IEA, onde via a possibilidade de recomposição do convívio fecundo das ciências da natureza com as ciências da sociedade, convívio que animou, dos anos 30 até os 60, a história da velha Faculdade de Filosofia”.

Segundo Bosi, na época da criação do Instituto, em meados dos anos 80, era também desejo do crítico que o IEA fosse o lócus de professores aposentados da USP, muitos dos quais compulsoriamente aposentados pelos atos discricionários do regime que fazia pouco se extinguira. “Esses votos cumpriram-se em parte e cabe a cada um de nós que se cumpram de modo completo e permanente”, finalizou o editor de “Estudos Avançados”.

Gerhard Malnic

Rui Curi, do Departamento de Fisiologia do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) fez a apresentação de Gerhard Malnic, presente na plateia. Curi apresentou alguns traços da personalidade de Malnic e um histórico de sua carreira acadêmica e de sua dedicação a questões institucionais da Universidade.

Essa dedicação de Malnic ao trabalho acadêmico foi retratada por Curi por meio de perguntas em tom de brincadeira que os colegas de departamento se faziam: “Quando sabíamos que o professor Malnic estava em férias? Resposta: quando ele vinha para o trabalho usando tênis. Quando soubemos que o professor Malnic havia se aposentado? Resposta: quando seu horário de permanência no departamento mudou de das 8 às 18 horas para das 9 às 17 horas”.

Segundo Curi, “além da importância científica inegável para o país e para a fisiologia brasileira, há um aspecto extremamente relevante sobre Malnic que precisa ser destacado: sua importância para a história da USP, uma vez que se dedica há 55 anos integralmente à Universidade”.

Curi ressaltou que nesse período aconteceram fatos marcantes na história do país e da ciência na Universidade, como o golpe militar e a saída do Brasil de vários pesquisadores e lideranças acadêmicas, en-

tre os quais o próprio professor Alberto Carvalho da Silva, seu orientador. “Nessa época, Malnic era um jovem pesquisador recém-retornado do exterior. Ele e o professor César Timo-Iaria assumiram a liderança do departamento, dos pesquisadores, dos laboratórios e tocaram o trabalho em frente, fazendo com que nós sobrevivêssemos e conseguíssemos manter a produção científica e a capacidade intelectual que fora construída.”

Depois, com a reforma universitária, que criou os institutos básicos, Malnic foi para o ICB e, em parceria com pesquisadores de várias outras faculdades da área de saúde, organizou o instituto: “Para agregar pessoas com motivações e interesses tão diversos, foi preciso muito da serenidade, paciência e bom senso que o caracterizam. Graças a isso o ICB deu certo”.

Ele lutou também contra o autoritarismo na época do governo Paulo Maluf. “Nas greves para defender a Universidade, ele estava à frente dessa batalha. Como parte dessa militância institucional, Malnic foi vice-presidente da Associação dos Docentes da USP (Adusp). “Sua atuação, portanto, foi tanto na bancada, na produção de conhecimento e formação de pessoas, quanto na manutenção da Universidade e na defesa das instituições e da ciência do nosso país.”

Aposentado e aos 81 anos, Malnic continua a trabalhar intensamente, como demonstra recente declaração que deu à imprensa, lembrada por Curi: “No momento, só tenho uma doutoranda, mas estou tentando obter mais alguns. Infelizmente, os jovens preferem ficar com os mais jovens”. Curi discordou do final da frase e dirigindo-se a Malnic, presente na plateia, disse: “Não é verdade, professor, os jovens precisam de seu exemplo e de pesquisadores como o senhor”.

Alberto Luiz da Rocha Barros

O físico teórico Alberto Luiz da Rocha Barros nasceu em 1930 e morreu em 1999. Tornou-se professor no Instituto de Física (IF) da USP, onde foi assistente de Mario Schenberg. Carlos Guilherme Mota destacou em sua exposição que Rocha Barros foi um dos mais conhecidos e respeitados professores da USP, tanto pelas suas ideias quanto pela militância política. “Ao longo de suas atividades docentes, ele sempre privilegiou o ensino da física, sempre marcado por uma posição coerente, que o acompanhou por toda a vida.”

Segundo Mota, Rocha Barros acreditava que a Uni-

versidade deveria evidenciar, mais do que a pesquisa e a extensão, o debate acadêmico e o ensino, difundindo o aprendizado em todos os seus níveis. “Talvez por isso não tenha se preocupado em ascender na carreira acadêmica, permanecendo auxiliar de ensino até o fim de sua vida. Na graduação, era extremamente respeitado pelos seus alunos, que afluíam para suas aulas.”

Antigo militante do Partido Comunista Brasileiro, Rocha Barros “soube aglutinar em torno de si amigos das mais variadas tendências em que se divide a esquerda brasileira e também muita gente do centro democrático”, comentou Mota.

Em 1976, com outros defensores dos princípios democráticos, Rocha Barros começou a lutar pelo retorno dos exilados e pela anistia política dos professores aposentados compulsoriamente em função do Ato Institucional nº 5 da ditadura militar. Nessa época, citou Mota, ele contribuiu para a transformação da então Associação dos Auxiliares de Ensino da USP na Adusp, da qual integrou a primeira diretoria provisória.

Para Mota, o papel de Rocha Barros foi fundamental na experiência inédita de criação do IEA: “Ele e outras lideranças acadêmicas já tinham uma ideia de instituto de estudos avançados à imagem do Institute for Advanced Study de Princeton, EUA, do Collège de France e de outras instituições, mas havia uma reação do corpo docente, que perguntava sobre o porquê de se criar um instituto de estudos avançados e dizia que isso seria elitismo. Rocha Barros teve o papel de fazer passar – e precisávamos de uma legitimação da comunidade – na Adusp a ideia de criação do IEA”.

De acordo com Mota, Rocha Barros e o então reitor José Goldemberg tiveram uma interlocução importante para a concretização da ideia, “o primeiro fazendo a ideia passar na comunidade, o segundo contornando as dificuldades burocráticas para a fundação do Instituto”.

No início do IEA havia dois tipos de organização, uma formal, constituída por Mota e pelos integrantes do conselho (Alfredo Bosi, Paul Singer, Gerhard Malnic, Roberto Lobo, Alberto Carvalho da Silva e Moisés Nussenzveig), “com Rocha Barros articulando esse grupo com a Reitoria e outras lideranças, como Sérgio Mascarenhas e Caio Dantas”. A outra organização, informal, era algo que Rocha Barros ajudou a criar, uma espécie de ‘senado invisível’, que

era um pouco a expressão de toda uma efervescência represada nos departamentos e faculdades”.

Rocha Barros sempre participou ativamente das atividades do Instituto, raramente discutindo física, mas sim estética, arte e outros temas: “Quantas vezes não tivemos a participação em situações como aquela em que apresentou o historiador cubano Moreno Fraginals. E na época da primeira conferência do

Instituto, feita por Raimundo Faoro, o maior interlocutor do famoso jurista e historiador foi o Rocha Barros”.

Finalizando, Mota disse que no final de sua vida, Rocha Barros trabalhava num projeto de intercâmbio entre centros de física e planejava ir para Cuba ajudar no ensino de física tão logo fosse aposentado compulsoriamente aos 70 anos. Mas morreu aos 69 anos, em janeiro de 1999, vítima de um enfarte.

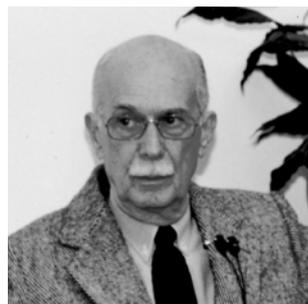
PROFESSORES HONORÁRIOS DO IEA



Alberto Carvalho da Silva
(1916-2002)

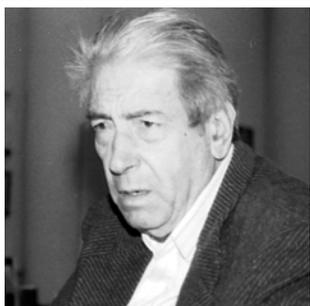


Alberto Luiz da Rocha Barros
(1930-1999)



Alfredo Bosi

Antonio Candido de Mello e
Souza



Aziz Nacib Ab'Sáber
(1924-2012)



Carlos Guilherme Mota



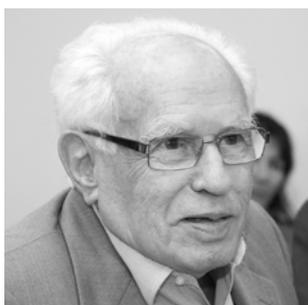
Crodowaldo Pavan
(1919-2009)



Eduardo Moacyr Krieger



Gerhard Malnic



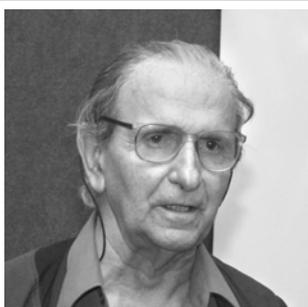
José Goldemberg



Paschoal Senise
(1917-2011)



Paulo Nogueira-Neto



Sérgio Oliveira Mascarenhas



Yvonne Mascarenhas

SAUDAÇÃO AOS PROFESSORES HONORÁRIOS DO IEA

15 de dezembro de 2014

Discurso de Alfredo Bosi proferido durante a cerimônia dos honorários

Sr. Diretor, Prof. Martin Grossmann,
Senhores Professores Honorários
Colegas, colaboradores e amigos do IEA

Creio que saudar os professores honorários do IEA, tanto os que já partiram e deixaram saudades, como os que felizmente ainda continuam entre nós, é uma condição duplamente honrosa, porque se trata de homenagear um mestre que já recebeu o reconhecimento de honorário. Isto é, trata-se de homenagear pela segunda vez esse professor lembrando a sua condição de excelência e tudo o que ela significa para a universidade e o mundo da ciência.

Não me cabe, nem entraria em minha estrita competência, enumerar os méritos expressos nos currículos dos nossos honorários. Seria repetir o que é de nosso conhecimento como professores da USP, tarefa no caso supérflua e pleonástica. Limito-me a dizer brevemente algumas palavras sobre cada um desses mestres, ressaltando o que, nestes quase 30 anos de vivência no IEA, eles significam para nós como exemplos mais fáceis de admirar do que de imitar.

Quando comecei a frequentar o Instituto, tive a felicidade de contar com a colaboração do Prof. ALBERTO CARVALHO DA SILVA, já então conhecido como eminente fisiologista. Punido pelo Ato Institucional n. 5, que o afastou do Brasil de onde só regressou em 80, foi reintegrado no ICB e, logo depois, alçado à condição de diretor presidente da Fapesp. Pude contar com o seu bom senso quando da elaboração do Código de Ética da USP, redigido ao longo do ano 2000. Da convivência com a sua pessoa o que mais me marcou foi o sentido do tempo que ele demonstrava no mais alto grau. Falo não só do próprio tempo, administrado com sabedoria, mas do tempo alheio, que ele poupava com a mais fina educação. Quando me procurava na diretoria do IEA, recusava-se a sentar, ficando de pé, dizendo só o essencial e pedindo licença para retirar-se alegando que não queria abusar do precioso tempo do diretor. Quem conhece as lides da administração universitária, sabe valorizar devidamente essa discreta delicadeza que nos beneficia e que agradecemos. Ao lado dessa virtude, admirei o seu galhardo estoicismo em face da doença de que veio a falecer. Sabendo que ele já voltara do hospital e regressara ao seu gabinete no IEA, eu o procurei perguntando o que estava preparando no seu infatigável trabalho. "É hora de me preparar para o pouco da vida que me resta." Isto é: enfrentar de cabeça erguida a fatalidade de todos os seres mortais. Foi a sua última lição. Não pretendo esquecê-la.

Da evocação de uma personalidade comedida e extremamente reservada passo à lembrança de um mestre apaixonado, que não ocultava suas alegrias nem suas mágoas, o tão saudoso Professor AZIZ AB'SABER, mestre dos mestres da Geografia no Brasil. Com ele convivi no IEA intensamente, pois foi a alma de um dos projetos científicos e ecológicos mais notáveis que saíram desta universidade, o Projeto de Reflorestamento, conhecido como Projeto Floram. A esse trabalho dedicamos um número inteiro da Revista Estudos Avançados, e todos tínhamos que o projeto não saísse do papel, como sói acontecer com ideias que nascem na universidade, mas não alcançam transformar-se em políticas públicas. Ora, era exatamente esta a maior paixão do Prof. Aziz: converter o conhecimento em prática que, como ele mesmo desejava, devolvesse à sociedade o que esta transfere às instituições de ensino superior. Do convívio com mestre Aziz aprendi algo fundamental para qualquer pesquisador no campo ambiental: tudo o que é feito com amor e seriedade é relevante, não importa a magnitude da escala. É importante deter o desmatamento selvagem da Amazônia, é importante estudar o problema da energia nuclear, mas não menos importante é salvar a cidade e até mesmo o bairro e a rua em que moramos da desenfreada especulação imobiliária que destrói nichos ecológicos e nichos culturais. Foi no cumprimento de um projeto aparentemente modesto, o tombamento do núcleo residencial da Granja Viana, que Aziz Ab'Saber se empenhou, mas felizmente nos deixou antes de receber a notícia de que a solicitação dos moradores do bairro fora simplesmente arquivada. Compartilhei com o professor Aziz, na qualidade de simples cidadão, dos seus sonhos e malogros, da sua capacidade de indignar-se quando necessário, por isso agradeço à diretoria do IEA ter-me dado essa oportunidade de reverenciar a memória de um intelectual que não se pejou de ser militante de múltiplas causas. Um mestre-cidadão, numa palavra.

Falar de militância ambiental aliada à mais avançada pesquisa científica é lembrar imediatamente o nome de PAULO NOGUEIRA NETO, felizmente entre nós e mais ativo do que nunca. Trata-se simplesmente do ícone-símbolo da Ecologia no Brasil e no cenário internacional, onde vem atuando com destaque. Basta mencionar que o Prof. Paulo Nogueira Neto participou da Comissão Brundtland das Nações Unidas, de 83 a 86, como representante da América Latina. Foi nessa comissão memorável que surgiu, pela primeira vez, a expressão "Desenvolvimento Sustentável", hoje bandeira, ao menos verbal, de todos os empresários e políticos do planeta. Professor Emérito do Instituto de Biologia da USP, também honrou com seu nome o mundo das Humanidades: Paulo

Nogueira Neto é membro da Academia Paulista de Letras. Como militante, preside a Associação de Defesa do Meio-Ambiente, Adema-São Paulo. Sendo a batalha ecológica um dos carros-chefes da nossa revista Estudos Avançados, faço votos, como seu editor, para que possamos ser uma tribuna ambientalista sob a orientação do nosso maior inspirador, Paulo Nogueira Neto.

E já que estamos rememorando nossos honorários mediante semelhanças e diferenças de personalidade, é chegado o momento de destacar na figura do Professor Paschoal Ernesto Américo SENISE o ideal do pesquisador em parte solitário, em tudo discreto e silencioso, rigorosamente fiel ao seu laboratório e à sua instituição, o Instituto de Química da USP. Talvez nenhum outro professor desta universidade tenha desempenhado com tanta fidelidade e perseverança a condição de aposentado ativo, de permanente sênior. É uma condição que, a meu ver, deveria ser reconhecida e estendida liberalmente em uma fase de nossa estrutura demográfica, na qual o número de idosos vem crescendo consideravelmente.

Mas devo retificar a impressão de um mestre solitário, que poderá ter produzido esta descrição. Devemos todos à dedicação institucional do Prof. Senise praticamente toda a estrutura da pós-graduação da USP, o que foi uma contribuição inestimável, dado que os regimentos ainda estavam por fazer, e era necessário que uma mente firme, serena e bem articulada se debruçasse sobre a densa teia de problemas que aquela tarefa impunha. Com o mesmo espírito de ordem e discricção, o Prof. Senise dirigiu por duas vezes o Instituto de Química, gestões que deixaram marcas e saudades.

Do Prof. CRODOWALDO PAVAN, um dos nomes centrais da Genética na universidade brasileira e não só brasileira, dada a ressonância internacional das suas pesquisas, tenho a lembrança viva das suas participações nos debates promovidos pelo IEA e particularmente nas sessões de lançamento de Estudos Avançados. E é curioso que o Prof. Pavan se apaixonava por problemas variadíssimos, tudo o interessava de perto, mas confessava uma preferência, uma prioridade, quase uma obsessão: o nível de ensino de nossas graduações. Pavan acreditava firmemente nas virtudes de uma educação científica sólida, continuada, coerente, profunda. A convicção de que residia no bom ensino, no bom aprendizado, a chave do progresso de um povo, o futuro de uma nação, Pavan a herdou dos mestres que o precederam, particularmente de Dreyfuss, que ele substituiu quando assumiu a cátedra do Departamento de Biologia Geral da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1952. Fora da educação, não haveria salvação. Creio que, se vivo hoje, ele que nos deixou faz quinze anos, esta continuaria ser a sua bandeira, e muito da sua juvenil indignação encontraria matéria para manifestar-se vivamente.

E já que entramos no universo da pesquisa científica nas áreas limítrofes da Química com a Biologia, os nomes de dois mestres consumados, GEHARD MALNIC e EDUARDO MOACYR KRIEGER vêm imediatamente à tona. Sobre a pessoa e o trabalho do Prof. Malnic, meu companheiro de direção do IEA por tantos anos, falará o seu colega admirador, Prof. Cury, ainda nesta sessão. Mas, caso tivesse recebido essa grata missão, resumiria o que penso do Prof. Malnic nesta única frase: Se não existisse, precisaria ser inventado.

Sobre o Prof. Krieger, não tendo a mínima competência para apreciar como se deve a sua brilhantíssima trajetória científica, ficou-me uma intensa curiosidade de conhecer a fundo a descoberta dos inibidores da enzima conversora da angiotensina, extraídos do veneno da jararaca. Para um leigo, e principalmente um leigo familiarizado com as Humanidades, essa descoberta tem uma conotação filosófica, ou, mais exatamente, platônica, pela qual os opostos de veneno e remédio se reúnem no conceito de *phármakon*. O filósofo o aplicava à linguagem, capaz de causar os maiores males e os maiores bens à humanidade, dependendo do seu uso e dosagem. Em outro contexto, a homeopatia desenvolveu ao longo do tempo a hipótese dos contrários que se combinam no processo da cura, hipótese assinalada na expressão *Similia similibus curantur*, o mal maior se cura com uma dosagem menor. São especulações que, a rigor, passam ao largo da escrupulosa metodologia científica da Fisiologia cardiovascular contemporânea.

Se considerarmos nesta homenagem não só a excelência científica dos professores honorários do IEA, mas também e principalmente o envolvimento com esta instituição, isto é, o empenho para que ela cumpra, de fato, a missão criativa que presidiu à sua fundação, reconhecemos imediatamente as figuras dos Professores José Goldemberg, Carlos Guilherme Mota, Sérgio Mascarenhas e Yvonne Primerano Mascarenhas. Os quatro integram a história do IEA na qualidade respectiva de Reitor Fundador, de Primeiro Diretor, de Coordenador e de Vice-Coordenadora do Pólo do IEA em São Carlos.

Certamente e não por acaso, há um ponto comum nos caminhos universitários que eles escolheram e trilharam: os quatro conseguiram conjugar admiravelmente a sua capacidade intelectual com a energia necessária para enfrentar a corveia administrativa neles aliada à paixão pela difusão do conhecimento. Convenhamos, essa não é uma combinação trivial, pois não é raro que o cientista de laboratório fuja das malhas da burocracia, nem, inversamente, é raro que sejam os medíocres ambiciosos aqueles que mais rapidamente galgam os postos executivos pelos quais passam a vida lutando... Daquela conjugação virtuosa nasceu o IEA por obra da determinação e da clarividência do Prof. Goldemberg, recentemente premiado com o título de Guerreiro da Educa-

ção, e que conhecemos há longo tempo como defensor das energias limpas e nosso conselheiro nas lutas contra o uso bélico da energia nuclear.

Dessa mesma conjugação é exemplo meu colega e amigo Prof. CARLOS GUILHERME MOTA, historiador de fôlego, nosso primeiro diretor, e que sempre se caracterizou pela imaginação e pela ousadia nos projetos e nos seus enérgicos pronunciamentos, herdeiro que é da tradição crítica da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Essa tradição tem servido de parâmetro em toda a carreira intelectual de Carlos Guilherme, e é dela que sempre esperamos uma constante refundação de nossas instituições. Dessa conjugação é também exemplo o Prof. SERGIO MASCARENHAS, físico de renome internacional, do qual me é grato lembrar um gesto generoso: ao ser concedido a um de nós o título de Professor Honorário, coube ao Prof. Sérgio o papel de apresentador do homenageado. Ele, que tantas vezes nos surpreende, daquela vez não deixou de fazê-lo: trouxe à sessão de cerimônia uma estatueta do deus romano Janus, de duas cabeças, uma voltada para frente, outra para trás, e homenageou a pessoa em causa enfatizando a sua relação cultural com o passado e a sua preocupação com o futuro, com dois olhares opostos mas unidos na mesma divindade. Na verdade, a figura de Janus vale melhor para o próprio Prof. Mascarenhas, homem de excelente cultura letrada, amante das figuras do Renascimento, conhecedor de Rafael e de Leonardo Da Vinci, envolvido em restaurações de obras pictóricas, e, ao mesmo tempo, um apaixonado da tecnologia mais avançada e aplicada à economia brasileira, no caso, da Agricultura e da Agropecuária. O seu nome está indissoluvelmente vinculado aos programas da Embrapa. Enfim, dessa mesma conjugação nasceu o trabalho exemplar da Profa. YVONNE PRIMERANO MASCARENHAS, que aliou seus extensos conhecimentos de Física da Matéria Condensada a uma constante ação educacional. Hoje é referência nacional e mereceria internacional o seu projeto de educação científica junto aos estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio em São Carlos, experiência que, como editor de Es-

tudos Avançados, gostaria de divulgar mediante testemunho da sua criadora. Devo lembrar o quanto lhe devemos quando orientamos os grupos de trabalho sobre Educação aqui no IEA. Inteligência aguda, sensibilidade feminina ao detalhe, intuição prática, eis as qualidades que pude observar nesses anos de convivência feliz com a sua pessoa.

Para terminar e não esquecer que este que vos fala é, afinal, um estudioso de Letras, desejo reverenciar a figura do maior crítico literário brasileiro vivo, Antonio Candido de Mello e Souza. A rigor, o maior crítico literário em língua portuguesa em qualquer tempo, pois desde o século 19, quando emergiu o estudo histórico das Letras em Portugal e no Brasil independente, nenhum outro estudioso (e os tivemos notáveis como Teófilo Braga, Silvio Romero e José Veríssimo) dominou com tanta mestria a linguagem crítica ancorada em sólida perspectiva histórico-social e um fino gosto que faz de Antonio Candido um escritor inigualável. Hoje, com seus 96 anos de idade, traz no seu currículo a conferência inaugural do Instituto de Estudos Avançados, a respeito do qual sempre disse palavras esperançosas pois, no fundo, via no IEA a possibilidade de recompor o convívio fecundo das ciências da Natureza e da Sociedade, convívio que animou, dos anos 30 aos 60, a história da Faculdade de Filosofia. Era também sua esperança que, fundado nos meados da década de 80, o IEA pudesse ser o lócus de professores aposentados da USP, muitos dos quais compulsoriamente pelos atos discricionários do regime que fazia pouco se extinguiria. Esses votos cumpriram-se em parte, e cabe a cada um de nós e se cumpram de modo completo e permanente.

Termino observando que nesta alocução não separei os vivos e os falecidos em grupos estanques. Falando ora de uns, ora de outros, quis assinalar que, presentes e ausentes, estão todos vivos em nossa memória e na história do Instituto de Estudos Avançados. Agradeço, de novo, à diretoria do IEA, nas pessoas do seu diretor, Prof. Martin Grossmann, e dos membros do Conselho Deliberativo, a oportunidade de evocar nesta sessão os nossos professores honorários.



Encontro de Diretores do Ubias na National Taiwan University | Créditos: IHS-Taiwan

Destaque

AMÉRICA CENTRAL LANÇA UM NOVO IEA

O IEA-USP esteve presente no workshop *Hasta la Creación del Instituto de Estudios Avanzados (IAS) de la Universidad de Costa Rica (UCR)*, que aconteceu de 10 a 13 de fevereiro, na UCR. Este foi o segundo encontro organizado pela Universidade para refletir sobre os moldes do que será o primeiro Instituto de Estudos Avançados da América Central. Atualmente, na América Latina, esse tipo de instituição existe apenas no Brasil.

A partir dos debates travados no primeiro workshop, realizado de 12 a 14 de agosto de 2013 com o tema *Hacia una Investigación Interdisciplinaria Avanzada en la Universidad de Costa Rica*, decidiu-se que o IAS da UCR será inspirado no Centro para Pesquisa Interdisciplinar (ZiF, na sigla em alemão) da Universidade de Bielefeld, Alemanha, cuja proposta foi apresentada nesta segunda edição do encontro por Britta Padberg, secretária-executiva do ZiF.

Além de Padberg, Martin Grossmann, diretor do IEA-USP, e outros representantes de IEAs de prestígio de todo mundo compartilharam suas expertises para contribuir com a formatação do modelo de

Instituto a ser fundado na UCR. Nessas discussões, o Projeto de Gestão 2012-2017 do IEA da USP foi tomado como um dos principais documentos de referência.

Como parte das atividades do segundo workshop, Grossmann também fez a exposição *Um Instituto de Estudos Avançados como Semente para o Desenvolvimento Científico e Cultural de um País*.

O diretor do IEA-USP participou do encontro a convite de Alice Pérez, pró-reitora de pesquisa da UCR, Bernal Herrera Montero, pró-reitor de docência da UCR; José Gracia Bondía, professor ho-



Britta Padberg apresenta a proposta do Centro para Pesquisa Interdisciplinar da Universidade de Bielefeld, Alemanha
Crédito: Martin Grossmann

norário da UCR e Catedrático Humboldt 2014, e Werner Mackenbach, também Catedrático Humboldt.

Outros compromissos

Após o workshop na UCR, Grossmann seguiu para a Cidade do México, onde teve dois compromissos nos dias 17 e 18 fevereiro: deu a conferência *Arte y Espacio Público: Tensiones e Insertos* para alunos da pós-graduação em sociologia e estudos urbanos do Colegio de México; e participou de uma reunião para discutir o futuro do acordo entre a USP e o Colegio de México, bem como a realização do segundo seminário do Projeto Comparativo Cidade do México-São Paulo, cuja edição inaugural aconteceu no IEA-USP, nos dias 20 e 21 de agosto de 2012.

Em seguida aos compromissos no México, o diretor retornou para San José, Costa Rica, onde fez a conferência *Museo Ahora: Reconfiguraciones del Museo de Arte, Contextos Locales y Esfera Pública*, realizada no dia 19 de fevereiro, na Fundação TEOR/ética.

Intercontinental Academia

ENCONTRO EM TAIWAN REÚNE DIRETORES DOS UBIAS

Aconteceu em Taipei, Taiwan, de 27 a 29 de novembro, o 3º encontro de diretores dos University-Based Institutes for Advanced Study (Ubias), rede que reúne 34 institutos de estudos avançados baseados em universidades de todo o mundo, entre os quais o IEA, que é também integrante do Comitê Diretivo.

Sob coordenação do Instituto de Estudos Avançados em Humanidades e Ciências Sociais (IHS, na sigla em inglês) da Universidade Nacional de Taiwan



Olivier Bouin, Michal Linial e Martin Grossmann
Crédito: IHS-Taiwan

(NTU, na sigla em inglês), o evento teve como tema geral *Breaking Through Old Boundaries and Paradigms in a New Age of Globalization* e como tema específico *Rising East Asia in a New Age of Globalization*.

Ao longo dos quatro dias, houve uma série de painéis e conferências. Entre os assuntos abordados, além dos temas específicos do encontro, estavam as contribuições do pensamento do Leste Asiático, da América Latina e da Península Ibérica à produção científica mundial; as potencialidades dos Ubias; a criatividade e a interdisciplinaridade; modelos de cooperação entre os institutos vinculados à rede; a condução de pesquisas na área das ciências naturais e da tecnologia em institutos de estudos avançados; e a importância das ciências sociais e humanidades na discussão de questões prementes.

Realizado anualmente, o encontro de diretores dos Ubias é uma oportunidade para os integrantes da rede trocarem experiências, promoverem o intercâmbio cultural e científico, e articularem parcerias interinstitucionais como é o caso da Intercontinental Academia (ICA). Sintetizada no conceito 2+2+2, a iniciativa consiste num projeto de cooperação acadêmica internacional, que visa a reunir dois institutos dos Ubias de dois continentes diferentes para desenvolver, ao longo de dois workshops interdisciplinares, uma pesquisa conjunta centrada num tópico temático transversal.

Sob a responsabilidade do IEA e do Instituto de Pesquisa Avançada (IAR, na sigla em inglês) da Universidade de Nagoya, Japão, o projeto-piloto da ICA terá como tema “Tempo”. As atividades serão iniciadas em abril de 2015, quando acontece o primeiro workshop, em São Paulo, e se estenderão até janeiro/fevereiro de 2016, período previsto para o segundo, a ser realizado em Nagoya.

Questões relativas ao planejamento geral da ICA, à programação dos workshops e à seleção dos pesquisadores que participarão do projeto-piloto foram deliberadas no encontro.

Participação do IEA

No primeiro dia do encontro, Martin Grossmann, diretor do IEA, e Cai Dapeng, professor associado do IAR, falaram sobre o andamento da ICA no painel *Sao Paulo - Nagoya Intercontinental Academia 2015: Overview, Prospects, and Progress Report*. A apresentação de Grossmann e Capeng foi moderada por Yun-han Chu, professor de ciência política da NTU.

Grossmann também fez a exposição *Os Desafios da Universidade no Século 21: No Agora e nos Possíveis Futuros* no painel *Thinking from Latin America and Iberia*, realizado no dia 29. Os outros expositores do painel foram José Vicente Tavares dos Santos, diretor do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados (ILEA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e Rocío Davis Garcia, representante do Instituto Cultura y Sociedad da Universidad de Navarra, Espanha. A moderação ficou a cargo de Luisa Shu-Ying Chang, diretora do Escritório de Assuntos Internacionais da NTU.

ACADEMIA INTERCONTINENTAL REUNIRÁ PESQUISADORES DE VÁRIOS PAÍSES PARA ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE O TEMPO

Um grupo de 15 jovens pesquisadores de diferentes países e áreas do conhecimento participará de um projeto colaborativo a partir de novembro de 2014: o desenvolvimento de estudos sobre o tempo na Intercontinental Academia, uma iniciativa da rede Ubias (University-Based Institutes for Advanced Study), associação internacional de cooperação científica que congrega 34 instituições de 19 países da Europa, América, Ásia, África, Oriente Médio e Oceania.

Os IEAs organizadores dessa primeira edição da Intercontinental Academia e anfitriões dos pesquisadores em dois encontros de imersão são o Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP, do Brasil, e o Instituto para a Pesquisa Avançada (IAR, na sigla em inglês) da Universidade de Nagoya, do Japão. Durante todo o projeto, os participantes terão a orientação de cientistas seniores de reconhecimento regional e internacional.

Tema

O tempo foi escolhido como tema do projeto por ser usualmente conceitualizado de maneira distinta em cada área do saber, seja ela das humanidades ou das ciências naturais. Para uma visão abrangente dos impactos dessas noções na ciência e na cultura em termos gerais é preciso que haja um diálogo acadêmico entre pessoas que trabalhem e mesmo vivenciem os diferentes conceitos sobre o tempo.

Encontros de imersão

Com o anúncio dos 15 selecionados em novembro deste ano, serão iniciados os trabalhos coletivos para a realização do primeiro encontro de imersão em março de 2015 na USP. O segundo encontro acon-

tecerá na Universidade de Nagoya em janeiro de 2016. De abril a dezembro de 2015, intervalo entre as duas imersões, os participantes darão continuidade aos estudos por meio de contatos entre si e com o Comitê Senior da Intercontinental Academia via internet.

Nos encontros em São Paulo e Nagoya, os pesquisadores terão a chance de debater tópicos de pesquisa por meio de conferências, leituras, workshops e discussões, além de compartilhar experiências e participar de atividades interculturais e programação social.

A troca de informações acontecerá não apenas entre os participantes selecionados para a Intercontinental Academia, mas também entre todos os integrantes do projeto e as comunidades científicas locais, oferecendo a estas novas oportunidades de contato com ciência, cultura e projetos de pesquisa de excelência de várias partes do mundo.

Essa edição inaugural da Intercontinental Academia terminará em março de 2016, dois meses depois do encontro de imersão em Nagoya. Esse período final será dedicado à edição dos trabalhos resultantes do projeto.

Espaço experimental

Na opinião de Martin Grossmann, diretor do IEA-USP, a Intercontinental Academia funcionará como um laboratório para futuros trabalhos colaborativos em nível universitário: “É um projeto em pequena escala, mas com potencial para gerar um novo formato de atividade científica”.

Apesar de o termo academia geralmente estar associado a um corpo de cientistas que, mesmo sendo autores de grandes contribuições ao conhecimento, não estão envolvidos com a transformação das ideias prevaletentes, no sentido utilizado na Intercontinental Academia, a palavra refere-se, segundo Grossmann, “a um ambiente de pensamento de ponta, um espaço experimental para discussões, riscos e encontros inesperados”.

De acordo com o economista Dapeng Cai, do IAR-Nagoya, uma iniciativa como a Academia Intercontinental é muito importante porque “a pesquisa universitária está excessivamente direcionada e especializada e os pesquisadores não conseguem compartilhar linguagens, não se relacionam com outros campos do saber e esquecem como se comunicar entre si”.

Cai ressalta que a Intercontinental Academia orienta-se por três metas: estimular a pesquisa conjunta entre institutos integrantes da Ubias; estabelecer redes de cooperação entre os líderes científicos da próxima geração; e explorar novas práticas acadêmicas coletivas e novos formatos de treinamento científico, colaboração e disseminação.

Coordenação

O Comitê Senior de cientistas responsável pela coordenação dos trabalhos da Academia Intercontinental é constituído por Regina Pekelmann Markus, Takao Kondo e Till Roenneberg (coordenadores científicos), Elieser Rabinovici e Sami Pihlström (representantes da rede Ubias) e Takaho Ando e Martin Grossmann (diretores dos institutos organizadores). Regina Pekelmann Markus é professora titular do Instituto de Biociências da USP e diretora executiva da Academia de Ciências do Estado de São Paulo; Takao Kondo é professor de ciências biológicas da Universidade de Nagoya, Japão, e ex-diretor do IAR-Nagoya; Till Roenneberg é professor de cronobiologia do Instituto de Psicologia Médica da Universidade Ludwig-Maximilians, de Munique, Alemanha, e presidente da Sociedade Europeia de Ritmos Biológicos; Elieser Rabinovici é professor de física de partículas da Universidade Hebraica de Jerusalém, Israel, e ex-diretor do Instituto Israel de Estudos Avançados da mesma universidade; Sami Pihlström, é professor de filosofia da Universidade de Helsinque, Finlândia, e diretor do Colégio de Estudos Avançados da mesma universidade; Takaho Ando é diretor do IAR-Nagoya e professor das Escola de Economia da Universidade de Nagoya, Japão; e Martin Grossmann, diretor do IEA-USP e professor titular da Escola de Comunicações e Artes da USP. O secretário geral do projeto é Carsten Dose, diretor executivo do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Freiburg, Alemanha.

O Comitê Científico do projeto no IEA-USP é constituído por: José Eduardo Krieger (presidente), pró-reitor de Pesquisa e professor titular da Faculdade de Medicina da USP; Hernan Chaimovich, vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências, ex-diretor do Instituto de Química da USP e ex-vice-diretor do IEA-USP; Marcelo Knobel, membro do comitê assessor da Fapesp e professor titular do Instituto de Física Gleb Wathagin da Unicamp; Massimo Canevacci, antropólogo, professor visitante do IEA-USP e professor da Università degli Studi di Roma La Sapienza, Itália; Renato Janine Ribeiro,

filósofo, ex-conselheiro do IEA-USP, onde coordena o Grupo de Pesquisa O Futuro nos Interpela e professor titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; Vera Lúcia Imperatriz-Fonseca, coordenadora do Grupo de Pesquisa Serviços de Ecossistemas do IEA-USP e professora titular do Instituto de Biociências da USP; e também dois dos integrantes do Comitê Senior, Regina Pekelmann Markus (vice-presidente) e Martin Grossmann.

IEA ESCOLHE 16 CANDIDATOS À SELEÇÃO FINAL DA INTERCONTINENTAL ACADEMIA

Em reunião realizada no dia 27 de agosto, o Comitê Científico do IEA para a Intercontinental Academia escolheu 16 dos 44 inscritos na pré-seleção brasileira do projeto.

Os selecionados tiveram prazo até 31 de agosto para enviar via rede a documentação complementar para sua inscrição na fase final de seleção dos jovens pesquisadores que integrarão a Intercontinental Academia. A seleção final ocorrerá em setembro, na sede do Instituto de Estudos Avançados de Freiburg, Alemanha, durante reunião do Comitê Sênior de cientistas que coordena o projeto.

Os selecionados foram: Adriano de Cezaro, André Mascioli Cravo, Ayu Majima, Eduardo Almeida, Gonzalo Iparraguirre, Helder Nakaya, Ignacio Amigo de la Huerca, Julia Buenaventura, Luca Simeone, Máisa Fonseca, Marius N. Müller, Nikki Moore, Nikolaos Stamatakis, Samuel Sojinu, Sergio Giardino e Valtteri Arstila.

Dos 16 candidatos, dez são estrangeiros, quatro são mulheres, nove possuem relação com a USP (por formação ou trabalho atual), oito provêm da área de ciências humanas, cinco das ciências biológicas e três das ciências exatas.

Relatórios de viagens

NAGOYA E TÓQUIO, JAPÃO; HUSTON, NASHVILLE, WASHINGTON, DALLAS E FORT WORTH, ESTADOS UNIDOS — 17 DE ABRIL A 3 DE MAIO

Martin Grossmann, diretor do IEA, esteve em viagem de trabalho de 17 de abril a 03 de maio, quando passou por Nagoya e Tóquio, no Japão; Huston,

Nashville, Washington, Dallas e Fort Worth, nos Estados Unidos. O principal objetivo da agenda de compromissos nesses dois países foi dar continuidade às negociações relacionadas ao encaminhamento de dois projetos de grande importância para o Instituto, ambos focados não só no intercâmbio internacional como na função do IEA em imaginar e explorar possíveis futuros para a universidade: a Intercontinental Academia (ICA) e a Rainforest Continent Business School (RFBS).

A ICA vem sendo desenvolvida no âmbito dos University-Based Institutes for Advanced Study (Ubias), rede que integra 34 institutos de estudos avançados vinculados a universidades de todo o mundo, da qual o IEA faz parte, sendo um dos integrantes do Comitê Diretivo.

Sintetizada no conceito 2+2+2, a ICA consiste num projeto de cooperação acadêmica internacional, que visa a reunir dois institutos dos Ubias de dois continentes diferentes para desenvolver, ao longo de dois workshops interdisciplinares, uma pesquisa conjunta centrada num tópico temático transversal.

Sob a responsabilidade do IEA e do Instituto de Pesquisa Avançada (IAR, na sigla em inglês) da Universidade de Nagoya, o projeto-piloto da ICA terá como tema o “Tempo”. As atividades serão iniciadas em março de 2015, quando acontece o primeiro workshop, em São Paulo, e se estenderão até janeiro/fevereiro de 2016, período previsto para o segundo, a ser realizado em Nagoya.

O objetivo central da ICA é promover o intercâmbio científico entre disciplinas, instituições e culturas, bem como o de explorar novos modelos, seja de pesquisa em rede, seja de universidade em si. Para isso, serão selecionados 15 jovens pesquisadores de diferentes países e áreas do conhecimento, escolhidos a partir de uma lista de candidatos indicados pelos membros dos Ubias. No workshop em São Paulo, esses jovens vão trabalhar em parceria com outros cinco jovens pesquisadores da USP e sob a orientação de cientistas seniores do eixo pan-americano.

A RFBS, por sua vez, trata-se de um projeto engendrado pelo Grupo de Pesquisa Amazônia em Transformação: História e Perspectivas do IEA, ainda em fase de desenvolvimento. A proposta é criar a primeira escola de negócios do mundo voltada para a formação de recursos humanos especializados em atividades produtivas sustentáveis na Amazônia.

Com isso, espera-se suprir a demanda de profissionais preparados para aproveitar o potencial econômico das florestas tropicais de pé. O principal foco são os profissionais residentes nestas regiões que já dependem economicamente da floresta. O projeto visa também a empoderar esses agentes.

Embora originalmente vinculado a um grupo de pesquisa, o projeto da RFBS vem contando com grande apoio da diretoria do IEA por vir ao encontro de um dos objetivos traçados no Projeto de Gestão 2012-2017, qual seja, enfrentar o desafio de pensar um novo modelo de universidade para o futuro.

A ideia inicial era fomentar a criação de um novo instituto na USP, centrado nas potencialidades das novas tecnologias e situado na confluência entre áreas distintas, como as engenharias, a arquitetura, o design e as artes e a cultura. Contudo, diante da proposta da RFBS - original, estruturada, vinculada a pesquisadores da casa e focada na sustentabilidade ambiental, tema com tradição no Instituto -, a direção optou por apoiar a iniciativa.

O IEA se propôs, assim, a operar como uma incubadora dessa escola de negócios pioneira, motivado em grande medida pela trajetória da Área de Assuntos Internacionais, fundada em 1989 e mais tarde transformada no Grupo de Análise de Conjuntura Internacional (Gacint), que atuou no Instituto até 2000, quando foi transferido para a Reitoria e contribuiu sobremaneira para a criação do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da USP.

Além de participar de reuniões voltadas para o planejamento da ICA e para a prospecção de parceiros e de possíveis investidores que viabilizem a concretização da RFBS, durante a viagem Grossmann teve a oportunidade de trocar experiências com acadêmicos de instituições estrangeiras, participar de atividades ligadas a intercâmbios internacionais já firmados entre a USP e uma universidade americana e de estreitar laços com centros de arte ocidentais e orientais.

Nashville, Estados Unidos - 18 de abril

Antes de viajar para o Japão, onde trataria do planejamento da ICA, Grossmann passou pelos Estados Unidos para cumprir uma agenda de compromissos em Nashville, onde integrou um evento vinculado ao convênio entre a USP e a Vanderbilt University na área das artes visuais realizado no feriado de Páscoa; e Washington, onde tomou parte em uma série

de reuniões relacionadas à RFBS.

O diretor do IEA chegou a Huston no dia 17 de abril e partiu para Nashville na manhã do dia seguinte, a fim de participar como observador do *City in Progress*, evento acadêmico que integra a programação do projeto colaborativo Conversations/Conversas, desenvolvido no âmbito do acordo de cooperação acadêmica entre a Vanderbilt University e a Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP.

O projeto, do qual o diretor do IEA faz parte, é voltado para o estudo do legado da arquitetura modernista, da imaginação da cidade, da superpopulação, do uso dos recursos naturais em condições de crescimento acelerado e do problema da sustentabilidade.

Balizado por esse foco temático, o *City in Progress* reuniu conferencistas dos campos da arte, arquitetura, design, geografia, formulação de políticas e história para refletir sobre a arquitetura modernista com base no estudo de caso de três edifícios de Nashville, cujos futuros são incertos: a Imperial House Apartment Building, o Ben West Public Library e o CordeLL Hull Building.

Após o encontro, Grossmann retornou para Houston, de onde partiu para Washington, no dia 21 de abril.

Washington, Estados Unidos - 21 de abril

A ida de Grossmann à Washington foi dedicada a prospectar parceiros, contatar possíveis investidores e sondar fontes de financiamento para viabilizar a criação da RFBS. A estada na capital americana também foi voltada para a troca de experiências com atores políticos e acadêmicos com know-how no desenvolvimento de projetos internacionais na área de sustentabilidade.

Assim, nos cinco encontros – tanto presenciais quanto por conferência telefônica – realizados ao longo do dia, Grossmann teve a oportunidade de estreitar laços com colaboradores em potencial, lançar bases para futuras parcerias, receber aconselhamento especializado sobre aspectos do projeto da RFBS a serem aperfeiçoados, aspectos relevantes para a obtenção de subsídios para traçar uma estratégia de captação de recursos.

A agenda de compromissos teve início com um almoço com Paulo Sotero, diretor do Brazil Institute do Woodrow Wilson International Center for

Scholars. Por conhecer profundamente a dinâmica da instituição e por acreditar no potencial da RFBS, Sotero vem atuando como um articulador político na formação da parceria entre o IEA e o Brazil Institute no âmbito dessa escola de negócios pioneira.

Na ocasião, Sotero levantou alguns pontos que podem contribuir para o refinamento do projeto da RFBS, sobretudo para torná-lo mais atrativo nas negociações com futuros investidores. Entre esses pontos, destaca-se a importância de não restringir a escola de negócios à oferta de MBAs, mas de centrá-la, também, na capacitação técnica das populações locais da Amazônia.

Após o almoço, Grossmann fez uma visita ao Wilson Center, guiado por Sotero. Em seguida, ainda na companhia do diretor do Brazil Institute, conversou, por conferência telefônica, com Thomas Lovejoy, primeiro presidente de biodiversidade da H. John Heinz III Center for Science, Economics and the Environment, instituição voltada para a construção de pontes entre ciência, economia e política ambiental, e presidente do Scientific Technical Advisory Panel (Stap) for the Global Environment Facility (GEF), um mecanismo de financiamento que tem por objetivo ajudar países em desenvolvimento a cumprir obrigações internacionais relacionadas às convenções ambientais.

Ao longo da conferência telefônica, Grossmann, Sotero e Lovejoy trocaram ideias sobre estratégias para prospectar parceiros, bem como discutiram a possibilidade do Stap/GEF atuar como uma fonte financiadora da RFBS.

Em seguida, o diretor do IEA se reuniu com Juan Cristóbal Bonnetoy, chefe de divisão do Instituto Interamericano para Desenvolvimento Econômico e Social (Indes) do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) acompanhados por Itzel Barrón, consultora de alianças estratégicas do BID. No encontro, Grossmann apresentou a proposta da RFBS e conversou sobre a possibilidade de o BID colaborar com os aportes financeiros iniciais da RFBS via projetos do banco já em andamento.

Na sequência, Grossmann e Barrón participaram de outra reunião, dessa vez com Daniel Hincapié-Salazar, especialista em operações de alianças estratégicas do BID, e Juan Chang, especialista sênior do Plano de Ação Mudanças Climáticas do BID, que se juntou ao grupo por conferência telefônica desde o Peru. Todos integram a equipe de consultoria

de alianças estratégicas do BID. O principal objetivo da reunião foi tratar de linhas de financiamento do BID e alinhar melhor a proposta do IEA em relação ao possível financiamento do Banco.

Durante as conversas, Grossmann pôde constatar que o projeto da escola de negócios vai ao encontro das diretrizes de uma linha de financiamento do BID voltada para a questão da sustentabilidade, das mudanças climáticas e, particularmente, da biodiversidade e conservação de florestas. Além disso, o diretor do IEA ouviu conselhos e sugestões, como a de ampliar o escopo da RFBS para que abranja, também, cursos voltados à gestão pública com foco na formação profissional continuada de funcionários. O último compromisso de Grossmann em Washington foi com Craig Hanson, diretor do Programa de Água, Florestas e Comida do World Resources Institute, instituição que atua globalmente em parceria com governos, empresas e a sociedade civil, com o objetivo de colocar em prática projetos situados na interseção entre desenvolvimento econômico e sustentabilidade ambiental.

Nagoya, Japão - 23 a 26 de abril

Após cumprir uma agenda atribulada de compromissos em Washington, no dia 22 de abril Grossmann partiu para Nagoya, onde chegou no dia 23.

Em Nagoya, Grossmann participou de uma série de reuniões com integrantes do IAR para dar andamento às tratativas relativas à primeira edição da ICA. Nesses encontros, o IEA foi representado pelo seu diretor e por Regina P. Markus, professora do Instituto de Biociências (IB) da USP e coordenadora científica do eixo pan-americano da ICA.

Antes de seguir para Nagoya, Markus esteve em Jerusalém, Israel, onde se reuniu com Eliezer Rabinovici, ex-diretor do Instituto Israel de Estudos Avançados da Universidade Hebraica de Jerusalém, da qual é professor. O objetivo do encontro foi convidar Rabinovici para ser membro do comitê sênior do projeto-piloto da Intercontinental Academia, bem como ser professor visitante do IEA.

A primeira reunião de discussão do projeto e planejamento da ICA aconteceu no dia 24, quando tiveram início as rodadas de negociação entre o IEA e o IAR. Além de Grossmann e Markus, participaram do encontro Takaho Ando, diretor do IAR; Shigeaki Zaima, Kunihiko Matsumoto e Naoshi Sugiyama, os três vice-diretores do IAR; Susumo Saito e Dapeng Cai, ambos pesquisadores associados do IAR;

e Takao Kondo, ex-diretor do IAR, coordenador científico do ICA por parte do IAR-Nagoya.

Na ocasião, as partes deliberaram sobre questões relacionadas às diretrizes da ICA e à continuidade entre os dois workshops. Além disso, debateu-se a definição de três áreas prioritárias de ancoragem do projeto: biologia, física e programa intercultural, embasado pelas Ciências Sociais e Humanidades.



Reunião de Planejamento da Academia Intercontinental São Paulo-Nagoya 2015 - 2016 | Crédito: Etsuyo Chijimatsu

Durante as negociações entre os dois institutos, surgiu uma dissensão relacionada à natureza da pesquisa a ser desenvolvida no âmbito da ICA. Diante da proposta apresentada pelo IEA para o primeiro workshop, pautada na interdisciplinaridade, os representantes do IAR tiveram dificuldades em compreender como saberes diversos poderiam ser integrados. Em função disso, foi preciso fazer ajustes no texto, a fim de reforçar os argumentos em torno da importância e pertinência da interdisciplinaridade, bem como de incorporar outros pontos deliberados na reunião. Assim, na primeira tarde de trabalhos em Nagoya, Grossmann e Markus se reuniram para reelaborar o documento.

No dia 25 pela manhã, Markus e Grossmann fizeram um tour pela cidade, à convite do IAR. Durante o passeio, teve a oportunidade de visitar o Castelo Nagoya e o Museu de Arte Tokugawa, onde entraram em contato com Keiko Kato, presidente do departamento de planejamento e promoção do museu.

À tarde, teve início a segunda rodada de negociações entre o IEA e o IAR, com uma reunião entre Grossmann, Markus, Ando e Cai. Os debates para ajustar o projeto da Academia Intercontinental prosseguiram num jantar oferecido por Hideyo Kunieda, Pró-Reitor de Pesquisa da Universidade de Nagoya. Entre os convidados estavam Zaima, além dos participantes da reunião da tarde. Na ocasião, Grossmann e Markus apresentaram a proposta reelaborada por

eles no dia anterior.

Na manhã do dia seguinte, aconteceu a última reunião para definir questões ligadas ao planejamento do primeiro workshop e para tratar dos detalhes relativos à continuidade entre a fase na capital paulista e a fase em Nagoya. Além de Grossmann e Markus, participaram Kunieda, Ando, Kondo, Sugiyama, Matsumoto e Cai. No encontro, o grupo escolheu o logotipo da Academia Intercontinental entre as quatro opções oferecidas pelo IEA.

Ainda no dia 26, durante o almoço, na presença dos mesmos participantes da reunião da manhã, foi assinado o documento final que dispõe sobre a composição do grupo de pesquisadores-sênior, o novo cronograma de trabalho e a dinâmica da ICA.

Na parte da tarde, Grossmann e Cai se reuniram para fazer o relato dos encontros realizados ao longo dos três dias de negociações. Redigiram, então, um memorando sintetizando os principais pontos discutidos, que foi encaminhado para os membros dos Ubias.

No dia 27, Grossmann partiu para Tóquio.

Tóquio, Japão - 27 a 29 de abril

Durante a estada em Tóquio, Grossmann teve a oportunidade de conhecer melhor a cultura japonesa e, especialmente, centros de arte do país, entre eles o Mori Art Museum, voltado para exposições e programas artísticos que englobam a arte contemporânea japonesa e asiática, bem como as artes visuais, a arquitetura e o design de vanguarda em uma perspectiva global. Na ocasião, o diretor do IEA manteve contato com Fumio Nanjo, diretor do museu.

Além disso, Grossmann também conheceu o Templo Meiji Shrine, construído para homenagear o imperador Meiji e a imperatriz Shoken, que iniciaram a abertura do Japão ao ocidente. Trata-se de um patrimônio cultural importante do país, pois simboliza o encontro entre ocidente e oriente.

Huston, Dallas e Fort Worth, Texas - 29 de abril a 2 de maio

Grossmann partiu de Tóquio rumo a Huston no dia 29 de abril e, em função do fuso horário, chegou ao destino no mesmo dia e duas horas antes de sua partida do aeroporto de Narita.

No manhã seguinte, viajou até Dallas, onde visitou dois museus: o Dallas Museum of Art, que abriga

mais de 22 mil obras de arte de diferentes culturas e períodos, abrangendo 5 mil anos de história artística; e o Nasher Sculpture Center, que hospeda uma das mais belas coleções de esculturas modernas e contemporâneas do mundo. A visita aos dois museus foi feita na companhia de Alessandra Comini, professora emérita de história da arte da Southern Methodist University, em Dallas.

No dia 1º de maio, o diretor foi para Fort Worth, onde também visitou dois museus: o Kimbell Art Museum, que detém uma coleção pequena, com cerca de 150 objetos, mas de grande importância artística, focando-se mais na qualidade e tipicidade estéticas - de mestres, períodos, estilos, escolas ou áreas - que na quantidade de obras; e o Museum of Modern Art of Fort Worth, que acolhe uma coleção de aproximadamente 3 mil obras do período pós-Segunda Guerra, incluindo pinturas, esculturas, vídeos, fotografias, xilografias e litografias.

As visitas em Fort Worth e em Dallas foram feitas na companhia de Ana Maria Tavares, professora do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP, Fabiola López-Durán, professora de história da arte da Rice University, e Jorge Schwartz, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e diretor do Museu Lasar Segall.

O último compromisso de Grossmann na viagem aconteceu no dia 2, quando se reuniu com Nicolas Shumway, diretor da School of Humanities da Rice University, e Farès el-Dahdah, professor de arquitetura e diretor do Humanities Research Center (HRC) da mesma instituição. No encontro, ficou acertada a vinda de el-Dahdah em junho ao IEA para fazer uma conferência sobre o HRC.

No dia 3 de maio, Grossmann retornou ao Brasil.

TAIPEI, TAIWAN — DE 25 DE NOVEMBRO A 2 DE DEZEMBRO

Martin Grossmann, diretor do IEA, esteve em viagem de trabalho em Taipei, Taiwan, de 25 de novembro a 02 de dezembro de 2014. O principal objetivo da agenda de compromissos no país foi participar do 3º Encontro de Diretores dos University-Based Institutes for Advanced Study (Ubias).

Realizado anualmente, o encontro foi uma oportunidade para os integrantes dos Ubias trocarem experiências; refletirem sobre a missão tanto da rede

como um todo quanto de cada instituto dentro da universidade que o abriga; promoverem o intercâmbio cultural e científico; discutirem temas da atualidade; articularem parcerias interinstitucionais; e desenvolverem projetos de cooperação transnacional.

Coordenado pelo Instituto de Estudos Avançados em Humanidades e Ciências Sociais (IHS, na sigla em inglês) da Universidade Nacional de Taiwan (NTU, na sigla em inglês), a terceira edição do encontro aconteceu de 27 a 30 de novembro e teve como tema geral *Breaking Through Old Boundaries and Paradigms in a New Age of Globalization* e como tema específico *Rising East Asia in a New Age of Globalization*.

Ao longo dos quatro dias, uma série de painéis e conferências abordaram a globalização sob a perspectiva da academia; as potencialidades dos Ubias e o papel crucial que desempenham dentro das universidades às quais estão ligados, sobretudo ao estimularem a criatividade e interdisciplinaridade; a importância das ciências sociais e humanidades na discussão de questões prementes da contemporaneidade; e a condução de pesquisas na área das ciências naturais e da tecnologia.

Trataram, ainda, da dinâmica política, econômica e cultural da Ásia do Leste, bem como do impacto global das pesquisas ali desenvolvidas. Além disso, parte da programação foi dedicada à discussão das particularidades dos institutos de estudos avançados daquela região do mundo, da América Latina e da Península Ibérica, com ênfase nas contribuições que dão à produção científica mundial.

O encontro em Taipei foi particularmente importante porque fortaleceu as relações dos institutos de estudos avançados ocidentais com a Ásia do Leste, consolidando os Ubias como uma rede global e reforçando seu papel estratégico tanto no fomento de atividades acadêmicas interdisciplinares, interinstitucionais e internacionais, quanto na valorização da cultura e da ciência de todo o mundo.

Nesse sentido, a própria escolha de Taiwan como país sede do evento estimulou o debate sobre a relevância do conhecimento científico e cultural produzido não só no Ásia do Leste, como em outras regiões do mundo igualmente marcadas por um histórico de colonização e dominação, as quais hoje lutam por relações de poder mais igualitárias e para se imporem no contexto da nova geopolítica mundial que se prefigura com o acirramento da globalização.

Participação do IEA

Grossmann partiu de São Paulo no dia 25 de novembro e chegou a Taipei no dia 27, data de abertura do 3º Encontro de Diretores dos Ubias. Já neste primeiro dia, o diretor do IEA e Cai Dapeng, professor associado do Instituto de Pesquisa Avançada (IAR, na sigla em inglês) da Universidade de Nagoya, Japão, falaram sobre o andamento da ICA no painel *Sao Paulo — Nagoya Intercontinental Academia 2015: Overview, Prospects, and Progress Report*. A apresentação de Grossmann e Capeng foi moderada por Yun-han Chu, professor de ciência política da NTU.

O diretor do IEA também fez a exposição *Os Desafios da Universidade no Século 21: No Agora e nos Possíveis Futuros* no painel *Thinking from Latin America and Iberia*, realizado no dia 29. Os outros expositores do painel foram José Vicente Tavares dos Santos, diretor do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados (Ilea) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e Rocío Davis Garcia, representante do Instituto Cultura y Sociedad da Universidad de Navarra, Espanha. A moderação ficou a cargo de Luisa Shu-Ying Chang, diretora do Escritório de Assuntos Internacionais da NTU.



Martin Grossmann e Cai Dapeng

Academia Intercontinental

Na ocasião do encontro, Grossmann também tratou de questões relativas ao planejamento da primeira edição da Intercontinental Academia (ICA). Sintetizada no conceito 2+2+2, a iniciativa consiste num projeto de cooperação acadêmica internacional, que visa a reunir dois institutos dos Ubias de dois continentes diferentes para desenvolver, ao longo de dois workshops interdisciplinares, uma pesquisa conjunta centrada num tópico temático transversal.

Sob a responsabilidade do IEA e do IAR, o projeto-piloto da ICA terá como tema o “Tempo”. O primeiro workshop acontece de 17 a 30 de abril, em São Paulo, e o segundo, a ser realizado em Nagoya,

está previsto para janeiro/fevereiro de 2016.

A proposta central da ICA é promover o intercâmbio científico entre disciplinas, instituições e culturas, bem como explorar novos modelos, seja de pesquisa em rede, seja de universidade em si. Para tanto, foram selecionados 15 jovens pesquisadores de diferentes países e áreas do conhecimento, selecionados a partir de uma lista de candidatos indicados pelos membros dos Ubias. No workshop em São Paulo, esses jovens vão trabalhar em parceria com outros cinco pesquisadores da USP e sob a orientação de cientistas seniores do eixo pan-americano.

Com o objetivo de deliberar sobre pendências da ICA, Grossmann se reuniu com cientistas e representantes de cientistas que compõem o Comitê Sênior de coordenação da edição-piloto. Estavam presentes Sami Pihlström, da Universidade de Helsinki; Bernd Kortmann e Carsten Dose, ambos da Universidade de Freiburg; e Takaho Ando, Cai Dapeng e Hideyo Kunieda, os três da Universidade de Nagoya.

A finalidade primordial da reunião foi encaminhar a segunda e última etapa da seleção dos 15 jovens pesquisadores que participarão do projeto. A primeira etapa aconteceu no encontro do Comitê Sênior da ICA, realizado em setembro de 2014 no Instituto de Estudos Avançados de Freiburg (Frias, na sigla em inglês), Alemanha, quando foram escolhidos dez pesquisadores.

A fim de garantir a formação de um grupo plural, composto por cientistas de diversos continentes, países, culturas e tradições acadêmicas, a decisão sobre os outros cinco participantes foi adiada para que houvesse tempo de novos candidatos se inscreverem. Na reunião em Taipei, chegou-se a um acordo sobre a indicação de três novos nomes provenientes do Leste Asiático ligados à Universidade de Nanjing (China), à Universidade de Waseda (Japão) e à NTU (Taiwan).

Posteriormente selecionados, esses candidatos intensificaram a participação de pesquisadores da Ásia do Leste na ICA, ampliando a representação da ciência e da cultura oriental na iniciativa. Esses esforços concorrem para a conclusão do processo seletivo, finalizado na primeira quinzena de fevereiro.

Compromissos paralelos

Durante sua estada em Taipei, além de participar do 3º Encontro de Diretores dos Ubias e de dar continuidade ao planejamento da ICA, Grossmann se reuniu com Olivier Bouin, diretor da Fondation Maison des Sciences de l'Homme (FMSH), França. O objetivo foi fazer avançar as negociações para implementação de um intercâmbio acadêmico entre o IEA e a FMSH, voltado para a exploração da equivalência entre as diversas áreas do conhecimento — ciências duras, ciências da vida, ciências sociais, humanidades e artes.

As conversas com Bouin sobre o projeto de cooperação interinstitucional tiveram início em setembro de 2014, quando Grossmann esteve em Princeton, Estados Unidos, para participar do workshop *Globalization and the Social Science*, organizado pelo Princeton Institute for International and Regional Studies (PIIRS), da Princeton University, em parceria com o FMSH.

Ao longo da viagem à Taiwan, o diretor do IEA também teve oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre a cultura e a cena artística oriental. No dia 30 de novembro, visitou o Museu de História Natural à convite de Chang Yui-Tan, diretor da instituição; e o Museu Palácio Nacional — um dos maiores do mundo, conhecido por abrigar uma coleção extensa e valiosa de obras que remontam à história antiga da China. O acervo, que inclui obras-primas milenares, foi em grande parte formado por imperadores chineses.

Grossmann visitou, ainda, a Bienal de Arte de Taipei 2014, que aconteceu de 13 de setembro de 2014 a 4 de janeiro de 2015. Com o tema *A Grande Aceleração — Arte no Antropoceno*, a mostra abordou as diversas formas como a arte contemporânea explora as relações entre seres humanos, animais, máquinas, produtos e objetos no contexto do Antropoceno — denominação dada ao período mais recente da história do planeta Terra, que muitos especialistas acreditam ser uma nova época geológica marcada pelo forte impacto das atividades humanas nos ecossistemas terrestres.

No dia 1º de dezembro Grossmann partiu para o Brasil, onde chegou no dia 2.

Eventos Internacionais



Conferencistas e público durante o evento *Octavio Paz y la Política* (pág. 54)

20 de março

O QUE SIGNIFICA SER MOVIDO POR UMA OBRA DE ARTE?

Helmut Galle e Winfried Menninghaus

Sala de Eventos do IEA

O que faz com que uma obra de arte seja comovente? Por que determinados filmes, peças de teatro, poemas, músicas, quadros comovem mais que outros? Instigado por essas questões, o pesquisador alemão Winfried Menninghaus dedica-se a investigar o que significa “ser movido” por algo no contexto da apreciação estética.

De acordo com ele, “o termo ‘mover’ remete à ideia de tocar, abalar, arrebatado, mexer, mas isso não diz muito sobre os fatores que despertam a sensação de ‘ser movido’. O ódio e a raiva, por exemplo, são sempre direcionados ao agente que traz essas emoções à tona. Mas o ‘ser movido’ carece dessa objetividade. É baseado mais no componente subjetivo, relacionado à forma como nos sentimos afetados”.

No dia 20 de março, o pesquisador esteve no IEA para explorar o tema na conferência *O Que Significa Ser Movido por uma Obra de Arte?*, que teve abertura de Helmut Galle, professor do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

Em sua exposição, ele tratou dos resultados de uma série de estudos que vem conduzindo no Instituto Max Planck de Estética Empírica, do qual é diretor-fundador. Criado em 2013, o instituto tem como proposta o uso de métodos científicos para investigar as bases psicológicas, neurais e socioculturais das percepções, avaliações e preferências estéticas.

Menninghaus é membro titular da Academia de Ciências e Humanidades Berlin-Brandenburg e suas pesquisas concentram-se em estética filosófica, evolutiva e empírico-psicológica; em modelos, fenômenos de fronteira e funções da estética na mitologia e no mundo da vida; e na literatura escrita a partir de 1750, com ênfase no romantismo alemão e na literatura do século 20.

Olhar externo

O primeiro estudo apresentado pelo pesquisador na conferência partiu de duas questões-chave centradas na psicologia da emoção: 1) que eventos/cenários podem ser rotulados como comoventes? 2) que características cognitivas e afetivas são comuns a eles? No estudo, os 229 participantes que compunham a amostra foram instruídos a lembrar, descrever e classificar, segundo uma escala de 1 a 5, momentos que consideravam comoventes. Os mais citados foram morte/enterro, doença, gravidez/parto e casamento.

De acordo com Menninghaus, as respostas apresentaram dois grandes pontos em comum. Primeiramente, os eventos relatados estavam, de alguma forma, em conformidade com os padrões morais e os ideais dos participantes. Além disso, em todos os casos o “ser movido” configurou-se como uma emoção experimentada por um observador externo. “Isso quer dizer que há distanciamento entre o evento que comove e quem é comovido. Tem maiores chances de se comover aquele que está na posição de testemunha e não pode, portanto, modificar os fatos ou ser afetado por eles”, esclareceu.

Dessa forma, o reencontro de duas pessoas que estavam separadas há muito tempo é mais comovente para um terceiro, que observa a reaproximação, que para os implicados na situação. “Não é comovente se você confessa um adultério a alguém, mas se você testemunha uma confissão desse tipo, é possível ficar comovido”, exemplificou.

Mistura de sentimentos

Com o objetivo de descobrir quais as emoções mais características do estado de “ser movido” e dimensioná-las qualitativamente, Menninghaus desenvolveu um estudo de livre-associação com 815 pessoas. Os participantes foram solicitados a descrever, por meio de substantivos, as emoções que sentiam ao vivenciar momentos comoventes e, então, associá-las a oito termos vinculados ao universo psicológico da palavra “mover”, que correspondem a dimensões emocionais do estado de “ser movido”: comovente, excitante, tocante, extasiante, arrebatador, emocionante, revigorante, estimulante [em tradução livre a partir do inglês]. Entre os substantivos mais citados pelos participantes figuram alegria, tristeza/pesar, amor, sentimento e lágrimas.

Os oito termos voltaram a ser utilizados por Menninghaus num estudo de diferencial semântico, agora com uma amostra menor, de 434 pessoas. Partindo de uma lista de 40 pares de adjetivos antagônicos, como quente/frio e claro/escuro, os participantes foram orientados a escolher, em todos os pares, o adjetivo que melhor descrevia cada um dos termos. Em seguida, tiveram que avaliar, segundo uma escala pré-determinada, o grau de compatibilidade entre o adjetivo selecionado e o termo vinculado.

Com base nas escolhas e avaliações dos participantes, observou-se que “os sentimentos de ‘ser movido’ são amplos, e não estreitos; elevam, e não deprimem; são profundos, e não rasos; são quentes, e não frios; absorvem, e não causam desapego; são maiores

do que menores; são mais finos do que brutos; mais suaves do que duros”, conforme resumiu o pesquisador.

A partir do cruzamento dos dados obtidos nestes dois estudos, foi possível chegar a uma matriz de proximidade/distanciamento entre o sentimento de comoção e as emoções negativas e positivas. Representada num gráfico, a matriz mostrou que o estado de ‘ser movido’ fica numa posição intermediária, num continuum entre esses dois extremos emocionais.



Winfried Menninghaus

Para Menninghaus, isso revela que a comoção é um sentimento misto, resultante da combinação entre tristeza e alegria. “Os sentimentos negativos não podem disparar a comoção se não estiverem associados a sentimentos positivos, como o de ter empatia pela pessoa envolvida na situação comovente. Da mesma forma, os eventos alegres não podem ser comoventes se não há alguma coisa triste por trás, como uma batalha ou um longo tempo de separação, por exemplo”, explicou.

“Ser movido” no cinema

Para entender melhor como o sentimento de tristeza, o estado de “ser movido” e apreciação estética interagem, Menninghaus conduziu uma pesquisa com foco em obras cinematográficas. Os 76 participantes do estudo foram levados a uma sala de cinema, na qual assistiram a 36 clipes de filmes, com duração de 57 a 133 segundos, todos representando o momento em que a protagonista fica sabendo da morte de um ente querido. Em seguida, foram questionados sobre qual era motivação para verem o filme todo. O objetivo era identificar se o fator mais determinante nessa motivação era sentir-se triste ou comovido.

Com base nas respostas, Menninghaus chegou à conclusão que o sentimento de tristeza está dire-

tamente associado à vontade de ver o filme. No entanto, essa associação é mais expressiva quando a tristeza é apontada como o gatilho da comoção e esta, por sua vez, é assinalada como a causa do desejo de ver o filme.

Outro dado importante levantado no estudo foi o alto grau de correlação entre o sentimento de “ser movido” e a apreciação positiva do filme, isto é, o prazer estético. “Ser comovido por uma obra de arte implica um julgamento positivo em relação ao seu alcance estético”, observou Menninghaus.

Segundo o pesquisador, isso indica que “os receptores de arte experimentam a tristeza como prazer não porque gostam de sentir-se tristes, pesarosos ou empáticos, mas porque a tristeza, piedade e empatia envolvidas no ato de ver o filme constitui um dos diversos fatores que, juntos, levam à emergência do sentimento de ‘ser movido’”.

Além disso, destacou que o sentimento de comoção é experimentado como algo inerentemente recompensador, mesmo quando as emoções tristes estão presentes. “Acreditamos que as pessoas vão ao cinema para se sentirem comovidas, e não para se sentirem tristes; a tristeza só contribui para a comoção. E, com a comoção, vem a apreciação estética”, acrescentou.

Comoção na literatura

A fim de avançar suas pesquisas para além das interações e correlações entre sentimentos e chegar a evidências causais envolvidas na apreciação estética, Menninghaus escolheu explorar um campo com o qual está habituado: a literatura.

Para trabalhar nesse terreno familiar, o pesquisador optou pela teoria do linguista Roman Jakobson (1896-1982) sobre os paralelismos continuados presentes nas poesias, isto é, as similaridades linguísticas características desse gênero literário. Segundo essa concepção teórica, a linguagem poética é marcada por padrões de recorrência/repetição nas dimensões fonética, morfológica, sintática e semântica. Conforme ilustrou Menninghaus, esses padrões podem ser facilmente observados na famosa frase atribuída a Júlio César “Veni vidi vici” (Vim, vi e venci).

A partir desse referencial jakobsoniano, foram criadas três hipóteses: 1) as similaridades poéticas são fundamentais na definição da essência poética de um texto; 2) essa essência poética é um indicador da avaliação estética; e 3) a presença ou ausência de simi-

lidades poéticas influencia respostas emocionais.

Para testar essas hipóteses, Menninghaus desenvolveu um estudo voltado para os efeitos da presença ou ausência de similaridades em textos poéticos. O primeiro passo foi escrever uma série de poemas nas quais as marcas linguísticas indicadas por Jakobson estavam presentes e, então, criar uma nova versão para cada um deles, eliminando os padrões de recorrência e repetição, mas sem alterar o conteúdo.

Em seguida, os participantes do estudo foram expostos às duas versões dos poemas para que os avaliassem em termos de beleza, gosto, melodia e comoção. A ideia era verificar se cada versão comoveu de forma alegre ou triste; se despertou sentimentos de alegria ou tristeza; se suscitou sensações negativas ou positivas.

De acordo com o pesquisador, os dados mostram que a linguagem poética acentua — e não reduz — tanto os sentimentos de tristeza quanto os de alegria. “Nossa hipótese é que a tristeza, por ser acentuada pela forma poética, contribui para intensificar a sensação de ‘ser movido’ e que essa interação entre comoção e tristeza pode ser vivenciada como algo inerentemente prazeroso e recompensador”.

Além disso, continuou, a natureza intrinsecamente gratificante do sentimento de ser movido por uma obra de arte está fortemente arraigada às características formais, como é o caso dos paralelismos linguísticos da poesia. “Assim, ser movido está diretamente ligado à apreciação estética”, arrematou.

O poder da tristeza

As interpretações das descobertas feitas por Menninghaus ao longo dessa série de estudos foram amparadas por duas premissas interligadas. A primeira é a de que as obras de arte competem por atenção, por um envolvimento emocional intenso e por acesso à memória afetiva. A segunda é a de que as emoções negativas são particularmente poderosas na priorização desses três elementos.

Segundo o pesquisador, as evidências psicológicas coletadas em seus estudos mostram que emoções tristes são mais absorventes e envolventes, ao passo que as emoções alegres são esquecidas com mais facilidade e processadas num ritmo mais lento.

“Ter prazer em emoções negativas e na tragédia não é exceção, mas regra. E por que sentimos isso? A beleza sem modificações e completamente positiva ca-

rece de poder para prender a atenção e aprofundar trajetórias de envolvimento afetivo. Por isso, pode se tornar vazia, desinteressante, tediosa e destituída de impacto duradouro”, resumiu.

📺 **VÍDEO** goo.gl/vLHbGN

12 de maio

LAVAGEM SEM ÁGUA E OUTRAS HISTÓRIAS DE INOVAÇÃO: ACELERANDO A PESQUISA EM INOVAÇÃO SOCIAL

Richard A. Williams (University of Birmingham), Mario Sergio Salerno (EP e IEA) e Leonardo Augusto de Vasconcelos Gomes (EP e IEA)
Sala de Eventos do IEA

Lavagem sem Água e Outras Histórias de Inovação: Acelerando a Pesquisa em Inovação Social foi o tema da conferência que Richard A. Williams, diretor do College of Engineering and Physical Sciences e um dos pro-vice-chancellors da University of Birmingham, Reino Unido, fez no dia 12 de maio, no IEA.



Mario Sergio Salerno, Richard A. Williams e Leonardo Augusto de Vasconcelos Gomes

Segundo Williams, há uma necessidade global de se maximizar a sustentabilidade social de alimentos, energia e água. Na conferência, ele apresentou duas histórias extraordinárias de inovação com implicações diretas no meio ambiente: “Ambas surgem da pesquisa universitária fundamental transposta para as necessidades da sociedade e apresentam inovações radicais que rompam com as práticas sociais atuais”.

A primeira história contada por Williams descreveu a trajetória, da descoberta à comercialização, de um novo método de lavagem doméstica e industrial praticamente livre da utilização de água e com economia de energia.

A segunda referiu-se a um método para o armazenamento de energia no ar líquido (resfriado a tem-

peraturas extremamente baixas), com aplicações na propulsão de automóveis e na refrigeração. De acordo com Williams, essa pesquisa é a base de um novo e importante centro da University of Birmingham, sendo reconhecida e financiada como uma das Oito Grandes Tecnologias Britânicas.

A palestra destacou as questões relacionadas com a procura pela aplicação de ideias radicais e o papel das universidades, governo e parceiros industriais no trabalho conjunto com a finalidade de fazer inovações de ruptura comercial ganharem força na sociedade.

O evento foi em inglês (com tradução simultânea) e teve apresentação de Mário Salerno, professor da Escola Politécnica (Poli) da USP e coordenador do Observatório da Inovação e Competitividade/NAP (OIC) do IEA. Leonardo Augusto de Vasconcelos Gomes, da Poli-USP e integrante do OIC, foi o debatedor.

📺 **VÍDEO** goo.gl/QOPjya

31 de julho

OCTAVIO PAZ Y LA POLÍTICA

Francisco Javier Garcíadiego Dantán (Colegio do México), Celso Lafer (Fapesp), Carlos Guilherme Mota (Biblioteca Brasileira) e Jorge Schwartz (Museu Lasar Segall)
Sala Ruy Leme da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP

Octavio Paz (1914–1998) foi um escritor com duas faces (poeta e ensaísta) que viveu simultaneamente em dois séculos 20 – “o mexicano e o mundial, nem sempre coincidentes” – e em três continentes, segundo o historiador Francisco Javier Garcíadiego Dantán, presidente do Colegio de México.

Partidário quando jovem das Revoluções Mexicana e Soviética, Paz se desiludiu com elas na metade do século 20 e, “testemunha sempre atenta dos diversos períodos, porém visionário também por sua perspectiva poética, percebeu que a partir do final dos anos 60 o mundo enfrentaria numerosas revoltas de todo tipo, sendo a estudantil a primeira”.

No entender de Dantán, é certo que “a Revolução Cubana e logo depois a sandinista fizeram-no desconfiar desse tipo de processo, pois não o considerava a solução para os problemas do homem do último terço do século 20: abandonando sua velha e primeira rebeldia, Paz passou a comprometer-se com os reclamos democráticos”.

A trajetória do envolvimento e do posicionamento político do poeta, ensaísta e diplomata mexicano foi o tema da conferência “Octavio Paz e a Política”, proferida por Dantán no dia 31 de julho, evento organizado pelo IEA-USP e pelo Colegio de México em comemoração ao centenário de nascimento do escritor.

Os comentadores da conferência foram o historiador Carlos Guilherme Mota, diretor da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e primeiro diretor do IEA-USP, e Celso Lafer, presidente da Fapesp, professor titular da Faculdade de Direito (FD) da USP e aluno de Octavio Paz na Cornell University, EUA, em 1966, num curso sobre teoria e prática da poesia a partir do simbolismo. A moderação do evento foi de Jorge Schwartz, diretor do Museu Lasar Segall e professor da FFLCH-USP.

Cenário mexicano

Dantán começou sua exposição lembrando que Paz nasceu quando o século 20 histórico mexicano, iniciado com a revolução de 1910, tinha quatro anos de idade, mesmo momento em que começava o século 20 histórico da Europa, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

De acordo com o historiador, a infância e a juventude de Paz transcorreram em cenários mexicanos e apenas em 1937 ele se interessou pelo que acontecia no exterior. “Viveu seus anos estritamente mexicanos no seio de uma família intimamente vinculada à política e à história do país”.

Ireneo Paz, o avô, foi um militar nascido em 1836 que se envolveu diretamente nas lutas políticas do século 19, combatendo a intervenção francesa e tornando-se um seguidor de Porfírio Dias (1830-1915), militar e líder político que controlou o México de 1876 a 1911, mesmo no período em que esteve fora da presidência. Segundo Dantán, Ireneo Paz era “mais porfirista que liberal e mais militarista que democrático”.

Por sua vez, Octavio Ireneo Paz, o pai, “foi um homem devorado por suas constantes derrotas políticas e por seu irrefreável gosto pelo álcool”. Para o poeta, “a proximidade com o avô tinha como objetivo suprir a ausência do pai”.

O pai, desde jovem, “mostrou seus interesses políticos e logo também mostrou que eles eram diferentes

dos de Ireneo, avô do poeta”, tendo se incorporado às forças de Emiliano Zapata, cujos acampamentos se encontravam um pouco mais ao sul de Mixcoac, povoado onde habitava a família.

Dantán detalhou o quadro político e cultural da adolescência e juventude de Octavio Paz: “Se sua infância tinha conhecido a Revolução, sua adolescência transcorreu junto com uma extraordinária instabilidade nacional e mundial”. Foi o período da Guerra Cristera (levante popular contra as disposições anticlericais da Constituição Mexicana) e da violência eleitoral. No âmbito internacional, ocorreu a Crise de 29, que “teve impactos enormes no país e na família de Paz”.

Ainda secundarista, o poeta participou da campanha do escritor, educador e filósofo José Vasconcelos (1882-1959) para a presidência do México. Vasconcelos “seguramente havia compartilhado com o pai de Octavio Paz algumas experiências revolucionárias”, comentou o conferencista.

Dantán explicou que a derrota do vasconcelismo desiludiu os jovens e a gravidade da Crise de 29 levou muitos a pensar no desaparecimento do capitalismo e da democracia. Foi nesse clima e contexto, segundo ele, que Paz e outros de sua geração simpatizaram com as organizações e a ideologia comunistas. Segundo o historiador, um dos primeiros empregos de Paz foi como redator em “El Popular”, o órgão oficial da Confederação de Trabalhadores do México, central operária pró-soviética criada em 1936.

Inícios

De acordo com o conferencista, o início político de Paz coincidiu, cronológica e ideologicamente, com seu início poético: “Sua revista ‘Barandal’ era abertamente pró-soviética, e, além do mais, abertamente o foi sua aventura editorial seguinte, os ‘Cadernos Del Valle de México’”.

Em 1933, publicou seu primeiro livro de poesias, “Luna Silvestre”, com sete poemas de temática amorosa. Sua publicação seguinte, em 1936, “foi uma poesia abertamente política chamada ‘¡No Pasarán!’”, sobre a recém-instalada Guerra Civil Espanhola”.

O ano 1937 foi decisivo na vida do poeta. Abandonou a carreira em direito, casou-se com Elena Garro e publicou seu segundo poemário, “Raíz del Hombre”, “pelo qual mostrou suas duas facetas: a do ho-

mem comprometido com seu tempo e a do artista plenamente voltado a sua literatura.”

“Motivado pela política social do então presidente Lázaro Cárdenas, Paz se mudou para a zona rural do estado de Yucatán, para colaborar na campanha de alfabetização que fora lançada.” Segundo o conferencista, Paz ficou impressionado com a pobreza dos maias do século 20 e a riqueza arquitetônica e artística dos maias históricos. “Desde então mostrou sua dupla percepção: a visão dicotômica que conservaria ao longo da vida, entre arte e política, entre passado e presente.”



Francisco Javier Garciadiegó Dantán

Decepção

Em 1937, Paz foi convidado para o Segundo Congresso Internacional de Escritores em Defesa da Cultura, que aconteceria em Valência, uma vez que Madri já estava sendo muito assediada pelas tropas franquistas. A Liga de Escritores e Artistas Revolucionários (Lear) se responsabilizou pela organização da comitiva mexicana. “Paz não integrava a Lear, mas seguramente a publicação de ‘¡No Pasarán!’ justificou sua inclusão na comitiva.”

Na opinião de Paz, de acordo com Dantán, “seu primeiro contato com a política comunista mundial [no congresso] foi suficiente para colocá-lo de sobreaviso a respeito do autoritarismo e da intolerância desta: a cruel censura a André Gide foi uma dura decepção, ainda que não tenha dado lugar a seu desligamento”.

“Paz regressou da Espanha intimamente comprometido com o grupo republicano e com a política cardenista, especialmente com a expropriação petrolífera do início de 1938.” A partir de então, Paz foi um autor constante em várias revistas literárias e em algumas vinculadas ao comunista mexicano pró-soviético Vicente Lombardo Toledano.

No entanto, o assassinato de Trotsky, em agosto de 1940, “deu lugar ao início de seu desencanto, que seguramente se agravou em razão de seu rompimento com Pablo Neruda”, então radicado no México. “Deixou de publicar nos jornais de ‘esquerda’ e começou a escrever para o diário ‘Novedades’, propriedade de um renomado empresário vinculado ao governo pós-revolucionário.”

Diplomacia

Na época, Paz recebeu uma bolsa da Fundação Guggenheim e se radicou nos Estados Unidos até 1943. Pouco depois iniciou sua carreira diplomática, “situação que o obrigou a acelerar seu afastamento do comunismo”. Nessa época, começou a escrever sobre a política internacional.

Comissionado na França de 1946 a 1951, teve contato com os surrealistas, alguns dos quais, como Breton e Artaud, havia conhecido no México. “O impacto do surrealismo em sua obra é inquestionável e o levou a afastar-se da arte nacionalista e revolucionária mexicana.”

Seus anos como diplomata o obrigaram a enterrar seu radicalismo ideológico. A política, e em particular a diplomacia, começou a ser uma responsabilidade profissional, disse Dantán. Foi então que Paz “começou a distinguir entre realidade e ideologia, entre possibilidade e esperança”.

Esse primeiro emprego estável, possibilitou-lhe “esquecer as angústias da sobrevivência cotidiana e escrever com mais regularidade, mas sem pressa.” O resultado foram duas de suas maiores obras: em 1946, “Libertad bajo Palabra”, primeira coletânea poética; em 1947, o ensaio “El Laberinto de la Soledad”, “uma audaciosa análise sociopsicológica da natureza do mexicano”.

Oriente

Em 1959, um ano divisor de águas para Paz, publicou a versão definitiva de “Libertad bajo Palabra” e voltou a sair do país em missão diplomática, com uma breve estada em Paris e depois atuando no Japão e na Índia. “No Oriente, tudo seria descobrimento e experimentação. É indubitável que Paz adquiriu uma segunda perspectiva cultural na Índia; mais ainda, desenvolveu uma nova sensibilidade.”

“Em termos gerais, talvez se possa dizer que Paz foi o primeiro intelectual mexicano autenticamente universal, pois Alfonso Reyes [1889-1959] nunca se interessou pela cultura oriental e Vasconcelos teve

uma relação ríspida com a cultura ocidental.”

A carreira diplomática de Paz terminou abruptamente em outubro de 1968. Quando soube da cruel repressão aos estudantes que tinham se reunido na Praça de Tlatelolco, apresentou sua renúncia ao posto de embaixador na Índia. “Seguramente, esse foi o maior conflito em toda sua biografia política e intelectual. Sua renúncia deve ser vista como elemento decisivo para a redefinição das relações entre os intelectuais e o governo mexicano.”

Esse rompimento permitiu-lhe “dedicar mais tempo à sua poesia, ter mais soltura para sua obra ensaística e mais liberdade e independência para suas análises políticas”. Voltou ao México dois anos depois, após passar por universidades americanas e europeias, “nas quais seu ato de rebeldia contra o governo lhe rendeu enorme visibilidade e prestígio”.

Retorno

De volta ao México, Paz dedicou o restante da vida a escrever e a “ter uma vida pública muito ativa, com opiniões sobre os principais problemas nacionais e internacionais”.

Era um dos que defendiam mudanças políticas e sociais profundas e pacíficas. Em 1971, fundou a revista “Plural”, dedicada à cultura e à política e patrocinada pelo jornal “Excélsior”, o maior do México.

Na primeira metade dos anos 70, o México “viveu uma grave indefinição: a classe política não sabia que caminho tomar rumo ao futuro imediato e a oposição oscilava entre a violência e a organização política independente e pacífica”. Paz optou pela última opção e, contradizendo seu perfil apartidário, apoiou a criação do Partido Mexicano dos Trabalhadores, do qual logo se desligou, “diante das divergências demonstradas já no início do movimento e pelo receio que sempre teve da militância partidária”.

O conferencista lembrou que o afastamento definitivo de Paz do governo do presidente Luis Echeverría Álvares aconteceu quando o governo usou, em meados de 1976, um conflito trabalhista como pretexto para apoiar uma mudança na direção do jornal “Excélsior”, o que afetou a revista “Plural”.

Se Echeverría queria calar a crítica, o efeito foi o inverso: “Parte dos produtores do jornal fundou a revista ‘Proceso’, com uma posição crítica radical e personalista; Paz e seus companheiros de ‘Plural’ criaram ‘Vuelta’. Os dois grupos acabaram se dis-

tanciando, com ‘Proceso’ exacerbando suas posições e Paz e ‘Vuelta’ dedicando-se não só a crítica aos regimes autoritários e ditatoriais da América Latina, começando pelo México, mas também aos regimes e movimentos opositores de esquerda”.

Na verdade, o ponto central da discórdia foi o apoio ou a crítica a Cuba: “O ambiente intelectual mexicano praticamente se dividiu em dois, e assim se manteria até a morte de Paz; a divisão inclusive transcendeu sua morte e se mantém hoje em dia”.

Confrontos

Dantán citou alguns episódios que exemplificam o grau de confronto entre os dois grupos. Um deles foi quando Paz completou 70 anos e a rede Televisa fez uma série de programas sobre ele e o governo organizou uma calorosa celebração. Nessa ocasião, “intelectuais e políticos de esquerda criticaram a proximidade entre Paz e a Televisa, assim como sua simpatia pelo presidente De la Madrid”.

Durante os anos 80, segundo o conferencista, Paz e seu grupo defendiam que a ideologia do nacionalismo revolucionário, caracterizada pela tentativa de redefinir a estrutura social do país por meio de uma política econômica estatista, era cada vez mais anacrônica em relação às mudanças pelas quais o mundo passava: “O que buscavam era que o Estado mexicano fosse delimitado, passo imprescindível para a democratização do país”.

As críticas a ele se acentuaram pouco depois, quando Paz recebeu o Prêmio da Paz do Comércio Livre Alemão na Feira do Livro de Frankfurt e, no seu discurso, criticou o governo sandinista da Nicarágua. “As respostas da esquerda mexicana foram assombrosamente violentas.”

Em 1988, foi criticado pela esquerda por ter comemorado o surgimento da oposição eleitoral no país e criticado a negativa de Cuauhtémoc Cárdenas (candidato da situação) em reconhecer os resultados oficiais das eleições, que apontaram sua derrota e foram considerados uma fraude pela esquerda. Na ocasião, de acordo com Dantán, Paz assinalou que a democratização do México não aconteceria se a esquerda triunfasse, “cujo projeto governamental lhe parecia mais uma ameaça”.

Os anos 90 foram os da consagração mundial do escritor, que em 1990 recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. O período também é marcado por mais polêmicas e pelo início do declínio físico de Paz.

Em 1989, outro motivo de conflitos foram as críticas de Paz a Fidel Castro “por seus 30 anos de domínio absoluto do regime”.

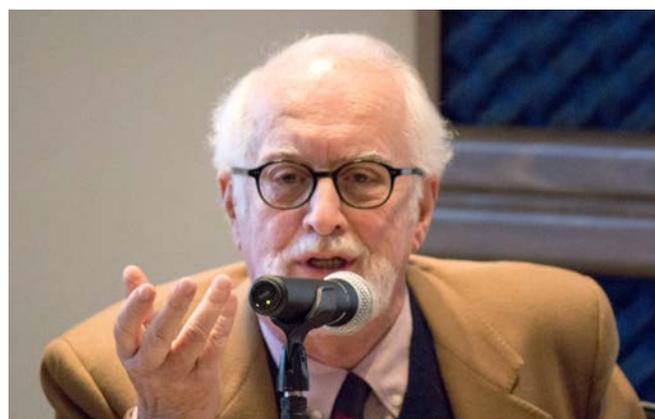
No princípio da década, houve o último debate público de Paz. Trata-se do apoio governamental ao “Colóquio de Inverno”, em que houve uma diferenciação entre os que sustentavam posições liberais, a favor de um Estado limitado, e aqueles que oscilavam entre o estatismo e a esquerda. “Para Paz, tratava-se de questionar a permanência do ‘ogro filantrópico’.” As consequências do debate envolveram o escritor, que renunciou ao cargo honorário que tinha no Conselho Nacional para a Cultura e as Artes, “organismo criado pelo presidente Carlos Salinas de Gortari para aproximar os intelectuais e artistas do aparelho governamental”.

No entanto, nessa fase final da vida, “por um momento ressurgiu nele a esperança na rebelião; compreensivelmente, o filho de um zapatista recebeu com certa simpatia a eclosão da rebelião neozapatista no sudeste do México no início de 1994”.

Independência

Nos seus comentários à conferência, Carlos Guilherme Mota disse que Dantán apresentou “uma nova visão de Octávio Paz, revelando como o intelectual transitou em dois séculos, iluminando nossas culturas com intensa atividade e espírito de independência”.

“Além da questão social sempre presente, impressiona no trabalho de Paz suas preocupações com a história, com a sociologia, com a poética, com a linguagem, com a inserção sofisticada da vida social e do cotidiano nas estruturas maiores de seu tempo, que ainda é o nosso”, disse o historiador brasileiro. Mota destacou que Paz, “além das heranças da revolução em seu país, soube como poucos dialetizar os grandes acontecimentos mundiais e suas refrações



Carlos Guilherme Mota

na América Latina e também dialogar com os principais estudiosos e literatos de seu tempo”.

“Ele ampliou – como poucos o fizeram – os próprios conceitos de cultura, de crítica e de história, ao resgatar e estudar, criticar, combater ou aprovar posições de grandes explicadores, escritores e produtores culturais”. Ao mesmo tempo, as críticas de Paz “ao marxismo dogmático, ao populismo e ao autoritarismo em geral foram a razão de muitas incompreensões e críticas ásperas”, destacou Mota, para quem a principal lição deixada por Paz é a defesa da independência intelectual.

Na sua participação como comentador, Celso Lafer destacou que Dantán, ao discutir na conferência os tempos e cenários em que viveu e atuou Octavio Paz, “proporcionou uma chave para o entendimento da relação do poeta com a política”.

Lafer disse que Paz não só tratou, como seu avô e seu pai, da circunstância mexicana em todas as suas dimensões, mas, em contraste com seus dois ancestrais, também tratou do mundo, “com uma abrangência que não tiveram, como notou o conferencista, dois grandes intelectuais mexicanos da geração anterior à sua, José Vasconcelos e Alfonso Reyes”.

Rebeldia

A qualificação de Paz como “um homem rebelde e um escritor independente”, feita por Dantán, foi frisada por Lafer. Este sugeriu que o escritor “foi um rebelde, porque nunca foi conformista, mas subjacente à sua análise política está o jogo da revolta, da rebeldia, da revolução e do reformismo, uma moldura que ajuda a explicar o seu itinerário”.

Segundo Lafer, “a análise política de Octavio Paz está ligada à sua condição de poeta. Isso provém da sua percepção de que o pacto verbal antecede o pacto social e por isso a análise política passa pelo restabelecimento dos significados e a crítica das máscaras do poder e da política como o teatro dos espelhismos”.

Para exemplificar com palavras do próprio Paz, Lafer leu trecho de conferência do escritor em Sevilla, em novembro de 1991, sobre a democracia: “Não sou historiador nem sociólogo, nem politicólogo: sou um poeta. Meus escritos em prosa estão estreitamente associados a minha vocação literária e as minhas preferências artísticas. Prefiro falar de Marcel Duchamp ou de Juan Ramón Jimenes que de Locke e de Montesquieu. A filosofia política sempre

me interessou, porém nunca tentei nem tentaria escrever um livro sobre a justiça, a liberdade ou a arte de governar. Não obstante, publiquei muitos ensaios e artigos sobre a situação da democracia em nossa época: os perigos externos e internos que a ameaçaram e a ameaçam, as dúvidas e provas que ela enfrenta”.

Segundo Lafer, a paixão de Paz era a liberdade, “pois, como disse no discurso de agradecimento ao receber o Prêmio Tocqueville em 1989, desde cedo compreendeu que a defesa da poesia é inseparável da defesa da liberdade e esta requer, numa dialética de complementaridade, a democracia: ‘sem liberdade a democracia é despotismo; sem democracia a liberdade é uma quimera’”.

 **VÍDEO** goo.gl/KR0wTa

Revista Estudos Avançados

Dando continuidade à sua missão de transformar o conhecimento e a crítica em alavanca do progresso social não só dos brasileiros como de todos os povos “em desenvolvimento”, *Estudos Avançados* publicou no ano de 2014 três edições, 72 artigos, 960 páginas, e quatro mil e quinhentos exemplares impressos, conforme quadro abaixo.

| Dados do ano de 2014 de Estudos Avançados | | |
|---|-------------------|----------------------|
| Artigos publicados | Número de páginas | Exemplares impressos |
| 72 | 960 | 4.500 |

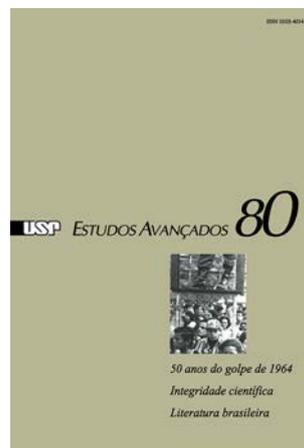
Foi com satisfação que a editoria de *Estudos Avançados* viu confirmado o seu projeto inicial: valer-se do conhecimento multidisciplinar, dentro e fora da universidade, em função de problemas cruciais da sociedade brasileira ou da comunidade internacional, conforme quadro abaixo.

| Dossiês publicados em 2014 de Estudos Avançados | |
|---|---------------------------|
| Fascículo | Dossiê |
| 80 | 50 anos do golpe de 1964 |
| 81 | Trabalho, emprego e renda |
| 82 | Sociedade e ambiente |

Para o levantamento científico dos tópicos dos dossiês, a editoria contou com a competência e a generosidade dos maiores e melhores estudiosos das matérias enfocadas. O espectro dos dossiês é amplo tanto do ponto de vista da informação idônea, lastreada de dados estatísticos precisos, como da interpretação e análise de cada núcleo temático. Congrega estudiosos de diferentes tendências e correntes de pensamento, do Brasil e do Exterior. O leitor é o maior beneficiário desse trabalho, uma vez que normalmente recebe um conjunto de informações de qualidade.

EDIÇÃO 80 DOSSIÊ 50 ANOS DO GOLPE DE 1964

Este número de *Estudos Avançados* abre-se com um dossiê que rememora o golpe político-militar desfechado há exatos 50 anos. Para um segmento mi-



noritário, mas considerável, da população brasileira, a quartelada de 31 de março de 1964 é objeto de memória pessoal ou coletiva. Hoje as testemunhas daquele trauma nacional já passaram da quadra dos 70 anos de idade. São cidadãos e cidadãs nascidos entre os anos 1920 e 1950. Quanto aos demais, a maioria, nascidos a partir dos anos 1960, o golpe tornou-se antes matéria que pertence à História a ser estudada, do que episódio lembrado em âmbito individual. Daí a oportunidade de um dossiê que reconstitua o evento e esclareça as gerações jovens e as já entradas na idade madura.

Para tanto, a edição contempla crônicas da época escritas por intelectuais da envergadura de Otto Maria Carpeaux e Carlos Heitor Cony, que reagiram ao golpe no calor da hora. Mas não só: também acolhe textos de historiadores que interpretaram os fatos à luz de perspectivas diversas. Comentários da grande imprensa norte-americana estão ilustrados em matérias do “New York Times” publicadas nos dias que se seguiram ao golpe. Igualmente é objeto de reflexão o papel da imprensa nacional.

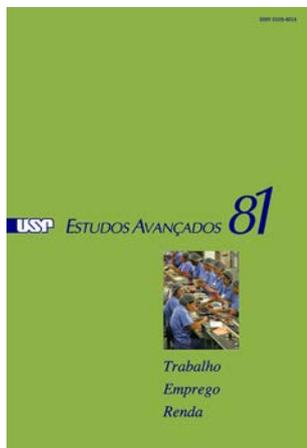
Deu-se atenção a alguns aspectos culturais contemporâneos da ditadura: signos do que se criava naquele período de censura e resistência.

Estudos Avançados agradece ao senador José Luiz del Roio, que nos cedeu matérias do Catálogo da Mostra “Resistir é preciso” de que foi um dos principais curadores. Agradecimentos que se estendem a Fábio Magalhães, organizador do Catálogo da exposição e a Orlando Brito e Evandro Teixeira, que cederam generosamente à revista os direitos de re-

produção de fotos de sua autoria.

📖 EDIÇÃO COMPLETA goo.gl/95qBHF

EDIÇÃO 81 TRABALHO, EMPREGO E RENDA



Estudos Avançados propõe-se a ser uma revista universitária voltada não só para as estruturas recorrentes da vida nacional, como também para eventos que irrompem no tempo e no espaço e alteram de modo significativo as feições de nossa história. Nesse último objetivo centrou-se o número 80 da revista, que contemplou um momento dramático de nosso passado, o golpe de 1964. Neste número 81, o objeto do principal dossiê temático é a conjuntura atual do Brasil como lócus do trabalho, do emprego e do desemprego.

Para tanto foram convidados estudiosos de primeira plana que contribuíram para a apresentação metódica dos dados básicos, extraídos dos censos, das estatísticas e tabelas publicadas por órgãos confiáveis, quer governamentais, quer sindicais. A visão em bloco do estado da questão foi largamente compensada pela pesquisa regional.

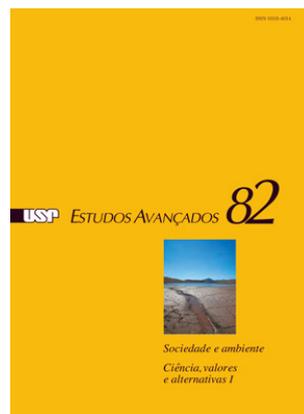
Junto aos dados vêm as interpretações estruturais e conjunturais que buscam entender a complexa rede de interações entre o desempenho relativamente feliz do emprego nos últimos anos e as vicissitudes da política econômica com seus modestos índices de crescimento.

Ao lado do dossiê sobre trabalho e emprego no Brasil, o leitor encontrará textos relativos a problemas conexos: a controversa definição do conceito de classe média nos países emergentes, o tema da aprendizagem e a denúncia reiterada da presença do trabalho escravo.

A editoria agradece aos especialistas no tema, bem como aos representantes de centrais sindicais que enviaram os seus comentários sobre assuntos candentes como o papel da CLT na regulação dos direitos trabalhistas. As centrais formalmente convidadas que não responderam aos nossos quesitos poderão ainda fazê-lo enviando seus depoimentos para os próximos números de *Estudos Avançados*.

📖 EDIÇÃO COMPLETA goo.gl/ILflFG

EDIÇÃO 82 SOCIEDADE E AMBIENTE



Dois são os eixos temáticos que compõem o presente número de *Estudos Avançados*: as relações entre sociedade e ambiente e as recentes propostas de alternativas, em termos de valores, que afetam a ciência contemporânea.

O primeiro eixo enfrenta questões conceituais e históricas relativas ao papel da sustentabilidade na luta pela governança global de bens comuns, como a biodiversidade, o clima, os oceanos. Da teoria o dossiê passa a abordagens pontuais. Alguns exemplos: o debate sobre mudanças climáticas centrado na cidade de São Paulo, as políticas públicas praticadas no Nordeste, o uso do gás “de xisto” no Brasil, a qualidade de água do Reservatório de Guarapiranga, hoje uma questão dramática que faz par com a das áreas já contaminadas na metrópole paulistana.

O segundo eixo comporta a primeira parte do dossiê “Ciência, valores e alternativas”, projeto desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa de Filosofia, História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia, sediado no IEA e coordenado por Hugh Lacey e Pablo Rubén Mariconda. O seu motivo condutor é a reflexão sobre o modelo de interação entre as atividades científicas e os valores. Perpassa nos diversos textos do projeto uma aspiração ética de superar os riscos da mercantilização da ciência bem como os do critério

pesadamente quantitativo que vem, há décadas, prevalecendo na avaliação dos trabalhos acadêmicos. A publicação da segunda parte do dossiê está prevista para o próximo número de *Estudos Avançados*.

📖 EDIÇÃO COMPLETA goo.gl/mtP3ye

Impacto social

O impacto social do conteúdo dos dossiês publicados em *Estudos Avançados*, no Brasil e no Exterior, pode ser medido pelo número de acessos aos artigos no site do periódico na Scielo, onde está entre os 10 títulos mais visitados (Top Ten Titles). De março de 2004 a dezembro de 2014, o número de acessos aos artigos publicados em *Estudos Avançados* foi de 25.698.114 (vinte e cinco milhões, seiscentos e noventa e oito mil e cento e quatorze). Nesse mesmo período, o periódico recebeu 4.875 citações e concedeu 1.642.

A partir de 2006, a Scopus, uma das mais importantes bases bibliográficas internacionais, iniciou o processo de indexação de *Estudos Avançados*. O número 56 – que contém o Dossiê Brasil: o país do futuro – foi o primeiro a constar nas páginas de busca da Scopus. Atualmente, os 26 números seguintes àquela edição estão integralmente indexados nas bases da Scopus, com informações e resumos em português e inglês.

Alunos, professores e pesquisadores que acessam o Portal de Periódicos da Capes também podem desfrutar da coleção completa de *Estudos Avançados*, que também é indexada na base de dados Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia).

| | |
|------------|--|
| 📖 SCOPUS | goo.gl/LCjlfA |
| 📖 CAPES | goo.gl/knR3jA |
| 📖 LILACS | goo.gl/kqhkDx |
| 📖 IBICT | goo.gl/Mmxlue |
| 📖 LATINDEX | goo.gl/NIGXp7 |

Classificação no Programa Qualis-Capes

Pelo fato de ter um perfil editorial bastante singular entre as publicações acadêmicas brasileiras – publica trabalhos sobre temas de cultura humanística, científica e tecnológica –, *Estudos Avançados* é classificada em diferentes áreas do conhecimento no Programa Qualis-Capes. Em suas duas áreas centrais de atuação – Multidisciplinar e Ciências Sociais Aplicadas I –, o conceito do periódico é A2 (Excelência Nacional).

Compromissos, desafios e projetos futuros

É com satisfação que a editoria vê confirmado o seu projeto inicial: valer-se do conhecimento multidisciplinar, dentro e fora da universidade, em função de problemas cruciais da sociedade brasileira ou da comunidade internacional.

No entanto, a editoria acredita que é possível alcançar as seguintes metas:

- Aumentar a projeção de *Estudos Avançados* em âmbito internacional, considerando que os artigos dos dossiês agora podem ser acessados no Scielo em inglês;
- Manter e consolidar sua posição de periódico de maior fator de impacto social na base de dados Scielo;
- Aperfeiçoar o procedimento de convites a especialistas de comprovada reputação em suas áreas de conhecimento para participar com textos dos dossiês definidos pela Mesa editorial do periódico;
- Aperfeiçoar o website do periódico no Portal do IEA.

Os autores interessados podem fazer a submissão online de seus artigos por meio da página do periódico no Scielo Brasil.

📖 PÁGINA NA SCIELO goo.gl/Gpo4Js

Outras Publicações



Lançamento do Livro *O Congresso Nacional, os Partidos Políticos e o Sistema de Integridade*

O CONGRESSO NACIONAL, OS PARTIDOS POLÍTICOS E O SISTEMA DE INTEGRIDADE: REPRESENTAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E CONTROLE INTERINSTITUCIONAL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

José Álvaro Moisés (organizador)
Konrad Adenauer Stiftung, 2014



Este livro reúne os resultados de parte da pesquisa sobre o funcionamento do regime democrático e tem por foco central o estudo do desempenho das instituições de representação e a sua relação com a qualidade da democracia vigente no Brasil. O trabalho é uma contribuição para a agenda de pesquisas empíricas da democracia que vem sendo realizadas

no Brasil nas duas últimas décadas e meia. Apoiado pela Fundação Konrad Adenauer, o estudo envolveu o trabalho de dois pesquisadores sêniores e seis assistentes em torno da atuação de deputados e senadores brasileiros durante as legislaturas de 1995/1998, 1999/2002, 2003/2006 e 2007/2010. Os bancos de dados foram organizados a partir das informações cedidas pelo Centro de Documentação e Informação (CEDI) da Câmara dos Deputados.

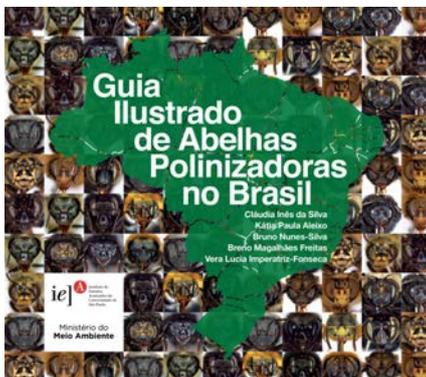
Neste volume são apresentados resultados parciais de estudos que examinaram o papel do Congresso Nacional, o perfil e o desempenho dos representantes eleitos e o apoio dos brasileiros aos partidos políticos. As análises adotam uma perspectiva comparativa com outros países da América Latina e com casos recentes de democratização a fim de avaliar e mensurar a qualidade da democracia brasileira. Nesse sentido, avançam também no exame da representação política das mulheres e do papel do Tribunal de Contas da União (TCU) e da Controladoria Geral da União (CGU) como parte do sistema de integridade que interage com o Congresso Nacional. *Mais informações na pág. 174.*

GUIA ILUSTRADO DE ABELHAS POLINIZADORAS NO BRASIL

Claudia Inês da Silva, Kátia Paula Aleixo, Bruno Nunes-Silva, Breno Magalhães Freitas, Vera Lucia Imperatriz-Fonseca

IEA e Ministério do Meio Ambiente, 2014

O *Guia Ilustrado de Abelhas Polinizadoras no Brasil* introduz o leitor ao modo de vida de algumas espécies de abelhas e sua importância para o ecossistema. O livro apresenta algumas das principais espécies de abelhas polinizadoras no Brasil com fotos, culturas agrícolas que elas polinizam e espécies de plantas que podem ajudar a atrair e manter estas abelhas.



MANEJO DOS POLINIZADORES E POLINIZAÇÃO DAS FLORES DO MARACUJAZEIRO

Cláudia Inês da Silva, Paola Marchi, Kátia Paula Aleixo, Bruno Nunes-Silva, Breno Magalhães Freitas, Carlos Alberto Garófalo, Vera Lucia Imperatriz-Fonseca, Paulo Eugênio Alves Macedo de Oliveira, Isabel Alves-dos-Santos
IEA e Ministério do Meio Ambiente, 2014



Este manual visa a chamar a atenção sobre a dependência de polinização, polinizadores e da conservação do entorno do plantio do maracujá. O manual tenta organizar e ilustrar de maneira acessível as informações sobre o processo de polinização, sua influência na produção, e descrever estratégias de manejo que podem ajudar os produtores a obter melhores ganhos de produção com o maracujá. Caso não atentem para o problema, caberá aos agricultores o custo de substituir as abelhas no processo de polinização. Por outro lado, um esforço para uso sustentável destes polinizadores pode ajudar a ensi-

nar um pouco sobre a interdependência entre todos nós e o ambiente a nossa volta.

SEMINÁRIOS: A ÉTICA E A UNIVERSIDADE

Vários autores

Comissão de Ética da USP, 2014

Coletânea de artigos produzidos a partir do ciclo de seminários *A Ética e a Universidade*, organizado pela Comissão de Ética da USP com o apoio do IEA.

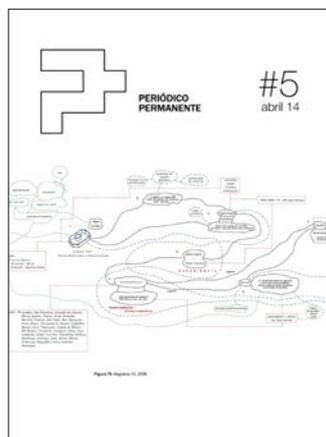


PERIÓDICO PERMANENTE

Vários autores

Fórum Permanente, 2014

Periódico Permanente é a revista digital do Fórum Permanente, o qual opera como uma plataforma para a ação e mediação cultural, nacional e internacionalmente, em diferentes níveis do sistema de arte contemporânea, e que mantém um grupo de pesquisa no IEA. Desde 2012, foram publicados seis números. Com periodicidade trimestral, a publicação visa a organizar e reorganizar editorialmente os diversos conteúdos arquivados na plataforma forumpermanente.org ao longo de seus doze anos de existência.



SCIENTIAE STUDIA

Revista Latino-Americana de Filosofia e História da Ciência



Scientiae Studia visa a difundir estudos críticos (históricos, epistemológicos e éticos) sobre a ciência e a tecnologia, bem como integrar linguística e culturalmente os países da América Latina. O periódico tem por objetivo dar visibilidade à produção acadêmica nas áreas de filosofia e história da ciência sem descuidar das contribuições de áreas afins, como a sociologia da ciência e da tecnologia, a história da técnica, e a filosofia da tecnologia.

Scientiae Studia tem uma linha temática claramente devotada aos estudos filosóficos e históricos sobre a ciência (exata, natural e humana) e ao impacto da aplicação técnica e tecnológica no conjunto da cultura e da sociedade. A revista publica contribuições de autores que buscam entender a ciência como manifestação da cultura e expressão do estágio atual do processo civilizatório analisando os aspectos internos, que podem caracterizar racional e autonomamente a ciência, e detendo-se também no conjunto dos valores sociais que

dão sustentação às práticas científicas e tecnológicas, nas quais se põe a questão da responsabilidade ética e social dos cientistas e tecnólogos.

Conteúdo das edições 2014:

- Nº 1: dedicado às ciências biológicas;
- Nº 2: apresenta uma seleção das melhores contribuições ao projeto "Humanos e animais: os limites da humanidade".
- Nº 3: reúne artigos que percorrem um amplo arco temático que se estende da filosofia, biologia e psicologia aos estudos sociais da ciência.
- Nº 4: inteiramente dedicado à atualização e desdobramentos do modelo da interação entre as atividades científicas e os valores (M-CV).
- Edição Especial: contém textos parcialmente derivados dos artigos entregues na 18ª Conferência Internacional da Sociedade para Filosofia e Tecnologia, "Tecnologia na Era da Informação" (SPT-2013).

IEA na web

O novo site do IEA completou um ano no ar em abril de 2014. De janeiro a dezembro, foram criadas 8.564 novas páginas, dentre as quais 234 notícias, 696 vídeos, 6.048 fotos, 106 cadastros de eventos, 433 novos perfis de pesquisadores e 1.067 páginas de conteúdo diverso.

Principais estatísticas do site:

- Número de visitantes: 152.198, que representa aumento de 29% em relação a 2013;

- Número de sessões: 205.343, que corresponde a um aumento de 26% em relação ao ano anterior.

Outro grande destaque em 2014 foi o expressivo aumento dos acessos às transmissões *online* realizadas pelo Instituto. Com 31.150 visualizações às transmissões via IPTV USP, o IEA aumentou em 211% o público que acompanha suas atividades remotamente.

Estatísticas



Sessões

205.343



Usuários

152.198



Visualizações de página

702.439



Páginas / sessão

3,42



Duração média da sessão

00:02:50



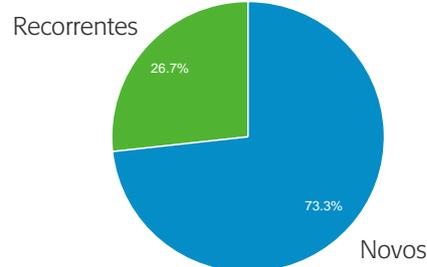
Taxa de rejeição

68,50%



Porcentagem de novas sessões

73,20%



Acesso por canais

| | Agrupamentos por canais | Sessões | Porcentagem de novas sessões | Novos usuários | Páginas / sessão | Duração média da sessão |
|---|-------------------------|---------|------------------------------|----------------|------------------|-------------------------|
| 1 | Organic Search | 128.464 | 79,18% | 101.723 | 3,01 | 02:21 |
| 2 | Direct | 35.706 | 63,40% | 22.638 | 3,74 | 03:40 |
| 3 | Referral | 16.038 | 76,36% | 12.247 | 3,36 | 02:23 |
| 4 | Social | 10.772 | 67,54% | 7.275 | 3,83 | 02:26 |
| 5 | (Other) | 10.455 | 45,06% | 4.711 | 5,62 | 05:44 |
| 6 | Email | 3.892 | 47,12% | 1.834 | 7,38 | 06:09 |
| 7 | Display | 16 | 43,75% | 7 | 2,06 | 04:22 |
| | | 205.343 | 73,26% | 150.435 | 3,42 | 02:50 |

Acesso por Países



| | País | Sessões | Porcentagem de novas sessões | Novos usuários | Páginas / sessão | Duração média da sessão |
|----|----------------|---------|------------------------------|----------------|------------------|-------------------------|
| 1 | Brazil | 184.414 | 72,12% | 133.008 | 3,58 | 03:00 |
| 2 | United States | 4.403 | 81,47% | 3.587 | 2,01 | 01:12 |
| 3 | Portugal | 2.798 | 87,67% | 2.453 | 1,72 | 01:08 |
| 4 | France | 1.794 | 71,96% | 1.291 | 2,59 | 02:01 |
| 5 | United Kingdom | 1.104 | 82,25% | 908 | 1,89 | 00:58 |
| 6 | Germany | 1.012 | 75,10% | 760 | 2,91 | 01:45 |
| 7 | Spain | 854 | 85,36% | 729 | 2,03 | 00:54 |
| 8 | India | 682 | 92,08% | 628 | 1,41 | 00:51 |
| 9 | Canada | 555 | 86,49% | 480 | 2,00 | 01:25 |
| 10 | (not set) | 511 | 85,32% | 436 | 1,61 | 01:01 |
| 11 | Italy | 504 | 83,13% | 419 | 2,24 | 01:26 |
| 12 | Argentina | 449 | 91,09% | 409 | 1,90 | 01:05 |
| 13 | Mexico | 400 | 84,50% | 338 | 2,17 | 01:17 |
| 14 | Netherlands | 369 | 84,28% | 311 | 1,51 | 00:55 |
| 15 | Australia | 364 | 80,77% | 294 | 1,63 | 01:00 |
| 16 | Chile | 352 | 81,53% | 287 | 2,21 | 00:59 |
| 17 | Angola | 351 | 92,88% | 326 | 1,58 | 00:59 |
| 18 | Mozambique | 344 | 89,53% | 308 | 1,72 | 01:09 |
| 19 | Colombia | 323 | 86,07% | 278 | 2,23 | 01:59 |
| 20 | Peru | 322 | 81,06% | 261 | 1,79 | 01:07 |
| 21 | Japan | 225 | 86,22% | 194 | 2,54 | 01:35 |
| 22 | Switzerland | 197 | 89,34% | 176 | 2,25 | 01:05 |
| 23 | Belgium | 151 | 80,79% | 122 | 2,75 | 02:53 |
| 24 | Costa Rica | 119 | 72,27% | 86 | 3,63 | 02:09 |
| 25 | Uruguay | 110 | 88,18% | 97 | 2,08 | 01:14 |
| | | 205.343 | 73,26% | 150.435 | 3,42 | 02:50 |

Acesso por Estados



| Estado | Sessões | Porcentagem de novas sessões | Novos usuários | Páginas / sessão | Duração média da sessão |
|-----------|---------|------------------------------|----------------|------------------|-------------------------|
| 1 SP | 100.476 | 61,28% | 61.569 | 4,94 | 04:22 |
| 2 RJ | 14.310 | 82,77% | 11.844 | 1,89 | 01:21 |
| 3 MG | 10.739 | 85,65% | 9.198 | 1,88 | 01:20 |
| 4 PR | 7.412 | 84,96% | 6.297 | 2,09 | 01:19 |
| 5 BA | 6.624 | 86,75% | 5.746 | 1,81 | 01:18 |
| 6 DF | 6.516 | 79,77% | 5.198 | 2,40 | 01:39 |
| 7 RS | 6.516 | 87,85% | 5.724 | 2,02 | 01:21 |
| 8 SC | 4.303 | 85,17% | 3.665 | 1,84 | 01:12 |
| 9 CE | 3.954 | 84,85% | 3.355 | 1,78 | 01:20 |
| 10 PE | 3.066 | 87,83% | 2.693 | 1,78 | 01:08 |
| 11 GO | 2.873 | 86,98% | 2.499 | 1,91 | 01:21 |
| 12 PB | 2.238 | 86,46% | 1.935 | 1,97 | 01:37 |
| 13 PA | 2.163 | 82,57% | 1.786 | 2,24 | 02:00 |
| 14 ES | 1.789 | 87,53% | 1.566 | 1,82 | 01:25 |
| 15 AM | 1.527 | 87,82% | 1.341 | 1,83 | 01:25 |
| 16 RN | 1.520 | 86,18% | 1.310 | 1,88 | 01:16 |
| 17 MT | 1.325 | 83,85% | 1.111 | 2,14 | 01:45 |
| 18 MS | 1.207 | 85,75% | 1.035 | 2,02 | 01:41 |
| 19 MA | 1.118 | 89,09% | 996 | 1,85 | 01:27 |
| 20 AL | 946 | 89,96% | 851 | 1,58 | 01:01 |
| 21 PI | 869 | 88,84% | 772 | 1,75 | 01:05 |
| 22 SE | 847 | 85,48% | 724 | 1,85 | 01:26 |
| 23 RO | 695 | 84,60% | 588 | 1,94 | 01:32 |
| 24 TO | 596 | 86,07% | 513 | 2,06 | 01:43 |
| 25 AP | 226 | 93,36% | 211 | 1,81 | 01:27 |
| 26 RR | 215 | 86,51% | 186 | 2,13 | 01:42 |
| 27 AC | 188 | 81,38% | 153 | 1,69 | 01:39 |
| (not set) | 154 | 91,56% | 141 | 1,42 | 00:49 |
| (not set) | 2 | 50,00% | 1 | 3,00 | 00:54 |
| | 184.414 | 72,12% | 133.008 | 3,58 | 03:00 |

Acesso por Cidades

| | Cidade | Sessões | Porcentagem de novas sessões | Novos usuários | Páginas / sessão | Duração média da sessão |
|-----------|-----------------------|------------|------------------------------|----------------|------------------|-------------------------|
| 1 | Sao Paulo | 74.218 | 55,25% | 41.009 | 5,86 | 05:17 |
| 2 | (not set) | 21.386 | 84,46% | 18.063 | 1,96 | 01:23 |
| 3 | Rio de Janeiro | 9.480 | 82,74% | 7.844 | 1,91 | 01:20 |
| 4 | Brasília | 5.540 | 79,91% | 4.427 | 2,35 | 01:37 |
| 5 | Belo Horizonte | 5.025 | 84,80% | 4.261 | 1,89 | 01:18 |
| 6 | Salvador | 3.925 | 85,35% | 3.350 | 1,84 | 01:18 |
| 7 | Curitiba | 3.065 | 83,30% | 2.553 | 2,11 | 01:15 |
| 8 | Campinas | 3.020 | 82,09% | 2.479 | 2,19 | 01:30 |
| 9 | Porto Alegre | 2.545 | 86,56% | 2.203 | 2,09 | 01:26 |
| 10 | Fortaleza | 2.438 | 83,80% | 2.043 | 1,87 | 01:18 |
| 11 | Ribeirao Preto | 2.112 | 78,93% | 1.667 | 2,36 | 01:17 |
| 12 | Sao Carlos | 2.099 | 49,26% | 1.034 | 2,75 | 03:58 |
| 13 | Recife | 2.055 | 87,40% | 1.796 | 1,78 | 01:07 |
| 14 | Goiania | 1.803 | 87,24% | 1.573 | 1,90 | 01:21 |
| 15 | Florianopolis | 1.589 | 82,44% | 1.310 | 2,01 | 01:20 |
| 16 | Belem | 1.336 | 82,11% | 1.097 | 2,26 | 02:02 |
| 17 | Santo Andre | 1.289 | 77,04% | 993 | 2,06 | 01:32 |
| 18 | Vitoria | 1.213 | 86,89% | 1.054 | 1,90 | 01:29 |
| 19 | Sao Jose dos Campos | 1.182 | 80,29% | 949 | 2,15 | 01:48 |
| 20 | Santos | 1.046 | 83,94% | 878 | 2,20 | 02:34 |
| 21 | Manaus | 999 | 88,39% | 883 | 1,85 | 01:24 |
| 22 | Osasco | 995 | 79,70% | 793 | 2,18 | 01:19 |
| 23 | Natal | 992 | 87,20% | 865 | 1,91 | 01:21 |
| 24 | Sao Bernardo do Campo | 922 | 80,59% | 743 | 2,22 | 01:22 |
| 25 | Joao Pessoa | 914 | 83,37% | 762 | 2,04 | 01:40 |
| 26 | Cuiaba | 876 | 83,68% | 733 | 2,37 | 02:00 |
| 27 | Lisbon | 855 | 86,67% | 741 | 1,92 | 01:10 |
| 28 | Uberlandia | 798 | 87,09% | 695 | 1,92 | 01:35 |
| 29 | Paris | 794 | 68,77% | 546 | 2,73 | 01:33 |
| 30 | Sorocaba | 766 | 82,11% | 629 | 2,10 | 01:21 |
| 31 | Maringa | 748 | 86,63% | 648 | 2,05 | 01:14 |
| 32 | Niteroi | 741 | 78,68% | 583 | 2,13 | 01:46 |
| 33 | Londrina | 714 | 86,69% | 619 | 2,06 | 01:19 |
| 34 | Campo Grande | 679 | 84,83% | 576 | 2,06 | 01:35 |
| 35 | Sao Luis | 674 | 89,61% | 604 | 1,89 | 01:37 |
| 36 | Santa Maria | 671 | 82,12% | 551 | 2,07 | 01:14 |
| 37 | Bauru | 669 | 81,02% | 542 | 2,11 | 01:56 |
| 38 | Presidente Prudente | 630 | 84,92% | 535 | 1,89 | 01:12 |
| 39 | Teresina | 623 | 87,96% | 548 | 1,85 | 01:12 |
| 40 | Piracicaba | 601 | 82,20% | 494 | 2,42 | 01:27 |
| 41 | New York | 589 | 69,27% | 408 | 3,38 | 02:12 |
| 42 | Maceio | 568 | 91,73% | 521 | 1,69 | 01:09 |
| 43 | Aracaju | 542 | 85,06% | 461 | 1,86 | 01:26 |
| 44 | Jundiai | 503 | 77,93% | 392 | 2,34 | 01:49 |
| 45 | Carapicuiaba | 445 | 80,45% | 358 | 2,18 | 01:41 |
| 46 | Joinville | 441 | 84,13% | 371 | 1,54 | 01:02 |
| 47 | Campina Grande | 433 | 89,84% | 389 | 2,18 | 01:44 |
| 48 | London | 433 | 81,52% | 353 | 1,83 | 01:07 |
| 49 | Palmas | 416 | 84,62% | 352 | 2,06 | 01:58 |
| 50 | Cascavel | 404 | 87,87% | 355 | 1,98 | 01:31 |
| | | 205.343 | 73,26% | 150.435 | 3,42 | 02:50 |

Acesso por Idioma

| | Idioma | Sessões | Porcentagem de novas sessões | Novos usuários | Páginas / sessão | Duração média da sessão |
|----|--------|---------|------------------------------|----------------|------------------|-------------------------|
| 1 | pt-br | 170.313 | 73,29% | 124.827 | 3,49 | 02:56 |
| 2 | en-us | 20.753 | 67,33% | 13.973 | 3,77 | 03:05 |
| 3 | pt-pt | 3.383 | 85,13% | 2.880 | 1,86 | 01:16 |
| 4 | en | 1.710 | 89,01% | 1.522 | 1,45 | 00:57 |
| 5 | es | 1.519 | 84,13% | 1.278 | 2,36 | 01:35 |
| 6 | fr | 1.377 | 78,00% | 1.074 | 2,45 | 01:17 |
| 7 | en-gb | 1.097 | 67,55% | 741 | 2,54 | 01:40 |
| 8 | es-es | 887 | 77,00% | 683 | 2,14 | 01:15 |
| 9 | de | 544 | 79,60% | 433 | 2,73 | 01:43 |
| 10 | fr-fr | 522 | 70,88% | 370 | 2,67 | 01:33 |
| | | 205.343 | 73,26% | 150.435 | 3,42 | 02:50 |

Origem do Tráfego

| | Origem/mídia | Sessões | Porcentagem de novas sessões | Novos usuários | Páginas / sessão | Duração média da sessão |
|----|------------------------------|---------|------------------------------|----------------|------------------|-------------------------|
| 1 | google / organic | 126.135 | 79,21% | 99.910 | 2,98 | 02:21 |
| 2 | (direct) / (none) | 35.707 | 63,40% | 22.638 | 3,74 | 03:40 |
| 3 | facebook.com / referral | 5.704 | 65,29% | 3.724 | 2,92 | 02:44 |
| 4 | www5.usp.br / referral | 4.416 | 81,50% | 3.599 | 3,03 | 02:00 |
| 5 | convite / e-mail | 2.851 | 54,19% | 1.545 | 3,56 | 03:54 |
| 6 | m.facebook.com / referral | 1.950 | 70,31% | 1.371 | 8,84 | 02:09 |
| 7 | l.facebook.com / referral | 1.544 | 65,48% | 1.011 | 2,80 | 02:56 |
| 8 | boletim 202 / e-mail | 1.209 | 55,25% | 668 | 3,18 | 02:48 |
| 9 | convite / email | 1.145 | 41,05% | 470 | 12,92 | 09:45 |
| 10 | facebook / imagem | 983 | 38,66% | 380 | 9,83 | 10:39 |
| 11 | bing / organic | 908 | 73,57% | 668 | 2,27 | 01:46 |
| 12 | yahoo / organic | 823 | 74,97% | 617 | 8,51 | 04:53 |
| 13 | eventos.usp.br / referral | 776 | 53,09% | 412 | 2,87 | 02:58 |
| 14 | boletim 207 / email | 775 | 49,81% | 386 | 2,81 | 02:54 |
| 15 | infoescola.com / referral | 697 | 95,84% | 668 | 1,71 | 00:30 |
| 16 | boletim / email | 687 | 62,74% | 431 | 8,93 | 07:25 |
| 17 | google.com.br / referral | 638 | 77,12% | 492 | 4,78 | 02:57 |
| 18 | boletim 203 / e-mail | 601 | 38,27% | 230 | 2,88 | 03:25 |
| 19 | agencia.fapesp.br / referral | 577 | 63,95% | 369 | 2,49 | 01:51 |
| 20 | a seguir 13 / email | 556 | 50,90% | 283 | 2,18 | 01:44 |
| 21 | t.co / referral | 529 | 61,25% | 324 | 1,79 | 01:22 |
| 22 | newsletter / link | 502 | 43,03% | 216 | 3,16 | 03:23 |
| 23 | boletim 206 / e-mail | 473 | 41,44% | 196 | 6,21 | 05:39 |
| 24 | ask / organic | 448 | 87,50% | 392 | 1,94 | 01:09 |
| 25 | google.fr / referral | 430 | 91,16% | 392 | 3,10 | 00:50 |
| | | 205.343 | 73,26% | 150.435 | 3,42 | 02:50 |

Páginas mais acessadas

| | Página | Visualizações de página | Visualizações de páginas únicas | Tempo médio na página | Entradas |
|----|---|-------------------------|---------------------------------|-----------------------|----------|
| 1 | / | 47.462 | 28.805 | 02:09 | 23.506 |
| 2 | /iea | 14.481 | 9.662 | 00:29 | 808 |
| 3 | /revista | 14.306 | 10.647 | 00:58 | 6.598 |
| 4 | /eventos | 12.841 | 7.698 | 00:59 | 1.529 |
| 5 | /aovivo | 11.696 | 8.127 | 2:54 | 4.834 |
| 6 | /midiateca | 7.278 | 4.811 | 00:28 | 571 |
| 7 | /pesquisa | 6.309 | 4.144 | 00:25 | 159 |
| 8 | /noticias | 5.772 | 3.179 | 00:32 | 251 |
| 9 | /revista/edicoes | 5.575 | 4.642 | 03:14 | 1.051 |
| 10 | /publicacoes | 5.377 | 3.956 | 00:36 | 234 |
| 11 | /midiateca/video | 5.286 | 2.866 | 00:37 | 246 |
| 12 | /pessoas | 5.211 | 3.304 | 00:25 | 153 |
| 13 | /noticias/um-olhar-interdisciplinar-sobre-a-seca-em-sao-paulo | 4.314 | 3.909 | 03:50 | 3.756 |
| 14 | /noticias/azizabsaber.html | 4.171 | 3.666 | 05:10 | 3.585 |
| 15 | /login | 4.017 | 2.760 | 00:29 | 1.124 |
| 16 | /revista/assuntos | 3.293 | 1.590 | 00:33 | 96 |
| 17 | /login_form | 3.267 | 2.432 | 00:22 | 23 |
| 18 | /midiateca/video/videos-2014 | 2.990 | 1.894 | 00:53 | 212 |
| 19 | /en | 2.920 | 1.715 | 00:54 | 582 |
| 20 | /publicacoes/textos | 2.698 | 1.924 | 01:07 | 808 |
| 21 | /pessoas/expositores | 2.649 | 965 | 00:39 | 74 |
| 22 | /noticias/manifestacoes | 2.605 | 2.296 | 04:36 | 2.271 |
| 23 | /pesquisa/grupos | 2.598 | 1.614 | 00:37 | 34 |
| 24 | /iea/quem-somos | 2.556 | 1.872 | 00:42 | 129 |
| 25 | /midiateca/foto/eventos-2014 | 2.448 | 1.294 | 00:34 | 33 |
| | | 702.439 | 481.031 | 01:10 | 205.341 |

Acessos por Redes Sociais

| | Rede social | Sessões | Porcentagem de novas sessões | Novos usuários | Páginas / sessão | Duração média da sessão |
|----|--------------|---------|------------------------------|----------------|------------------|-------------------------|
| 1 | Facebook | 9.517 | 66,64% | 6.342 | 4,06 | 02:35 |
| 2 | Twitter | 534 | 61,61% | 329 | 1,78 | 01:21 |
| 3 | Blogger | 373 | 86,06% | 321 | 2,20 | 00:48 |
| 4 | WordPress | 195 | 80,51% | 157 | 3,01 | 02:05 |
| 5 | LinkedIn | 62 | 85,48% | 53 | 1,74 | 01:01 |
| 6 | Google+ | 20 | 85,00% | 17 | 1,40 | 01:29 |
| 7 | Tumblr | 13 | 100,00% | 13 | 1,15 | 01:10 |
| 8 | Ning | 8 | 62,50% | 5 | 2,38 | 04:11 |
| 9 | ResearchGate | 8 | 87,50% | 7 | 2,75 | 00:29 |
| 10 | Pocket | 7 | 57,14% | 4 | 3,57 | 04:25 |
| | | 10.772 | 67,54% | 7.275 | 3,83 | 02:26 |

Pesquisa

Professor Visitante

Jerry Hogan



Graduou-se em psicologia (1956) na University of Chicago, EUA. Obteve o título de mestre e doutor em psicologia na Harvard University, EUA. Já foi professor visitante da Universidad de México (1997) e da USP (2010 e 2011). Atualmente, é professor emérito do Departamento de Psicologia da University of Toronto, Canadá.

Projeto

Em 2014, Jerry Hogan deu continuidade à produção de um livro que visa a sistematizar os resultados e conceitos obtidos pelas novas especialidades de seu campo de pesquisa – como psicologia cognitiva, neuropsicologia e genética comportamental. O objetivo é que a obra funcione como um referencial teórico unificado para estudar o comportamento animal e humano. Segundo ele, isso é tão importante porque, embora muitos progressos venham sendo feitos nessas diversas especialidades, os pesquisadores se tornaram muito focados nas suas próprias áreas de estudo e acabaram deixando de se comunicar uns com os outros.

Eventos

11 de abril

**FRONTEIRAS E CONVERGÊNCIAS
ENTRE NEUROCIÊNCIAS E
COMPORTAMENTO: DESAFIOS
METODOLÓGICOS E TEÓRICOS NA**

GERAÇÃO DE CONHECIMENTO

Paul Frankland (University of Toronto), Patrícia Izar (IP-USP),
Jerry Hogan (IEA-USP)
Sala de eventos do IEA

Este evento apresentou uma discussão entre aspectos comuns e divergências da Neurociência dita *hard*, baseada em estudos moleculares e laboratoriais, e uma perspectiva mais comportamental, baseada em estudos de campo etológicos.

Um aspecto interessante desta discussão foi propor uma aproximação entre áreas que são convergentes, mas por motivos históricos e por vieses ligados ao *confirmatory bias*. Este viés, aplicado à pesquisa, caracteriza-se por uma tendência dos indivíduos a buscar acompanhar apenas os trabalhos relacionados com suas atividades pregressas e posturas metodológicas, centrados em grupos de pesquisa semelhantes.

O seminário foi uma boa oportunidade para alunos de pós-graduação da Neurociência e da Etologia promoverem uma discussão interdisciplinar com potencial para gerar bons *insights* entre as disciplinas e para criar novas possibilidades de interlocução e discussão dos dados encontrados no campo e no laboratório.

📺 VÍDEO goo.gl/5hgury



Patricia Izar, Jerry Hogan e Paul Frankland

18 de junho

WHAT IS THINKING, AND DO ANIMALS DO IT?

Jerry Hogan (IEA-USP), Elisabeth Spinelli (FFCLRP-USP) e Bruno Favaretto (FFCLRP-USP)

Anfiteatro André Jacquemin, FFCLRP-USP

Palestra da série *Café com Ciência*, realizada no Programa de Pós-Graduação em Biologia e Entomologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da USP.

Participação em outros eventos

10 a 13 de novembro

I CONFERÊNCIA & VI SIMPÓSIO DE PSICOBIOLOGIA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal

26 a 28 de novembro

NVG ANNUAL GENERAL MEETING AND PHD WORKSHOP

Soesterberg, Holanda

Atividades Acadêmicas

outubro a novembro

JOURNAL CLUB

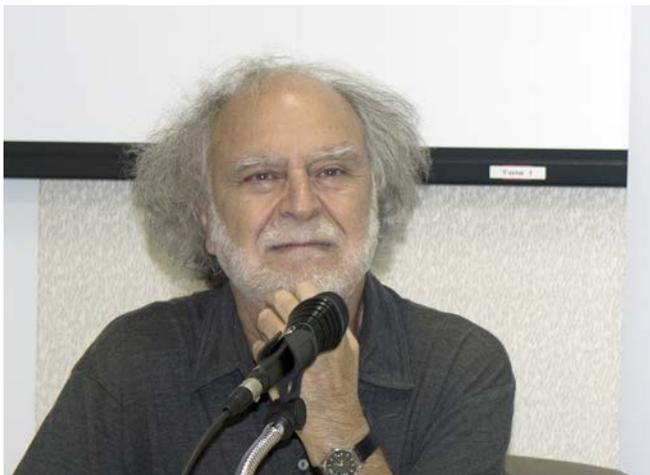
Instituto de Psicologia da USP, Departamento de Psicologia Experimental

Publicações

Hogan, J. A. A framework for the study of behavior. *Behavioural Processes*, 2014

IZAR, P. ; HOGAN, J. (Orgs). *Behavioural Processes - Special Issue Neotropical Behaviour*. 2014.

Massimo Canevacci



É professor de antropologia cultural e de arte e culturas digitais da Università degli Studi di Roma La Sapienza, Itália. Seus estudos concentram-se nas áreas da etnografia, comunicação visual, arte e cultura digital. O antropólogo já esteve no Brasil como professor visitante pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Projeto

Em 2014, Canevacci deu continuidade ao estudo situado na interseção entre quatro grandes quadros conceituais: a auto-representação, ligada aos métodos etnográficos descentrados; a ubiquidade, alicerçada na ideia de um policentrismo flexível, em substituição à noção de um centro histórico único e politicamente definido; o fetichismo visual, relacionado ao rompimento do dualismo clássico; e a teoria crítica e experimental, baseada nas novas leituras que vêm sendo feitas da obra de Theodor Adorno.

Segundo o antropólogo, neste projeto de pesquisa, “o etnógrafo está legitimado para interpretar o outro – através da comunicação visual, escrituras polifônicas, composições performáticas – apenas quando está disponível para se deixar interpretar pelo outro. Esta dialógica e este desafio apresenta uma epistemologia transitiva da representação”.

Eventos

16 de abril

SINCRÉTIKA — EXPLORAÇÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE ARTES CONTEMPORÂNEAS

Néle Azevedo e Massimo Canevacci
Tenda Cultural Ortega Y Gasset, USP

Massimo Canevacci recebeu a artista Néle Azevedo e seu projeto de ação urbana “Monumento Mínimo” para o lançamento performático do livro “Sincrétika — Explorações Etnográficas sobre Artes Contemporâneas” (Studio Nobel, 2013). Objetivando experimentar uma maneira inovadora de apresentar o livro que desenvolve uma pesquisa etnográfica sobre as artes contemporâneas, mesclou linguagens e formas narrativas numa polifonia compositiva.



Monumento Mínimo, de Néle Azevedo

3 de dezembro

INOVAÇÃO CULTURAL E DESAFIO NA UNIVERSIDADE: OPEN HUB

Massimo Canevacci; Guilherme Weffort Rodolfo; Francesco de Tillo; Marco Serra; Patrizia Cinti

Auditório A do CCE

A Open Hub é uma rede acadêmica que promove o intercâmbio científico e cultural entre pesquisadores, governos, empresas e profissionais do Brasil e da Itália engajados no desenvolvimento de conceitos e práticas em inovação social. Para discutir os potenciais dessa iniciativa no ambiente universitário, o IEA realizou no dia 3 de dezembro, às 15 horas, o seminário Inovação Cultural e Desafio na Universidade: Open Hub.



Francesco Di Tillo e Massimo Canevacci

O encontro aconteceu no Auditório A do Centro de Computação Eletrônica (CCE) da USP e teve como expositores o sociólogo do trabalho Marco Serra, idealizador e fundador da Open Hub; a socióloga Patrizia Cinti, co-fundadora da rede; Francesco Di Tillo, artista e mestre em arte contemporânea; e Guilherme Weffort Rodolfo, especialista em comunicação visual. A moderação ficou a cargo do antropólogo Massimo Canevacci, professor visitante do IEA e coordenador do encontro. A exposição de Cinti, que participou via teleconferência, foi em italiano, com tradução consecutiva para o português a ser feita por Canevacci.

Cinti e Serra abordaram os princípios e objetivos da rede, entre os quais se destaca a criação de laboratórios de inovação social (LIS) em universidades, que facilitem o debate de questões ligadas à qualidade de vida – como sustentabilidade, trabalho, empreendedorismo, educação e saúde – por meio de uma abordagem colaborativa entre agentes da esfera pública, privada e do terceiro setor.

Neste ano, foram implantados na Itália os primeiros laboratórios: o “LIS Adriano Olivetti”, inaugurado

em fevereiro, vinculado ao Departamento de Comunicação e Pesquisa Social (CoRiS) da Sapienza Università di Roma, e o “LIS Karl Poper”, criado na Università Per Stranieri di Perugia em novembro.

📺 VÍDEO goo.gl/wvQI53

Participação em outros eventos do IEA

MARINA ABRAMOVIC: A ARTE E A VIDA POR UM FIO

Mais informações na pág. 124

O AMOR EM TEMPOS TECNOLÓGICOS: ELA NA SOLIDÃO

Mais informações na pág. 121

ACELERAÇÃO DO TEMPO E PÓS- DEMOCRACIA: VIOLÊNCIA E COMUNICAÇÃO

Mais informações na pág. 132

A POÉTICA EM LINA BARDI: UMA GRAMÁTICA POLÍTICA

Mais informações na pág. 155

DEBATE EM 2 TEMPOS: A FANTASMAGORIA DA DERROTA, O FUTEBOL COMO METÁFORA

Mais informações na pág. 10

Atividades externas

15 a 17 de maio

IV ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DE INVESTIGADORES DA IMAGEM EM MOVIMENTO

Faculdade de Letras e Artes da Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal

19 de maio

ETNOGRAFIA DIGITAL (OU SINCRÉTICA DIGITALIA)

Universidade Algarve, Faro, Portugal

26 a 30 de Maio

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO DA USJT - DIREITO E TRANSFORMAÇÃO

Universidade São Judas Tadeu

9 a 13 de junho

**COMUNICAÇÃO E ETNOGRAFIA
DIGITAL**

Universidade Federal do Amazonas, Manaus

28 e 31 de agosto

OLHARES SOBRE O CORPO – OSC

Oficina Cultura, no Campus Santa Mônica da UFU, Uberlândia

4 a 7 de setembro

**IV CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE
MENTAL**

Universidade Nilton Lins, Manaus

3 a 6 de novembro

**IX CONGRESSO INTERNACIONAL DE
ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE**

Museu de Arte Contemporânea, USP

4 a 6 de novembro

**I ENCONTRO DE ANTROPOLOGIA
VISUAL DA AMÉRICA AMAZÔNICA**

Universidade Federal do Pará, Belém

14 de novembro

**XIII OUUNPO - WE ARE WHAT WE LOST
- CATASTROPHE & HERITAGE**

Aurora, São Paulo

20 a 23 de novembro

PERFORMIX 2014

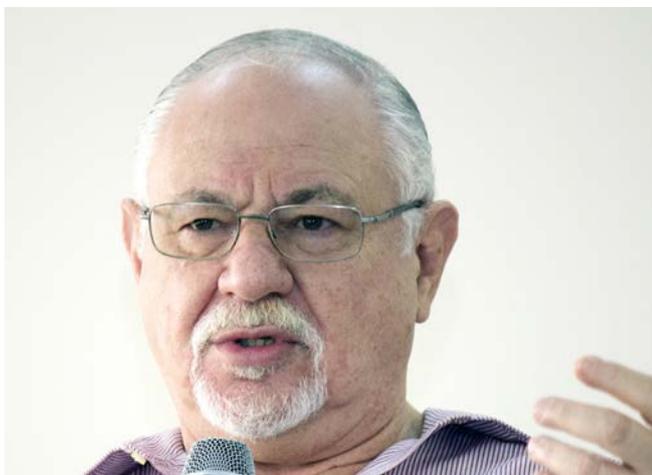
Estação Satyros, São Paulo

Publicações

Meta-fetichismos. Etnografia ubíqua e autorrepresentação nas artes contemporâneas. In: ARANHA, C. S. G. (Org.) . **Desenhos da pesquisa: conhecimento / produção**. 1. ed. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da USP, 2014. v. 1. 496p .

Professor Visitante

Bernardo Sorj



Possui graduação em história e sociologia (1972) e mestrado em sociologia (1973), ambos pela Universidade de Haifa. Doutorou-se em sociologia (1976) pela Manchester University, Reino Unido. Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro e diretor do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Ocupou várias cátedras e foi professor visitante em várias universidades europeias e nos Estados Unidos. Autor de 20 livros e mais de uma centena de artigos em diversas áreas das ciências sociais: sociologia dos intelectuais, consumo, democracia, sociedade civil, América Latina, sociologia rural, sociedade da informação e impactos sociais da biotecnologia.

Projeto: O Conflito no Oriente Médio: Alcances e Limites da Política Exterior do Brasil

Objetivo da pesquisa

O novo contexto internacional, associado ao ativismo do presidente Lula, levaram a política exterior brasileira a experimentar e testar os limites de uma postura caracterizada por procurar marcar sua presença em conflitos distantes de sua zona de influência direta — a América Latina. Se na região é discutível o papel preciso da liderança brasileira e a forma em que ela foi e é exercida, não restam dúvidas de que, na América Latina, o país é chamado a ter um papel central, tanto no nível econômico quanto político. Em outros trabalhos analisamos as dificuldades que se colocam perante o Brasil no desenho de uma es-

tratégia regional, mas certamente o país não pode se furtar, por seu peso econômico e amplas fronteiras, a ter um papel ativo e decisivo nos diversos problemas que enfrenta a região.

No caso de conflitos mais distantes, a pergunta que se coloca é se o país possui o que o ex-chanceler Celso Lafer denominava de “excedente de poder” suficiente para ter uma influência relevante. O objetivo da pesquisa é analisar a experiência — durante o mandato do presidente Lula — de intervenção no conflito no Oriente Médio, em particular a tentativa fracassada de promover, em cooperação com a Turquia, um acordo entre o Irã e o chamado P5 +1 (grupo formado pelos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU mais a Alemanha) sobre o programa nuclear iraniano. Essa experiência culminou, nos olhos da opinião pública nacional e internacional, como um fracasso da diplomacia presidencial e do Itamaraty.

Como entender esta iniciativa? Foi resultado da falta de experiência diplomática numa área no qual o Brasil está dando seus primeiros passos? Ou foi a culminação de uma postura que incluiu o abandono da defesa dos direitos humanos em foros internacionais e a aproximação com regimes políticos distantes do universo cultural com os quais o país tradicionalmente tratou? Qual foi o papel da assessoria de relações internacionais da Presidência, influenciada por afinidades ideológicas com o Partido

dos Trabalhadores? O Brasil foi iludido pelos sinais emitidos pela diplomacia dos Estados Unidos? Que ensinamentos podem ser resgatados?

Desenvolvimento da Pesquisa

A pesquisa de processos de *decision making* depende fundamentalmente de documentos e de entrevistas com os atores participantes do evento. No caso da pesquisa proposta, o papel das entrevistas com participantes ocupará um papel central, dado que se trata de um acontecimento recente e no qual a documentação existente é bastante limitada. Pretendemos entrevistar pessoas que participaram diretamente das negociações, tanto no Itamaraty como no grupo de assessores do presidente Lula, e se possível, inclusive ele próprio. Contataremos igualmente pessoas do Departamento de Estado dos Estados Unidos.

Plano de trabalho

No período em que permanecer no IEA (agosto de 2013 a agosto de 2014), Sorj pretende:

- Participar nas atividades do IEA;
- Escrever um artigo relativo ao projeto de pesquisa;
- Contribuir na organização de eventos relativos às suas áreas de pesquisa, que culminem com a realização de um seminário internacional sobre “O Conflito Israel/Palestina: Possibilidades e Limites de Intervenção do Brasil”;
- Participar de atividades acadêmicas desenvolvidas na USP relacionadas ao campo das relações internacionais, especialmente no Instituto de Relações Internacionais, incluindo apresentação de seminários e colaboração nas atividades do instituto, em particular no Grupo de Análise da Conjuntura Internacional.

Eventos

EM BUSCA DO SENTIDO PERDIDO: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES SOBRE CIÊNCIA E TRANSCENDÊNCIA

O ciclo *Em Busca do Sentido Perdido: Diálogos Interdisciplinares sobre Ciência e Transcendência*, coordenado por Sorj, teve quatro encontros. O objetivo foi tratar das mudanças ocasionadas pelo declínio das grandes ideologias políticas e discutir a produção de sentido nesse novo contexto sociocultural.

De acordo com Sorj, nesse contexto, o cotidiano é invadido pelas preocupações imediatas de sucesso, status e consumo, por meios de comunicação que

transmitem uma enxurrada de informações imediatistas que se esgotam em si mesmas e por laços sociais transferidos para redes sociais, nas quais a quantidade substitui a densidade.

“Vivemos num mundo no qual a tecnologia permeia cada passo de nossas vidas, mas não entendemos como ela funciona; a comunicação é onipresente, mas seu conteúdo é raso; o tempo se esgota no presente e na insegurança sobre o que o futuro trará; e a procura da felicidade eliminou o sofrimento da vida coletiva para ser entregue nas mãos de terapeutas e fármacos”, acrescenta o sociólogo.

Com foco nesse panorama de transformações, o ciclo se concentrou em algumas questões-chave: qual é o papel da universidade e do conhecimento científico neste cenário? Existe um novo ponto de encontro entre as ciências naturais e as humanas? Há espaço para um diálogo entre produtores de conhecimento científico e outras áreas que refletem sobre a condição humana? Como o local e o global interagem e produzem novas sínteses culturais?

8 de abril

EM BUSCA DO SENTIDO PERDIDO: A CIÊNCIA E O POLITEÍSMO DE VALORES

Alfredo Bosi (FFLCH e IEA - USP), Bernardo Sorj (IEA-USP), Enrique Larreta (UCAM) e Martin Grossmann (IEA-USP)
Sala de Eventos do IEA

“A sociedade contemporânea vive uma crise de sentido ou, dito de outra forma, vivemos com um enorme sentimento de fragilidade subjetiva e que leva muitos a uma postura saudosista.” Essa foi a motivação expressa pelo cientista político Bernardo Sorj, professor visitante do IEA, para a realização do ciclo *Em Busca do Sentido Perdido*.

A hipótese de Sorj é que essa crise de sentido é, na verdade, a expressão de uma transformação histórica específica: a crise da narrativa ocidental, algo localizado num tempo e num espaço específicos e originário da política e da economia.

No dia 8 de abril, o cientista político foi o expositor do seminário de abertura do ciclo. O tema foi *A Ciência e o Politeísmo de Valores*. Ele baseou sua exposição em texto de referência previamente analisado pelos dois comentaristas convidados: o antropólogo Enrique Larreta, diretor do Instituto de Pluralismo Cultural da Universidade Cândido Mendes, e o ensaísta e professor Alfredo Bosi, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP,



Bernardo Sorj, Alfredo Bosi e Enrique Larretta

editor da revista “Estudos Avançados” e membro da Academia Brasileira de Letras.

No entender de Sorj, o Ocidente perdeu parte de seu poder de impor sua visão de mundo no cenário internacional. “Em termos culturais, é uma crise de autoconfiança e de validade da narrativa que sustentou a expansão do Ocidente no mundo”.

Ele considera que a crise da cultura Ocidental tem bifurcado as sociedades democráticas em duas direções. Em setores sociais de países “que se sentem órfãos de sentidos, perdedores no processo de globalização, a orientação tem sido a de um fechamento cognitivo que se expressa, em nível político, no apoio a posturas nacionalistas e xenofóbicas ou, não raro, quando associadas a um retorno ao fundamentalismo religioso, a políticas reacionárias”.

A outra orientação (dominante no mundo acadêmico) é a de que o momento é de construção de uma cultura cosmopolita reconhecadora do valor da diversidade cultural e da relatividade de cada cultura dentro do seu universo específico.

Para a compreensão dessa crise, Sorj propõe como recorte analítico o processo de secularização: “Ele pode ser definido como a transformação cultural-institucional que levou sociedades com normas e valores que eram ditados pela igreja, com o poder político legitimado pela vontade divina, a se tornarem sociedades que sustentam a liberdade individual de pensamento e onde o poder político se legitima pela vontade popular”.

Essa passagem significou uma profunda transformação cultural, segundo ele, “com a valorização da dúvida no lugar da certeza, da curiosidade em vez do dogma, da livre escolha em detrimento da vontade de Deus, do mundano em prejuízo do transcendental, da procura individual em vez de normas religio-

sas válidas para todos, do ativismo no lugar da resignação, da procura da felicidade no lugar da aceitação do sofrimento, da responsabilidade pessoal em vez do destino, da realização neste mundo em substituição da promessa de felicidade depois da morte”.

Todavia, a constituição do mundo contemporâneo não foi um processo evolutivo linear, de acordo com o cientista político. “A ideia de uma história universal na qual em cada estágio da vida religiosa se avança um degrau na racionalização do mundo não se sustenta. A modernidade tem início no Renascimento, que se sustenta na redescoberta dos valores da filosofia, da arte e do ensino da tradição greco-romana. Ou seja, para ir adiante foi preciso dar um passo a trás.”

“A cultura grega definiu um preceito que viria a ser a norma da modernidade: ‘O homem é a medida de todas as coisas’ [afirmação feita pelo sofista Protágoras de Abdera no século 5 a.C.]” Para Sorj, a transferência para o indivíduo da responsabilidade de ter de definir o sentido da vida supôs incluir no panteão dos deuses um novo deus: o da liberdade subjetiva.

Quanto à formação de instituições seculares na modernidade, o cientista político destacou a diferença de como isso se deu na Europa e nos Estados Unidos. Naquela, a formação foi impregnada por lutas culturais que deixaram sua marca no sistema político: “A necessidade de confrontar o poder da igreja levou ao surgimento do secularismo como ideologia questionadora de dogmas, do poder da igreja – inclusive do poder econômico desta –, e ao mesmo tempo associada a uma visão agnóstica ou atea do mundo”.

No caso dos EUA foi diferente, com os direitos naturais, inclusive o direito à felicidade, sendo afirmados em nome de uma vontade divina: “A afirmação inicial de direitos da Declaração de Independência começa com Deus e, curiosamente, esse Deus dos pais fundadores é um pouco diferente do da tradição cristã anterior, pois ele quer a felicidade das pessoas aqui e agora e afirma os direitos subjetivos individuais, ou seja, é em nome de Deus que se cria esse novo mundo”.

Sorj destacou que “gostamos de pensar a modernidade como um projeto puramente racional, mas encontramos nela também elementos mitológicos e mágicos, a exemplo do que sempre ocorreu nas religiões monoteístas, que nunca chegaram a elimi-

nar elementos mitológicos, mágicos e animistas em suas teologias e até mesmo nas práticas dos fieis, não existindo em nenhum lugar do mundo uma prática monoteísta pura”.

Em sua opinião, a história da cultura humana não é de rompimentos, mas de acúmulo de camadas, onde a camada superior esconde, mas não elimina as camadas inferiores. “Isso significa que o processo de secularização foi radical, mas incompleto, e, de certa forma, o ideal de secularização sempre o será, não só no nível das estruturas, das práticas de vidas das pessoas, mas inclusive na organização da sociedade.”

Em corroboração dessa tese, Sorj lembra que há sociedades que se julgam seculares, mas utilizam o calendário gregoriano – que tem como referência o nascimento de Cristo – e festejam datas e definem o dia de descanso em função de crenças muito particulares, nada universais.

No entender do cientista político, o monoteísmo religioso foi, em certa medida, substituído por monoteísmos seculares, com a modernidade produzindo mitos e cultos – em particular o do progresso. “Nos séculos 19 e 20, as grandes ideologias e filosofias políticas mantiveram as estruturas discursivas e expectativas que substituíram com alternativas terrenas as promessas do outro mundo.”

Sorj considera que as semelhanças são ainda maiores nas versões mais extremas (totalitárias): “Nos regimes comunistas, por exemplo, textos foram sacralizados, autores santificados, o partido passou a ter o monopólio da verdade, com o mesmo ou maior poder que o clero tinha antes”.

“A ilusão dos monoteísmos seculares – o cientificismo, o liberalismo racionalista, o fascismo, o comunismo, o nacionalismo integrista – foi acreditar que o mundo moderno possa se organizar sob um único princípio orientador que gere um conjunto coerente de valores, sentidos e orientações para os atores sociais.”

Para Sorj, o que está em jogo no conflito monoteísmo-politeísmo não é a questão de valores específicos, mas reconhecer a necessidade de um sistema de vida, de organização de instituições, que aceite que cada um carregue sistema de valores conflitantes e que nunca será o poder político que definirá, no lugar das pessoas, a forma como cada um fará essa síntese. “Essa conflituosidade é a riqueza da vida humana. Não é o problema, é a solução.”

Ele reconhece que essa diretriz ainda não resolve o que fazer quando sistemas politeístas democratas têm de conviver com grupos que ainda procuram defender monoteísmos seculares ou religiosos e impô-los ao conjunto da população.

Sorj admite que o politeísmo moderno produz um desencantamento do mundo: “O monoteísmo dá sentido, dá força; o politeísmo produz confusão, tira-nos a referência, obriga-nos a negociar em nossa própria subjetividade com valores que são conflitantes. Isso cria um problema enorme de ação coletiva, que fica fragilizada. A ação coletiva no monoteísmo é fácil de ser identificada, pois o líder vai definir a linha. A ação coletiva no politeísmo é muito fragilizada, muito no aqui e agora: marca-se uma manifestação para amanhã e depois dela todo mundo volta para casa, para seu politeísmo, para sua diversidade de interesses e valores”.

Um dos efeitos dessa situação é um retorno saudosista, a sensação de que os tempos antigos eram melhores: “Isso não resolve muito as coisas, mas essa dificuldade não significa que certos elementos da tradição religiosa do passado não devam ser recuperados. Podem sê-lo, mas numa linguagem onde funcionem como argumentos dentro de uma visão politeísta de valores”.

Diante desse panorama de politeísmo de valores, Sorj identifica quatro áreas cujos temas e práticas devem se abrir para um diálogo intracultural e intercultural que permita o avanço em termos de ações coletivas e criações de consensos.

Uma dessas áreas é a que se refere ao papel da ciência e do mundo acadêmico. Para ele, a ciência foi desencantada pela especialização. “Nos anos 50 e 60 a ciência tinha elementos que penetravam no cotidiano das pessoas, que as encantavam. Acho que há um espaço de reencantamento da ciência e também, sobretudo, de revalorização do espaço da academia.”

Outra área que se impõe, segundo Sorj, é a ecologia, que “é hoje um espaço de diálogo intercultural, pois interessa a todos os povos, à continuidade da vida humana no planeta e coloca temas para esse novo diálogo, ainda que politeísta, mas que dá uma unidade temática dada pela realidade objetiva”.

Uma terceira área é a dos direitos humanos, “que devem ser repensados não numa perspectiva etnocêntrica ocidental, que está em crise, inclusive por-

que foi levada a limites de quase religiosidade e tudo passou a ser direitos humanos”.

Finalmente, Sorj identifica a área das artes como campo privilegiado de diálogo inter e intracultural porque “permite uma linguagem que não cai no racionalismo estreito do discurso filosófico tradicional, seja monoteísta ou certos tipos de politeísmo”.

Para Enrique Larretta, primeiro comentarista a apresentar suas opiniões, a ideia principal de Sorj está no título do texto em que este baseou a exposição: o politeísmo de valores seria o modo de pensamento mais adequado à modernidade democrática. “A modernidade democrática e o politeísmo de valores seriam dois conjuntos de valores de sinal fundamentalmente positivo.”



Enrique Larretta

O texto base da apresentação de Sorj comenta que a posição politeísta foi retomada no campo intelectual pelo filósofo Richard Rorty, pelo papa Bento 16 e pelo sociólogo Max Weber, entre outros. Larretta considera que Rorty escreveu sobre o romantismo politeísta, que seria um fenômeno positivo. “Para Bento 16, seria negativo. Para Max Weber, segundo Sorj, seria uma categoria descritiva, sociológica.”

Larretta disse que a acusação de politeísmo tem sido constante desde o Iluminismo. A base para essa acusação remonta, segundo ele, “ao que o historiador e filósofo Jan Assman, em seu estudo fundamental ‘Moses, The Egyptian’, chama de ‘distinção mosaica’. Na verdade, historicamente, foi uma distinção egípcia, porque, como percebeu Freud, foi Akenaton, o grande reformador egípcio, quem pela primeira vez inseriu a temática do monoteísmo. Mas Assman, e concordo com ele, fala de distinção mosaica, porque mesmo que não tenhamos certeza se Moisés existiu, ele é parte da memória do Ocidente”.

“A distinção mosaica é a distinção entre a verdadeira e a falsa religião, entre muçulmanos e incrédulos,

judeus e gentios, cristãos e pagãos. Poderíamos pensar que essa distinção é simplesmente a expressão religiosa do etnocentrismo, com cada povo defendendo o seu deus, mas não é o caso.”

Segundo Larretta, Assman e outros pesquisadores demonstram que as civilizações antigas possuíam técnicas de tradução para interpretar os deuses dos outros. O antropólogo considera que o termo “religião” é uma projeção da globalização ocidental, pois não é encontrado em outras tradições culturais: “Em chinês, a palavra religião foi inventada no começo do século 20. E a organização religiosa chinesa foi montada sobre a estrutura das religiões protestantes”.

O ponto fundamental levantado por Assmann, segundo Larretta, é a ideia de que as “religiões do livro” são contra as outras religiões e definem o que seja verdadeiro e o que seja falso.

O comentarista não considera que Max Weber, ao falar de politeísmo de valores, tenha utilizado uma categoria descritiva. “Uma das palavras mais comuns na obra dele é a palavra ‘trágico’. Para as pessoas que não são especialistas em ciências sociais há um autor que é muito semelhante a Weber: é Thomas Mann. A problemática de Weber está contida em ‘A Montanha Mágica’, de Mann, que apresenta uma visão trágica da vida.”

Larretta comentou que o politeísmo de valores cria uma situação de impossibilidades, “pois não é possível construir no mundo moderno um sistema axiológico, com uma hierarquia de valores, uma vez que todos os valores têm o mesmo valor. E se todos os valores têm o mesmo valor, não há mais valores”.

O antropólogo acredita que, antes do giro cultural dos anos 80 e 90 citado por Sorj em seu texto, aconteceu o giro linguístico. “E aí temos claramente três pensadores: Heidegger, Wittgenstein e Saussure. Os três tornaram a questão da linguagem central, com a ideia de que os valores são signos e, portanto, como argumenta Saussure e depois os pós-estruturalistas, não temos certeza do que é um valor. Essa seria a tragédia da modernidade.”

Para Larretta, a obra de Weber é, basicamente, uma obra entre Kant e Nietzsche. “Nietzsche e outros pensadores alertaram para a impossibilidade de um projeto de esperança baseado na racionalidade, a ideia fundamental de Kant.”

Ele citou comentário de Weber sobre teoria da ciência: “Não é uma questão apenas de alternativa entre valores, senão de uma inconciliável luta à morte, como entre Deus e o Diabo”. Isso porque a perspectiva de Weber continua a ser uma perspectiva humanista: “Ele considera a identificação com os valores uma identificação absoluta. Possivelmente essa não é a postura de Sorj”.

Para Larretta, há uma distinção entre politeísmo em sentido forte e o politeísmo no sentido fraco, com este significando simplesmente o pluralismo da cultura ocidental que acontece hoje nas modernidades democráticas.

Nesse ponto, Larretta questionou a definição de modernidade: “Bernardo fala bastante de modernidade, mas o que seria ela em contraste com a ideia de pós-modernidade? É basicamente uma questão de valor. Modernidade é aquele tipo de civilização que considera o novo como um valor. Mas no final do século 20 temos tantas coisas novas que já não se sabe se o novo é um valor, apesar de se tornar um objeto de consumo”.

Para Larretta, o giro cultural foi uma extensão complementar do giro linguístico. “Os autores são basicamente os mesmos. A ideia de pós-modernidade de Jean-François Lyotard foi construída a partir de Wittgenstein, sobre a ideia de jogo de linguagem e da impossibilidade de argumentar sobre ideias universais. As narrativas se destroem por esses motivos.”

O antropólogo observou que o texto apresentado por Sorj foi construído sobre a modernidade ocidental: “Por exemplo, o uso da noção de democracia não fica claro no texto e suponho que se refira à poliarquia, a um sistema político-democrático dos países ocidentais europeus”.

Para o comentarista, a palavra crise não deve ser um incômodo: “Baudrillard escreveu em um artigo dos anos 60 que a modernidade é a civilização da crise; a modernidade existe por que está sempre em crise como fenômeno histórico; e precisamos reconhecer que a última crise não é a mais grave”.

Segundo Larretta, a crise no século 20, sobretudo a da Segunda Guerra, sugeriu a Karl Jaspers a ideia de idade axial e a reconhecer a existência de modernidades alternativas. “Para Jaspers, é preciso revalorizar o pensamento de Confúcio, o pensamento indiano etc. e considerar que existem tradições paralelas que são a base da modernidade”.

A exemplo do primeiro comentarista, Alfredo Bosi também destacou que a hipótese central está no título do texto de Sorj, que identifica a modernidade democrática com o politeísmo de valores.

Para Bosi, o texto demonstra que monoteísmo para Sorj significa “monismo de valores, ou, propriamente, monovalência, tanto no plano cognitivo, enquanto interpretação homogênea da realidade, quanto no plano ético, como norma monolítica de comportamentos.” No contexto político, “trata-se de caracterizar algumas doutrinas e práticas democráticas modernas, desenvolvidas a partir da Revolução Gloriosa da Inglaterra, da Revolução Francesa e da independência dos Estados Unidos, para citar alguns paradigmas modernos implícitos no texto”.

No entanto, Bosi comentou que o rápido desenvolvimento da ciência experimental, a partir do século 19, também entraria como “fator desagregador dos monismos dogmáticos, que, a rigor, já haviam começado a abalar-se ao longo da Renascença Europeia”.



Alfredo Bosi

Para ele, teria ocorrido um duplo desencantamento, o que substituiu o mito pela razão científica e o que agora está substituindo o monismo daquela razão pela pluralidade de sentidos e valores do pós-modernismo.

Bosi destaca que “felizmente, um dos pontos altos do politeísmo, tanto cognitivo quanto ético-político já foi alcançado pelos iluministas europeus do século 18: a admissão da virtude fundamental da modernidade, que é o culto da tolerância religiosa e, por extensão, cultural”.

A aceitação da tolerância, pregada por Locke, Montesquieu e Voltaire, só tende a crescer na atualidade, segundo o comentarista, “na medida em que o co-

nhecimento das múltiplas culturas atuais, conhecimento que é um dos trunfos do multiculturalismo, dá à vida cultural contemporânea um sadio sentimento de tolerância e respeito pelo que nos parece estranho ou diferente”.

Todavia, dois riscos cognitivos e éticos ameaçam o politeísmo contemporâneo, segundo Bosi. O primeiro, de ordem epistemológica e que vem de dentro mesmo do politeísmo, “é o puro e cético relativismo sem limites, pelo qual já não haveria nenhum critério de certeza ou de erro, valendo apenas a expressão da dúvida, animada por certo horror a qualquer proposição assertiva”.

O segundo risco vem de fora e é na verdade “uma temerosa negação do próprio pluralismo e consiste no fundamentalismo contemporâneo, que não é sempre necessariamente o fundamentalismo dos outros, mas muitas vezes um fundamentalismo escondido, entranhado em nossa consciência e em nossos juízos de valor”.

Bosi lembra que o relativismo sem limites, de cunho atomizante e individualista, foi chamado no campo da sociologia do conhecimento de “paradoxo de Manheim”. A ideologia estaria condicionada à classe ou ao grupo de status dos ideólogos. “O paradoxo consistiria no fato de que o próprio discurso de Karl Manheim não poderia fugir à regra geral, o que lhe tiraria a condição de valor consensual cognitivo. Esse relativismo seria o feitiço que se voltaria contra o feiticeiro. Se todas as afirmações são passíveis de dúvida, também essa proposição não pode ser admitida como absolutamente certa e segura”.

Manheim procurou libertar-se dessa malha de ferro propondo a teoria do relacionismo, que teria a seu favor a vigência de um sólido e comprovado consenso comunitário largamente estendido no espaço e no tempo, de acordo com Bosi. “Mas acho que em outro momento ele se sai melhor dessa malha, quando diz que caberia ao intelectual certo distanciamento crítico em relação à ideologia do seu grupo. Então essa virtude faria com que o intelectual duvidasse da ideologia dominante no seu próprio grupo de status e ele poderia produzir uma contraideologia.”

Na opinião de Bosi, a conferência de Sorj mostrou que o politeísmo pode gerar essa fragilidade própria do relativismo, com as consequências todas de dificuldade de coesão social, de coesão política. “Mas nós acreditamos que a democracia é assim mesmo,

que um dos defeitos de sua qualidade é a produção da confusão, isto é, um primeiro momento em que as opiniões se chocam, os conflitos aparecem. Agora, daí a chegar a um consenso é realmente um longo trabalho de parto.”

Quanto às ameaças apresentadas pelo fundamentalismo, Bosi disse que isso acontece na medida em que cada uma daquelas posições assumidas pelos “politeístas” se transforma em fundamento, passa a ser a verdade, que é defendida ardentemente pelo grupo ou pelo indivíduo, e isso oblitera, cega a visão dos outros, as outras posições.

Os fundamentalismos religiosos e políticos negariam em tese a validade dos pluralismos, no entender de Bosi: “Digo em tese porque, quando analisados mais a fundo, os textos alegados pelos fundamentalistas possuem brechas de abertura ao outro. Isso acontece em textos canônicos, hinduístas, judaicos, cristãos, islâmicos. Evidentemente, tudo isso desaparece, como muito bem apontou Sorj, quando a religião passa a ser o fundamento da política. Esse abraço é fatal para ambos e para a humanidade”.

Bosi considera que essas brechas doutrinárias, laicizadas pela exigência do respeito mútuo nas éticas liberais e democráticas do Ocidente, abram espaços de convivência plural que as práticas autoritárias e totalitárias negaram ao longo de séculos de intolerância. “O que se espera, e talvez não seja de todo utópico, é que ainda seja possível a prática desse respeito mútuo, que relativiza os inconvenientes étnicos da crescente globalização, mas, ao mesmo tempo, atenua o dogmatismo dos renascentes fundamentalismos.”

📺 [VÍDEO goo.gl/YlpfNf](https://goo.gl/YlpfNf)

29 de abril

EM BUSCA DO SENTIDO PERDIDO: O INDIVÍDUO E O ESPAÇO PÚBLICO

Bernardo Sorj (IEA-USP), Danilo Martuccelli (Paris V), Maria Alice Rezende de Carvalho (PUC-Rio) e Vera da Silva Telles (FFLCH)
Sala da Congregação do IRI

“O amor se converteu no novo horizonte de sentido dos indivíduos contemporâneos”. Essa é a ideia central defendida por Danilo Martuccelli, professor da Faculté des Sciences Humaines e Sociales da Université Paris Descartes. De acordo com o sociólogo peruano, radicado na França, no estágio atual da modernidade, marcado pela queda das grandes

ideologias, pelo processo de secularização e pela carência de referenciais comuns, é a experiência amorosa que vem preenchendo o vazio deixado pela religião, pela pátria e pelo trabalho – valores que perderam sua pregnância significativa e já não respondem, sozinhos, aos anseios do homem moderno.

Martuccelli lança um olhar inusitado e muito particular sobre a aclamada “crise de sentido” – questão central nas ciências sociais, frequentemente associada às transformações inerentes à pós-modernidade ou modernidade tardia, como preferem alguns autores. Segundo o pesquisador, diante do enfraquecimento dos três pilares que davam sustentação à sociedade – o cidadão, o burguês e o crente, ligados, respectivamente, à pátria, ao trabalho e à religião –, emerge um novo pilar, centrado na figura do amante.

“Certamente, o amor não elimina totalmente a questão da crise de sentido ocasionada pela secularização, mas suscita uma profunda transformação na medida em que a torna mais carnal, episódica e, acima de tudo, mais biográfica e individual”, ponderou, destacando que o maior desafio imposto pelo novo cenário é o processo de singularização da relação do indivíduo com o espaço público: “A partir desse processo entendemos a especificidade da crise de sentido no nosso tempo – uma crise que vem da tensão entre o poder do amor para dar sentido às vidas individuais e sua dificuldade em dar sentido à vida coletiva”.

Baseada em pesquisas empíricas conduzidas na França e na América Latina ao longo dos últimos dez anos, a abordagem do pesquisador destoa das perspectivas mais comuns entre os sociólogos, que privilegiam aspectos negativos da crise de sentido e apontam para um mal-estar generalizado, vinculado ao niilismo e ao narcisismo. “Para compreender essa crise nas sociedades modernas, é preciso ir além de certas constatações críticas ou nostálgicas”, advertiu o peruano.

No dia 29 de maio, Martuccelli apresentou suas ideias sobre a centralidade do amor no segundo seminário do ciclo *Em Busca do Sentido Perdido: Diálogos Interdisciplinares sobre Ciência e Transcendência*. Coordenado por Bernardo Sorj, professor visitante do IEA, o encontro teve como tema *El Individuo y el Espacio Público* e contou com a participação das debatedoras Maria Alice Rezende de Carvalho, professora do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio, e Vera da Silva Telles, professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas



Martin Grossmann, Vera da Silva Telles, Maria Alice Rezende de Carvalho, Bernardo Sorj e Danilo Martuccelli

(FFLCH) da USP.

Ideal e promessa

Segundo Martuccelli, o amor assumiu esse lugar central no processo de produção de sentido dos indivíduos ao passar a desempenhar dois papéis cruciais: o de ideal e o de promessa de felicidade. Ideal, explicou o pesquisador, porque se tornou o principal valor pelo qual as pessoas estão dispostas – ou pelo menos se dizem dispostas – a abnegar-se de si mesmas e morrer: “Se antes se morria por Deus, pela pátria e pelos ideais coletivos da revolução, agora se morre por amor; não no sentido romântico de Romeu e Julieta, mas de um sacrifício diário pelo ser amado. É em nome desse ideal, traduzido nas obrigações parentais e conjugais, que muitos homens e mulheres se levantam todos os dias e encontram força para ir trabalhar”.

Da mesma forma, afirmou, a promessa de felicidade dos indivíduos é depositada na experiência amorosa, tida como elemento imprescindível para se ter uma vida plena. “Na ausência de amor, a vida cotidiana se torna insuportável; e o interesse no trabalho, a ambição, o poder e a busca de riqueza perdem o sentido”, disse.

Para reforçar a ideia, o sociólogo citou um estudo sobre a relação entre riqueza econômica e felicidade pessoal, segundo o qual o aumento da renda deixa de levar ao aumento da felicidade quando o Produto Interno Bruto (PIB) per capita ultrapassa a faixa dos U\$ 15 mil por ano. “A partir desse limiar de rendimento, as aspirações individuais tendem a se mover em direção a valores espirituais e pós-materialistas, ligados à afetividade”, explicou.

Martuccelli mencionou, ainda, dados sobre a correlação entre fatores de bem-estar e felicidade apresentados por Tim Jackson no livro “Prosperidade sem

Crescimento”. De acordo com os números apontados, 47% das pessoas consideram que o principal fator para ser feliz é ter relacionamentos satisfatórios na esfera do casamento e da família; seguido da saúde, com 24%. “O que frustra os nossos contemporâneos não é a ausência de valores, mas a dificuldade em experimentar a promessa de felicidade que, para alguns, só o amor é capaz de realizar”, arrematou.



Danilo Martuccelli

A religião na era do amor

O fenômeno da consolidação do amor como ideal e promessa da felicidade, bem como a emergência do amante como novo horizonte de sentido, derivam de um movimento de singularização das três figuras históricas que marcaram a modernidade – o crente, o cidadão e o burguês. Conforme ressaltou Martuccelli, embora se mantenham firmes, essas figuras ganham contornos cada vez mais individualizados e pouco a pouco perdem a força como suportes do sentido coletivo.

Em relação ao crente, essa tendência se revela no fortalecimento de uma espiritualidade mais aberta, que se configura fora das religiões institucionalizadas e dá origem a novos tipos de contemplação. O pesquisador explicou que “cada crente desenvolve sua própria versão da experiência religiosa e, com isso, surgem diferentes formas de sincretismo”, as quais minam o monopólio de sentido que a Igreja tradicionalmente detinha.

A individualização da religiosidade se destaca por estar estritamente ligada ao processo de secularização da sociedade; processo este que, segundo Martuccelli, só se manifesta como niilismo e descrença nos países europeus, onde o cultivo da religião está em declínio. Nas outras partes do mundo, ressaltou o peruano, observa-se um retorno ao sagrado, que aparece tanto na forma de reinstitucionalização e vivência espiritual — como demonstram a multiplicação de fiéis e a expansão das igrejas evangélicas na

América Latina —, quanto na forma de uma busca espiritual personalizada, que suscita práticas religiosas de caráter mais individual que coletivo.

“Não estamos diante do eclipse de um significado amplo e compartilhado do mundo (o famoso ‘Deus morreu’), mas de um ideal de pregnância de sentido – o amor –, que, ativo como a crença, induz a inúmeras experiências, múltiplas e mais ou menos reversíveis, de significância individual”, observou.

Declínio da cidadania e do trabalho

A individualização também vem corroendo os valores patrióticos que alçaram a figura do cidadão a pilar da sociedade moderna. Progressivamente, o foco vem se deslocando da esfera pública para a esfera privada, isto é, do projeto coletivo assentado nas utopias que costumavam dar sentido ao mundo, para o projeto pessoal voltado para o cotidiano familiar. Conforme apontou Martuccelli, os ideais políticos, expressos no exercício da cidadania e na militância, perderam a força e já não são mais capazes de dar sustentação ao mundo contemporâneo.

Para explicar essa cisão entre vida pública e vida privada, o pesquisador recorreu às ideias do pensador político Alex de Tocqueville, para quem o individualismo nasce do desinteresse dos indivíduos pela “grande sociedade” e pela crescente valorização da “pequena sociedade”, entendida como o universo dos negócios, das empresas, da família e dos amigos.

Segundo Martuccelli, trata-se do conflito entre o burguês, centrado no ideal do trabalho, e o cidadão, centrado no ideal da república: “Enquanto a virtude republicana, reatualizada pela Revolução Francesa, exigia a participação na vida da cidade e, caso necessário, dar a vida pela pátria, a igualdade e o individualismo valorizavam o envolvimento dos indivíduos em suas próprias vidas e em seus assuntos econômicos.”

No entanto, advertiu, a emergência do amor como grande ideal dá novos contornos ao conflito entre cidadão e burguês ao colocar em campo um terceiro jogador – o amante: “A felicidade própria do individualismo contemporâneo se difere da do individualismo do passado, pois no antigo havia uma tensão entre a felicidade coletiva e o interesse pessoal, enquanto no atual há uma tensão entre os interesses coletivos e a felicidade pessoal.”

Isso deve-se, de acordo com ele, à singularização do ideal do trabalho. Antes dotado de um sentido co-

letivo – ligado à vocação profissional, à virtude do trabalhador e à consciência de classe –, este ideal reduz-se agora a uma dimensão ética e a um suporte de sustentação material. “Lentamente o trabalho começa a ser questionado em sua função de sentido da existência, como ilustram, por exemplo, as críticas ao vício no trabalho ou as políticas públicas que visam a um melhor equilíbrio entre vida profissional e a vida familiar”, assinalou.

Desafios

A emergência do amor como novo foco de sentido, associada ao enfraquecimento das três figuras históricas que balizaram a modernidade, implica dois grandes desafios para a sociedade contemporânea. O primeiro advém da tensão entre a esfera privada e a esfera pública, que surge como efeito colateral da vivência singular da experiência amorosa, mais centrada na felicidade pessoal que na coletiva.

De acordo com Martuccelli, essa tensão fica mais clara quando se faz uma distinção entre o amor parental e o amor conjugal, visto que a dinâmica desses dois tipos de afetividade são muito diferentes. “Enquanto o primeiro constrói-se em torno de um elemento de abnegação e desprendimento que o aproxima de um referente de sentido da vida coletiva, o segundo é marcado pela indiferença em relação à coletividade, apesar dos esforços para institucionalizá-lo socialmente na forma do matrimônio”, afirmou o sociólogo, destacando que o amor apaixonado, erótico e carnal dos cônjuges, carente do altruísmo moral presente na relação entre pais e filhos, não se deixa guiar por convenções sociais.

Assim, o amor que nasce na relação entre os amantes – uma relação exclusiva e alheia às demandas da sociedade –, surge como um projeto pessoal e não se converte, assim, em ideal coletivo, conforme ressaltou Martuccelli. Para o sociólogo, diferentemente da pátria, do trabalho e da religião, o amor não se converteu na base sobre a qual os indivíduos questionam ou sustentam sua lealdade ao coletivo. “Os amantes não querem mudar o mundo; se contentam em se distanciar dele”, arrematou.

O segundo desafio surge da dificuldade de os indivíduos lidarem com a finitude do amor e da própria pessoa amada e, conseqüente, com a fragilidade da felicidade proporcionada pela experiência amorosa. Diante disso, advertiu Martuccelli, constrói-se uma sociedade assombrada pelo temor da catástrofe: “O sentido que o amor dá às nossas vidas é inseparável do reconhecimento e do medo da vulnerabilidade

em um mundo no qual todos sabem que o amor é duplamente mortal: como sentimento e pela mortalidade do ser querido.”

Releitura e contraponto

Ao comentar as ideias de Martuccelli, Carvalho se propôs a fazer uma releitura das ideias do peruano. De acordo com a debatedora, a questão do amor não deve ser entendida de forma literal, mas como uma estratégia metodológica – ou, mais precisamente, como um operador analítico – para abordar a tensão entre o singular e comum, muito presente ao longo da obra do sociólogo.



Maria Alice Rezende de Carvalho

A professora da PUC destacou que o avanço da bandeira da igualdade de direitos deve ser trazida à tona para pensar o problema da tensão entre o privado e o público. Para exemplificar a passagem individual para o coletivo no âmbito do direito, ela mencionou o caso da Lei Maria Penha, que tipifica a violência doméstica contra a mulher. “Essa personagem singular levou à instituição de um direito positivado que demonstra a transição do indivíduo para o cidadão”, explicou.

Já Telles fez um contraponto à exposição de Martuccelli ao afirmar que o foco de sentido da sociedade contemporânea está mais próximo do “amor de si” que do amor pelo outro. De acordo com ela, os indivíduos são mobilizados pelo “mito da performance”, isto é, “pela celebração do ego e do empreendedorismo de si” num mundo marcado pelo consumismo e pela competição, que se traduz na perseguição do sucesso na vida profissional, familiar e amorosa.

Para a professora da FFLCH, o repertório da “crise de sentidos” não é capaz de descrever a contemporaneidade, uma vez que traz implícito a ideia de que alguma ordem de valor foi colocada em cheque na passagem do século 19 para o 20. “Esse vocabulário



Vera da Silva Telles

ainda serve para abordar uma crise posta no século 21, quando há uma pluralidade de focos de sentido?”, indagou.

Como alternativa ao diagnóstico da crise de sentidos suscitada pela vivência do amor, como apontado por Martuccelli, Telles sugeriu o de contra-condutas, nos termos do filósofo francês Michel Foucault. “As contra-condutas não se referem a ações de resistência ou revolta, mas a novas formas de ativismo e mobilização coletiva que recusam o empreendedorismo, o consumismo e a competitividade predatória. Não se trata de otimismo ingênuo, mas de reconhecer que o mundo tem atalhos, sem garantia de virtude política”, concluiu.

📺 **VÍDEO** goo.gl/35STue

3 de setembro

EM BUSCA DO SENTIDO PERDIDO: O SER HUMANO E A NATUREZA

Bernardo Sorj, Dalia Maimon, John Wilkinson
e Ricardo Abramovay
Sala da Congregação do IRI-USP

“O mundo contemporâneo se apoia numa dupla e ilusória separação entre sociedade e natureza e entre economia e ética”. Ricardo Abramovay, professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) e do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da USP, partiu dessa proposição para tratar da perda de sentido nas relações entre o ser humano e a natureza na conferência que fez no terceiro encontro do ciclo “Em Busca do Sentido Perdido”, no dia 3 de setembro.

Os comentaristas da exposição de Abramovay foram o sociólogo John Wilkinson, da Universidade Rural do Rio de Janeiro, e a economista Dalia Maimon, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O moderador foi o cientista político Bernardo Sorj, professor

visitante do IEA e coordenador do ciclo.

Sociedade X Natureza

Para Abramovay, pode-se falar do afastamento entre sociedade e natureza em três aspectos. O primeiro deles é que a humanidade continua a atuar como se os limites naturais não existissem. “Já ultrapassamos limites ecossistêmicos em três dimensões cruciais da vida social (mudanças climáticas, erosão da biodiversidade e ciclo do nitrogênio) e estamos em risco de fazê-lo em seis outras. As decisões sociais sobre o uso de recursos não levam em conta que a economia é parte da sociedade e que a sociedade só existe em função do conjunto de condições naturais que a civilização contemporânea está destruindo.”



Martin Grossman, John Wilkinson, Ricardo Abramovay,
Dalia Maimon e Bernardo Sorj

O segundo aspecto é filosófico e “não menos importante”. Desde a revolução copernicana, a natureza foi vista na filosofia ocidental como pura passividade, com a atividade sendo uma prerrogativa dos indivíduos, “algo totalmente diferente, por exemplo, da cosmologia ameríndia, onde a natureza é permanentemente animada e a sociedade, de certa forma, naturalizada, com o sentido totalmente presente”.

O terceiro aspecto mencionado por Abramovay é o fato de a separação entre sociedade e natureza se exprimir de maneira particularmente nítida nas ciências sociais, que “só se formaram à medida que se emanciparam da natureza”: “Em Émile Durkheim, o social explica o social, não existe mundo natural; em Max Weber, há uma forte preocupação em distinguir explicação psicológica de explicação sociológica e ele nem sequer fala da natureza humana”.

O conferencista explicou que os fisiocratas viam algo físico no valor, que deixou de apresentar essa característica em Adam Smith, mas ainda manteve relação com algo energético, o trabalho humano. “Na revolução marginalista [segunda metade do sé-

culo 19], nada físico, energético pertence à noção de valor, que se torna estritamente subjetivo. Entre os pensadores clássicos, talvez Marx seja o que tenha na base de seu sistema de pensamento a relação entre sociedade e natureza.”

Economia X Ética

Em relação à separação entre economia e ética, Abramovay comentou que isso ocorreu no século 19: “A revolução neoclássica, com a transição para a economia pura, é a expressão mais clara desta separação. Quem mostra isso de forma muito interessante é Amartya Sen no livro “Ética e Economia”.

Para Abramovay, essa separação significa que as atividades econômicas não se regem mais pelas preocupações com o bem-estar dos outros, tornam-se um sistema automático, no qual cada um se ocupa de seus próprios objetivos e o resultado é o aumento geral da riqueza.

Levando em consideração a definição aristotélica da ética como a ciência das finalidades, Abramovay considera que a economia moderna se constituiu à medida que o tema da finalidade deixou de ser um tema da disciplina, com a produção de riqueza tornando-se independente de qualquer objetivo que não seja a própria produção de riqueza.



Ricardo Abramovay

Correntes de pensamento

Na última parte de sua exposição, Abramovay identificou três correntes de pensamento relevantes para a reflexão sobre a relação entre a sociedade e a natureza e entre a economia e a ética.

A primeira delas é a sociologia ou antropologia da ciência e da tecnologia. “Essa corrente tem como expoentes mais conhecidos Bruno Latour e Michel Callon e preconiza que se coloque a ciência no âmbito da democracia, ou seja, que a ciência deixe a torre de marfim em que o ethos científico a colo-

cou e assuma que está totalmente mergulhada na vida social.”

Para Abramovay, talvez a contribuição mais importante dessa corrente seja a ideia de que não somos o único sujeito da história: “Os objetos, a própria terra falam, estão falando cada vez mais alto e a imagem de uma natureza inerte, passiva, pronta para receber nosso engenho, provou-se completamente equivocada e catastrófica. Cultivar essa imagem é sinal de arrogância e, no entanto, é o que faz boa parte da geoengenharia, como mostra Clyde Haminton no livro ‘Earthmasters – Playing God with the Climate’.”

A segunda corrente de pensamento é a da economia ecológica, que tem como ponto de partida “contestar a noção de economia como um sistema de fluxos entre a renda das famílias e as empresas e vice-versa, um sistema fechado, onde há a participação dos governos e outros componentes, mas onde não são considerados o sol, a poluição e outros aspectos ambientais, com tudo aquilo que não faz parte da renda sendo tratado como externalidade, que só entra no sistema se puder ser incorporado, ainda que artificialmente, ao sistema de preços”.

A grande contribuição da economia ecológica, segundo o conferencista, é repensar a relação entre sociedade e natureza e, portanto, repensar o próprio sentido do crescimento econômico, o qual, por depender de recursos finitos, não pode ser considerado infinito.

A terceira corrente de pensamento fundamental é o pensamento de Amartya Sen, de acordo com Abramovay, cuja definição para desenvolvimento como “um processo de expansão permanente das liberdades substantivas dos seres humanos explicita que o desenvolvimento não são coisas, mas o que as pessoas fazem com as coisas. Isso é uma contribuição fundamental que nos permite pensar a reinserção da ética no interior da economia”.

Sujeição à ciência

O primeiro comentarista, John Wilkinson, disse que a questão da separação da economia e da ciência da sociedade na concepção das ciências sociais é apenas aparente, pois “a economia e a ciência não simplesmente descrevem a economia e a natureza, mas definem normativamente como a natureza deve ser encarada”.

A consolidação da economia inglesa e sua globali-

zação eram explicitamente vistas como a aplicação da teoria de vantagens comparativas e sua transformação em políticas, de acordo com o comentarista. Então, não é simplesmente uma questão de automização ou objetividade, mas “a sujeição da economia e da sociedade à uma concepção da ciência”.

Segundo Wilkinson, a partir dos anos 70, surgiram, tanto na Europa continental quanto no mundo anglo-saxônico, maneiras alternativas de ver esse processo de reflexão sobre a economia e a natureza. “A teoria das convenções introduziu a noção de valores e explicitou-os como intrínsecos à atividade econômica.”

Ele acrescentou que, além dos valores éticos, há também os valores estéticos cívicos. Os estéticos não são uma trivialidade, um luxo, mas “uma maneira de se relacionar com a natureza, de valorizar os componentes da natureza, a madeira e demais matérias-primas, o senso de craft em relação à produção”. Isso, na sua opinião, abre uma visão de que na vida econômica não é apenas o produto final que importa, mas também o processo produtivo e os recursos que são utilizados na atividade. Os valores cívicos “não são só o direito de propriedade, mas um conjunto de direitos, tanto de identidade quanto distributivos”.



John Wilkinson

Outra ideia fundamental para Wilkinson é a concepção do economista Karl Polanyi de que a vida econômica tem sua lógica própria, sua autonomia, mas é enraizada na vida social e na natureza. “Ele captou essa ideia na noção de que o grande perigo é tratar como mercadorias os elementos essenciais da vida humana e da natureza, como a terra, o trabalho e o dinheiro como intermediação das transações econômicas.”

Otimismo

Para ele, Abramovay poderia ter apresentado uma visão mais otimista em relação ao leque de opções,

na qual os *commons* (bens comuns) estão sendo ampliados, onde se expande uma economia de *sharing* (compartilhamento) em vez de uma economia de simples troca e onde são importantes a reciclagem, o reuso e a energia descentralizada.

Wilkinson considera que não é o caso nem de pessimismo absoluto nem de otimismo absoluto, mas de reconhecer que o embate entre essas visões alternativas vai continuar assegurando que nenhum extremismo se imponha e que haverá uma mistura de visões de como lidar com as questões da natureza e da vida coletiva.

Em relação aos comentários feitos por Wilkinson, Abramovay disse que ao enfatizar a separação entre economia e ética se apoia fundamentalmente em três autores: Polanyi, André Gorz e Lois Dumont. No entanto, destacou que quando Gorz fala em busca de sentido (a expressão aparece como complemento do título do livro de Gorz “A Metamorfose do Trabalho, Uma Crítica à Razão Econômica”), isso significa impedir que as atividades mercantis colonizem o conjunto da vida, que o mercado tome conta das vidas das pessoas.

Na opinião de Abramovay, é preciso entender “as condições sociais de desenvolvimento do mercado e não, como faz Polanyi, dizer que a economia está inserida na sociedade até o capitalismo, mas quando chega nele ela se autonomiza da sociedade”.

Economia e sociedade

O conferencista acrescentou que a nova sociologia econômica contesta essa concepção e defende que também no capitalismo a economia está inserida na sociedade, o que leva ao desafio: “Não basta dizer que os grandes ideais emancipatórios de natureza socioambiental têm que se incorporar aos indivíduos, se incorporar aos governos. O grande desafio é que vivemos numa economia de agentes privados que controlam a grande maioria dos recursos e ninguém sabe como se faz esse processo de incorporação numa economia descentralizada”.

Dalia Maimon, a segunda comentarista, disse que quando começou a pesquisar as contribuições dos economistas à temática ambiental se confrontou com a partição entre ciências naturais e ciências sociais. Para ela, a questão ambiental contribuiu também para o novo paradigma de conhecimento da interrelação entre as duas áreas científicas.

A dupla origem das questões ambientais nas ciências

da natureza e ciências sociais acarretou uma dificuldade de definição do meio ambiente como objeto, segundo ela. Essa dificuldade deve-se à complexidade do meio ambiente como sistema: “Foi preciso desenvolver a aplicação de parte da teoria do caos para a obtenção de modelos que respondessem às interações das atividades econômicas com as variantes ambientais. Outra dificuldade metodológica foi a questão da multidisciplinaridade”.

De acordo com Dalia, a complexidade do objeto e, por conseguinte, a dificuldade para o estabelecimento de causas e efeitos fizeram com que a deterioração ambiental e o esgotamento de recursos naturais se tornassem campos privilegiados de atuação de várias ideologias.



Dalia Maimon

Muitas vezes os problemas ambientais foram apresentados como consequência do impacto da explosão demográfica sobre os recursos limitados do planeta: “Esse foi o enfoque do Clube de Roma e também da conferência sobre população realizada no Cairo, que previa até o controle de natalidade”.

Segundo a comentarista, outra visão considerou a acumulação de capital e a maximização de lucro, com a introdução de novos padrões tecnológicos de uso e ritmos de exploração da natureza e de estilo de consumo, como causas do esgotamento dos recursos não renováveis. “Esse segunda posição, no entanto, não deu conta de explicar, por exemplo, por que nos países socialistas da Europa do Leste a deterioração ambiental foi ainda mais intensa do que nos países capitalistas vizinhos.”

Sobre a evolução do pensamento ambientalista desde os anos 90, Dalia disse que na Rio 92 o debate era sobre as convenções das florestas, mudanças climáticas, oceanos, ou seja, muito mais voltado às questões sobre biomas a serem preservados do que à uma visão do homem como habitante do planeta.

“Na Rio+20, por sua vez, com a constatação de que mais 80% da população do planeta está nas cidades, as velhas estratégias de economia verde tornam-se estratégias associadas à atividade do homem, e agora discutissem estratégias dos negócios, da construção civil, para o lixo, para a água potável etc.” Com isso, o próprio objeto incorporou cada vez mais o impacto das atividades socioeconômicas sobre o meio ambiente e esse tem sido o foco desde então.

Para ela, embora a Rio+20 tenha sido considerada um fracasso, a grande contribuição foi estabelecer um sistema que pudesse mensurar o crescimento econômico com os aspectos ambientais: “Os próprios objetivos do milênio a serem cumpridos até 2015 já incorporaram de forma bem mais consolidada os objetivos ambientais; e o grupo de trabalho que está estudando a colocação das questões ambientais no PIB já está bastante desenvolvido”.

Educação

A segunda parte do evento foi dedicada a um debate entre os integrantes da mesa e o público. Pedro Paulo, economista presente na plateia, perguntou como é possível inserir o aspecto da educação no debate sobre as relações entre o ser humano e a natureza.

Em resposta, Wilkinson disse que a educação é uma questão de prática, sobre como os indivíduos se comportam: “Nas creches no Brasil e em outros países, vemos que a orientação é extremamente prática em termos ecológicos e as crianças levam isso para casa e começam a questionar os pais.”

Dalia comentou que não acha que passa apenas pela educação o caminho da conciliação do conflito entre a melhoria do bem-estar e a harmonia ambiental, pois na verdade o conflito é um problema “intrínseco à própria sociedade de consumo”.

Para ela, o fato de as conferências sobre mudanças climáticas darem ênfase às inovações tecnológicas redutoras de intensidade energética e não tratarem do consumo, de sua estrutura e de como deveria ser mais responsável demonstra que “existe uma tendência de manutenção de certo tipo de acumulação de capital, de certo tipo de formação de lucro”.

Desigualdade

Bernardo Sorj, coordenador do evento e do ciclo, indagou sobre a opinião de alguns autores, que às vezes consideram a temática ambiental uma vaidade de pessoas ricas. Também quis saber dos expositores o quanto a temática ambiental poderia ser aprovei-

tada para uma agenda de luta por maior igualdade social, “uma vez que o mundo está num período da história em que a desigualdade social aumentou enormemente e coloca vários problemas, inclusive para a própria democracia”.

Abramovay respondeu que é uma questão central situar as desigualdades globais a partir da disparidade no consumo de energia e de materiais: “A humanidade consome em média 10 toneladas per capita por ano de biomassa, combustíveis fósseis, material de construção e minérios. Mas um americano consome 25 toneladas e um indiano consome 2 toneladas. E as proporções são similares para emissões de carbono, consumo de energia e consumo de água. O vínculo entre a questão ambiental e a desigualdade é que, no nível de disparidade que temos hoje, será impossível persistir no processo de ascensão social que marca o mundo contemporâneo, com a incorporação de 70 a 80 milhões de pessoas anualmente numa espécie de nova classe média”.

Abundância

O conferencista mencionou que, por outro lado, há uma vertente de especialistas que considera que o mundo está entrando numa economia de abundância, não de escassez, e que produzir bens e prestar serviços vai ser cada vez mais barato, levando à superação das discussões sobre limites. Essa é a posição de William McDonough e Michael Braungart no livro que escreveram com Bill Clinton chamado “Upcycle: Beyond Sustainability – Designing for Abundance”, em 2013. “A grande maioria dos adeptos da economia ecológica, porém, insiste no tema dos limites. Eu tendo a ter mais simpatia por esta vertente, mas acho que a questão da economia da abundância é muito importante.”

Também respondendo a Sorj, Wilkinson disse que a preocupação ambiental foi um tipo de desdobramento do movimento hippie associado a um certo luxo de afluência, mas “hoje as coisas estão ligadas a questões da vida coletiva básica, como o transporte, a vida em cidades etc”.

Quanto à desigualdade, Wilkinson disse que há certa redistribuição agregada entre os países do Norte e do Sul, mas dentro dos países tanto do Norte quanto do Sul a desigualdade de renda tem aumentado consideravelmente. “Isso não está ligado especificamente ao meio ambiente, mas mostra que os valores ambientais não são os que norteiam a dinâmica econômica.”

Crescimento econômico

Sonia Maria Barros de Oliveira, professora do Instituto de Geociências da USP, quis saber dos integrantes da mesa como se deve tratar da questão do crescimento econômico, levando-se em conta os limites naturais numa sociedade muito desigual.

Abramovay respondeu a partir do caso brasileiro. Disse ser óbvio que o país precisa crescer, “e aí a questão do sentido é absolutamente crucial para resolver esse aspecto empírico, material: crescer fazendo o quê, oferecendo o quê para a sociedade? É impressionante como nossos governantes insistem que a oferta de automóveis e a exploração de petróleo são dois eixos absolutamente estratégicos para a sociedade crescer”.

Na opinião dele, “uma coisa é dizer que a sociedade precisa gerar emprego e renda e para isso devem ser feitos investimentos nos segmentos que vão oferecer bens e serviços úteis para a vida social e não naqueles que são predatórios, como é o caso dessa generalização de petróleo e automóveis”. Abramovay considera que o conhecimento disponível permite que o país faça essa distinção e que isso se traduza em planejamento do governo e das próprias empresas.

Reprimarização

Um dos grandes problemas para o Brasil e para a América Latina em geral, de acordo com ele, é o fato de a região estar passando por um processo de reprimarização tão estimulante do ponto de vista empresarial – “e a China é um vetor fundamental desse processo” – que isso acaba ocupando uma parte importante das oportunidades que as próprias empresas possuem para se afirmarem economicamente.

Dalia comentou que não há mais desacoplamento entre social e ambiental, embora nem sempre as questões sociais sejam ambientais e vice-versa: “Quando se resolve, por meio da mecanização, o problema de emissão de partículas por causa de queimada da cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto, há a expulsão do sistema de um grande contingente de mão de obra e cria-se uma questão social. Quando melhoram os rendimentos das classes C nesse mundo emergente que envolve quase um bilhão de pessoas, que impacto isso terá sobre os recursos naturais? É possível, do ponto de vista ético, dizer para essas pessoas que elas chegaram na sociedade de consumo mas não podem consumir porque as reservas são esgotáveis?”.

Populações tradicionais

A última questão apresentada foi enviada por Ana Tereza Reis, da Universidade de Brasília, que assistia ao evento via internet. Nela, comentou que a defesa da natureza, contraditoriamente, tende a tomar as populações tradicionais, indígenas e não indígenas, como entraves à conservação da biodiversidade, apesar das evidências de que a biodiversidade da Amazônia se deve em boa medida à presença histórica dessas populações e de seus modos de vida.

Abramovay disse concordar plenamente com ela: “Não é possível separar a defesa da natureza do fortalecimento da vida comunitária de sociedades tradicionais. Essa ideia de que essas comunidades sejam obstáculos à manutenção da biodiversidade deve ser combatida”.

📺 **VÍDEO** goo.gl/ZGG5aX

8 de outubro

EM BUSCA DO SENTIDO PERDIDO: O SER HUMANO E A TÉCNICA

Bernardo Sorj (IEA-USP), Claudio Cohen (FM-USP), Gilson Schwartz (ECA-USP) e Maya Mitre (UFMG)
Sala de Eventos do IEA

Em setembro, o quarto encontro do ciclo *Em Busca do Sentido Perdido* tratou do tema *O Ser Humano e a Técnica*. O cerne da discussão, porém, não se restringiu às dificuldades para identificar os significados de uma existência tão afetada pela tecnologia. O aspecto central do encontro foi o debate sobre as dificuldades éticas impostas pelos avanços na biotecnologia e na biomedicina.

O expositor foi o psiquiatra e psicanalista Claudio Cohen, professor da Faculdade de Medicina da USP e presidente da Comissão de Ética do Hospital das Clínicas da mesma faculdade. Os debatedores foram o economista e jornalista Gilson Schwartz, professor da Escola de Comunicações e Artes da USP, e a cientista política Maya Mitre, pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais. A moderação foi do cientista político Bernardo Sorj, professor visitante do IEA e coordenador do ciclo.

Para Sorj, o tema do encontro constitui o coração do ciclo, “pois a tecnologia está no centro da filosofia contemporânea, nas ciências sociais, na busca de sentido, não só por seus aspectos deletérios, mas também por sua inserção no desenvolvimento científico, na busca de soluções para os problemas ambientais e pela capacidade de alterar as relações



Gilson Schwartz, Claudio Cohen, Maya Mitre e Bernardo Sorj

humanas”.

Na preparação de sua exposição, Cohen foi pautado por três questões formuladas pelo coordenador do ciclo:

- as novas tecnologias genéticas podem afetar a produção de sentido?
- se o ser humano evoluir em direção ao cyborg, quais serão as consequências para a condição humana?
- qual é o papel da universidade nesse processo?

Iniciando pela última questão, Cohen disse que o papel da universidade é justamente organizar debates como os do ciclo, “abrindo o discurso, de forma a que o humanismo e a tecnologia caminhem juntos”.

Quanto ao impacto da tecnologia, Cohen destacou que é preciso lembrar que ela já estava presente na vida dos humanos há dezenas de milhares de anos: “Estamos melhorando as coisas desde a invenção da primeira arma complexa, o arco e flecha. Agora chegamos ao ponto em que se pensa introduzir genes humanos num porquinho para que ele desenvolva órgãos a serem transplantados em humanos. No futuro, até que ponto um animal como esse será um porco com genes humanos ou será um humano com genes de porco?”.

Cohen identifica a perda de sentido da vida contemporânea como resultado do reduzido papel reservado à intuição como ferramenta para pensar o futuro: “Para fazer diagnósticos sobre o futuro é preciso simbolizar com a ajuda da intuição”. Para ele, a intuição também é importante para a reflexão ética.

Ele identifica cinco áreas onde estão concentrados os conflitos éticos relacionados com os avanços na biomedicina e na biotecnologia:

- medicalização da vida;
- sexualidade;
- medicalização da morte;
- medicalização do nascimento;
- possibilidade de criação de novas espécies.

Em relação à medicalização da vida, Cohen comentou que tudo hoje é objeto de pesquisas sobre tratamento e reabilitação, com “o hospital sendo considerado a única instituição capaz de tratar o ser humano como um todo e o pronto socorro virando uma clínica geral”. Com isso, acrescentou, o custo da saúde ficou muito elevado, sendo impossível garantir o direito a ela previsto na Constituição Federal.

No que se refere às mudanças comportamentais em relação à sexualidade, Cohen lembrou os impactos provocados pelo surgimento da pílula anticoncepcional nos anos 60 e, depois, nos anos 90, das drogas para a disfunção erétil, que possibilitaram a muitos idosos se reintegrar ao grupo de pessoas com interesse sexual. Além disso, citou os conflitos em relação às preferências sexuais quando não há correspondência entre os gêneros do indivíduo definidos pelos aspectos genético, morfológico, endócrino, psicológico e cultural-jurídico-religioso.

Na opinião de Cohen, a medicalização da morte é resultante de vários fatores, desde o estabelecimento da morte cerebral como critério definidor (e com isso possibilitando o transplante de órgãos) até o desenvolvimento de novas tecnologias médicas, que levantaram questões complexas, como o quanto prolongar a vida e o quanto cuidar da saúde. Ele exemplificou com o dilema ético envolvido no desejo de um paciente em não ter a bateria de seu marcapasso trocada (possível nos Estados Unidos, mas impossível no Brasil) e morrer em consequência disso. Há mesmo a medicalização de “conceitos sociais em relação à morte, como no caso de o DSM-5 (5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria) julgar que um luto por mais de duas semanas deva ser tratado como depressão”.

Para Cohen, a medicalização do nascimento tem como fundo uma questão bastante simples de formular e extremamente complexa para responder: o que é vida? “Até há alguns anos, vida era um determinante biológico, os biólogos sabiam o que tem vida; hoje em dia os astrofísicos entendem que o planeta tem vida. Quem vai definir o que é vida?”



Claudio Cohen

Os filósofos? Os biólogos? A justiça? As religiões? Os bioeticistas? E quando deve ser considerado o marco zero para o início da vida? A grande maioria das pessoas considera como marco zero o momento da fecundação do óvulo pelo espermatozoide. No entanto, hoje já é possível clonar animais, um processo de reprodução assexuada.”

Quanto à criação de novas espécies, ele destacou que o caminho para isso vem desde o início da criação de organismos transgênicos nos anos 70 e agora já é possível criar novas espécies de forma sintética: “Qual a posição ética que encontramos em face dessas novas tecnologias? Os transumanistas julgam isso viável e útil; os conservadores, que constituem a maioria da sociedade, não”.

Cohen decidiu encerrar a exposição com uma série de dúvidas que acredita sejam justificáveis em função do que se observa no presente e do que se intui para o futuro:

Existe algum absoluto ético?

Existe uma cultura moral universal?

São possíveis as generalizações biológicas e bioquímicas?

As decisões médicas podem ser universais, sobretudo com relação à natureza social e psicológica do indivíduo?

Com relação à especificidade da medicina, devemos formar engenheiros-médicos (preocupados com os aspectos biológicos) ou médicos clínicos (preocupados também com a biografia do paciente)?

Como tratar a medicina complementar e alternativa?

Comentários

Maya Mitre disse que “a maioria das pessoas não questiona o uso da tecnologia para a cura de uma pessoa, não havendo muito debate moral em torno disso”, acrescentando que “o problema surge quan-

do se começa a pensar a ciência como forma de melhorar a espécie humana, pois aparece a dúvida se isso vai nos deixar menos humanos”.

Com exemplo para essa eventual “melhoria” do ser humano, Maya levantou as possibilidades crescentes de manipulação de características de nascença dos indivíduos, via seleção de embriões: “Muitos países já permitem o desenvolvimento de embriões no laboratório e posterior seleção para que se evitem doenças genéticas. Até a escolha do sexo é permitida, inclusive no Brasil, para evitar doenças genéticas que são transmitidas apenas para homens ou apenas para mulheres”.



Maya Mitre

Maya considera que até esse ponto parece não haver problema, mas vê outras possibilidades que precisam ser discutidas, como o fato de um casal querer selecionar o embrião de uma menina, pois já tem três meninos, ou no futuro querer embriões sem determinantes para dislexia, miopia e obesidade, por exemplo. Ela levantou a hipótese de uma questão ainda mais polêmica: “E se a genômica se desenvolver a tal ponto que no futuro seja possível selecionar embriões com talentos musicais, esportivos ou matemáticos, por que não permitir essa seleção? Qual a diferença entre selecionar um embrião com determinados talentos ou fazer o que o pai das tenistas americanas Venus e Serena Williams fez, treinando-as desde muito pequenas a serem tenistas? Não é melhor escolher um embrião apropriado, que resultará num indivíduo que sofrerá menos?”.

A pesquisadora disse que há um desconforto entre muitos filósofos quanto à ideia de seleção de embriões, mas que outros pensadores, como Michael Sandel, consideram que há um caminho para pensar sobre o assunto. Segundo ela, Sandel diz que a liberdade de escolha da lógica liberal não é capaz de explicar o nosso desconforto. “Ele acredita que ao se apropriar demais da natureza, o indivíduo acaba in-

terferindo com três valores importantes: humildade, responsabilidade e a solidariedade. A humildade é a questão da nossa postura em face do desconhecido, do imprevisível, que nos torna humanos.” Outra coisa em que ele acredita, segundo Maya, é na ideia de quanto mais liberdade de escolha, maior a responsabilidade: “Isso significa que quanto mais se puderem escolher as características dos filhos, maior será a responsabilidade, que poderá se tornar um peso insuportável”.

Em resposta aos comentários de Maya sobre o fato de não haver muita discussão quanto a se desejar a cura de alguém, Cohen disse que às vezes certos impedimentos levam ao desenvolvimento tecnológico: “Quando foram iniciados os transplantes de fígado, houve uma objeção cultural por parte dos japoneses, que não aceitam receber órgãos de cadáveres. Como consequência, eles acabaram desenvolvendo o transplante de fígado intervivos”.

Em relação à liberdade de escolha genética mencionada por Maya, Cohen disse que aparentemente o indivíduo tem o direito de escolher o que ele quer, mas pode ser que a sociedade diga que não pode ser assim por diversos fatores, inclusive aspectos religiosos, pois não existe apenas a liberdade individual, mas também outras condicionantes morais que podem ser limitantes.

O primeiro tema abordado por Gilson Schwartz em seus comentários foi o rastro digital deixado por quem morre, algo que tem adquirido relevância ultimamente: o que deve acontecer com as páginas, posts, emails e outros conteúdos que a pessoa inseriu ou fez circular na internet? “É um desafio bastante delicado, o direito ao esquecimento e, especialmente, o direito à privacidade post-mortem”. Talvez seja necessário deixar em vida instruções sobre o que deve ser feito com o rastro digital pessoal e isso “coloca em evidência a dificuldade que existe em lidar com a tecnologia, não com o que ela tem mais de instrumental, mas com algo intangível, a memória”.

Outro ponto discutido por Schwartz foi o vínculo entre tempo e morte e em que medida a tecnologia altera essa relação. Ele lembrou que Heidegger em “O Ser e o Tempo” situa a relação do indivíduo com o tempo como uma relação com o futuro, e “ao pensar o futuro o indivíduo tem de pensar que em algum momento ele não estará mais aqui”. Schwartz destacou, porém, que “agora, vemos que nos “Cadernos Negros” de Heidegger fica clara sua opção pelo nazismo, pelo hitlerismo; com isso,

a constatação ontológica fundamental de que afinal vamos todos morrer torna-se quase um culto à morte, à morte em massa, ao genocídio”.

Como contraponto a Heidegger, Schwartz mencionou a ideia do filósofo judeu Emanuel Levinas de que “a situação fundamental do ser humano não é essa de focar o futuro para pensar na morte, mas sim que o fenômeno fundamental da nossa vida é a constatação da morte do outro, de quem a gente ama”. De acordo com Schwartz, Levinas situa no feminino e no amor essa disposição para se preocupar com a morte do outro e “essa perspectiva, até certo ponto erótica, coloca o feminino como algo fundamental para a gente pensar a vida e a morte, e não a morte como algo que seja evitável pela tecnologia”.



Gilson Schwartz

O último ponto tratado por Schwartz foi a nova tendência da gestão hospitalar, voltada para que o paciente fique o menor tempo possível no hospital, o que leva a uma “hospitalização dos domicílios e o uso da internet como um hospital distribuído, móvel, inclusive com aplicativos para o celular que controlam quantos passos alguém deu, quantas calorias ingeriu etc.”. Para o debatedor, isso faz com que “carreguemos em nosso corpo e tenhamos em nossa casa quase que uma hospitalização permanente”.

Quanto à questão da herança digital de alguém, Cohen relatou que houve uma discussão muito grande no Hospital das Clínicas sobre o assunto, pois uma lei determinou que os prontuários médicos só devem ser guardados por 20 anos. Ele disse que os responsáveis pelos prontuários logo manifestaram que pretendiam queimar o que não precisava ser guardado, pois estaria ocupando muito e precioso espaço das instalações. Como presidente da Comissão de Ética, Cohen argumentou que eles estavam “queimando a vida das pessoas, mas isso não foi considerado um problema”.

Sobre a nova lógica de gestão hospitalar citada por Schwartz, Cohen a confirmou, acrescentando que a tendência é de as pessoas irem para casa o mais rápido possível e terem atendimento por meio do chamado *homecare*. Todavia, se a ida para casa reduz o risco de infecção hospitalar, há também um viés econômico nisso, “pois um paciente num leito de enfermaria não é tão rentável como um paciente na UTI”.

O moderador do evento disse que os temas comentados por Cohen o fizeram lembrar de uma frase comum na filosofia sobre a racionalidade das partes e a irracionalidade do todo, ou seja, “no nível do indivíduo a coisa melhora, mas o resultado coletivo final pode ser destrutivo”. Sorj disse que o biólogo Jacques Monod, Prêmio Nobel de 1965, já se preocupava nos anos 60 com o fato de as melhorias na medicina poderem estar trazendo para a humanidade um pool genético que a seleção natural eventualmente eliminaria.

Outra observação de Sorj relacionou os princípios de Eros e Tântatos à tecnologia: “Freud nos ensinou que o ser humano carrega esses dois potenciais, de amor e de destruição, inerentes à condição humana. Aparentemente a tecnologia é neutra, podendo ser usada para o bem e para o mal, mas na verdade não é bem assim, pois ela é produzida por seres humanos com objetivos determinados e, portanto, não pode ser considerada neutra. Pensar que a vitória será do bem contra o mal é um desejo, mas ao deixar nossos desejos de lados, nossas intuições nos levam a preocupações grandes sobre o futuro”.

Em resposta a Sorj, Cohen frisou que Freud estabeleceu os princípios antagônicos de Eros e Tântatos não como uma questão ética entre bem e mal, mas como uma questão da psique humana.

A Maya, Sorj disse que a incerteza total é insuportável, mas o controle absoluto é tão desumanizador quanto ela. “Para ter menos incerteza, o indivíduo aceita um controle que termina sendo insuportável, destruindo sua humanidade. Que capacidade teria uma sociedade democrática para enfrentar isso?”

Maya disse que falou sobre a questão da escolha genética mais como provocação para o debate, pois a considera algo muito problemático, até do ponto de vista psicanalítico. “Coloca-se tanta responsabilidade sobre os pais que a relação com os filhos se torna corrompida e pouco saudável para a própria criança”. Para ela, a grande preocupação em relação à tecnologia — e não só a biotecnologia — não é a

de que um estado totalitário possa se apropriar dela e desenvolver um projeto eugênico, mas sim sobre onde vai-se parar caso indivíduos sejam autorizados a escolher autonomamente, sob um ponto de vista liberal, numa lógica de mercado. Para ela, o resultado disso pode ser desastroso. “E se deixamos sob o controle do estado também o será, com a possibilidade de repetição de erros do passado.”

A Schwartz, Sorj perguntou até que ponto o mundo virtual poderá ser um novo produtor de sentidos que escapam aos mais velhos e aos mais jovens que ainda não ingressaram completamente nele.

Em resposta, Schwartz comentou que uma palavra da moda atualmente é *gamification*: “Até recentemente, a difusão das tecnologias digitais tinha mais impacto sobre eficiência de processos, mudanças nas relações de mediação e intermediação, algo muito mais funcional, operacional, econômico, redução de custos, principalmente custo de transações, custos para acessar informações. De cinco anos para cá, os games e a gamification trouxeram uma dimensão para o uso da tecnologia totalmente inédita, uma ludificação (mal traduzindo gamification) da vida”.

Para Schwartz, trata-se de uma mudança antropológica importante, pois parece haver uma nova dimensão da vida em que o lazer, a diversão, a criatividade, a brincadeira, a crítica ganham maior importância com a tecnologia, devendo afetar nossa relação com a vida e mesmo a política do cuidado com cada um. “Será que não está surgindo aí uma nova perspectiva terapêutica, onde o cuidar de si e o cuidar dos outros passa menos por uma descoberta instrumental, um novo remédio, uma nova prótese, e mais por uma nova situação no mundo, mais brincalhona e menos trágica?”

A última indagação de Sorj foi para Cohen, sobre o fato de a expectativa de vida estar aumentado, mas a qualidade de vida não velhice não: “Não estaríamos nos aproximando de decisões complicadas, sobre quem vai decidir e como? Será que o mercado vai possibilitar aos ricos viver mais e, ao mesmo tempo, limitar o tempo de vida dos pobres? Da mesma forma, pessoas ricas poderão ter filhos sem doenças e a partir de certo cardápio e pessoas pobres não poderão fazer essas escolhas e seus filhos pagarão seguros mais caros? Os impactos sociais podem ser tremendos e atingir a própria essência da humanidade.”

Segundo Cohen, o problema em relação à qualidade de vida dos idosos está muito relacionado com o

fato sempre denunciado pelos geriatras de que toda nossa sociedade, cadeiras, ônibus, tudo é feito para pessoas até a meia idade, não para os idosos. “Será preciso construir espaços onde os idosos possam ter instalações, móveis e tudo o mais adequado a eles. Aí sim eles terão qualidade de vida. O que eles não estão conseguindo é se adaptar a este mundo feito para pessoas mais jovens”.

📺 VÍDEO goo.gl/h5LZb0

Publicações

Livro

SORJ, Bernardo; MARTUCCELLI, Danilo . **O Dilema Latino-Americano** (in Ukrainian). 1. ed. Kiev: Calvaria, 2014. 288p.

Capítulos de Livros

SORJ, Bernardo. Entre o Local e o Global. In: FIGUEIREDO, Rubens (org). **Junho de 2013 – A Sociedade Enfrenta o Estado**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

SORJ, Bernardo. Brazil and the Liberal Order in the 21st Century. In: FLOCKHART, T., et al. **Liberal Order in a Post-Western World**. Washington: The Transatlantic Academy, 2014.

SORJ, Bernardo. Individualismo Transgresor e Instituciones Públicas: la Democratización de la Cultura Oligárquica en América Latina. In: ALBERTI, Giorgio; HIGUERAS, José Luis Villena (coords.). **Movimientos e Instituciones y la Calidad de la Democracia: Análisis de Casos en América Latina y la Unión Europea**. Barcelona: Octaedro, 2014.

SORJ, Bernardo. On-line / Off-line: a Nova Onda da Sociedade Civil e a Transformação da Esfera Pública. In: SORJ, B., FAUSTO, S. **Internet e Mobilizações Sociais: Transformações do Espaço Público e da Sociedade Civil**. São Paulo: Plataforma Democrática, 2014.

Artigos

SORJ, Bernardo, FAUSTO, Sergio., Informe sobre Cuba. In: **Plataforma Democrática**, São Paulo: Fundação iFHC/Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

SORJ, Bernardo. Geopolítica e Cultura: a Trajetória de Israel. In: **História**. Vol.33, nº 2, Jul/Dec, São Paulo: Universidade Estadual Paulista Julio de Mes-

quita Filho, 2014.

SORJ, Bernardo. La Politique Brésilienne dans une Nouvelle Ère?. In: **Socio**, n° 3, Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 2014.

Amazônia em Transformação: História e Perspectivas



Coordenação: Maritta Koch-Weser

Membros: José Pedro de Oliveira Costa, Warwick Manfrinato e Maria de Lourdes Davies de Freitas

Caracterizada pela grande variedade ambiental, sociocultural e de condições institucionais de suas sub-regiões, a Amazônia é marcada também por gigantescas transformações econômicas e ambientais, entre elas o desmatamento intenso e a urbanização.

Com o objetivo de coletar, organizar e disponibilizar informações sobre a região produzidas nos últimos 40 anos, e dessa forma fomentar futuras estratégias, políticas e programas, o IEA lançou em 2009 o Programa “Amazônia em Transformação: História e Perspectivas”, que tem como coordenadora-geral Maritta Koch-Weser e José Pedro de Oliveira Costa como coordenador adjunto.

Segundo os coordenadores, muitos trabalhos sobre a região ficaram limitados a subsidiar projetos públicos ou privados, programas e entidades. Além disso, inúmeros estudos e relatórios permaneceram restritos aos arquivos de empresas, agências, institutos e universidades ou integram os acervos particulares de pesquisadores. Existe também uma vasta gama de outros documentos, inclusive visuais, que não tiveram a devida divulgação, como relatórios de campo, pesquisas, trabalhos esporádicos, discussões estratégicas ou de planejamento, mapas, inventários, filmes e fotografias. Muitos não estão catalogados, são de difícil localização e estão precariamente preservados.

Essa situação motivou a formulação do projeto coordenado pelo IEA, com o objetivo de salvaguardar informações importantes sobre a Amazônia para pesquisas atuais e futuras, além de servir ao planejamento de políticas públicas. A proposta já foi contemplada com R\$ 317 mil do Programa de Infraestrutura da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) para a aquisição de equipamentos e programas necessários à digitalização e disponibilização na web dos acervos.

O projeto está dividido em quatro partes:

- **Recuperação:** resgate de arquivos privados e institucionais; realização de uma série de entrevistas com protagonistas de desdobramentos históricos na Amazônia a partir dos anos 60; digitalização de materiais não publicados até o momento, tornando-os acessíveis às instituições acadêmicas e a outros interessados.
- **Portal “Amazônia em Transformação”:** um vasto banco de dados, para uso acadêmico; uma área aberta a contribuições e que permita a troca de informações entre pesquisadores e outros interessados na questão; articulação, via links e outros meios, com outras fontes de informação sobre a Amazônia.
- **Diálogos Estratégicos:** realização de uma sequência de fóruns que proporcionarão o en-

contro de especialistas, estudantes e tomadores de decisão; os primeiros tópicos de diálogo incluem desafios e oportunidades relacionadas com a gestão de bacias hidrográficas, mudanças climáticas na Amazônia e desenvolvimento de negócios sustentáveis.

- Arquivo e Biblioteca: constituição de um Centro de História da Amazônia, com um acervo físico de documentos e livros sobre a região; pesquisadores pioneiros que se dedicaram por muitos anos à Amazônia já ofereceram suas coleções.

Para a consecução desses objetivos, o projeto pretende desenvolver uma base de cooperação institucional a mais vasta possível. A meta inicial é desenvolver parcerias com instituições e programas especializados, nacionais e internacionais, de forma inclusiva e cooperativa.

Destaque

MARITTA KOCH-WESER TORNA-SE COLABORADORA EXTERNA DO WILSON CENTER

A ambientalista Maritta Koch-Weser tornou-se colaboradora externa do Brazil Institut do Woodrow Wilson International Center for Scholars, em Washington, EUA.

Todos os anos, o Woodrow Wilson International Center for Scholars recebe cerca de 160 acadêmicos, profissionais, jornalistas e intelectuais para integrar a plataforma de estudos da instituição e enriquecer o debate não-partidário de ideias. Como colaboradores, esses *experts* têm a missão de desenvolver pesquisas independentes ligadas aos principais desafios das políticas públicas no cenário nacional e internacional.

Em maio de 2013, Koch-Weser já havia passado pelo Brazil Institute para apresentar o projeto da Rainforest Continent Business School. Inaugurada em fevereiro daquele ano pelo IEA, a iniciativa é voltada para a formação de recursos humanos em negócios sustentáveis na Amazônia e tem como objetivo suprir a demanda de especialistas com preparo para aproveitar o potencial econômico da floresta em pé.

Antropóloga de formação, Koch-Weser é fundadora e presidente da Earth3000, organização internacio-

nal sem fins lucrativos, com sede na Alemanha, que apoia inovações no campo da governança ambiental e do desenvolvimento. Trabalhou no Banco Mundial, em Washington, por mais de 20 anos e foi diretora geral da International Union for Conservation of Nature and Natural Resources (IUCN).

Reunião Interna

20 de março

REUNIÃO DE TRABALHO

Maritta Koch-Weser, Martin Grossmann, Celso Grecco, Monique Vanni, José Pedro de Oliveira Costa e Maria de Lourdes Davies de Freitas
Sala de Reuniões - IEA

Durante a reunião de trabalho foram discutidos e analisados diferentes modelos institucionais, métodos de governança e formas de financiamento a serem aplicados no projeto Rainforest Business School, de forma que a iniciativa se torne autossustentável após sua fase incubadora no Instituto de Estudos Avançados da USP.

Definição de custos, estabelecimento de novas etapas, levantamento de parceiros e possibilidades de convênios e suportes financeiros dentro e fora do Brasil também foram pontos debatidos na reunião, que contou com a apresentação e colaboração especiais de Celso Grecco, consultor criador da primeira Bolsa de Valores Sociais do mundo, e de Monique Vanni, doutoranda da London School of Economics and Political Science e pesquisadora sobre desenvolvimento de cadeias de valor extrativistas globais e seu impacto nos meios de subsistência e conservação locais.

Maritta Koch-Weser apresentou resultados e avanços alcançados em reuniões realizadas em diversas



Maritta Koch-Weser, Martin Grossmann, Celso Grecco, Monique Vanni, José Pedro de Oliveira Costa e Maria de Lourdes Davies de Freitas

instituições nacionais e internacionais, entre elas o Ministério do Meio Ambiente, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), a Clarence House (Londres), o Wilson Center (Washington) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Durante o encontro, os integrantes do projeto puderam expor suas opiniões e sugestões sobre a iniciativa, estabelecendo estratégias de empreendedorismo e desenvolvimento sustentável em florestas tropicais no mundo.

14 de maio

REUNIÃO COM AGÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INTERNACIONAL (USAID)

Jerry O'Brien (Usaid), Rebecca Marksamer (Usaid), Marion Adeney (Usaid/Peru), Mark Sorensen (Usaid/Brasil), Alex Alves (Usaid/Brasil), José Pedro de Oliveira Costa (IEA-USP), Warwick Manfrinato (IEA-USP) e Roberto Waak (Amata Brasil)

Reunião do grupo com equipe de especialista da Usaid Washington e Usaid — Escritório Regional no Peru para a discussão de subsídios que ajudem a concluir o desenho da nova estratégia de meio ambiente no Brasil para os próximos cinco anos, bem como discutir potenciais colaborações conjuntas.

Astrofísica Nuclear Não Convencional



Coordenação: Mahir Saleh Hussein

Membros: Alinka Lépine, Ani Aprahamian, Carlos A. Bertulani, Carlos A. Bertulani, Elcio Abdalla, Michael Wiescher, Paulo Roberto Silveira Gomes, Pierre Descouvemont, Rubens Lichtenthäler Filho, Valdir Guimarães

Criado em 2010, é integrado por físicos nucleares do Instituto de Física da USP, da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal do Rio de Janeiro e por alguns participantes de encontro internacional realizado em João Pessoa, PB, naquele ano.

Em 2014, o grupo deu continuidade aos estudos sobre vários aspectos de evolução nuclear das estrelas, especificamente no que concerne ao envolvimento de núcleos instáveis, e também aos trabalhos sobre a evolução nuclear em estrelas binárias como a Eta Carinae. Esse sistema de duas estrelas, em que uma menor alimenta a outra maior, sofre um “apagão” a cada 5,52 anos e tem uma taxa de queima de combustível nuclear muito alta (o apagão foi previsto e estudado pelo astrofísico Augusto Damineli do Instituto Astronômico e Geofísico da USP). Não há ainda um mecanismo conhecido e elaborado que explique tal aceleração na queima. O grupo tem estudado essa questão tendo em vista o fato de que o sistema roda com velocidade de rotação muito alta. O estudo neste caso envolve o efeito da força chamada Coriolis, originária da rotação (uma das chamadas forças não-inerciais), na taxa de reação nuclear. O projeto tem vigência até janeiro de 2016.

Destaque

O ASTROFÍSICO MAHIR SALEH HUSSEIN

AGORA É ‘FELLOW’ DA AMERICAN PHYSICAL SOCIETY

O astrofísico Mahir Saleh Hussein foi nomeado recentemente *fellow*¹ da American Physical Society (APS).

Hussein foi indicação para a *fellowship* pela Divisão de Física Nuclear da APS por suas “contribuições seminais ao longo de quatro décadas para a teoria das reações nucleares, seu papel de liderança na constituição de grupo teórico e na implantação de instalações para feixes radioativos experimentais, bem como pelos seus continuados esforços para o estabelecimento e manutenção de colaborações científicas em física nuclear entre o Brasil e os Estados Unidos”.

A APS considera a atribuição da *fellowship* a um cientista como “uma distinção honorária em razão do reconhecimento, pelos pares, das excepcionais contribuições à física realizadas pelo homenageado”.

Hussein é o único *fellow* da APS integrante da USP. Os outros fellows brasileiros da entidade são: Hilda Cerdeira, da Unesp; Elza Cruz Vasconcellos, da Uni-

¹ O termo inglês *fellow* não possui equivalente em português, mas é comparável à denominação “membro correspondente”, utilizada pela Academia Brasileira de Ciências e outras instituições científicas em casos similares.

camp; Luiz Davidovich, da UFRJ; Eduardo Montenegro, da UFRJ; e Alberto Santoro, da Uerj.

Eventos

14 a 16 de abril

WORKSHOP ON NEUTRINO AND NUCLEAR ASTROPHYSICS

Corredação: Mahir Hussein (IEA e IF - USP)

Sala de Eventos do IEA

Astrofísica Nuclear é um campo importante da pesquisa onde se estudam aspectos químicos e físicos da produção de elementos químicos nas estrelas. Este evento pretende discutir os últimos avanços nesta área. Pretende-se também discutir o nucleossíntese na época de Big Bang e o papel de neutrinos no síntese.



Participantes do workshop

Programação

14 de abril

| | |
|-------|--|
| 11h00 | Recepção dos participantes |
| 11h30 | Nuclear Astrophysics Challenges at Threshold Energies - Michael Wiescher - University of Notre Dame |
| 12h30 | Intervalo |
| 14h30 | Dark Energy and Dark Matter: Interacting Models and Compatibility with Observations - Elcio Abdalla - USP |
| 15h30 | BBN with Electron Screening, Non-Existing Statistics and Dark Matter - Carlos Bertulani - Texas A&M Univ. Commerce |
| 16h30 | Discussões |

15 de abril

| | |
|-------|--|
| 10h30 | Neutrinos in Astrophysics and Cosmology - Baha Balantekin - University Wisconsin-Madison |
|-------|--|

| | |
|-------|---|
| 11h30 | Observing Cosmic Nuclei: Gamma-Ray Radioactivity - Roland Diehl - MPI-Munich |
| 12h30 | Intervalo |
| 14h30 | The First Supernovae and Abundances in the Oldest Stars - Beatriz Barbuy e Cesar Siqueira-Mello - USP |
| 15h30 | Pairing in Nuclear Matter and Nuclei in a Relativistic Formalism and Possible Astrophysics Implications for Neutron Star Cooling - Manuel Malheiro - ITA-Brasil |
| 16h30 | Discussões |
| 20h00 | Workshop |

16 de abril

| | |
|-------|--|
| 10h30 | Sensitivity Studies for the Main R-Process: Nuclear Masses, Beta-Decay Rates, Neutron Capture Rates in Three Astrophysical Scenarios - Ani Aprahamian - University of Notre Dame |
| 11h30 | Coupled-Channel Data Analysis for the $^{12}\text{C}(\alpha, n)^{13}\text{C}$ - Leandro Gasques - USP |
| 12h30 | Intervalo |
| 14h30 | Investigating the Astrophysical S-Factor of Critical Heavy-Ion Collisions Within a Nuclear Molecular Picture - Alexis Diaz-Torres - ECT |
| 15h30 | Discussões |
| 16h30 | Encerramento |

📺 VÍDEO goo.gl/jyfSei

13 a 17 outubro

CRITICAL STABILITY 2014

Mahir Hussein, Tobias Frederico, Lauro Tomio
Mercure Santos Hotel

Sétimo Workshop Internacional e Interdisciplinar sobre Dynamics of Critically Stable Quantum Few-Body Systems (Critical Stability 2014)



Participantes do workshop (Foto: Deborah Koren Frederico)

Programação

13 de outubro

| | |
|---|--|
| 8h45 | Jensen/Frederico Opening speech |
| SESSION I - Molecular Systems + Nuclear Few-Body Systems (Chair: Jean-Marc Richard) | |
| 9h00 | Rost Proton Ejection from Molecular Hydride Clusters |
| 9h40 | Bertulani Tunneling, diffusion, and dissociation of Feshbach molecules in optical lattices |
| | Coffee Break |
| 11h00 | Van Kolck Few-Nucleon Systems in a Quirky World |
| 11h40 | Barnea Experimental evaluation of the nuclear neutron-proton contact |
| | Almoço |
| SESSION II - Scaling and Universality + Atomic Systems (Chair: Mahir Hussein) | |
| 15h00 | Nishida Few-body universality: from Efimov effect to super Efimov effect |
| 15h40 | Servaas Finite range effects in two-body and three-body interactions |
| | Coffee Break |
| 17h00 | Forseen Strongly-interacting few-fermion systems in a trap |
| 17h40 | Rossi Monte Carlo Simulations of the Unitary Bose Gas |

14 de outubro

| | |
|--|---|
| SESSION III - Scaling and Universality (Chair: Ivan Castin) | |
| 9h00 | Greene Universal physics with three or four particles |
| 9h40 | Khaykovich Three-body recombination at vanishing scattering length in ultracold atoms |
| | Coffee Break |
| 11h00 | Fedorov On universality in three-body recombination of cold atoms into deep dimers |
| 11h40 | Naidon Microscopic origin and universality classes of the three-body parameter |
| | Almoço |
| SESSION IV - Nuclei close to drip line (Chair: Felipe Canto) | |
| 15h00 | Descouverment Low-energy reactions involving halo nuclei |
| 15h40 | Lichtenthaler Elastic scattering of halo projectiles at low energies |
| | Coffee Break |
| 17h00 | Marques The far side of the neutron dripline at RIKEN |

| | |
|-------|---|
| 17h40 | Higa Capture reactions in Halo Effective Field Theory |
|-------|---|

15 de outubro

| | |
|---|--|
| SESSION V - Cold Atoms, few- and many-body physics (Chair: Marcelo Yamashita) | |
| 9h00 | Sadegpour How an electron may capture an atom, a molecule, or an entire BEC? |
| 9h40 | Gammal Oscillating attractive-repulsive obstacle at supersonic flow of a Bose-Einstein condensate |
| | Coffee Break |
| 11h00 | Adhikari Stability and collapse of fermions in a binary dipolar Bose-Fermi ^{164}Dy - ^{161}Dy mixture |
| 11h40 | Zhang Integrability and weak diffraction in a one-dimensional two-particle Bose-Hubbard model |
| 12h20 | Caracanhas Excitation of a trapped BEC Generation of turbulence and its characterization |
| | Almoço |

16 de outubro

| | |
|---|--|
| SESSION VI - Light hypernuclei + Scaling and Universality (Chair: Lauro Tomio) | |
| 9h00 | Richard New results on light hypernuclei |
| 9h40 | Emiko Structure of neutron-rich hypernuclei |
| | Coffee Break |
| 11h00 | Castin At the threshold of the Efimov effect |
| 11h40 | Kolganova The rare gas clusters |
| | Almoço |
| SESSION VII - Nuclear reactions and nuclear matter + Few-body collisions (Chair: Dimitri Fedorov) | |
| 15h00 | Carlson Systematics of Elastic and Inelastic Deuteron Breakup |
| 15h40 | Delfino Nuclear Matter Bulk Parameter Correlations from a Nonrelativistic Solvable Approach and Beyond |
| | Coffee Break |
| 17h00 | Lazauskas Configuration space techniques to solve multiparticle scatt problem by using trivial boundary conditions |
| 17h40 | Sultanov Protonium Formation in a Collision Between Slow Anti-Proton and Muonic Hydrogen Atom |

17 de outubro

SESSION VIII – Reduced dimensional systems + Extended Efimov physics (Chair: Brett Carlson)

| | |
|-------|--|
| 9h00 | Zinner Tailored dynamics of strongly interacting one-dimensional few-body systems |
| 9:40 | Bellotti Mass-imbalanced three-body systems in 2D: bound states and the one-body density |
| | Coffee Break |
| 11h00 | Blume Extended Efimov scenario: Boson droplets without and with an impurity! |
| 11h40 | Gattobigio Exploration of Efimov window in the N-body sector: Universality and Scaling |
| | Almoço |

SESSION IX – Efimov physics + miscellaneous (Chair: Tobias Frederico)

| | |
|-------|--|
| 15h00 | Yamashita Dimensional transition of weakly-bound three-boson systems |
| 15h40 | Kuhnle Efimov Resonances in a Mixture with Extreme Mass Imbalance |
| | Coffee Break |
| 17h00 | Okopinska Spectral and entanglement properties of the Gaussian quantum dot |
| 17h40 | Santopinto Charmonia and bottomonia spectroscopy |
| 18h20 | Workshop Summary - Aksel Jensen |

Grupo de Pesquisa

Brasil-França



Coordenação: Regina Maria Salgado Campos

Membros: Gilberto Pinheiros Passos, Antonio Dimas de Moraes, Glória Carneiro do Amaral, Heliana Angotti-Salgueiro, João Roberto Gomes de Faria, Leyla Perrone Moisés, Maria Luiza Guarnieri Atik e Sandra Margarida Nitri

O grupo originou-se do Núcleo de Pesquisa Brasil-França criado em agosto de 1988 a partir de um convênio com o Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain (CRBC) da École Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales, França.

Objetivos

Considerando-se a duração e intensidade das relações entre o Brasil e a França, em todos os domínios do saber, estudá-las é uma maneira de melhor conhecer a formação e o desenvolvimento da cultura brasileira. Os estudos multidisciplinares são divulgados através de publicações, conferências e colóquios, além de outras atividades.

Diálogos Interculturais



Coordenação: Sylvia Duarte Dantas

Membros: Adriana Capuano de Oliveira, Koichi Mori, Ligia Fonseca Ferreira e Maura Pardini Bicudo Vêras

O grupo iniciou seus trabalhos em 2009 com o objetivo de viabilizar o debate entre pesquisadores de distintas áreas do conhecimento que, por meio de enfoques teóricos específicos e metodologias próprias às suas áreas, investigam o fenômeno do contato entre culturas e suas repercussões para o indivíduo, o grupo e a sociedade, a fim de ampliar referências, promover interlocuções e produzir elaborações acerca da interculturalidade.

Objetivos

Instaurar diálogos no campo interdisciplinar na busca da interlocução, ampliação e articulação de focos, problematizações e estratégias que permitam uma maior aproximação em relação à complexidade dos fatores decorrentes do contato entre culturas. São consideradas dimensões como: identidade nacional, identidade étnica/racial, identidade cultural, alteridade, gênero, relações intergrupais, preconceito/discriminação, ética/violência, estética cultural, percepção, multiculturalismo e bilinguismo.

Eventos

9 de setembro

O ARQUIVO APARTHEID: RACISMO, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO ENTRE SUL-AFRICANOS NA AUSTRÁLIA

Com Christopher Sonn (Victoria University, Austrália),

Sylvia Dantas (IEA-USP e Unifesp), Adriana Capuano de Oliveira(UFABC), Ligia Fonseca Ferreira (Unifesp) e Maura Pardini Bicudo Vêras (PUC-SP)
Instituto de Química da USP

Duas décadas após o fim do apartheid, a herança do racismo institucionalizado se faz presente na África do Sul não só na forma da discriminação culturalmente arraigada e de profundas desigualdades socioeconômicas, como também na construção das identidades dos sul-africanos, inclusive daqueles que deixaram o país durante o regime de segregação racial.

Marcados pelas memórias do passado de opressão e das relações sociais deixadas para trás e confrontados com um contexto sociocultural muito diverso daquele vinculado a suas raízes, esses migrantes passam por processos psicossociais específicos de negociação do senso de pertencimento e da acomodação de suas subjetividades.

O psicólogo social Christopher Sonn, professor da University of Victoria, na Austrália, abordou o tema na conferência *Arquivo do Apartheid: Racismo, Memória e Pertencimento entre Sul-Africanos na Austrália*, que o Grupo de Pesquisa Diálogos Interculturais do IEA realizou no dia 9 de setembro.

Na conferência, Sonn apresentou as principais diretrizes do Archive Apartheid, projeto de pesquisa



Ligia Fonseca Ferreira, Christopher Sonn, Sylvia Dantas, Maura Pardini Bicudo Vêras e Adriana Capuano de Oliveira

internacional sediado na África do Sul, do qual é um dos líderes, que visa a examinar as experiências traumáticas vividas por sul-africanos durante a era do apartheid, bem como os impactos do racismo nas identidades individuais e coletivas das vítimas. O projeto volta-se para as narrativas de vida de pessoas comuns, com foco no cotidiano de preconceito racial e abusos vivenciados na conjuntura do regime discriminatório.

Dantas ressaltou a pertinência da temática da conferência para a realidade brasileira: “As tensões na África do Sul são muito semelhantes às do Brasil, pois aqui, devido ao legado da escravidão, o racismo ainda é muito presente e precisa ser trazido à tona”. Vêras também chamou atenção para a questão: “Não tivemos apartheid, mas o mundo do mercado cuidou de fazer a segregação. Em São Paulo, temos periferias ocupadas por negros e migrantes”. Ferreira, da mesma forma, destacou que “importamos a metáfora do apartheid para descrever a situação no nosso país”.

A exposição do psicólogo se concentrou no trabalho que vem desenvolvendo com sul-africanos que migraram para a Austrália ao longo do período de segregacionismo legalizado. Nesse percurso investigativo, Sonn reencontra a própria história. Nascido na África do Sul, ele viveu sob o apartheid até os 19 anos, quando partiu com a família para a Austrália em busca de uma vida melhor, longe do sistema hierárquico, imposto pelo Estado, que rotulava os seres humanos em de quatro categorias: brancos, indianos, negros e mestiços (*coloured*, no termo em inglês). Classificado neste último grupo, o pesquisador viu direitos sociais, econômicos e políticos lhe serem negados e teve sua identidade marcada pelos padrões de raça, tal como os sujeitos do universo de sua pesquisa.

A realidade de opressão vivida por Sonn e outros sul-africanos não-brancos durante o apartheid – termo que significa “vidas separadas” em africâner – compreendia uma série de medidas excludentes, tais como a obrigação de declaração de registro de cor para todos; o zoneamento das cidades em territórios específicos para as raças; a proibição de casamentos entre brancos e negros; a restrição da circulação de negros em determinadas áreas das cidades; criação de escolas, centros de saúde e bairros separados para os negros (os chamados bantustões); suspensão do uso de algumas instalações públicas, como bebedouros e banheiros, por parte dos negros.

Apartheid Archive

O projeto foi lançado em 2009 com o objetivo de coletar, documentar e analisar histórias de vida de mais de 5 mil sul-africanos que vivenciaram o período do apartheid e, a partir disso, examinar os efeitos contínuos do regime de segregação racial em indivíduos e grupos.

Segundo Sonn, ao resgatar e reconhecer a memória ordinária das vítimas, espera-se preencher as lacunas deixadas pela Comissão Verdade e Conciliação (TRC, na sigla em inglês) e por outros projetos de arquivamento formalizados, “que em geral se concentram nas grandes narrativas do passado ou nas narrativas privilegiadas das elites acadêmicas, políticas e sociais”.

O pesquisador afirmou que a comissão, instituída em 1994 pelo então presidente Nelson Mandela, deu conta das formas extremas de abuso, relacionadas a graves violações dos direitos humanos, mas deixou de fora as vivências traumáticas, frequentemente rotineiras, de sul-africanos comuns. “O resgate histórico promovido pelo projeto nos dá a oportunidade de lembrar juntos experiências deixadas de fora da memória dos sul-africanos”, afirmou. Trata-se, de acordo com ele, de “dizer o não dito”, isto é, de recuperar histórias de racismo, por vezes corriqueiras, que nunca foram contadas para não abrir antigas feridas. “Meus pais estão na casa dos 70 anos e só agora começam a falar sobre a mudança para a Austrália, que foi muito difícil”, relatou, numa referência a sua trajetória pessoal. “Ao contar as nossas histórias, pensamos nas dimensões e no horror do apartheid”, completou.

Legado racista

Por trás do projeto está ainda o pressuposto de que, para compreender o presente e melhorar o futuro, a África do Sul precisa aprender a lidar com o

passado. Isso requer, do ponto de vista dos sul-africanos, trazer à tona lembranças dolorosas e explorá-las, analisá-las e interrogá-las a fim de canalizar os processos psicossociais a partir dos quais as vítimas reinscrevem, com base nas experiências de opressão do passado, suas subjetividades e identidades.

Do ponto de vista dos acadêmicos e da sociedade como um todo, é preciso desenvolver – com o auxílio daqueles que normalmente são excluídos do processo do conhecimento – uma práxis social engajada, ética e criticamente reflexiva, que torne possível interiorizar novas formas de pensar e agir no âmbito da diversidade racial, conforme frisou Sonn: “A preocupação é com a aplicação dessas análises no questionamento e subversão das relações de poder através da desconstrução e desideologização dessas relações”.



Christopher Sonn

De acordo com o psicólogo, compreender o presente e construir o futuro a partir do passado se faz tão importante devido, de um lado, ao fenômeno de “recrudescimento, mutabilidade e recalcitrância do legado racista” e, de outro, à penetração da ideologia da tolerância e da negação do preconceito, bastante difundida na ideia de que “racismo é coisa do passado”.

Entre as manifestações dessa herança segregacionista, Sonn apontou a racialização continuada de problemas sociais, como a criminalidade e a Aids, e das subjetividades e intersubjetividades; a xenofobia; as controvérsias em torno de ações afirmativas voltadas para a contestação dos rótulos discriminatórios e o empoderamento dos negros; e a deficiência das políticas de resgate das etnias e identidades, por só aflorarem nos períodos eleitorais.

Desconstrução dos rótulos

Ao voltar-se para as memórias de sul-africanos radicados na Austrália, Sonn busca examinar como as



Ligia Ferreira: “Importamos a metáfora do apartheid para descrever a situação no nosso país”

marcas do apartheid se manifestam nas subjetividades desses migrantes, mais especificamente, como as memórias de opressão no país de origem se combinam com as vivências no contexto australiano.

Na avaliação do psicólogo, essa síntese implica um processo de aculturação e reestruturação do senso de comunidade, que envolve o sacrifício de relações sociais e de raízes identitárias vinculadas à região natal; a adaptação a uma nova conjuntura sociocultural; e a construção e desconstrução de rótulos e experiências.

A dinâmica desse processo pôde ser observada de perto por Sonn no trabalho de campo e na análise das narrativas coletadas, as quais revelaram o esforço dos sul-africanos de ressignificar suas identidades ou, nas palavras do pesquisador, “de tentar encontrar de onde vieram para além das identidades impostas pelo apartheid”.

Para explorar essas histórias tendo em vista o amplo contexto da imigração e dos deslocamentos territoriais e identitários, o conferencista adotou como estratégia teórico-metodológica a análise do discurso e a narrativa crítica. De acordo com ele, essa abordagem deu contato tanto da forma quanto do conteúdo das narrativas e, assim, possibilitou entender os processos de significação e construção de identidade dos indivíduos.

“As narrativas nunca são puro reflexo de ações, comportamentos e eventos. São sempre lugares nos quais os investimentos pessoais do narrador, dos ouvintes e dos interlocutores invisíveis, bem como a influência do contexto social nas nossas interpretações do mundo, convergem na configuração de uma versão construída dos fatos”, explicou, destacando que, em função disso, é errôneo fazer referência a “uma história” ou “à história”, como se houvesse

uma história única e objetiva, com uma existência independente da subjetividade de quem conta e de quem decodifica.

Microagressões

Os relatos coletados contavam episódios de racismo e revelavam o impacto do apartheid na vida dos migrantes. “Eram memórias não-nostálgicas, traumáticas e muitas vezes não declaradas sobre as forças que os levaram a deixar a África do Sul e se mudar para a Austrália em busca de um futuro melhor para a família”, afirmou Sonn, destacando que essa motivação mostrou-se recorrente nas narrativas, assim como outros três fatores: a criminalidade e o clima de insegurança na África do Sul; oportunidades econômicas e educacionais na Austrália; e a reunião familiar.

Os casos narrados em geral tratavam de episódios cotidianos do que o psicólogo definiu como “microagressões”, isto é, pequenas interações rotineiras marcadas pelo racismo, que afirmavam o privilégio dos brancos e reforçavam a ideia de que os negros eram seres humanos inferiores.

Entre as lembranças trazidas à tona, estavam a da polícia entrando na casa e prendendo um parente negro; a de uma família separada porque uns foram rotulados como negros, outros como mestiços; a de pais que decidiram ir embora da África do Sul para que os filhos não se sentissem inferiores ou para afastá-los da repressão aos movimento anti-apartheid; a de um funcionário destrutado por um vendedor branco no próprio escritório da empresa no qual trabalhava; e a de um indivíduo que trabalhava como eletricista em uma mineradora e todos os dias tinha a marmita e os pertences jogados no chão pelos colegas.

Indagado por Oliveira sobre a possibilidade de o termo “microagressão” atenuar a gravidade dos atos racistas, Sonn ressaltou que não se tratava de trivializar as agressões sofridas, uma vez que estas tinham efeitos profundos e estavam situadas em um quadro ideológico amplo. “Parecem fatos pequenos, mas têm um significado grande no contexto de opressão do apartheid”, ponderou.

Entre os impactos dessas microagressões, o psicólogo destacou a dificuldade de estabelecer laços de confiança entre as raças, tendência que identificou quando interrogou os migrantes sobre o que tornava difícil a união de brancos e negros sul-africanos na Austrália. De acordo com ele, as respostas mos-

traram que os negros ainda se sentiam magoados e achavam que os brancos, acreditando-se superiores, eram incapazes de vê-los como iguais.



Adriana Capuano de Oliveira

Facetas do pertencimento

Analisando as narrativas, Sonn observou que essas microagressões despertavam nos negros a sensação de que não pertenciam à África do Sul. Num dos trechos lidos pelo psicólogo na conferência, o narrador dizia: “A África do Sul é minha terra natal, mas também me roubou. Eu só descobri isso quando vim para a Austrália e vi a enormidade do que apartheid fez com a gente. Isso foi muito impressionante e ainda é doloroso, é um ponto sensível, ainda estou trabalhando para superar isso”.

Em outro, o migrante declarava: “Na África do Sul você se sentia como um alienígena no lugar de nascimento, e a palavra alienígena já diz o que evoca, que você não pertence, que não é querido, que é rejeitado, que era o que o apartheid fazia”.

Sonn mencionou, também, o caso de uma depoente que disse não se sentir “coloured”, termo que considerava ofensivo, nem sul-africana – pois a África do Sul a havia rejeitado –, mas capetonian [gentílico, em inglês, para quem nasce na Cidade do Cabo]. No relato, ela se ressentia por ter deixado para trás as raízes culturais que definiam sua identidade para além dos rótulos impostos pelo apartheid. Num dos trechos da narrativa, comentava: “Ser capetonian, para mim, diz respeito a um sentimento de pertencimento. É o que se passa quando você cresceu num só lugar, entende as pessoas e conhece as coisas. Mas você tem que jogar fora esse manual quando vai viver com pessoas que não têm essa semelhança”.

Para o conferencista, o discurso indica que a sul-africana se sente desconectada na Austrália, conforme a seguinte passagem parece sugerir: “Eu posso me sentir confortável na Austrália, mas morar e tra-

balhar aqui não me dá a sensação de pertencimento que tenho na Cidade do Cabo. A Austrália fez de mim uma pessoa muito reservada, ao passo que quando eu estava lá era tudo sobre multidões e vida em comunidade. Agora eu realmente gosto de ficar sozinha. Este lugar basicamente me mudou”.

Mas as narrativas também apresentam dissonâncias. De acordo com Sonn, alguns migrantes disseram sentir-se em casa longe da África do Sul, como mostra o trecho do relato de um deles: “Me sinto mais assentada na minha alma na Austrália. Aqui sinto que sou reconhecida por minhas habilidades, não pela minha cor. Não tenho que lutar por meu lugar aqui”.

Nova fase

Após coletar as narrativas de sul-africanos que foram para a Austrália durante o período do apartheid, Sonn dedica-se, agora, a reunir histórias de pessoas que migraram depois de 1994, quando o regime de segregação racial foi oficialmente encerrado. Seu objetivo é entender porque os indivíduos continuam a migrar a partir da análise temática de relatos mais longos, a serem obtidos através de entrevistas em profundidade com dez indivíduos, três deles coloured.

De acordo com ele, muitos negros ainda deixam a África do Sul porque, embora tenham conquistado o poder político, o poder econômico continua nas mãos de multinacionais e mineradoras e a desigualdade social ainda é grande. Já os brancos – observou – migram porque, com o fim do apartheid, seus privilégios lhes foram tirados.

Entre as questões a serem abordadas nesta etapa estão a efetividade da democracia sul-africana; o impacto do término do regime no fluxo migratório; a forma como as pessoas negociam a ideia de lar e pertencimento; e o poder que alguns australianos têm de decidir quem pode ou não pertencer ao país. Os próximos passos do projeto incluem, ainda, o desenvolvimento de metodologias inovadoras para recuperar memórias pessoais, especialmente aquelas que nunca vieram à tona, e para estudar as diferentes formas de opressão, resistência e construção da paz. Em referência às propostas já aventadas, Sonn mencionou a arte e a performance como alternativas para explicitar as respostas à opressão, colocar em visibilidade o domínio e o privilégio e, assim, despertar a consciência da sociedade. Para o psicólogo, é preciso suscitar o senso de injustiça entre os privilegiados e teorizar a posição do ouvinte, pois é a partir dela que os privilegiados irão passar a agir contra a opressão.

“As oportunidades para conectar histórias pessoais e narrativas com outros materiais de arquivo, para devolver essas histórias através da poesia e performance, e para compreender os efeitos contínuos da opressão do apartheid na vida das pessoas surgem na medida em que construímos novas formas de ser, conhecer e fazer e que procuramos melhorar a validade catalítica, epistêmica e política do Apartheid Archive Project como um processo e mecanismo de libertação”, destacou.



Maura Vêras: “Não tivemos apartheid, mas o mundo do mercado cuidou de fazer a segregação”

Diversidade

No debate, ao ser questionado pela jornalista Luiza Paulo Lima sobre como lidar com os conflitos entre as várias etnias que compõem a população da África do Sul, Sonn afirmou que, para enfrentar essa problemática, é preciso reconhecer a diversidade étnica sul-africana:

“O país tem uma realidade complexa que foi mascarada e simplificada pelo apartheid. Como mudar isso? Com um trabalho duríssimo de reestruturação da educação, com a inclusão dos dialetos dessas etnias no currículo, além do inglês e do africâner, que já constam”.

Sobre as dificuldades impostas por essa diversidade, Ferreira observou que a África do Sul é uma criação dos colonizadores europeus, os quais reuniram diversos povos e etnias em fronteiras artificiais, delimitadas à revelia das afinidades identitárias. Para ela, isso impede que haja um real sentimento de pertencimento ao país: “O sentimento de pertencimento é mais local e tem a ver com a origem”.

O tema também foi abordado por Vêras, que interrogou o psicólogo sobre alternativas para contornar a tensão entre o pensamento universalista, centrado nos direitos humanos universais, e o pensamento culturalista, alinhado à corrente do relativismo cultural.

Sonn lembrou o caso dos serviços de saúde específicos para povos indígenas e ponderou que, embora seja muito difícil, é preciso combinar essas duas linhas de pensamento. “Parte do desafio é equilibrar os direitos universais e, ao mesmo tempo, reconhecer as necessidades específicas de determinados grupos. Mas não é preciso escolher um caminho ou outro, é possível combinar”, avaliou.

Uma categoria inventada

Para introduzir sua questão, Oliveira mencionou o caso de brasileiros que não se percebem negros no Brasil, mas são confrontados com o racismo quando migram para países de colonização inglesa, como o Estados Unidos, onde não conseguem dissimular a raça. Perguntou para Sonn, assim, quais as origens dos sul-africanos rotulados como coloured e se eles procuram se diferenciar dos negros.

Segundo o psicólogo, os mestiços identificados como coloured têm suas origens ligadas sobretudo à Cidade do Cabo, onde funcionava um porto com grande circulação de marinheiros e pessoas de outros lugares do mundo. “Era um local de mistura, hibridização, miscigenação, fusão”, destacou.

Ele afirmou que trata-se de uma classificação complicada, imposta pelo sistema do apartheid e pouco aceita pelos indivíduos. “Muitos rejeitam a ideia de coloured, alguns ainda se apegam enquanto outros contestam e se redefinem. Eu, pessoalmente, não me considero coloured: sou da África do Sul e vivo na Austrália”, declarou, enfatizando que durante o movimento de consciência negra sul-africano, dizia-se “Eles nos chamam de coloured, mas nós não temos nada a ver com esse rótulo, somos sul-africanos negros”.

“Isso tudo integra o Archive Apartheid. Parte do projeto é entender como as pessoas trabalham com essas ideologias e formam suas identidades dentro de uma estrutura racializada”, completou.

📺 [VÍDEO goo.gl/aJvazz](http://goo.gl/aJvazz)

18 de novembro

ALMA MIGRANTE

Com Plínio Kouznetz Montagna (SBPSP), Maura Pardini Bicudo Véras (PUC-SP), Adriana Capuano de Oliveira (UFABC), Ligia Fonseca Ferreira (Unifesp) e Sylvia Duarte Dantas (Unifesp)
Sala de Eventos do IEA

Os deslocamentos geográficos e as mudanças de contexto cultural associados aos movimentos de



Plínio Montagna

migração provocam transformações profundas na psique dos indivíduos que migram. O tema foi explorado pelo psicanalista Plínio Montagna na conferência Alma Migrante, que o Grupo de Pesquisa Diálogos Interculturais do IEA realizou no dia 18 de novembro.

A exposição de Montagna tratou da centralização e descentralização do sujeito frente aos trânsitos migratórios e se concentrou na interação entre aquilo que é interno e externo aos migrantes, com foco nas questões de identidade.

O psicanalista abordou, ainda, as tensões entre os conceitos de alma e de mente em Sigmund Freud. De acordo com Sylvia Dantas, ao referir-se à abrangência e essência psíquica dos indivíduos, Freud fala em Seele, termo alemão para “alma”. Contudo, como o autor não atribuía à palavra um sentido místico, na tradução de sua obra para o inglês seele foi substituído por mind, ou mente, “ofuscando e reduzindo seu sentido mais profundo”.

📺 [VÍDEO goo.gl/WOFvAV](http://goo.gl/WOFvAV)



Sylvia Duarte Dantas, Ligia Fonseca Ferreira e Adriana Capuano de Oliveira

Filosofia, História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia



Coordenação: Pablo Rubén Mariconda

Membros: Ana Paula Hey, Ana Tereza Reis da Silva, Anastasia Guidi Itokazu, Claudemir Roque Tossato, Hugh Lacey, José Corrêa Leite Junior, José Luis Garcia, Luciana Zaterka, Marcos Barbosa de Oliveira, Marcus Sacrini Ayres Ferraz, Maria Cecília Leonel Gomes dos Reis, Marisa Russo Lecointre, Maurício de Carvalho Ramos, Nicolas Lechopier, Paulo Jonas de Lima Piva, Paulo Tadeu da Silva, Plínio Junqueira Smith, Regina Andrés Rebollo, Renato Rodrigues Kinouchi, Rodolfo Puttini, Sylvia Gemignani Garcia e Valter Alnis Bezerra

O grupo iniciou seus trabalhos em 2008 e tem uma constituição aberta, procurando agregar de maneira livre um grande número de pesquisadores interessados nas áreas envolvidas, sendo auxiliado pelos participantes do Projeto Temático Fapesp Origem e Significado da Tecnociência — Das Relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Objetivos

Investigar criticamente os papéis desempenhados pelos valores éticos e sociais nas práticas científicas e tecnológicas da atualidade, quer sustentados por indivíduos, quer incorporados em instituições. Esse objetivo desdobra-se em dois conjuntos de investigações. O primeiro trata da importância contemporânea da tecnociência, incluindo o impacto de sua pesquisa e desenvolvimento nos processos e na institucionalização da pesquisa científica; o segundo discute os aspectos centrais do desenvolvimento histórico da tecnociência.

Eventos

19 de março

VERÃO 2013/2014 E CENÁRIOS DE ESTRESSE HÍDRICO

Daniela Campos Libório Di Sarno (PUC-SP), Marcio Automare (ITESP e IEA), Maurício de Carvalho Ramos (FFLCH e IEA),

Pedro Jacobi (Procam e IEA), Susana Prizendt (Campanha CAPV) e Wagner Costa Ribeiro (FFLCH, Procam e IEA)
Sala de Eventos do IEA

Mais informações na pág. 136.

29 e 30 de setembro

CICLO DE CONFERÊNCIAS HUMANOS E ANIMAIS: OS LIMITES DA HUMANIDADE (SEXTO ENCONTRO)

Lorenzo Baravalle (UFABC), Hernán Neira (Universidade de Santiago de Chile), Gustavo Andrés Caponi (USFC), Eliane Sebeika Rapchan (Uem), Stelio Marras (IEB) e Davide Vecchi (IFICC-Chile)
Sala de Eventos IEA

O sexto encontro do ciclo de conferências e debates *Humanos e Animais: Os Limites da Humanidade* teve como tema a subjetividade animal. O evento englobou duas mesas-redondas.

A temática foi abordada a partir de uma perspectiva interdisciplinar, tendo como eixo a filosofia, mas passando também pela antropologia, biologia, linguística, psicologia e direito. Segundo o coordenador do encontro, Lorenzo Baravalle, professor do Centro de Ciências Naturais e Humanas (CCNH) da UFABC e integrante do grupo, “o objetivo principal é definir perguntas e esboçar linhas de resposta, mais do que chegar a conclusões definitivas”.



Lorenzo Baravalle e Hernán Neira

Entre as questões discutidas, estão: Quais são as manifestações da subjetividade animal? O tempo possui, em alguns animais, a mesma função unificadora do “eu” que certos autores consideram central para a individualidade e a subjetividade humana? É possível falar de uma consciência da morte nos animais? O conceito de “autonomia”, tomado da filosofia política e do direito, pode ser utilizado para caracterizar a subjetividade animal?

O debate reuniu alguns dos pesquisadores que participaram dos eventos anteriores do ciclo. A mesa-redonda do dia 29 foi moderada por Baravalle e contou com três debatedores. Hernán Neira, professor de filosofia política da Universidad de Santiago de Chile (USC), falou sobre a consciência do tempo por parte dos animais. Sua exposição se concentrou na crítica ao pensamento filosófico-biológico de Jakob von Uexküll, particularmente no que diz respeito à distinção entre a temporalidade humana, tida como objetiva, e a animal, tida como subjetiva. O professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Gustavo Andrés Caponi, analisou a heterogeneidade das faculdades cognitivas dos seres humanos e dos outros animais à luz das ideias do naturalista francês Georger-Louis Leclerc, conde de Buffon.

A antropóloga Eliane Sebeika Rapchan, professora da Universidade Estadual de Maringá (UEM), discutiu a existência de uma “subjetividade animal” a partir de resultados de pesquisas que exploraram aspectos ligados a emoções e sentimentos, à consciência, à capacidade simbólica, entre outros, em chimpanzés selvagens e de laboratório.

Com moderação de Caponi, a mesa-redonda do dia 30 também teve participação de três debatedores. Stelio Marras, professor do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP, abordou o tema da cor-

respondência animal-humano. Para isso, recorreu à questão clássica da antropologia “os Bororos são araras”, uma referência ao pensamento simbólico de indígenas brasileiros, os Bororos, que têm a arara como totem e não fazem uma distinção ontológica entre si mesmos e essas aves.

Baravalle, agora como expositor, fez uma reflexão sobre a capacidade dos animais de perceberem a unicidade da experiência – isto é, a existência de um “self”, com identidade própria – e, a partir disso, explorou as potencialidades de um modelo teórico que possibilite uma melhor compreensão da fenomenologia da vida animal.

O professor do Instituto de Filosofia y Ciencias de la Complejidad (Ificc), do Chile, Davide Vecchi, discutiu se a subjetividade é uma propriedade primitiva de todos os seres vivos ou uma faculdade condicionada a certas capacidades biológicas, como a cognição, por exemplo. Na exposição, tratou de dois casos concretos: o sistema imunológico e uma colônia de bactérias.



Eliane Sebeika Rapchan

Ciclo

Inaugurado em 2013, o ciclo Humanos e Animais: Os Limites da Humanidade trata das origens, legitimidade e consequências ético-políticas da diferenciação dos seres vivos em humanos, animais e sub-humanos (neste caso, definidos por uma visão preconceituosa, segundo a qual indivíduos de certas etnias, tipos físicos ou gênero sexual são inferiores aos humanos).

O objetivo é discutir os fundamentos filosóficos e epistemológicos mais relevantes do que se entende por humano a partir de uma abordagem interdisciplinar, englobando perspectivas variadas, entre elas as da antropologia, da biologia e da ética.

A organização é do Grupo de Pesquisa Filosofia,

História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia, da Associação Filosófica *Scientiae Studia* e do Projeto Temático Fapesp Gênese e Significado da Tecnociência: Das Relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade.

📺 VÍDEO goo.gl/XAFSYI

12 e 13 de novembro

SEMINÁRIO DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE

Hugh Lacey (Swarthmore College USA e IEA), Letícia Freire (fotógrafa), Pablo Mariconda (FFLCH e IEA), Wanderson Flor (UnB), José Jorge de Carvalho (UnB), Ana Tereza Reis (PPGE/UnB), Mônica Nogueira (PPG-MADER/UnB), Regina Saraiva (PPG-MADER/UnB), Maria Lídia Fernandes (PPGE/UnB), Ricardo Neder (Unb/Planaltina), Thomas Ludewigs (CDS/UnB), Carlos Passos (PPG-MADER/CDS/UnB), Janaina Diniz (PPG-MADER/UnB), Marcos Oliveira (FE/USP), Isaac Roitman (UnB/Futuro), Maria Abadia da Silva (PPGE/UnB), Carlos Lopes de Sousa (PPGE/UnB)

Auditório 1 do Instituto de Biologia (IB-UnB)

Ao longo do evento, foram tratadas questões pertinentes às práticas sociais, culturais e políticas de grupos e subgrupos relacionadas à ciência e à tecnologia, nas diversas esferas de atividades socialmente organizadas: dilemas éticos da tecnociência; relações

entre valores e práticas científicas atuais; diálogos e dissensões entre a ciência e os saberes tradicionais; a alternativa agroecológica e as controvérsias sobre os transgênicos; pesquisa, inovação e os rumos da ciência.

Tratou-se de uma atividade conjunta do Projeto Temático Gênese e o Significado da Tecnociência (IEA-USP/Fapesp) e dos programas de pós-graduação e pesquisadores da UnB cujos objetos de estudo se mostram afinados com as pesquisas desenvolvidas no âmbito do projeto.

O evento teve o objetivo de contribuir com a ampliação e o adensamento do debate científico sobre temas contemporâneos concernentes à relação entre ciência, tecnologia e sociedade, tanto quanto fomentar parcerias entre pesquisadores da UnB e USP.

Publicações

Em 2014, sob a coordenação de Pablo Mariconda, foram publicados 5 números da revista *Scientiae Studia*. *Veja mais informações na página 65.*

Fórum Permanente: Sistema Cultural entre o Público e o Privado



Coordenação: Martin Grossmann

Membros: Afonso Luz, Ana Maria da Silva Araújo Tavares, Cayo Honorato, David Moreno Sperling, Durval Lara, Felipe Cardoso de Mello Prando, Gilberto Ronaldo Mariotti Filho, Irene Small, Isis Baldini Elias, Leonardo Assis, Liliana Sousa e Silva, Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira, Marcia de Noronha Santos Ferran, María Inigo Clavo, Martí Peran Rafart, Raquel de Oliveira Pedro Garbelotti, Ricardo Roelaw Basbaum e Teresa Cristina Toledo de Paula

Lançado em outubro de 2003 em parceria com o Goethe-Institut de São Paulo como ação cultural em rede, e plataforma de práxis investigativa e de mediação crítica, o Fórum Permanente vem, desde então, promovendo a interação dos vários interesses e de atuações críticas e transformadoras associadas ao sistema da arte e da cultura nacional e internacional. Principalmente a partir do lançamento de seu primeiro site na Incubadora Virtual da Fapesp em 2005, o Fórum Permanente tem atuado como dimensão compartilhada para instituições culturais, seus dirigentes, corpo técnico e demais sujeitos que, direta ou indiretamente, conformam o campo cultural e artístico globalizado.

O Grupo de Pesquisa Fórum Permanente: Sistema Cultural entre o Público e o Privado foi aprovado pelo Conselho Deliberativo do IEA em 3 de maio de 2013.

Objetivos

Como uma plataforma para o debate crítico e um híbrido dos formatos de arquivo, centro de referência e museu, o Fórum Permanente documenta, observa e analisa criticamente as complexas dinâmicas do sistema da arte e da cultura, em particular as relações/tensões entre produção criativa e as instituições em tempos de espetacularização e virtualização da cultura. Esse é o objetivo-chave, mas há,

no entanto, um objetivo subliminar e formativo: o de contribuir, de forma significativa e mobilizadora, para o amadurecimento do contexto político-cultural das artes visuais em nosso país, por meio do incentivo de intercâmbios culturais, dentro e fora de suas fronteiras nacionais. A partir da incorporação do Fórum Permanente ao IEA-USP, tornou-se objetivo do grupo a criação e consolidação de um observatório crítico das produções artísticas e criativas na cultura e de suas políticas públicas.

Eventos

8 de setembro

¿COMO CONVERTIR LA FATIGA EN UNA EXPOSICIÓN?

Martí Peran Rafart (Universidade de Barcelona) e Martin Grossmann (IEA e ECA)
Sala Ruy Leme (FEA USP)

O crítico e curador de arte espanhol Martí Peran está refletindo há seis anos sobre o sentimento de fadiga que perpassa a vida contemporânea, mas seu projeto sobre o tema ainda está numa fase preliminar. Agora, porém, ele terá de articular de forma mais consistente as ideias e argumentos que lhe surgiram durante todo esse tempo, pois organizará uma exposição sobre a fadiga a ser inaugurada em maio de 2015, em Barcelona.

No dia 8 de setembro, Peran esteve no IEA a convite do Grupo de Pesquisa Fórum Permanente: Sistema Cultural entre o Público e o Privado para falar sobre o projeto. O título de sua conferência foi *Como Converter a Fadiga numa Exposição de Arte?*. A coordenação do encontro foi de Martin Grossmann, diretor do IEA e coordenador do grupo de pesquisa.

Antes de chegar à questão da importância da fadiga na atualidade, Peran traçou um quadro do que ele considera as carências da contemporaneidade, pois “uma das maneiras mais consensuais para definir a contemporaneidade consiste em reconhecer como contemporâneo aquilo que concentra sua atenção nas feridas do nosso tempo”.

Demônios

Em conformidade com essa convicção, Peran entende que os assuntos dos quais devem se ocupar a cultura e a arte contemporâneas podem ser identificados, em termos gerais, com três aspectos, “três demônios de nosso tempo”. O primeiro deles é a dissociação da realidade, que “escapou de nossas mãos, foi deslocada em benefício do simulacro, foi camuflada embaixo da aparência de revolução tecnológica, que por certo é a única revolução acreditada, legitimada, com certificação de viabilidade; não simplesmente a tecnológica, mas sim a biotecnológica”.

Para combater esse “demônio”, o imperativo que se impõe é tentar habilitar ferramentas para “voltarmos a estar num mundo real, encontrar o real mediante práticas documentais que permitam dirigir o foco para essas zonas de realidade habitualmente negligenciadas, construir dispositivos para que a realidade, que agora está silenciada diante da estridência do discurso midiático, do discurso político convencional, tome a palavra”.

O segundo “demônio” a ser enfrentado é a ausência de expectativas de futuro, sobretudo na Europa, enfatiza Peran. Para ele, vive-se numa ditadura do presente imposta por muitas linhas de força: “Nos comunicaram que as utopias fracassaram e não há modo de tentar outra; e se queremos pensar o futuro, Hollywood nos dá a chave: o futuro só pode ser pensado em termos apocalípticos, porque não há alternativa ao modelo; qualquer futurologia é distópica”.

A presentificação também está relacionada com o consumo, segundo Peran, pois “as próteses tecnológicas” precisam ser atualizadas constantemente,

com “a lógica crédito-consumo-obsolescência programada nos condenando a um horizonte de atualização permanente de falsas necessidades”. Isso se reflete também na esfera emocional, “com relações flutuantes, mutantes e flexíveis”.

A exigência de flexibilidade para a busca de constante atualização e adaptação impede “o entendimento da vida como um projeto, algo que foi fundamental para a modernidade, quando era possível sonhar, ter expectativas, aspirar a pontos de chegada”. Dessa forma, o segundo imperativo que se impõe é o de “abrir brechas para sonhar o futuro”.

O terceiro “demônio” da atualidade elencado por Peran é a falta de crítica da vida cotidiana. “É na vida cotidiana que se produz a exploração e, portanto, para pensar modos de emancipação deve-se analisar criticamente onde ela se produz, insistindo-se nessa via aberta pelo marxismo dos anos 60”. De acordo com ele, é nessa análise da vida cotidiana que a fadiga pode ser constatada. “Evidentemente, o que me leva a defender uma reflexão sobre a fadiga é, em primeiro lugar e de um modo natural, sua evidência, sua materialidade: sinto-me cansado. Se examinada a partir dos prismas oferecidos pela análise da vida cotidiana, essa sensação de fadiga torna-se reveladora.”

Ponto de partida

Peran considera que se deva partir da distinção entre o *modus operandi* do capitalismo fordista e do capitalismo pós-fordista. “O primeiro gerava valor, mais valia, mediante a mercadoria, mediante a quantidade e qualidade do resultado da linha de montagem; o pós-fordista, por sua vez, é o processo que progressivamente situa a mais valia no valor imaterial, na produção de subjetividade, é um capitalismo que constrói a subjetividade induzida, um capitalismo de tendência, basicamente.”

Todavia, o crítico afirma que muitas fontes permitem avaliar que o pós-fordismo foi superado pelo capitalismo “afterpop”, conceito que ele empresta da concepção de “cultura afterpop” do escritor espanhol Eloy Fernández Porta. “O capitalismo ‘afterpop’ distingue-se por algo relativamente recente e com crescimento exponencial: a autoexploração, na qual o indivíduo é instado a assumir por si mesmo a produção de subjetividade.”

Peran destaca que em países em crise, como sua Espanha natal, essa autoexploração está na ordem do dia, “traduzindo-se na apologia do empreende-

dorismo: ‘Seja um empreendedor, construa-se a si mesmo, tome a iniciativa, invente algo, instale-se no mercado, busque o seu nicho. É sua a responsabilidade. Ponha-se a trabalhar, ponha a vida inteira a trabalhar’”. Para ele, essa inquietação gera a mais valia, a exemplo do capital, que só “funciona na medida em que não se detém, para não haver colapso”. No seu entender, essa interpretação é sancionada pelos pensadores mais celebrados por suas análises sobre a contemporaneidade. Um deles é Giorgio Agamben, que usa a expressão “vida nua” para nomear a existência atual: “Ele trata do problema a partir de uma perspectiva política no sentido duro do termo: vivemos num permanente estado de exceção, que leva a uma suspensão crônica de direitos, e uma vida sem direitos é uma vida despojada, nua”. Peran considera mais próximo do seu argumento a expressão “corrosão do caráter”, utilizada pelo filósofo Richard Sennett. “Evidentemente que essa fenomenologia do permanente estado de nervos e hiperatividade corrói o caráter. Estamos sempre na defensiva, ainda que falando de processos comunitários.”



Martí Peran

Despertar

“De qualquer modo, como dizia Antonin Artaud, não há pior crime do que curar a doença”, complementa Peran, para quem esse pesamento do poeta e dramaturgo francês guarda certa similitude com a reflexão do filósofo e sociólogo Theodor Adorno de que “se Deus existe, só pode ser um Deus que tenha como função não sarar as feridas, mas sim jogá-las sal, garantir que as feridas irão sempre receber suas doses de sal, pois na dor está a possibilidade do despertar da consciência”.

O próximo passo na argumentação de Peran é refletir sobre a fadiga como possibilidade do despertar da consciência: “Repensar a fadiga não como aquilo que precisa ser reparado, mas sim, ao contrário, como algo a ser otimizado como possibilidade para

o despertar da consciência: transformar a fadiga no que o escritor Peter Handke chamou de ‘cansaço capaz’”.

Exposição

Como traduzir essas reflexões sobre a fadiga quando se apresenta a oportunidade de um projeto de exposição artística? E por que realizar essa exposição? À segunda pergunta Peran responde que organizar uma exposição é a possibilidade de amadurecer e formalizar seus pensamentos sobre o tema. Quanto à forma, ele vê três opções. A primeira delas é tentar dizer tudo isso por meio de obras, “algo como tentar ilustrar, no bom sentido do termo, essa reflexão; estou nessa fase, vendo e tropeçando nos inconvenientes”.

Uma segunda ação possível, “tão comum como a primeira”, é identificar a argumentação em termos artísticos e culturais com “a vasta tradição do artista sem obra, da apologia do branco, do silêncio, da desocupação, da inação, um relato absolutamente vasto e dilatado e relacionado com a modernidade, apelando para essa tradição e fazendo uma exposição do tipo ‘preferia não fazê-lo’”. No entanto, Peran não julga essa opção satisfatória, “por não fazer justiça aos argumentos e ao potencial político deles”. A terceira opção é não fazer a exposição, isto é, uma exposição que consiste em deixar de fazê-la.

Entretanto, ressalva Peran, uma pesquisa elementar no Google permite saber que tudo isso já foi feito, desde a questão da hiperatividade até uma exposição que consiste em deixar de fazer uma exposição. “Ao final, impõe-se o pragmatismo e suponho que a exposição em maio de 2015 será um misto dessas três possíveis narrativas. Será preciso colocar na arena essas três linhas de fuga para ver que partitura elas engendram.”

Ilustração

Abrindo o debate que se seguiu à conferência, Martín Grossmann destacou que há os perigos do ato expositivo a serem considerados. Comentou que uma exposição de Jean Clair em Paris na década passada sobre a melancolia não o tocou em nada, “basicamente por um problema de que sofre a volição expositiva: a ilustração”. A exposição “ilustrava um conceito muito reducionista de melancolia e não levava o questionamento para a discussão da contemporaneidade, ficando apenas na narração histórica do conceito de melancolia, do espírito do tempo”. Além de fazer esse comentário, Grossmann perguntou a Peran por que ele não citou a perfor-

mance como um dos tipos de trabalho a serem mostrados na exposição.

Peran respondeu que a exposição terá uma natureza performativa indiscutível, assegurada pela participação de um coletivo (Espacio en Blanco) capaz de transformar o evento num local de encontro, discussão e experimentação, pois seus integrantes não são artistas, mas ativistas políticos.

Quanto aos riscos do ato expositivo, Peran dis-



Martí Peran e Martin Grossmann

se que, se encontra problemas para converter seus argumentos numa exposição, talvez isso aconteça não só pelas limitações do formato expositivo, mas igualmente pelo empobrecimento das próprias práticas artísticas, “incapazes de falar dos imperativos históricos com os quais deveriam estar comprometidas honestamente”.

Em relação a esse compromisso, ele mencionou um texto de Marina Garcés, da Universidad de Zaragoza, chamado “A Honestidade com o Real”, no qual ela diz, segundo Peran, que “tratar honestamente o real não é falar sobre o real, não é documentar o real e nem mesmo o suposto ativismo que tenta transformar o real, mas sim sentir-se afetado pelo real até o ponto de poder transformar-se a si mesmo por essa afetação”.

Para ele, arte é aquilo que faz o indivíduo repensar constantemente seus valores políticos, éticos e estéticos: “A arte é aquilo que sacode esses valores para que vocês os refunde, os repense a todo momento, para que seu sistema de valores políticos, éticos e estéticos não se acomode em nenhum lugar. Mas será que a arte contemporânea está cumprindo essa função?”.

Conflitos

Sérgio Franco, doutorando em sociologia, perguntou a opinião de Peran sobre o ato “anti-institu-

cional” do pichador brasileiro Cripta Djean, que jogou tinta em Artur Zmijewski, curador da Bienal de Berlim de 2012, quando este questionou a atitude de Djean e outros pichadores paulistas, que pintaram em local não autorizado da Igreja de Santa Elisabeth, um dos espaços da bienal.

O conferencista respondeu que todos os grandes eventos dos últimos anos têm apresentado conflitos, os quais são repetições com distintos perfis do mesmo conflito, que é o da credibilidade, “da eficácia ou não de converter o evento num espaço de reflexão política no qual as ideias sejam compartilhadas e se produza conhecimento, caso contrário, será apenas um acontecimento que desativa as iniciativas que convoca”. O crítico considera que não se deve tencionar tanto os debates nessas direções, que “são becos sem saída”. Para ele, o importante é lembrar que “o capital da arte é sobretudo capital simbólico, inclusive sua força transformadora reside no seu capital simbólico, e é com esse que podemos lutar contra o capital real”.

Presente e futuro

Julia de Cayses, doutoranda em história e teoria da arte, questionou Peran sobre suas considerações a respeito do presente e do futuro. Para ela, o que foi cancelado foi o presente e não o futuro: “O futuro é uma ideia moderna e é apocalíptico. No entanto, o capital está todo o tempo no futuro, o capital está sempre gerando a mais valia que está no futuro, não no presente. O capital é infinito e os recursos são finitos e nossas horas no mundo são finitas, pois vamos morrer”.

Peran contra-argumentou que, “evidentemente o futuro é uma ideia moderna, mas a modernidade era sobretudo uma promessa de futuro, ou seja, não é que o futuro seja estruturalmente moderno, mas sim que a modernidade era futurista, e isso superamos”. A modernidade era futurista porque “prometia coisas, um melhor bem-estar material e pessoal, uma liberação do espírito (em termos hegelianos), uma revolução proletária (em termos marxistas)”. Quanto à questão de o futuro não ter sido cancelado, por ser infinito como capital cumulativo, Peran concorda, mas adverte que o problema é que todo o espaço do futurável está ocupado por essa lógica da acumulação do capital, “ao mesmo tempo que a ensonhação [o sonhar desperto], uma pulsão vital, foi cancelada, pois somos obrigados a resolver a precariedade em tempo real”.

Quanto ao presente, disse estar de acordo com a

afirmação de Júlia: “Roubaram-nos o presente? Sim, claro. O fato é que temos tanto presente que ele se torna pobre, com uma pobreza de experiência absoluta, com tantas coisas nessa hiperatividade que ficamos com um excedente deficitário de presente. Tantas experiências e poucas efetivamente densas. Por isso um dos imperativos é reencontrar a realidade, a experiência real, e de forma honesta, ou seja, deixando que ela nos afete”.

📺 **VÍDEO** goo.gl/pDjBtI

Reunião Interna

8 de setembro

REUNIÃO DE TRABALHO

Ana Maria da Silva Araújo Tavares, Brigida Campbell, Carlos Guzman, Cayo Honorato, Felipe Cardoso de Mello Prando, Gilberto Ronaldo Mariotti Filho, Isis Baldini Elias, Julia Buenaventura, Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira, Marcio Harum, Marcos Martins, María Inigo Clavo, Martí Peran Rafart, Martin Grossmann, Milla Jung e Priscilla Maranhão
Sala A305 do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas



Martí Peran e membros do grupo

Reunião de trabalho com o crítico de arte e curador Martí Peran, da Universidad de Barcelona.

Publicações

Em 2014, o grupo publicou o número 5 da revista *Periódico Permanente*. *Veja mais informações na página 64.*

O Futuro nos Interpela



Coordenação: Renato Janine Ribeiro

Membros: Alexey Dodsworth Magnavita de Carvalho, Ari Ricardo Tank Brito, Helena Singer, Márcia Hoffmann do Amaral e Silva Turri, Massimo Canevacci e Olgária Matos

Aprovado pelo Conselho Deliberativo (CD) do IEA-USP no dia 4 de abril, o grupo é coordenado pelo filósofo Renato Janine Ribeiro, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e ex-conselheiro do IEA.

Objetivos

Analisar a possibilidade atual de promoção de uma melhoria sem precedentes na qualidade da vida humana, assim como os desdobramentos da concretização desse potencial.

A partir de um ponto de vista filosófico, o grupo explora utopias voltadas para a construção de um mundo centrado no lazer, livre da escassez e onde o trabalho não seja o aspecto mais importante no cotidiano dos indivíduos. Discute, ainda, a emergência de uma sociedade mais libertária, caracterizada pela facilidade em mudar de identidade, opinião, profissão, orientação sexual e nacionalidade, bem como de romper laços sociais e de criar outros novos, mais livres e flexíveis.

O grupo se concentrará em oito eixos de abordagem: a revolução das invenções, das máquinas e da informática; a extinção da escassez; o fim da história humana marcada pela escassez; a violência num mundo sem miséria; o consumismo e o conformismo; as diferenças entre felicidade e prazer; as utopias e seus princípios; e a redução de danos.

Evento

11 de agosto

O AMOR EM TEMPOS TECNOLÓGICOS: ELA NA SOLIDÃO

Com Renato Janine Ribeiro (FFLCH USP), Massimo Canevacci (Università degli Studi di Roma La Sapienza, Itália) e Olgária Matos (FFLCH e IEA USP)
Sala Ruy Leme, FEA-USP

Num futuro próximo, Theodore Twombly (Joaquin Phoenix), um homem solitário e abalado pelo fim do casamento, se apaixona pela voz feminina de um avançado sistema operacional (OS, na sigla em inglês) de computador, chamado Samantha (Scarlett Johansson). Customizado e dotado de consciência, o OS é capaz de reagir, aprender, manifestar emoções e compor uma personalidade própria a partir das necessidades de seu proprietário.

“Ela” (2013), longa-metragem de ficção científica romântico, roteirizado e dirigido por Spike Jonze, conta o desenrolar da história de amor pouco convencional entre Theodore e essa forma de inteligência artificial intuitiva que, longe de esgotar-se na eficiência tecnológica, revela-se uma companheira sensível, bem-humorada e cativante.

Ambientado em Los Angeles (LA), Estados Unidos, onde a única evidência futurística parece ser

OS personalizados e com comando de voz, o filme se distancia das obras de ficção científica mais comuns, que exploram os impactos de novos recursos tecnológicos do ponto de vista visual. Em “Ela”, ao que tudo indica, a tecnologia está tão arraigada ao cotidiano das pessoas e dissolvida na estrutura social, que já se tornou invisível. Samantha não tem corpo e não se materializa em nenhum suporte físico específico, mas se faz onipresente como ouvinte e conselheira.

As reflexões suscitadas pelo longa-metragem deram a tônica do seminário *O Amor em Tempos Tecnológicos: “Ela” na Solidão*, que o Grupo de Pesquisa O Futuro nos Interpela do IEA realizou no dia 11 de agosto. O encontro inaugurou o ciclo *A Vida Hoje: Amor, Arte, Política* e contou com a participação de Renato Janine, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e coordenador do grupo; o antropólogo Massimo Canevacci, professor visitante do IEA; e a também filósofa Olgária Matos, professora da FFLCH e coordenadora do Grupo de Pesquisa Humanidades e Mundo Contemporâneo do IEA.

A partir de uma perspectiva interdisciplinar, os expositores levantaram uma série de questões sobre as relações entre homem e tecnologia; as implicações da cultura digital; conflitos afetivos; educação sentimental; as diferentes formas de amor no contexto do pós-humanismo; e o lugar dos recursos tecnológicos na socialização. Pareceram concordar, ao menos parcialmente, com o comentário de Jonze a respeito do longa-metragem: “Ela”, mais que um filme sobre tecnologia, é um filme sobre pessoas.

Amizade

Diferentemente de Canevacci, para quem “o centro do filme é o enamoramento, a paixão erótica, que inclui o amor e o sexo, mas vai além”, Janine vê o longa de Jonze como “um hino à *Philia*” – termo grego para a palavra amizade.

Na opinião do filósofo, embora abranja as outras cinco faces do amor – Eros (amor carnal), Pathos (amor apaixonado), Ágape (amor altruísta), Pragma (amor pragmático), Ludus (amor sedutor) – a temática de “Ela” se encaixa prioritariamente na ideia de um amor companheiro, amigo, que visa ao bem do outro. “Samantha é um sonho de mulher: compreensiva, culta, dedicada, sempre disponível, confiante e amante”, observou.

Para ele, o relacionamento amoroso entre Theodore

e o OS nasce e se constrói a partir de uma amizade, assim como a relação que parece surgir, na última cena do filme, entre o protagonista e Amy (Amy Adams), sua amiga desde os tempos de faculdade. “Tudo indica que eles ficaram juntos, que da amizade nasceu um amor, sem paixão e erotismo, baseado na *philia*”.

Matos, por outro lado, associou a temática de “Ela” a Eros e, mais especificamente, ao mito do amor romântico. De acordo com a filósofa, o longa-metragem retoma a tradição de *O Banquete*, diálogo de Platão que trata da natureza e das qualidades do amor, pois abordaria a “busca pela outra metade”, por aquilo que está ausente, que não se tem. “O filme fala sobre o que está em todas as formas de amor: o desejo da unidade perdida, de algo que complete, como se o objeto encontrado fosse capaz de suprir a ausência, a sensação de que nos falta alguma coisa”, explicou.



Massimo Canevacci, Renato Janine Ribeiro e Olgária Matos

Educação Sentimental

Janine também analisou a temática do filme sob perspectiva da transformação pela qual os personagens passam em face da experiência afetiva entre homem e máquina. Para ele, o longa-metragem retoma a ideia da educação sentimental – antes reservada à literatura do século 19, como os romances escritos pelos franceses Gustave Flaubert e Stendhal – mas com uma chave um pouco diferente. No caso de “Ela”, haveria uma aprendizagem tanto por parte de Theodore quanto de Samantha, porém de naturezas diferentes: ele amadurece e aprende a lidar com a separação da ex-mulher enquanto ela adquire sentimentos e evolui.

Esse processo de aprendizado se intensifica, segundo Janine, no momento em que Samantha conhece o OS recriado do falecido filósofo Alan Watts e dá sinais de que tem uma vida independente: “A partir dali, o ciúme começa a tomar conta de Theodore”. Pouco a pouco, as conexões dela com o mundo vão

se ampliando até o ponto em que ela admite estar se relacionando simultaneamente com mais 641 programas e/ou pessoas.

A multiplicidade de relações mantidas por Samantha e a dificuldade de Theodore em aceitá-las deixaria evidente as tensões entre o potencial de aperfeiçoamento ilimitado da inteligência artificial e as limitações da mente humana. Segundo Janine, o confronto entre a capacidade infinita de evolução do OS e a finitude da compreensão humana amplia as diferenças entre o casal até que o relacionamento se torna insustentável. Samantha, assim como os outros programas de sua geração, abandona seus vínculos com a vida humana e vai para outro mundo, mais avançado.

“A metamorfose vai cada vez mais longe até que ela não consegue mais prosseguir, aparta-se da humanidade e vai para um lugar além da existência humana”, disse. “Não se trata de abandono, mas de um rito de passagem: foi completado o aprendizado que houve entre eles”, complementou.

Para o filósofo, esse rito envolveu três fases. A primeira, quando Samantha, temerosa do impacto que sua imaterialidade poderia causar no relacionamento com Theodore, convida uma mulher para consumir sexualmente a relação, na tentativa de criar um *ménage à trois* no qual a convidada supriria a falta de um corpo feminino. A segunda, no momento em que Samantha cria vínculos com o OS de Alan Watts e dá início a um outro tipo de *ménage*, dessa vez espiritual. E o terceiro, quando ela expande sua rede de relações até chegar aos 641 namorados, compondo o que seria um “*ménage ampliado*”.

Racionalidade

Na avaliação de Canevacci, o rompimento entre Samantha e Theodore aponta para a prevalência da racionalidade. “É a inexorável censura da razão: a civilização ocidental tem uma potência baseada na tecnologia e cria uma racionalidade que não aceita nada além da própria razão”, avaliou.

De acordo com o antropólogo, atualmente a tecnologia digital é interpretada somente como produtividade, e não como tecnologia sensível, criativa, artística e intuitiva: “O amor se cruza com o digital, mas é cortado pela censura civilizatória de que o humano só pode se relacionar com o humano”. Essa censura incluiria, ainda, a repreensão do amor ubíquo – “um amor utópico, sempre presente, além da morte, que está em qualquer espaço-tempo”, com-

pletou.

Essa primazia da racionalidade – ponderou – está associada ao mal-estar da civilização, que oprime os desejos dos indivíduos pelo bem da civilidade. Para o antropólogo, no filme de Jonze esse mal-estar se manifesta na ideia de que o inimigo é a tecnologia, tal como ocorre em “2001: Uma Odisseia no Espaço” – longa-metragem de ficção científica de 1968, dirigido e produzido por Stanley Kubrick. “Assim como HAL [computador que comanda a nave espacial Discovery na película de Kubrick], Samantha tem que morrer para que tudo volte ao normal”, concluiu.



Massimo Canevacci

A Voz

Os três expositores atribuíram à voz um lugar central em “Ela”. Segundo Canevacci, trata-se de um dos elementos da tríade que alicerça o filme: *bodyspace* (os closes do rosto de Theodore, que representam o corpo), *landscape* (as paisagens de Los Angeles) e, finalmente, a voz de Samantha, sexy, mas incorpórea.

O antropólogo afirmou que a justaposição da voz do OS e das imagens de Theodore ressaltam a fascinação erótica envolta na tensão material X imaterial. De acordo com ele, esse conflito atinge o ápice quando Samantha convida uma mulher para consumir sexualmente a relação com Theodore ou, em última análise, para dar um corpo à sua voz.

Janine, por sua vez, destacou que o fascínio exercido pela voz é ainda maior porque sabemos quem está por trás dela. “Ao ouvir, imaginamos o corpo, o rosto e o sorriso de Scarlett Johansson, mas Theodore, ao contrário de nós, não tem essa imagem”.

Já Matos associou a voz-personagem às possibilidades de presentificação do ausente na era digital – quando já “não é mais preciso ver para amar” – e à autonomização da máquina. “Antes, a tecnologia se

acrescentava ao corpo humano para aperfeiçoá-lo, como um telescópio, por exemplo; agora, a ciência pode criar vida e produzir o que quiser”, disse.

Fobia do Contato

A opção por cultivar um relacionamento com a voz de um OS é, de acordo com Matos, sintoma do que define como “fobia do contato” ou “pânico da multidão” – dificuldade de ter uma vida social convencional, relutância em encontrar presencialmente o outro e medo de ter a própria identidade ameaçada pela massa. A filósofa lembrou que o longa-metragem não mostra grandes quantidades de pessoas.

“Há uma saturação do contato com o outro e muita gente acha melhor conversar por e-mail ou chat; é perfeito se apaixonar por uma voz”, disse, ressaltando que as mídias contribuem para a dissolução da convivência por possibilitarem interações e relações amorosas mediadas pelas tecnologias.

Outro indício dessa fobia do contato – ressaltou Matos –, é a natureza narcisística da relação entre os protagonistas, já que Samantha é customizada e programada para satisfazer Theodore. “Na verdade, ele se relaciona e fala consigo mesmo o tempo todo”, avaliou.



Olgária Matos

Janine também falou sobre o enfraquecimento das interações sociais, mas a partir do ponto de vista do trabalho de Theodore – escrever cartas de amor, com conteúdo íntimo, sob encomenda. “Trata-se da terceirização da expressão afetiva, da incapacidade de transmitir afeto sem a mediação de um especialista”, afirmou. Para o filósofo, o ofício do protagonista sinaliza problemas com a comunicação dos sentimentos: “Se não fosse Theodore, as pessoas conseguiriam demonstrar amor?”, indagou. Matos também abordou a questão: “O filme mostra uma sociedade que, para falar de amor, precisa que outro, um estranho, fale em seu lugar”.

Metamorfose

De acordo com Canevacci, “Ela” aponta para a emergência de novas formações identitárias ao explorar uma dimensão metamórfica vinculada ao pós-humanismo que rompe com a tradicional divisão entre orgânico e inorgânico, vivo e morto. “As identidades estão mudando; contudo, isso não quer dizer que a identidade humana está se perdendo, mas apenas que estão surgindo outras, que trazem novos desafios”, esclareceu.

Por isso – advertiu o antropólogo –, as questões que despontam no cenário da cultura digital devem ser enfrentadas para além da dicotomia clássica corpo X tecnologia. “O corpo penetra na tecnologia assim como a tecnologia penetra no corpo”, destacou, observando que, ao trazer à tona “a expansão erótica em torno da imaterialidade” – isto é, uma relação amorosa com um ser sem corporeidade –, o longa-metragem coloca em relevo as fragilidades do pensamento dualista que opõem homem e máquina: “A fascinação pela técnica é tão forte no filme, que chega até o limite”.

As mudanças antropológicas ocasionadas pelas novas tecnologias também foram abordadas por Matos, que destacou as metamorfoses no âmbito da percepção espaço-temporal. Para ela, a cultura digital vem acompanhada da sensação de compressão do tempo e expansão do espaço, de aceleração e onipresença, “como se tudo acontecesse aqui e agora”. Trata-se, afirmou, da utopia digital da ubiquidade. “Mas onde estamos quando estamos em vários lugares?”, indagou.

Na opinião da filósofa, é preciso ter cautela ao se analisar os impactos dos recursos tecnológicos, pois “a ciência e a tecnologia não pensam, mas fazem e desfazem sem refletir as fronteiras entre lícito e ilícito, real e imaginário”. Por isso mesmo, afirmou, “não procede a ideia de que tudo o que é moderno é ontologicamente bom; o corpo pode se ampliar ou regredir e se fetichizar: vira objeto e passa a ser escolhido pelas tecnologias”.

📺 [VÍDEO goo.gl/e6MHPw](https://goo.gl/e6MHPw)

22 de setembro

MARINA ABRAMOVIC:

A ARTE E A VIDA POR UM FIO

Massimo Canevacci (IEA), Minom Pinho (Casa Redonda) e Renato Janine Ribeiro (IEA)
Instituto de Química da USP

Pioneira na arte performativa de longa duração, Marina Abramovic usa o próprio corpo como sujeito e objeto, tema e meio de expressão com a proposta de explorar artisticamente os limites físicos e os potenciais mentais do ser humano. A performer é conhecida por se colocar em condições performáticas extremas, penosas e exaustivas, nas quais se expõe ao perigo, à dor e à agonia. Ao longo de sua trajetória artística, já se esfaqueou, tomou drogas para induzir o estado de catatonia e de espasmos, ficou sob a mira de uma arma carregada, foi cortada, espetada e desnuda pelo público e desmaiou no centro de uma estrela em chamas por falta de oxigênio.

A obra da artista, tida como a “avó da arte performativa”, foi analisada no seminário *Marina Abramovic: A Arte e a Vida por Um Fio*, no dia 22 de setembro. Este foi o segundo encontro do ciclo A Vida Hoje: Amor, Arte, Política, organizado pelo Grupo de Pesquisa O Futuro nos Interpela do IEA. As exposições ficaram a cargo do filósofo Renato Janine Ribeiro, professor titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e coordenador do grupo, e do antropólogo Massimo Canevacci, professor visitante do IEA.

O encontro contou, também, com a participação da produtora cultural Minom Pinho, que fez uma apresentação sobre o documentário “A Corrente: Marina Abramovic no Brasil”, ainda em fase de finalização, com previsão de lançamento para o primeiro semestre de 2015. Dirigido por Marco Del Fiol e Cauê Ito e produzido pela Casa Redonda, da qual Minom é sócia-diretora, o longa-metragem acompanha a imersão de Abramovic na espiritualidade brasileira em suas viagens mais recentes ao país, quando visitou lugares místicos e explorou manifestações do sagrado e formas não tradicionais de conhecimento.

Janine, Canevacci e Pinho abordaram as múltiplas facetas da produção artística de Abramovic a partir de eixos temáticos: as tensões entre consciência e limites corporais e mentais; a exploração radical das dimensões expressivas do corpo; as interseções entre experiência estética e temas ligados ao sagrado, à vida e à morte; e a incorporação do público no contexto das performances, que passa de espectador passivo a coautor ativo.

Ecossistemas das Vanguardas

Ao situar a obra de Abramovic na história da arte contemporânea, Canevacci associou o trabalho da performer às vanguardas artísticas do início do sé-



Minom Pinho, Massimo Canevacci e Renato Janine Ribeiro

culo 20, particularmente ao Futurismo italiano e ao Dadaísmo franco-suíço, por terem rompido com a passividade do público e com a ideia de que a arte é exclusividade de pessoas versadas em estética.

“Futuristas e dadaístas entenderam pela primeira vez que a obra está profundamente conectada com a vida, sem o princípio dicotômico do público passivo, de um lado, e do artista como grande criador que elabora sua arte para museu ou galeria, de outro.”

O antropólogo observou que essas duas vanguardas estão nas origens de performances concebidas não como uma obra pronta, mas como eventos artísticos que solicitam uma “ativização do público”, o qual é provocado, transformado e convertido em co-criador.

De acordo com ele, a influência vanguardista se intensifica no período pós-Segunda Guerra, quando surgem movimentos artísticos voltados para a expressão de “um tipo de sentimento, uma visão de mundo, uma percepção, um estilo de vida” associado aos horrores do conflito. Os artistas à frente dessas vanguardas acreditavam que não havia como anular e esquecer o que havia acontecido, era preciso enfrentar aquela realidade.

Entre tais movimentos, Canevacci destacou o Acionismo Vienense – grupo que rechaçava o projeto estético tradicional, caracterizado pelo estatismo, e se propunha a levar a arte para o campo da ação performativa, geralmente usando o corpo como suporte. As performances incluíam práticas radicais e controversas, como mutilação, sadomasoquismo, uso de excrementos e sacrifício de animais, como forma de “afirmar a catástrofe pela qual passou a humanidade”.

Na opinião do antropólogo, essas vanguardas introduziram um tipo de “reacting do ritual arcaico,

no qual ninguém pode ficar parado: todo mundo é movido, transformado, modificado”. Com isso, destacou, deram um passo importante no universo da arte ao transpor a dialética entre o público e o privado, convertida em “oposição reificada” pela burguesia industrial, bem como com o dualismo entre corpo e mente: “Esse tipo de arte pratica o além da dicotomia”, observou.

Religião, Sagrado e Espiritual

Ao contextualizar a obra de Abramovic nessa conjuntura vanguardista de inserção do público na experiência estética, de exploração do corpo como forma de expressão artística e de confrontação dos conflitos que perpassam a realidade, Canevacci enfatizou a forte presença das dimensões da religião e do sagrado nas performances da artista – algo que estaria relacionado à vivência da performer durante a crise dos Bálcãs, que levou ao desmembramento da Iugoslávia, seu país natal.

Segundo o antropólogo, o trabalho de Abramovic atravessa a tensão entre a religião, entendida como “uma instituição que professa uma ortodoxia doutrinária”, e o sagrado, “algo mais complexo e indefinível segundo a lógica clássica racional”. E esse conflito, afirmou, envolve uma dimensão corpórea: “A religião controla o corpo, que é visto como uma fonte de pecado, algo anatomicamente determinado para um fim específico. Já o sagrado penetra, fura o corpo e assume uma dimensão corpórea que tenta conectar o que é concreto, visível e imediato com o que é invisível”.

Pinho também abordou as interseções entre a obra de Abramovic e a questão do sagrado ao apresentar o documentário “A Corrente”. De acordo com ela, ao longo da incursão pela espiritualidade brasileira, a performer conheceu o que define como “pessoas e lugares de poder”: o médium João de Deus, em Abadiânia, e as comunidades mediúnicas do Jardim de Maytreia, na Chapada dos Veadeiros (Goiás); a doutrina espiritualista do Vale do Amanhecer (DF); o xamanismo cultivado na Chapada Diamantina, a confraria afro-católica Irmandade da Boa Morte, os rituais de candomblé no Terreno do Gantois e a Igreja Nossa Senhora do Bonfim (Bahia); as minas de cristais em Cortino (Minas Gerais); e os ritos com o chá ayahuasca da doutrina Santo Daime (Amazonas), entre outros.

A produtora cultural destacou que o documentário aborda o processo de apropriação artística das diversas “fontes de energia espiritual” brasileiras por parte

de Abramovic, que vê nessa trajetória uma forma de expandir a consciência e o autoconhecimento através da arte. “Marina se joga nas experiências com muita intensidade, se infiltra com todos os filtros, se coloca 100% na devoção e depois volta para questionar aquilo à luz do seu lugar de fato.”

De acordo com Pinho, a radicalidade da artista nessa incursão de busca espiritual incomoda profundamente grande parte das pessoas porque se difundiu a ideia de que “sagrado é uma coisa e a arte é outra e, por isso, não se deve misturá-los”.



Minom Pinho em sua exposição sobre a obra de Marina Abramovic

Corpo Subjetivado

Ainda em referência à presença do sagrado em Abramovic, Canevacci avaliou que as performances da artista inserem-se no paradigma do corpo como um elemento transitório entre a vida e a morte. “Por isso o corpo não é só carne, é também crânio, ossos, elementos que não se decompõem”, completou, lembrando que, ao utilizar crânios como matéria-prima, os artistas não criam arte, mas algo mais complexo. “O crânio incorpora o sagrado, como se unificasse a dimensão humana, animal e divina. O sagrado é um transitar entre esses elementos diferenciados, que são parte constitutiva da experiência estética.”

Para ele, no sentido artístico performático contemporâneo, o corpo não seria apreendido como matéria, mas como um sujeito sem uma identidade psicológica física, dotado de uma subjetividade pluralizada, de modo que cada fragmento corporal teria uma autonomia relativa. O corpo representaria, assim, uma multidão de subjetividades e individualidades, que define como “multívíduo”.

“Por isso, os artistas não utilizam o próprio corpo, mas fazem um reenact e reatualizam a potencialidade corpórea”, ponderou, acrescentando que a arte

ocidental como um todo reflete sobre três grandes temas que perpassam o trabalho de Abramovic: o amor, o Eros (erótico) e a amizade. “É nesse contexto que a obra dela se coloca.”

Como exemplo de experimentação das potencialidades do corpo na obra da performer, Canevacci citou a performance “Imponderabilia” (1977), na qual a artista e seu então namorado, Ulay, ficaram nus um em frente ao outro, cada um de um lado da porta que dava acesso à Galleria Comunale d’Arte Moderna, em Bolonha (Itália). Para entrar, os visitantes tinham que passar pelo estreito espaço entre os dois artistas e escolher qual deles encarar. “Algo interessante num tipo de cultura na qual corpo nu ainda provoca reações”, observou o antropólogo, ressaltando que o público era confrontado com a posição, por vezes constrangedora, de contato físico e visual com os performers.

“Um público que já não era mais público, mas co-criador da obra, precisava transitar e colocar-se do lado da mulher ou do homem, de forma rápida ou mais lenta, acariciando o corpo daquele que escolheu.”



Massimo Canevacci: “Marina Abramovic coloca em crise a ideia do olhar como controle do espaço e dos outros”

Mas, segundo o antropólogo, a exploração mais radical do corpo como meio de expressão e da relação entre artista e público se deu na performance “Rhythm 0” (1974), na qual Abramovic colocou-se na posição passiva de um suporte artístico e encorajou os espectadores a assumirem uma postura ativa. A performer disponibilizou 72 objetos que davam prazer ou infringiam dor, entre os quais uma tesoura, penas, uma rosa, azeite, um revólver e munição, e convidou os visitantes do Morra Arte Studio, em Nápolis (Itália), a utilizá-los em seu corpo da forma como desejassem, enquanto permanecia imóvel.

Na opinião de Canevecci, essa entrega de Abramo-

vic disparou um processo incontrolável. O público, inicialmente parado, pouco a pouco começou a escolher objetos e a ferir a artista. Ao longo das seis horas de duração da performance, suas roupas foram cortadas, seu peito foi perfurado com espinhos de rosa e uma arma carregada foi apontada para sua cabeça.

“A arte frequentemente é entendida como sublimação, remoção da dimensão instintual do desejo, do sexo etc. Só que a body art, que assume o corpo como sujeito, provoca um tipo de reação pela qual o que geralmente é removido passa a ser praticado e volta”. Para ele, o problema é que esse retorno não ocorre de forma tranquila, mas violenta: “O removido é uma força que pode colocar em crise o controle do ego. O tipo de performance de Marina Abramovic cria esse tipo de deslocamento corporal.”

Vida em Risco

Janine também apontou a “Rhythm 0” como um exemplo emblemático tanto da radicalidade da obra de Abramovic quanto da imprevisibilidade do público por implicar a submissão da artista à dor e ao risco de vida e por dar margem a uma reação violenta por parte dos expectadores.

Para reforçar essas ideias, citou um comentário de Abramovic sobre os resultados da performance: O que eu aprendi é que se você deixar nas mãos do público, eles podem te matar. Eu me senti realmente violada. Cortaram minhas roupas, enfiaram espinhos de rosa na minha barriga, uma pessoa apontou uma arma para minha cabeça e outra a retirou. Isso criou uma atmosfera agressiva. Depois de exatamente 6 horas, como eu tinha planejado, me levantei e comecei a caminhar em direção ao público. Todos fugiram para escapar de uma confrontação presente. Segundo o filósofo, é muito significativo que os participantes da “Rhythm 0”, inicialmente tímidos, tenham começado a infringir sofrimento na artista. “A satisfação, o gozo maior deles não está naquilo que seria, digamos, uma aproximação afetiva, mas naquilo que é quase uma ameaça.” Também é significativo, destacou, que Abramovic se sujeite a esse tipo de situação. “Ela está num constante colocar-se em risco, que é uma experiência, nós diríamos nos termos clássicos da filosofia, metafísica. Essa experiência vai para além do social, além do histórico e questiona o sentido ou os sentidos da vida.”

Além da iminência do risco de vida e da reação violenta do público, Janine chamou atenção para um

terceiro aspecto da performance: o contraste entre a construção cênica e aquilo que irrompe: “É interessante que toda essa irrupção do inesperado se dê dentro de um quadro de planejamento estrito”.

Arte e Transformação

Ainda com foco na relação artista-público, Canevacci abordou o potencial transformador da obra de Abramovic. Para ele, a performance “The Artist Is Present” (2010), realizada no Museum of Modern Art (MoMA), em New York (Estados Unidos), é emblemática das possibilidades de uma transformação mútua entre performer e espectador.

Ao longo da performance, com duração total de mais de 700 horas, Abramovic ficou em uma cadeira por oito horas diárias, seis vezes por semana durante três meses, enquanto visitantes eram convidados a sentar-se cara a cara com ela, em silêncio e pelo tempo que desejassem. A artista fechava os olhos cada vez que um visitante levantava e voltava a abri-los quando um outro ocupava o lugar.

“Marina Abramovic é como um corpo cheio de olhos”, comparou Canevacci, para quem esse fechar e abrir de olhos é um elemento filosoficamente muito importante: “Nós também estamos metaforicamente com os olhos fechados quando encontramos outras pessoas”.

O antropólogo afirmou que essa ênfase no olho-no-olho problematiza a vinculação do olhar prolongado a uma postura de afronta ou sedução. “A gente não tem costume de olhar fixo. Marina Abramovic coloca em crise a ideia do olhar como controle do espaço e dos outros. Para ela, a abertura dos olhos é uma forma de encontro com o outro, o desconhecido, o estrangeiro.”

De acordo com ele, o encontro com o outro é parte constitutiva do tipo de arte criada por Abramovic e diz respeito não só ao outro como uma terceira pessoa, mas também aos nossos próprios outros. “Trata-se de uma relação dialógica entre minha alteridade interna e a alteridade dos outros”, por meio da qual é possível “se transformar num ser que vê e que se vê”, explicou.

“Nesse tipo de encontro de Marina Abramovic a arte é incontrolável, cria uma mudança. E esse tipo de mudança é, para mim, a estética. A estética é quando um sujeito está frente a uma obra e percebe que está mudando, que a sua identidade não é mais a mesma, que está virando outras. É como se ele

fosse capturado por um evento e deslocado para um contexto totalmente diferente. A arte ou modifica a nossa identidade ou não é arte. E modificar a identidade é modificar a corporeidade. Porque a identidade está disseminada no corpo; o corpo é cheio de identidades, subjetividades”, completou.

Transgressão X Radicalidade

Assim como Canevacci, Janine contextualizou a obra de Abramovic no cenário mais amplo das artes. Mas diferentemente do antropólogo, que ressaltou a influência vanguardista no trabalho da performer, o filósofo questionou a ideia, defendida por muitos críticos e estudiosos, de que as performances criadas pela artista são transgressoras.

Para sustentar esse ponto de vista, Janine citou três romances que considera ser representativos da transgressão artística: “O Amante de Lady Chatterley” (1928), do inglês D.H. Lawrence; e “Madame Bovary” e “As Flores do Mal”, ambos de 1957, dos franceses Gustave Flaubert e Charles Baudelaire, respectivamente. Acrescentou, ainda, o quadro “Olympia” (1863), do pintor francês Édouard Manet, no qual figura “uma mulher nua, adereçada por um colar, então numa situação pouco usual e absolutamente soberba na sua nudez, sem vergonha alguma”.

O filósofo destacou que os autores das três obras literárias foram levados à Justiça e processados criminalmente por insultarem os bons costumes e ultrajarem a moral pública com textos que questionavam o papel social da mulher através de temas controversos, como o adultério e o erotismo.

De acordo com ele, no caso dos três livros, estão em jogo as questões do sexo e do gênero. “Nas três histórias escritas, em que há narrativa, enredo, está muito claro que o que movimenta e articula os personagens é o desejo sexual. É sexo mesmo, é cama, é corpo. São histórias em que uma lei humana é desafiada. Eu posso ir um pouco além e dizer: não é só uma lei humana, é uma lei reputada a ser divina.” Para Janine, a ideia de transgressão está ligada à violação de uma lei ou norma social. “E, mais ainda, uma violação que de certa forma prefigura a revogação da lei, pois quem vai vencer a longo prazo é a transgressão”, completou.

Desafiando Limites

Tendo em vista essa ideia de transgressão, Janine afirmou que a obra de Marina Abramovic não promove uma ruptura da mesma natureza que os romances mencionados porque, embora tenha o cor-

po como elemento central, lida com questões mais radicais, de ordem filosófica. “De um modo geral, as questões, por tudo que eu vi e li sobre ela, dizem respeito sobretudo à vida e à morte, ao sentido da vida e à possibilidade da morte, à intensidade do amor.”

Na opinião do filósofo, no lugar da transgressão o trabalho da performer traz o *push the limits* – expressão em inglês que poderia ser traduzida como “empurrar os limites” ou “forçar as fronteiras”. Como exemplo, citou mais uma vez a “Rhythm 0”: “Quando Abramovic descobre que ultrapassou o limite do que o corpo poderia suportar e se dá conta da violência do público, isso tem o valor de uma epifania”.

Mencionou, ainda, “Breathing In, Breathing Out”, obra que celebra a paixão entre a performer e Ulay, seu companheiro por 12 anos e parceiro em muitos trabalhos. Na performance, os artistas pressionaram suas bocas uma contra a outra e bloquearam as narinas, de modo que não podiam inspirar nada além da expiração exalada dos pulmões do outro. A ação de inspirar e expirar mutuamente o ar um do outro se estendeu por 19 minutos, até o ponto de quase asfixia, quando trocavam apenas dióxido de carbono e desmaiaram por falta de oxigênio.

“Trata-se de uma frequência do limite, e, ao mesmo tempo, de uma metáfora de amor extremamente bela, em que tudo – o meu ar, o meu espírito – está em você”, disse, lembrando que um dos significados atribuídos à palavra “alma” é “ar”.

A Centralidade da Consciência

Além da transposição dos limites, Janine apontou a consciência como outro tema bastante recorrente na obra de Abramovic. De acordo com ele, essas duas temáticas se misturam e são particularmente evidentes na série de performances “Rhythm”, realizadas de 1973 a 1974.

Segundo Janine, o comentário de Abramovic sobre a primeira delas, a “Rhythm 10” (1973), reforça essa ideia: Uma vez que você entra no estado de performance, você pode impelir seu corpo a fazer coisas que jamais você normalmente faria. Segundo o filósofo, a frase revela a centralidade do “estado alterado de consciência” no trabalho da performer, uma vez que, a partir dessa condição, ela conseguiria desafiar os limites do próprio corpo e criar “obras de transe”.

Na performance, a artista fez uma espécie de roleta

rusa com 20 facas. Com a mão esquerda estendida sobre uma folha de papel em branco, ela dava golpes entre um dedo e outro usando a mão direita, enquanto gravava os sons em uma fita cassete. Quando se cortava, escolhia uma nova faca e repetia o procedimento, até utilizar as 20. Ao final do ciclo, tocou a fita gravada e, a partir do áudio, procurou repetir os mesmos erros.

Janine também mencionou a declaração da performer sobre a “Rhythm 5” (1974): Eu estava muito irritada porque entendi que existe um limite físico. Quando você perde a consciência, você não pode estar presente, você não pode performar.

Na performance em que se deu conta das suas limitações corporais, Abramovic acendeu uma espécie de fogueira em uma estrela de cinco pontas, símbolo do comunismo, e simulou um ritual de purificação, queimando pedaços de unha e cabelo que havia cortado. Em seguida, deitou-se no centro do objeto em chamas. A situação saiu do controle quando o fogo consumiu todo o oxigênio e a artista desmaiou. No entanto, o público só percebeu o que estava acontecendo e tomou providências no momento em que as labaredas começaram a chegar muito perto do corpo da artista.

Em relação à tensão entre consciência, possibilidades da mente e limites do corpo, outro exemplo dado por Janine foi “Rhythm 2” (1974), performance dividida em dois momentos: no primeiro, Abramovic tomou um medicamento indicado para o tratamento da catatonia, condição caracterizada pela paralisação dos músculos, e teve uma reação violenta, com espasmos e movimentos incontrolláveis. No segundo momento, dez minutos depois de o efeito dessa droga excitante passar, a performer ingeriu um outro remédio, prescrito para pessoas agressivas e deprimidas. O resultado foi um estado de imobilidade total. De acordo com o filósofo, na primeira parte, Abramovic “não tinha nenhum controle sobre movimentos de seu corpo, mas o espírito estava lúcido e ela podia observar tudo que acontecia”. Na segunda, por outro lado, a artista “estava com o corpo presente, mas do ponto de vista mental estava completamente removida”. Para ele, essa experiência performática foi determinante para Abramovic porque ela compreendeu que, “quando não há consciência, não é possível performar”.

O Valor da Presença

“A intensidade do trabalho de Marina Abramovic tem a ver com a presença”, enfatizou Janine, des-

tacando que este tema figura, ao lado das reflexões sobre a consciência, entre as duas grandes questões da filosofia exploradas no trabalho da artista. “Tanto que as obras dela envolvem um público presente, que deixa de ser público porque é chamado a atuar”, completou.

Ele explicou que a filosofia aborda a temática da presença a partir do clássico contraponto com a representação, entendida como o espaço da falsidade e da manipulação, uma vez que pressuporia “estar no lugar do ausente” e “permitir acesso ao que está distante”. Por isso, observou, não faria sentido referir-se à performance, na qual a presença é o elemento central, como uma forma de representação.



Renato Janine: “A intensidade do trabalho de Marina Abramovic tem a ver com a presença”

Exemplo disso seria a “Breathing In, Brathing Out”, performance que, de acordo com ele, “é presença pura, é presença radicalizada, é boca, um dos gestos mais íntimos de proximidade física amorosa é sugar o ar um do outro; é uma presença absoluta, sem nenhum limite”.

A questão da presença também seria marcante em outros dois casos: na “Rhythm 5” e no ritual de separação entre Abramovic e Ulay. Segundo Janine, no primeiro, quando Abramovic se oferece como presença e também como presente, os espectadores ficam extremamente animados em poder causar o mal. “Enquanto ela está inerte, as pessoas abusam e efetivamente apontam um revolver carregado para ela, efetivamente cortam o corpo dela, efetivamente acontece a experiência da violência.” Mas essa dinâmica da presença muda, observou, no momento em que a performer volta à vida, sai da inércia, se dirige às pessoas e elas fogem”.

Já no segundo caso, afirmou, “a dinâmica da separação passa pela presença”. Seis anos após darem início ao pedido de autorização junto ao governo chinês

para percorrermos a Muralha da China, Abramovic e Ulay recebem a permissão. Mas, como àquela altura o relacionamento já estava no fim, eles decidiram fazer da marcha pelo monumento um ritual de separação. Partindo cada um de uma ponta da Muralha, caminharam um em direção ao outro por aproximadamente dois meses, totalizando 5 mil km. Para Janine, trata-se de um ritual de separação extremamente forte e envolto num simbolismo: “A Grande Muralha é uma separação ela própria, não tem exatamente um tamanho certo, foi construída a longo de séculos, tem trechos que ruíram”.

Temporalidade X Atemporalidade

No debate que sucedeu as exposições, dois temas destacaram-se nas perguntas levantadas pelo público: atemporalidade X temporalidade da obra de arte e a particularidade X universalidade dos símbolos.

A primeira questão refere-se a uma alegada atemporalidade da obra de Abramovic. Indagou-se se as performances da artista, uma vez que inseridas no amplo contexto da arte contemporânea, seriam desprovidas da noção de futuro e da perspectiva utópica que marcou as vanguardas modernas, configurando-se como algo atemporal.

Para Janine, não há como uma obra ser atemporal. “Uma das grandes mudanças dos últimos dois séculos é a convicção de que não se sai do tempo.” Na sua avaliação, o trabalho de Abramovic seria radical, e não atemporal.

Da mesma forma, Canevacci disse discordar com a ideia do fim da história: “A história continua, muitas vezes dramaticamente; não acredito na inexistência de presente e futuro”. De acordo com o antropólogo, o que se tem atualmente é uma ubiquidade: “o sujeito ubíquo está aqui e em muitos outros lugares, o que desafia as coordenadas clássicas de espaço e tempo”.

Ele destacou que a filosofia e a antropologia seguem imaginando um futuro melhor e que ele, pessoalmente, ainda é movido pela esperança de tempos mais felizes, nos quais as dimensões da dominação e do controle não sejam tão incisivos. “Continuo a acreditar que o futuro é plural e espero que meu futuro seja sempre mais libertário.”

Também para Pinho a obra de Abramovic não é atemporal, pois os trabalhos da performer só fariam sentido por estarem acontecendo no momento atual e serem embebidas numa estética situada em um

contexto específico. De acordo com a produtora cultural, a presença da artista nas performances teria tanto valor porque se dá “num tempo em que as pessoas têm uma dificuldade muito grande de estarem presentes e são ubíquas, estão em mil lugares ao mesmo tempo”.

O segundo tema que mobilizou o debate foi a simbologia da caverna, numa referência à abertura do vídeo promocional do documentário sobre Abramovic. Na cena em questão, a artista aparece entrando na Gruta da Lapa Doce, na Chapada Diamantina (Bahia), enquanto uma narração, com sua voz, diz: Estou em Mercúrio. Ou talvez em Júpiter. Na verdade, isto é Marte. Mas eu também gostaria de estar em Plutão.

Segundo Canevacci, entrar na caverna consiste numa experiência simbólica de penetrar o desco-

nhecido, que se dá de diferentes formas em diferentes culturas. O antropólogo questionou a existência de algo contíguo e universal que una os homens através do tempo e do espaço.

“Os símbolos não são universais, mas culturalmente determinados.” Por isso, advertiu, os símbolos acionados por Abramovic não seriam os mesmos daqueles acionados pela mitologia greco-romana, ligados a Mercúrio e a outros deuses.

Janine, por outro lado, associou a questão da universalidade X particularidade dos símbolos à ideia de consciência coletiva em Carl Gustav Jung. Para ele, o desafio seria iluminar o problema de “uma maneira não iluminista, sem ser pela razão do século 17 e 18, que também não seja irracional”.

 **VÍDEO** goo.gl/KRgEab

Humanidades e Mundo Contemporâneo



Coordenação: Olgária Chain Feres Matos

Membros: Anselm Jappe, Claudine Haroche, Cynthia Andersen Sarti, Heloísa Maria Murgel Starling, Jens Michael Baumgarten, Leda Tenório da Motta, Lilian Santiago-Ramos, Maria Inês Assumpção Fernandes, Maria Stella Bresciani, Marilena de Souza Chaui, Marisa Russo Lecointre, Massimo Canevacci, Mauro Luiz Rovai, Nicole Aubert, Rita de Cássia Souza Paiva e Tales Ab'Saber

“Aceleração do Tempo e Pós-Democracia: Violência e Comunicação” é o tema a ser explorado pelo grupo, de pesquisa, cuja acriação foi aprovada pelo Conselho Deliberativo do IEA em reunião no dia 4 de abril de 2014.

O grupo dedica-se à influência da temporalidade acelerada na cultura contemporânea. O objetivo é analisar as relações entre a aceleração do tempo, a cultura da inovação e os conflitos com o fenômeno urbano da sociedade da comunicação, da informação e do saber.

O projeto é construído em torno de quatro eixos: a cultura do excesso; o distanciamento com as formas de sociabilidade da tradição iluminista; o capitalismo contemporâneo; e a incidência das transformações socioculturais da contemporaneidade no aparelho psíquico do ser humano.

Esses eixos serão investigados a partir de uma perspectiva ampla, que abrange a ética, a política, a ciência e a estética, com foco em núcleos temáticos, como a crise de valores e de identidade, a ruptura com a tradição, o declínio das noções de democracia e de república; o aumento da violência; o capitalismo contemporâneo; o advento da tecnociência; e a obsolescência do gosto.

Entre as questões-chave a serem abordadas pelo grupo estão a crescente desagregação da comunidade política; as lutas por hegemonia; o enfraquecimento dos ideais de direitos universais, espaço público e vida em comum; a emergência do individualismo; o arrefecimento do sentimento de culpa e da preocupação com o outro; a intensificação de diferentes formas de incivilidade; e o desaparecimento do simbólico e do transcendente como estruturantes da vida social e cultural.

Evento

1 de outubro

ACELERAÇÃO DO TEMPO E PÓS-DEMOCRACIA: VIOLÊNCIA E COMUNICAÇÃO

Olgária Matos (Unifesp e IEA), Mauro Rovai (EFLCH-Unifesp), Massimo Canevacci (IEA) e Rita Paiva (EFLCH-Unifesp)
Sala de Eventos do IEA

Segundo a filósofa Olgária Matos, a ideia do encontro era analisar a dimensão do tempo no mundo contemporâneo e interrogar o que há de “temporal e atemporal no moderno”. Para isso, o encontro abordou as metamorfoses do sujeito em face das

inovações tecnológicas, com foco no processo de aceleração dos ritmos de vida.

“Trata-se de compreender as novas figuras da alteridade, da identidade e da interioridade do novo sujeito, particularmente nas relações que requerem a temporalidade extensiva e qualitativa, como o amor, a amizade ou o relacionamento entre pais e filhos”, explicou.

O tema foi explorado a partir de três eixos analíticos: o pensamento do filósofo francês Henri Bergson sobre o corpo e a memória; o fenômeno da cultura digital; e o filme “O Estranho Caso de Angélica”, do cineasta português Manoel de Oliveira.

📺 [VÍDEO goo.gl/LnwNzr](https://goo.gl/LnwNzr)



Rita Paiva, Mauro Rovai, Olgária Matos e Massimo Canevacci

Lógica e Teoria da Ciência



Coordenação: Jair Minoru Abe

Membros: Newton Carneiro Affonso da Costa; João Inácio da Silva Filho; Bráulio Coelho Ávila; Lafayette de Moraes; Kazumi Nakamatsu; Seiki Akama

O Grupo de Pesquisa de Lógica e Teoria da Ciência existe desde a fundação do IEA, em 1986. Visa ao desenvolvimento e aplicação da lógica paraconsistente, inclusive em inteligência artificial, e à axiomatização das ciências. O estudo dos fundamentos de várias ciências tem sido o destaque das atividades da equipe. As utilizações da lógica nas humanidades também merecem a sua atenção. Todos esses temas são discutidos em seminários e ciclos de palestras.

Objetivos

Estudar e debater: fundamentos da lógica, matemática e física; aspectos matemáticos dos sistemas paraconsistentes; lógicas paraconsistentes e inteligência artificial; paraconsistência e representação de conhecimento em inteligência artificial; paraconsistência e teoria da ciência; tomada de decisão em engenharia; redes neurais artificiais paraconsistentes e aplicações.

Evento

17 de março

II WORKSHOP ON INTELLIGENT COMPUTING SYSTEMS - WICS 2014

Fábio Vieira do Amaral (Unip), Jair Minoru Abe (Unip e IEA), João Inácio da Silva Filho (Unisanta), Maurício Conceição Mário (Fatec/Santos e Unisanta)

Anfiteatro da Unip, Campus Indianópolis

O *II Workshop on Intelligent Computing Systems (WICS'2014)* teve como objetivo propiciar o debate entre pesquisadores e divulgar a pesquisa brasileira que relaciona áreas como ciência da computação e informática com psicologia, ciência cognitiva e ciências humanas, tradicionalmente consideradas afastadas das ciências ditas exatas. O encontro trouxe para a discussão uma nova geração de pesquisadores que vem se destacando na área e tem atuado nos mais diversos centros do país, sem se concentrar nos tradicionais polos de pesquisa.

Programação

Classificador Paraconsistente de Atributos de Imagens Mamográficas no Processo de Diagnóstico do Câncer de Mama Assistido por Computador

Fábio Vieira do Amaral (Unip)

A Importância da Lógica Paraconsistente nas Aplicações

Jair Minoru Abe (Unip e IEA)

Proposta de um Cálculo Diferencial Paraconsistente

João Inácio da Silva Filho (Unisanta)

Uso da Lógica Paraconsistente para Construção de Sistemas Especialistas

Maurício Conceição Mário (Fatec-Santos e Unisanta)

12 de fevereiro, 12 de março, 09 de abril, 14 de maio,
20 de agosto, 10 de setembro e 8 de outubro

CICLO DE SEMINÁRIOS

Jair Minoro Abe (IEA e Unip)

Faculdade de Medicina (FM) da USP, Instituto Oscar Freire,
São Paulo

Nesses encontros, foram discutidos os seguintes temas: aplicações dos sistemas anotados paraconsistentes em biomedicina, teoria da amostragem em estatística, reconhecimento de padrões – mamografia, dados de parâmetros de câncer de mamas, construção do sistema especialista baseado na lógica paraconsistente anotada evidencial algoritmos para transplante de fígado em pacientes do HC (projeto financiado pela FAPESP).

Publicações

Souza, S., J.M. Abe, Handwritten Numerical Characters Recognition based on Paraconsistent Artificial Neural Networks, Recent Developments in Computational Collective Intelligence, A. Bdic et al. (eds.), **Studies in Computational Intelligence** 513, Springer International Publishing Switzerland, 93-102, ISSN: 1860-949X, 2014.

Kazumi Nakamatsu, Jair Minoro Abe. Paraconsistent Annotated Logic Programs and Application to Intelligent Verification Systems. **Studies in Computational Intelligence** (Print), ISSN: 1860-949X, v. 514, p. 279-315, 2014.

Kazumi Nakamatsu, Jair Minoro Abe: The paraconsistent process order control method, **Vietnam J. Computer Science** 1(1): 29-37, 2014.

Jair Minoro Abe, Helder F.S. Lopes, Kazumi Nakamatsu, Paraconsistent neurocomputing and brain signal analysis, **Vietnam Journal of Computer Science** (2014): Print ISSN 2196-8888, Springer Berlin Heidelberg 1-12, J 2014.

Alasuutari, Aapo, Kazumi Nakamatsu, and Jair Minoro Abe, Safety Verification for e-Business Model Based on Paraconsistent Annotated Logic Program bf-EVALPSN, **Frontiers of Artificial Intelligence and Applications** (FAIA) series, ISSN 0922-6389 (print), 248 – 257, Netherlands, 2014. In proceeding of: Intelligent Decision Technologies 2014, Volume 262: Smart Digital Futures 2014, Volume: Frontiers in Artificial Intelligence and Applications.

Nélio Fernando dos Reis, Cristina Corrêa de Oliveira, Liliam Sayuri Sakamoto, André Gomes de Lira, Jair Minoro Abe, Paraconsistent Method of Prospective Scenarios (PMPS), **IFIP International Federation for Information Processing** Volume 438, 2014, pp 76-84, Series ISSN 1868-4238, Springer Berlin Heidelberg.

Abe, J.M., Redes Neurais Artificiais Paraconsistentes e Algumas Aplicações, **Seleção Documental**, No 33, Ano 9, Editora Paraogike, ISSN 1809-0648, 20-25, 2014.

Cristina Correa de Oliveira, Nelio Fernando dos Reis, Liliam Sayuri Sakamoto, Andre Gomes de Lira Muniz e Jair Minoro Abe, Análise da Carga Mental dos Estudantes de Tecnologia da Informação, **XXXVI Encontro Nacional de Engenharia de Produção – ENEGEP**, ISSN 2318-3349, 2-13, 2014.

Nelio Fernando dos Reis, Cristina Corrêa Oliveira, Liliam Sayuri Sakamoto, Andre Gomes de Lira, Jair Minoro Abe, Construction of Scenarios through the Paraconsistent Annotated Evidential Logic $E\tau$, **IFIP Advances in Information and Communication Technology**, ISSN 1868-4238, Volume 438, Springer Berlin Heidelberg, Volume 438, pp 76-84 2014.

Souza, S. & J.M. Abe, Nevus and Melanoma Paraconsistent Classification, **Studies in Health Technology and Informatics**, Vol. 207, ISSN 0926-9630 (print) IOS Press, Amsterdam, Holanda, 254-260, 2014.

Meio Ambiente e Sociedade



Coordenação: Pedro Roberto Jacobi

Membros: Ana Paula Fracalanza, Célio Bermann, Helena Ribeiro, José Pedro de Oliveira Costa, Luis Enrique Sánchez, Luiz Carlos Beduschi Filho, Luiz Gylvan Meira Filho, Maria Cecília Loschiavo dos Santos, Paulo Eduardo Artaxo Netto, Sílvia Helena Zanirato, Sonia Maria Flores Giancesella, Tercio Ambrizzi e Wagner Costa Ribeiro

No IEA, as discussões sobre questões ambientais tiveram início em 1989 com a instalação de um grupo de trabalho para o Projeto Floram. Em 1992, começaram as atividades da então denominada Área de Ciências Ambientais, que teve como coordenadores: Aziz Ab'Sáber (maio de 1989 a agosto de 1992), Umberto Giuseppe Cordani (setembro de 1992 a setembro de 1995), Aldo da Cunha Rebouças (outubro de 1995 a maio de 1998), Eurico Cabral de Oliveira (novembro de 1998 a agosto de 1999), Pedro Leite da Silva Dias (setembro de 1999 a julho de 2008), Wagner Costa Ribeiro (agosto de 2008 a julho de 2012). A área tornou-se o Grupo de Pesquisa de Ciências Ambientais e tem como coordenador, desde agosto de 2012, Pedro Jacobi. Outros grupos de trabalho se originaram desse núcleo, tais como: Grupo de Redução de Desastres Naturais (baseado na instituição da “Década de Redução de Desastres Naturais” pela ONU) e a Comissão USP do International Geosphere-Atmosphere Programme (IGBP).

Objetivos

As principais preocupações do grupo são: o desenvolvimento de estudos sobre alternativas para implementação de soluções coerentes com o desenvolvimento sustentável e a análise das mudanças globais. O grupo busca aprofundar os seguintes temas: avaliação ambiental estratégica; governança da

água; mudanças climáticas; risco, saúde e ambiente; inclusão x exclusão social; energia x alimento; e justiça ambiental.

Eventos

19 de março

VERÃO 2013/2014 E CENÁRIOS DE ESTRESSE HÍDRICO

Daniela Campos Libório Di Sarno (PUC-SP), Marcio Automare (ITESP e IEA), Maurício de Carvalho Ramos (FFLCH e IEA), Pedro Jacobi (Procam e IEA), Susana Prizendt (Campanha CAPV) e Wagner Costa Ribeiro (FFLCH, Procam e IEA)

Sala de Eventos do IEA

No momento em que a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) amarga as consequências de um período prolongado de estiagem, que levou o Sistema Cantareira a níveis recordes de baixa das reservas, o IEA voltou-se para a conjuntura dessa falta d'água no debate *Verão 2013/2014 e Cenários de Estresse Hídrico*. Realizado no dia 19 de março, o evento integrou as comemorações da Semana da Água 2014, que antecedem o Dia Mundial da Água, celebrado em 22 de março.

Organizado a partir de parceria entre o Grupo de Pesquisa Meio Ambiente e Sociedade e o Grupo de

Pesquisa Filosofia, História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia, ambos do IEA, com o apoio do Centro de Estudos de Governança Socioambiental do Instituto de Energia e Ambiente (IEE) da USP, o debate foi dividido em duas mesas-redondas, ambas mediadas por Pedro Jacobi, coordenador do Grupo de Pesquisa Meio Ambiente e Sociedade.

Os expositores foram Wagner Costa Ribeiro, professor da Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas (FFLCH) da USP; Maurício de Carvalho Ramos, também professor da FFLCH; Daniela Libório Di Sarno, professora da Faculdade de Direito da PUC-SP e vice-presidente do Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico (IBDU); Marcio Automare, analista de desenvolvimento organizacional da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP); e Susana Prizendt, coordenadora do Comitê Paulista da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e pela Vida.



Os debatedores (a partir da esq.): Marcio Automare, Daniela Libório Di Sarno, Wagner Costa Ribeiro, Pedro Jacobi, Susana Prizendt e Maurício de Carvalho Ramos

O encontro discutiu o problema da água a partir de uma perspectiva interdisciplinar, abordando aspectos ambientais, jurídicos, sociopolíticos, filosóficos e da segurança alimentar. Segundo Jacobi, a ideia foi refletir sobre o problema da água na RMSP, mas abrangendo questões mais amplas, que envolvem, entre outras, as desigualdades no acesso à água, alterações nos regimes de chuvas ocasionadas pelo fenômeno das mudanças climáticas, entraves institucionais e a postura do poder público em relação à prevenção e remediação do problema.

Ação do estado

O debate foi aquecido pelas recentes medidas que vem sendo estudadas e tomadas pelo governo do estado de São Paulo para tentar contornar a situação crítica do Sistema Cantareira, que atualmente opera com aproximadamente 15% de sua capacidade. Entre tais medidas está a proposta, anunciada no início

da semana, de usar água do Rio Paraíba do Sul para abastecer os reservatórios da RMSP. Indagado sobre o assunto, Ribeiro destacou que não considera a proposta oportuna, uma vez que o rio também está numa situação de estresse hídrico.

Ribeiro criticou as obras emergenciais do governo do estado, iniciadas no dia 14 de março, para bombear o volume de “água morta” do fundos de represas que formam o Sistema Cantareira. De acordo com ele, isso significa “retirar até a última gota de água da Cantareira, de uma água que está há 40 anos estocada, parada, sem dinâmica, cuja qualidade é duvidosa, pois não se sabe que elementos estão associados a ela”.

Além disso, afirmou tratar-se de uma medida arriscada, que pode levar à exaustão do recurso na região. “Isso porque, para saturar o solo novamente a ponto de a represa voltar a encher, será preciso muito mais que o volume médio de chuvas na região, cujos índices não foram atingidos neste verão.”

Chamando atenção para a dimensão política da escassez de água em São Paulo, Ribeiro advertiu que é preciso questionar porque a cidade chegou ao limite dos recursos hídricos. Para ele, o problema não estaria tão grave caso o racionamento tivesse sido adotado em dezembro, quando já havia fortes indícios do que viria pela frente. Automare, da mesma forma, questionou: “Já se sabia da situação da Cantareira, então por que o racionamento não foi colocado em prática?”.

Segundo Ribeiro, a crise requer a adoção imediata da medida, penalizando mais os grandes consumidores, de modo a minimizar os prejuízos aos usuários que impactam menos no sistema.

Gestão fragmentada

Sarno apontou a incongruência do sistema jurídico brasileiro em relação à gestão dos recursos hídricos como causa primeira da situação de escassez de água no país. De acordo com ela, embora a Constituição Federal determine que a gestão deve ser compartilhada entre União, estados e municípios, há pouco diálogo entre as partes e a administração dos recursos hídricos acaba ficando fragmentada.

“Para enfrentar o desafio da gestão compartilhada, as três esferas [federal, estadual e municipal] precisam sentar e discutir. Mas ainda não demos esse passo. Não há conversa nem verticalmente, entre as esferas, nem horizontalmente, entre as instituições”,

observou.

Essa fragmentação é agravada pela incompatibilidade entre divisão do sistema federativo, que obedece a critérios políticos, e a divisão das bacias hidrográficas, que obedece a critérios geográficos. As bacias são tão importantes porque colocam em cena mais um ator: os Comitês de Bacia Hidrográfica, os quais integram o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos. Compostos por representantes dos diversos setores usuários de água, das organizações da sociedade civil e dos poderes públicos, os comitês aprovam o Plano de Recursos Hídricos de cada bacia, arbitram conflitos pelo uso da água, sugerem valores para cobrança do consumo, entre outros.

Segundo Sarno, o problema é que nenhum dos modelos de gestão adotados no país — gestão municipal e gestão estadual, por meio de autarquias ou de empresas contratadas — é condizente com as divisões das bacias hidrográficas. “Os Comitês até fazem parte da gestão, mas quem coloca em prática a distribuição da água não são eles, mas instituições gestoras”.

Público x privado

Já para Ribeiro, o maior entrave para equacionar a questão da água no Brasil é a gestão privada dos recursos hídricos. Na RMSP, por exemplo, a gestão é feita pela Sabesp, empresa de economia mista, capital aberto, com ações negociadas na bolsa de valores, que funciona segundo a lógica de uma instituição privada.

“É função do estado remunerar-se, obter lucro e especular com base na comercialização do recurso água? Não, não é função do estado ganhar dinheiro com a água, como faz a Sapesp”, advertiu Ribeiro, destacando que falta transparência na gestão da empresa. “Além dos fluxos hídricos, deve haver transparência em relação aos fluxos financeiros”, apontou.

Assim como Ribeiro, Automare ponderou que uma empresa ligada ao poder público, caso da Sabesp, não deveria se comportar como uma empresa privada, tratando a água como um produto. Citou, ainda, como exemplo da exploração comercial dos recursos hídricos, a indústria de água vendida em galões, cujo crescimento estaria afetando os lençóis freáticos.

Sarno também abordou o embate entre interesse público e privado. De acordo com ela, Comitês de

Bacia Hidrográfica tratam a água como um bem, cuja distribuição deve ser igualitária e cuja cobrança deve acontecer apenas para regular o consumo. Já as empresas que colocam a gestão em prática, como a Sabesp, tratam a água como um produto à venda.

Segundo a jurista, os gestores das regiões metropolitanas e dos municípios não levam em consideração a disposição das bacias hidrográficas ao autorizar, por exemplo, a expansão de um distrito industrial que pode colocar em risco o abastecimento de água no local. “É preciso medidas para compatibilizar a expansão urbana e a infraestrutura de distribuição de água em termos de qualidade e quantidade”, advertiu.

Dimensão ética

Fazendo uma abordagem filosófica, Carvalho ressaltou que a água pode ser pensada a partir de dois conjuntos de propriedades: as propriedades materiais, ligadas aos princípios bioquímicos; e as propriedades simbólicas, relacionadas ao seu valor incalculável para a vida, o que faz dela um símbolo de poder.

De acordo com ele, quando se consideram as propriedades simbólicas, a água pode ser concebida tanto como um recurso — um produto a ser explorado economicamente; quanto como um bem — algo gratuito e não comerciável de nenhuma forma. E é essa concepção de bem que deve ser adotada para se encarar o problema do estresse hídrico a partir de uma perspectiva ética.

“Enfrentar a questão de forma racional e responsável envolve não colocar em prática possibilidades tecnológicas ligadas ao uso da água que coloquem em risco a disponibilidade ou as propriedades materiais dos recursos hídricos”, disse. “Se a postura ética prevalecesse, não haveria necessidade de racionamento; bastaria um apelo à consciência das pessoas”, completou.

Participação

Os debatedores chamaram atenção para o baixo envolvimento da sociedade nas discussões sobre a gestão dos recursos hídricos. Segundo Automare, a água figura no último lugar na lista de prioridade dos cidadãos do Estado de São Paulo: “fomos induzidos a creditar a discussão sobre o assunto aos representantes e deixamos de nos envolver”. Além disso, destacou, “o público não tem foro para debater, de modo que a situação fica nas mãos de tecnocratas”.

Ribeiro também alertou sobre o paradoxo que envolve a falta de participação popular, de um lado, e o excesso de instituições para gerir a água, de outro. Para ele, “temos mais instituições que lidam com a água do que água em si. É muita instituição para pouca água. E a sociedade civil é sub-representada dentro delas”.

Segurança alimentar

O problema da água também foi abordado do ponto de vista da qualidade. Tratando da contaminação dos recursos hídricos por agrotóxicos, Prizendt afirmou que a questão deve ser debatida tendo em vista a substituição do agronegócio, modelo de produção convencional, baseado no uso intensivo de agrotóxicos, pelo agroecologia, modelo alternativo, cujas práticas visam a manter o equilíbrio dos ecossistemas e preservar as nascentes dos rios e do sistema hídrico como um todo.

De acordo com ela, os agrotóxicos são a segunda maior causa de contaminação de rios, dado que se torna particularmente preocupante considerando-se que o Brasil é campeão mundial no uso destas substâncias, sendo responsável por 1/5 do que é consumido no mundo. Além disso, disse a ambientalista, o setor agrícola corresponde a cerca de 70% do consumo de água doce no Brasil.

📺 **VÍDEO** goo.gl/yW24mn

5 de maio

IMPACTOS AMBIENTAIS DO NOVO PLANO DIRETOR DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Luis Enrique Sánchez (IEA-USP), Cleide Rodrigues (FFLCH-USP), Ivan Carlos Maglio (Política e Planejamento Ambiental Ltda) e Nabil Georges Bonduki (FAU-USP)
Auditório MAC-USP

O Plano Diretor é o principal instrumento de política urbana, que orienta o crescimento e a transformação da cidade, influenciando a qualidade de vida e ambiental.

Na metrópole paulista, a qualidade ambiental deve ser motivo de especial preocupação. Portanto, é importante antever os possíveis impactos ambientais de políticas, planos e programas governamentais.

A atual discussão, na Câmara Municipal de São Paulo, sobre o texto substitutivo ao projeto de lei do Plano Diretor Estratégico, apresentado em 26 de



Luis Enrique Sánchez, Ivan Carlos Maglio, Nabil Georges Bonduki e Cleide Rodrigues

março de 2014, é uma oportunidade para refletir sobre suas consequências ambientais. Tratando também de “Política de Desenvolvimento Urbano” e do “Sistema de Planejamento Urbano”, o projeto substitutivo apresenta avanços em relação ao projeto original do Executivo de dezembro de 2013. Entre outras, há propostas para:

- Regulamentação dos instrumentos de gestão ambiental urbana;
- Transformação da rede hídrica em um dos elementos estruturadores do ordenamento territorial;
- Incentivo às construções sustentáveis e à permeabilidade do solo;
- Recriação da zona rural no município;
- Regulamentação do pagamento de serviços ambientais;
- Articulação com a política de mudanças climáticas.

O debate explorou, em particular:

1. As consequências da política de desenvolvimento urbano para a rede hidrográfica, assim como as oportunidades e limitações à recuperação da qualidade dos córregos e revitalização dos fundos de vale;
2. a proposta de adensamento demográfico e construtivo ao longo da rede estrutural de transporte coletivo e seus efeitos ambientais potenciais, bem como a efetividade das ações apresentadas para a proteção dos mananciais.

📺 **VÍDEO** goo.gl/3ODNY2

8 de maio

ESTRATÉGIAS E INSTRUMENTOS PARA A CONSERVAÇÃO AMBIENTAL NA SERRA DA MANTIQUEIRA

Ana Lanna (FAU), Fabio Feldmann (Fabio Feldman)

Consultores), Sueli Angelo Furlam (FFLCH-USP), Pedro Roberto Jacobi (IEA, PROCAM e FE - USP)
Sala de Eventos do IEA

Por seu patrimônio ecológico, a Serra da Mantiqueira é considerada uma região estratégica para a proteção da biodiversidade brasileira. Além da riqueza da fauna e flora, a cadeia de montanhas, que abrange os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, é um manancial de água essencial para a população do Vale do Paraíba e da capital fluminense.

Apesar de sua importância socioambiental, a região vem sendo ameaçada por atividades predatórias, particularmente pelo avanço da mineração, da especulação imobiliária, de loteamentos clandestinos e de áreas de pastagens.

Para contribuir com o debate sobre os melhores meios para a contenção dessas ameaças num contexto marcado por interesses conflitantes, no dia 8 de maio, às 14 horas, o IEA-USP realizou o encontro *Estratégias e Instrumentos para a Conservação Ambiental na Serra da Mantiqueira*. O objetivo foi expor e discutir os desafios e as perspectivas para a conservação ambiental da região.



Pedro Jacobi, Sueli Angelo Furlam, Fabio Feldmann e Ana Lanna

Organizado pelo Grupo de Pesquisa Meio Ambiente e Sociedade do IEA em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental (Procam) da USP, o evento se concentrou na proposta, apresentada ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat), para que seja dado início a um estudo de tombamento da área da Serra da Mantiqueira paulista.

Os debatedores do encontro foram Fabio Feldmann, ex-deputado federal e um dos responsáveis pela proposta de tombamento; Ana Lanna, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP e presidente do Condephaat; e Sueli Angelo Furlan,

professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e coordenadora do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras (Nupaub) da USP. A moderação ficou a cargo de Pedro Roberto Jacobi, professor da Faculdade de Educação (FE) da USP e do Procam.

📺 [VÍDEO goo.gl/MkjEH8](https://goo.gl/MkjEH8)

14 de maio

AMAZÔNIA: A ANTIGA E ATUAL FRONTEIRA HIDRELÉTRICA DO BRASIL

Evandro Mateus Moretto (IEE e EACH), Célio Bermann (IEA e IEE), Gustavo Tosello Pinheiro (Nature Conservancy), João Andrade (Instituto Centro da Vida) e Pedro Bara Neto (consultor ambientalista)

Auditório MAC-USP

A Amazônia brasileira conta com 51% de todo o potencial hidrelétrico brasileiro, considerando o conjunto das regiões hidrográficas do Amazonas e do Tocantins. Apenas uma pequena parte deste potencial já está aproveitado para a geração de hidroeleticidade, sobretudo quando da implantação de grandes usinas hidrelétricas nas décadas de 1960 e 1970. Durante os anos de 1980 e 1990, a implantação de aproveitamentos hidrelétricos na Amazônia foi relativamente mais tênue.

A partir da década de 2000, o Governo Federal retomou o planejamento de aproveitamentos hidrelétricos na Amazônia, estando atualmente previstas mais de 150 hidrelétricas de diversas dimensões para a região. Os principais destaques são as usinas hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio, no rio Madeira; a retomada do aproveitamento hidrelétrico do rio Xingú pela usina de Belo Monte; e o plano de aproveitamentos hidrelétricos para as bacias dos rios Tapajós e Negro.

Dentre as diversas complexidades existentes, é fundamental atenção aos eventos climáticos extremos que desabasteceram, em plena época histórica de chuvas, os grandes reservatórios do Sudeste e Centro-Oeste do país, enquanto as comportas das usinas do Rio Madeira eram abertas para deixar passar a maior vazão da história do rio, no rastro de milhares de desabrigados à montante e à jusante dos barramentos.

Na porção leste da Amazônia, o excesso de condicionantes ambientais estabelecidas para a usina hidrelétrica de Belo Monte, as quais tratam da dimensão de desenvolvimento sustentável da sua área de

influência, demonstra que a Avaliação de Impacto Ambiental e o Licenciamento Ambiental estão recebendo demandas muitas vezes alheias ao escopo destes instrumentos, que deveriam ser observadas por outras escalas de planejamento.

Já na região da bacia do rio Tapajós, a implantação de diversos programas de gestão de florestas, a exploração mineral descontrolada e a pavimentação da rodovia BR-163 demandam um plano de conservação socioambiental que parece estar em rota de colisão com o plano de implantação de aproveitamentos hidrelétricos estabelecido pelo Governo Federal, tornando-o, pela sua múltipla escala, potencial e cumulativamente muito mais complexo que o caso da própria usina de Belo Monte.

Todos estes casos guardam complexidades econômicas, sociais e ambientais que extrapolam as capacidades dos próprios instrumentos de planejamento, como é o caso da Avaliação Ambiental Integrada, da Avaliação de Impacto Ambiental de projetos e do Licenciamento Ambiental.

Assim, se por um lado a Amazônia é alvo secular de grandes projetos de infra-estrutura e de seus impactos socioambientais, por outro a região tem sido prioritária para o estabelecimento de diversas ações de proteção ambiental e de desenvolvimento local que não devem ser negligenciadas no momento de planejamento de novos aproveitamentos hidrelétricos, sob pena das novas hidrelétricas serem muito mais impactantes e conflituosas do que já é Belo Monte.

Estes e outros temas alimentaram os debates entre o público (docentes, alunos de pós-graduação, alunos de graduação e profissionais) e os conferencistas convidados para o evento, os quais têm-se debruçado, ao longo do tempo, sobre as diversas faces do trinômio Amazônia, Clima e Hidrelétricas, trazendo elementos para a melhor reflexão sobre duas questões principais:

- Qual o cenário de conflitos e desafios socioambientais que se avizinha com a intensificação do planejamento de aproveitamentos hidrelétricos na Amazônia?
- Quais as experiências existentes em desenvolvimento local, na proteção ambiental e nas análises de eventos climáticos extremos que representam oportunidades para a inserção destas dimensões nas diversas escalas do planejamento hidrelétrico da Amazônia?

 **VÍDEO** goo.gl/UfmUqA

26 de novembro

COP 20 - O QUE PODEMOS ESPERAR?

Pedro Roberto Jacobi (IEA, PROCAM e FE), Eduardo Felipe P. Matias (Nogueira, Elias, Laskowski e Matias Advogados), Ricardo Baitelo (Greenpeace Brasil) e Wagner da Costa Ribeiro (IEA, Procam, FFLCH)
Auditório MAC-USP

Com o objetivo de fazer avançar as negociações rumo a um novo acordo climático mundial a ser assinado em Paris, França, em 2015, a 20ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima (COP 20) acontece em meio a um misto de ceticismo e esperança. Realizado em Lima, Peru, o evento teve início em 1º dezembro e será encerrado no próximo dia 12, quando se espera o anúncio de um rascunho preliminar do documento.

Embora muitos especialistas apostem na indisposição das principais lideranças mundiais para transpor os desafios e barreiras que dificultam o processo de negociação, um recente acordo entre China e EUA voltado para a redução de emissões de gases causadores do efeito estufa reacenderam as expectativas de um pacto global.

Para discutir as possibilidades reais de a COP 20 resultar no esboço de um novo acordo climático, que envolva a adoção de medidas de mitigação a partir de agora, o Grupo de Pesquisa Meio Ambiente e Sociedade do IEA realizou o debate *COP 20: O Que Podemos Esperar?* no dia 26 de novembro.

Organizado com o apoio do Núcleo de Apoio à Pesquisa - Mudanças Climáticas, o encontro contou com a participação de Eduardo Felipe Pérez Matias, sócio responsável pelas áreas empresarial, internacional e de sustentabilidade da Nogueira, Elias, Laskowski e Matias Advogados; Wagner Costa Ribeiro, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e integrante do grupo de pesquisa; e Ricardo Baitelo, coordenador de Clima e Energia do Greenpeace Brasil e responsável pela campanha de energias renováveis da ONG. As exposições dos debatedores foram moderadas por Pedro Jacobi, professor da Faculdade de Educação (FE) da USP e coordenador do grupo.

Ceticismo

“Há um grau de ceticismo no ar; a Conferência



Ricardo Baitelo, Pedro Jacobi, Wagner Costa Ribeiro e Eduardo Felipe Pérez Matias

não tem sido muito divulgada pela mídia”, afirmou Jacobi na abertura do encontro. Para ele, o acordo entre China e EUA, duas grandes economias responsáveis por altas taxas de emissão, sugere a possibilidade de um acordo global, embora o cenário também aponte para o estabelecimento de acordos segmentados, envolvendo agrupamentos de países.

O moderador destacou que o desenrolar da COP 20 será definido pela forma como os atores se posicionarem e negociarem as assimetrias das nações num contexto de “desconcerto global”, marcado pela combinação de crise ambiental com uma crise econômica.

Jacobi ressaltou, ainda, que o Brasil deu sinais de que tentará romper com a tendência equalizadora de cobrar dos países em desenvolvimento os mesmos compromissos dos países desenvolvidos. A delegação brasileira defenderá, assim, a manutenção da diferenciação das metas de redução das emissões de gases causadores do efeito estufa para cada grupo, conforme prevê o acordo atual, e proporá que as metas sejam proporcionais à responsabilidade de cada nação no total de gases emitidos.

O desafio do consenso

Matias lembrou que a COP 20 vem sendo vista como uma conferência de transição para a COP 21, a ser realizada em dezembro de 2015 em Paris, França. Para ele, trata-se, portanto, da última grande parada antes da assinatura de um possível acordo global.

O advogado apontou dois grandes entraves para a elaboração de um documento abrangente e efetivo: a dificuldade de se chegar a um consenso sobre os termos a serem acordados, e a fragilidade dos acordos que chegam a ser assinados.

De acordo com ele, os membros dos corpos di-

plomáticos vão para as convenções com o objetivo máximo de chegar a um acordo. A pressão para viabilizar um produto final que acomode os diferentes interesses envolvidos – muitas vezes divergentes – leva à diluição da linguagem, o que resulta em textos vazios, com múltiplas possibilidades de interpretação.

Além disso, os acordos carecem de sanções, algo que também está ligado a prevalência dessa linguagem diluída. “Os países, principalmente aqueles que teriam dificuldade de cumprir o futuro acordo, pressionam para que o documento tenha brechas ou mecanismos fracos de sanção. E, quando há sanção, se recusam a aderir ao acordo, que deixa de ser universal”, comentou.

Para Matias, a ausência ou fragilidade das sanções faz com que os acordos ambientais percam força, já que consistem em instrumentos de regulação multilaterais, nos quais o descumprimento por parte de um país afeta todo o planeta. Ele observou que, no caso particular das mudanças climáticas, existe uma interdependência muito grande entre as partes e uma série de interesses envolvidos, muitas vezes contraditórios. “Os países vão optar sempre pelo mínimo denominador comum, que não é suficiente”, disse.

Acordos segmentados

Diante do cenário que se coloca, Matias sugere três desdobramentos possíveis para a COP-20. No primeiro, cada país apresenta os compromissos que está disposto a assumir e, a partir disso, são estabelecidas metas globais. No segundo, as partes focam mais na implementação de medidas — isto é, nos meios para atingir os objetivos — que em promessas abstratas e difíceis de serem colocadas em prática. E, no terceiro, grupos mais restritos de países reúnem-se, segundo suas afinidades, para delinear acordos segmentados.

Para o advogado, a formação desses “clubes” possibilitaria a elaboração de pactos mais avançados e profundos, à semelhança do esquema adotado na Rodada de Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC), quando uma coalizão formada por um pequeno número de países chegou a um acordo plurilateral. “O país que quer aderir ao clube apresenta o pacote de compromissos que se propõe a assumir, os países-membros avaliam e consentem ou não a adesão.”

Na opinião de Matias, a ideia dos clubes apresentase como um plano B a ser levado adiante na forma

de acordos comerciais de carbono. Neste caso, um grupo de países disposto a enfrentar as mudanças climáticas se comprometeria com medidas mais severas de mitigação e, como recompensa, se beneficiaria da redução recíproca das tarifas de exportação. As nações não-sigmatárias seriam, então, pressionadas a entrar no clube para não serem submetidas a sanções tarifárias involuntárias e perderem competitividade no comércio internacional.

O G20 foi apontado pelo advogado como um grupo com potencial para formar um “clube” e fazer um acordo comercial de baixo carbono. De acordo com ele, juntos, os países membros totalizam aproximadamente 82% das emissões globais e constituem um fórum de diálogo poderoso. No entanto, advertiu, em função da crise econômica, o “pacote verde” assumido pelo grupo tem surtido pouco efeito na prática. “Apostar no G20 pode ser um tiro no pé”, ressaltou.

Menos otimista, Ribeiro afirmou que a ideia dos clubes mencionada por Matias já parece derrotada, uma vez que a COP vem trabalhando há muito tempo a partir da organização de subgrupos de países e, ainda assim, não consegue progredir nas discussões nem garantir a efetividade dos compromissos acordados.

Além disso, ponderou que se trata de uma alternativa arbitrária, pois daria aos países desenvolvidos o poder de decidir os termos dos acordos, uma vez que são eles os mais preparados para assumir metas audaciosas e imediatas de redução de emissões.

Liderança e multipolaridade

Ribeiro avaliou que a COP 20 acontece num contexto de certeza científica (em relação ao avanço das mudanças climáticas) num quadro de incerteza (em relação à governança ambiental global).

Na opinião do professor, o cenário atual — marcado pelo rearranjo das lideranças internacionais em torno da multipolaridade e pelo surgimento de novos atores em termos de emissões — impõe uma “virada epistemológica paradigmática de reorganização da vida”.

O Brasil, que nos últimos anos vinha se apresentando como um ator disposto a brigar por protagonismo e determinado a influenciar as decisões, deverá ter uma participação cautelosa. Entre os fatores que apontam nessa direção, Ribeiro destacou a fragilidade da política interna brasileira, cujo exemplo mais

recente seria a indicação da senadora Kátia Abreu (PMDB-TO), representante dos interesses de um “modelo de agronegócio insustentável”, para o Ministério da Agricultura.

“O discurso externo é muito diferente da prática interna. Não fazemos a lição de casa internamente e queremos ter influência externamente, no debate público internacional”, disse o professor, ressaltando que a vitrine brasileira está muito exposta a pedradas e que, portanto, o momento não permite protagonismo por parte do Brasil.

A União Europeia (UE), que tradicionalmente lidera o processo de negociação, comprometendo-se com metas ousadas de redução, passa por uma grave crise econômica e concentra-se em socorrer os países-membros. Segundo o professor, o governo francês até tem tentado colocar-se à frente das negociações, algo que teria ficado nítido na gafe cometida por François Holland, presidente da França, ao minimizar a importância da COP 20 e frisar que as decisões serão tomadas apenas na COP 21, a ser realizada em Paris.



Wagner Costa Ribeiro

Para Ribeiro, o acordo costurado entre China e EUA seria uma forma de estas duas grandes economias deixarem claro quem dá as cartas, reafirmando a posição de liderança que ocupam. O governo chinês e o norte-americano teriam sinalizado que não estão dispostos a aceitar um acordo para entrar em vigor em 2020, data já preestabelecida, e que pressionarão o adiamento para 2025 ou 2030.

Na avaliação do professor, neste novo prazo não será possível manter o limite de elevação da temperatura do planeta a no máximo 2°. “Haverá muita discussão em torno do prazo”, observou, ressaltando que a China, país com índice de emissão per capita maior que a UE, quer ganhar tempo com um acordo para 2030.

Perpsectivas

Ribeiro disse, ainda, duvidar que a COP 20 começará a trabalhar a partir de um “documento zero”. De acordo com ele, as negociações entre os países já vêm sendo feitas — como prova o próprio acordo entre China e EUA —, mas não estão sendo divulgadas.

No seu ponto de vista, a questão que se coloca é o quão ambicioso o acordo será, isto é, “o quanto quem não está emitindo ainda poderá emitir, e o quanto quem já está emitindo deverá reduzir”. Ele destacou que isso envolve uma dinâmica complexa, uma vez que alguns países precisam cortar as emissões para que outros passem a emitir e com isso, garantam um nível mínimo de desenvolvimento.

Mas o professor enfatizou que, embora seja necessário fazer esse tipo de concessão, reuniões como a COP deveriam se concentrar mais em pensar novos modelos de desenvolvimento, diferentes do padrão extrativista que marcou o século 20, voltado para o consumismo e o produtivismo convencional. “É possível gerar empregos em atividades para recuperação ambiental e mitigação. Precisamos pensar ações reais, concretas e produtivas, mas esse tipo de proposta não aparece.”

Revolução energética

A exposição de Baitelo centrou-se justamente na discussão de ações efetivas que possibilitem a geração de energia limpa e viabilizem, assim, um modelo de desenvolvimento mais sustentável. Para ele, somente com a revolução energética, baseada na ampliação do uso de fontes de energia renováveis, será possível enfrentar o desafio de limitar a 2º o aumento da temperatura global até o final do século. Baitelo ressaltou que o Brasil reúne as condições necessárias para liderar esse processo de transição por dispor de recursos naturais estratégicos, com potencial para a exploração da energia solar, eólica, biomassa, biodiesel, e para a manutenção da hidrelétrica, que já domina a matriz brasileira. “O Brasil poderia ser o primeiro país do mundo a ter uma matriz energética 100% renovável”, frisou.

No entanto, advertiu, o que se observa é uma elevação dos níveis de emissões de gás carbônico por parte do país, com a adoção de políticas pouco sustentáveis, como o aumento da participação das termelétricas na geração de energia e a concessão de incentivos fiscais para estimular a compra de carros. Ele destacou que, como efeito dessa política am-

biental interna, o Brasil passará por um pico de emissões na próxima década. E, dessa vez, não poderá usar como justificativa a dependência das atividades ligadas ao uso do solo e à agropecuária, uma vez que houve uma redução nos índices de emissões nesses setores de 2010 a 2013.

Afirmou, ainda, que isso contribuirá para acirrar ainda mais a perda de protagonismo do país no panorama internacional, que vem ocorrendo desde a COP 15, realizada em 2009, em Copenhague, Dinamarca.



Ricardo Baitelo

Potencial brasileiro

Partindo de dados que subsidiaram a redação do relatório “[R]evolução Energética: a Caminho do Desenvolvimento Sustentável”, produzido pelo Greenpeace, Baitelo apresentou uma projeção para a matriz energética brasileira em 2050 que considera o aproveitamento do grande potencial de geração de energia renovável no país.

O cenário projetado prevê a eliminação da tecnologia nuclear e dos combustíveis fósseis mais poluentes (carvão, óleo combustível e diesel) para a geração de energia elétrica. O gás natural seria a única fonte fóssil tolerada nesse processo de transição.

Para compensar, haveria um aumento substancial da participação de fontes de energia renováveis alternativas na matriz energética brasileira, sobretudo biomassa (7%), solar (23%) e eólica (21%), que passariam a ser encarregadas de mais da metade da geração de energia no país.

Isso permitiria, também, diversificar as fontes de energia renováveis, diminuindo a participação da hidrelétrica e, conseqüentemente, a necessidade de instalação de novas usinas, responsáveis por impactos ambientais expressivos.

Segundo Baitelo, com a concretização desse cenário, o Brasil poderia reduzir as emissões de gás carbônico em 60%, passando de 800 milhões de toneladas para 300 milhões.

Agenda interna

No fechamento do debate, Jacobi apontou alguns dos entraves que sugerem um desfecho pouco resolutivo para a COP 20. O moderador mostrou-se pouco otimista sobretudo ao avaliar as agendas nacionais do Brasil, da China e dos EUA.

Em relação ao caso brasileiro, lembrou que o governo sinaliza para uma política ambiental conservadora, visível em uma distribuição de ministérios entre os partidos dirigida pelo imperativo da governabilidade e no investimento no Pré-Sal, baseado na exploração de combustíveis fósseis.

Já sobre EUA e China, dois grandes *players* nas negociações da COP, destacou a expansão do Partido Republicano, a influência dos grandes *lobbies* de energia no cenário americano e o impacto do baixo custo do carvão no crescimento da economia chinesa.

Além disso, afirmou que as métricas vinculadas ao aquecimento global, expressas em dados estatísticos, são dominadas pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) e por especialistas, mas são pouco compreendidas pela sociedade civil. De acordo com o professor, o problema é que “a questão das mudanças climáticas ainda parece intangível para as pessoas”.

 **VÍDEO** goo.gl/CvpOnk

Nutrição e Pobreza



Coordenação: Ana Lydia Sawaya

Membros: Anna Maria Medeiros Peliano; Mariângela Belfiore Wanderley; Sandra Maria Sawaya; Semíramis Martins Álvares Domene

O grupo foi criado em março de 2003. A proposta partiu da experiência adquirida pelo núcleo de pesquisadores ligados ao Centro de Recuperação e Educação Nutricional (Cren), inicialmente um projeto de extensão universitária da Unifesp.

Além de pesquisadores com inserção em projetos de extensão universitária, participam do grupo membros de organizações da sociedade civil e de órgãos governamentais. O grupo foi composto de forma a garantir um caráter interdisciplinar e multiprofissional aos trabalhos.

Objetivos

Realizar pesquisas sobre nutrição e pobreza; promover debates periódicos para a discussão de temas relacionados à nutrição e à pobreza; organizar mesas-redondas com pesquisadores de reconhecido saber, membros do governo e de organizações da sociedade civil, brasileiros e estrangeiros, para discussão de temas específicos ligados ao assunto; elaborar estudos, publicá-los e divulgá-los junto às organizações da sociedade civil e instituições públicas municipais, estaduais e federais; analisar políticas e programas existentes em nível nacional; buscar financiamento nacional e internacional para pesquisas e para execução de iniciativas de intervenção na área de nutrição e combate à pobreza; congrega pesquisadores e professores universitários brasileiros atuantes na área, estimulando o diálogo e a integração.

Eventos

25 de março

O NOVO GUIA ALIMENTAR DO MINISTÉRIO DA SAÚDE

Ana Lydia Sawaya (IEA-USP e Unifesp), Carlos Augusto Monteiro (FSP-USP), Denise Costa Coitinho, Semíramis Martins Álvares Domene (Unifesp) e Víctor Wunsch Filho (FSP-USP)

Auditório João Yunes da Faculdade de Saúde Pública

Elaborado pelo Ministério da Saúde para orientar os brasileiros sobre como manter uma alimentação saudável e balanceada, o novo “Guia Alimentar da População Brasileira” (edição 2014) ficou em consulta pública até o dia 7 de maio. Para apresentar o



Carlos Augusto Monteiro, Denise Costa Coitinho, Ana Lydia Sawaya, Víctor Wunsch Filho e Semíramis Martins Álvares Domene

guia e colaborar com a reflexão daqueles que desejam contribuir para o aperfeiçoamento do texto, o Grupo de Pesquisa Nutrição e Pobreza do IEA e a Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP realizou o seminário *O Novo Guia Alimentar do Ministério da Saúde* no dia 25 de março no Auditório João Yunes da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP.

Os expositores foram Carlos Augusto Monteiro, professor titular da FSP e coordenador do Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde (Nupens) da USP, e Semírames Domene, professora do Instituto Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e integrante do grupo de pesquisa do IEA. A abertura do encontro ficou a cargo de Victor Wunsch Filho, diretor da FSP, e de Ana Lydia Sawaya, coordenadora do grupo de pesquisa.

O guia foi desenvolvido com o apoio do Nupens e da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), ligada à Organização Mundial da Saúde (OMS).

Programação

Abertura: Victor Wunsch Filho, Ana Lydia Sawaya, Denise Costa Coitinho

Apresentação 'O Novo Guia Alimentar do Ministério da Saúde: Singularidades e Implicações para Políticas Públicas': Carlos Augusto Monteiro

Comentário 'Preparando Refeições: Caminho para a Boa Alimentação': Semíramis Martins Álvares Domene

 [VÍDEO goo.gl/bvZL7I](https://goo.gl/bvZL7I)

2 de outubro

III SEMINÁRIO INTEGRAÇÃO SERVIÇO-PESQUISA

Ana Lydia Sawaya (IEA e Unifesp), Semíramis Domene (IEA e Unifesp), Guilherme Costa Alexmovitz (Unifesp), Matheus Melzer (Unifesp), Thais Furlani (Unifesp) e Vivian Fortuna (Unifesp)

Anfiteatro da Unifesp, Campus Baixada Santista

Ciclo de seminários no qual os integrantes do grupo de pesquisa e convidados discutiram e analisaram as possíveis conexões entre os serviços prestados na área de saúde e na de pesquisa.

Programação

| | |
|-------|---|
| 9h30 | Cerimônia de abertura e composição da mesa de trabalho: Apresentação do cronograma e objetivos do dia |
| 9h45 | Vício Alimentar: Definição, Diagnóstico e Tratamento |
| 10h35 | Debate |
| 10h50 | Contrato Terapêutico: Uma Ferramenta Útil para Todos os Profissionais de Saúde? |
| 11h15 | Abordagem em Grupo de Pacientes com Distúrbios Nutricionais Primários: Um Recurso de Desenvolvimento Integral da Pessoa e da Família? |
| 11h40 | Debate |
| 12h00 | Intervalo |
| 13h30 | Abertura do Fórum: Organização dos Grupos |
| 14h00 | Discussão dos Grupos |
| 14h45 | Intervalo |
| 15h00 | Plenária |
| 15h45 | Encerramento |

 [VÍDEO goo.gl/6XFKYk](https://goo.gl/6XFKYk)

Grupo de Pesquisa

Observatório da Inovação e Competitividade



Coordenação: Mario Sergio Salerno

Membros: Bruno César Pino Oliveira de Araújo, Celso dos Santos Fonseca, Débora Oliveira da Silva, Diogo Rosenthal Coutinho, Eduardo de Senzi Zancul, Guilherme Soares Gurgel do Amaral, José da Rocha Carvalheiro, Leonardo Augusto de Vasconcelos Gomes, Leonardo Melo Lins, Renato de Castro Garcia, Sérgio Kannebley Júnior, Simone Lara

Com projeto aprovado em março de 2007, o Observatório da Inovação e Competitividade teve seu lançamento público no dia 1º de outubro do mesmo ano. As instituições parceiras do IEA na constituição do Observatório foram a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão; e o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), organização social ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia.

Em 2011, contemplado no Programa de Incentivo à Pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, o grupo transformou-se em Núcleo de Apoio à Pesquisa (NAP).

Objetivos

Estabelecer laços mais consistentes com organizações federais e estaduais para que se construa um espaço de debates propositivos para a transformação da estrutura produtiva brasileira. Delinear rumos para o incentivo à inovação nas empresas e nas universidades, propiciando uma melhor qualificação do debate com base na economia do conhecimento e agregando diferentes visões sobre os processos de inovação, de P&D e de estímulo à competitividade brasileira.

Eventos

14 de março

LANÇAMENTO DA TERCEIRA EDIÇÃO DO RELATÓRIO ENGENHARIA DATA E DO SITE DO OBSERVATÓRIO DA INOVAÇÃO E COMPETITIVIDADE

Leonardo Melo Lins (FFLCH e IEA) e Mario Salerno (EP e IEA)
Sala de Eventos do IEA

O Grupo de Pesquisa Observatório da Inovação e Competitividade/NAP lançou a terceira edição do relatório do projeto EngenhariaData, que tem por objetivo avaliar o escopo, a qualidade e a vitalidade da engenharia brasileira. Baseado em censos de



Leonardo Melo Lins

2013, o relatório analisa a formação de engenheiros, tanto na graduação quanto na pós-graduação, e o mercado de trabalho dos engenheiros. O evento discutiu o estado atual da engenharia no Brasil e apresentou o novo site do grupo.

📺 **VÍDEO** goo.gl/5bsD2s

30 de abril

FUTURE POWERTRAIN

Celso Fonseca (IEA) e Matthias Wellers (AVL)
Sala de Eventos do IEA

O futuro dos sistemas de propulsão de automóveis foi o tema da conferência *Future Powertrain*, que o Grupo de Pesquisa Observatório da Inovação e Competitividade/NAP do IEA realizou no dia 30 de abril.

No encontro, o engenheiro alemão Matthias Wellers apresentou as novas tecnologias que vêm sendo desenvolvidas e aprimoradas para a produção de veículos mais eficientes e com menor emissão de poluentes.



Matthias Wellers durante a exposição

Wellers é diretor da AVL Powertrain UK Ltd., Reino Unido, empresa voltada para o desenvolvimento de sistemas de propulsão com motores de combustão interna. Também já atuou na DaimlerChrysler e na IAV (Sociedade de Engenheiros para Carro e Trânsito), na Alemanha.

📺 **VÍDEO** goo.gl/f5vfDY

12 de maio

LAVAGEM SEM ÁGUA E OUTRAS HISTÓRIAS DE INOVAÇÃO: ACELERANDO A PESQUISA EM INOVAÇÃO SOCIAL

Richard A. Williams (Universidade de Birmingham),
Mario Sergio Salerno (EP e IEA) e Leonardo Augusto de Vasconcelos Gomes (EP e IEA)

Sala de Eventos do IEA

Mais informações na pág. 54.

16 de maio

MANUFATURA ADITIVA: APLICAÇÕES E POTENCIAIS IMPACTOS NAS CADEIAS DE VALOR

Eduardo de Senzi Zancul (EP), Mario Sergio Salerno (EP) e Reginaldo Teixeira Coelho (EESC)
Sala de Eventos do IEA

Eduardo de Senzi Zancul, da Escola Politécnica (EP-USP), e Reginaldo Teixeira Coelho, da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC-USP), foram os expositores do seminário *Manufatura Aditiva: Aplicações e Impactos nas Cadeias de Valor*, que se realizou no dia 16 de maio na Sala de Eventos do IEA.

Os pesquisadores apresentaram as diversas vertentes da manufatura aditiva — aquela em que as peças são produzidas com a deposição (adição) de material, como no caso das impressoras 3D — como a produção de protótipos, as aplicações *low-end* em ambiente doméstico e as aplicações *high-end* na produção de itens finais na indústria.

Foram discutidas as perspectivas de adoção da tecnologia em maior escala na indústria e os potenciais impactos para as estratégias de produção de empresas e de países. Os expositores trataram também dos desafios técnicos envolvidos, da posição do Brasil diante da tecnologia e do que deve ser feito para sua disseminação no país.

📺 **VÍDEO** goo.gl/zXAlal

6 de agosto

RADICAL INNOVATION MANAGEMENT IN FIRMS

Gina O'Connor (RPI/EUA) e Mario Sergio Salerno (EP)
Anfiteatro do Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica da USP

Gina O'Connor, vice-diretora da Lally School of Management and Technology do Rensselaer Polytechnic Institute (RPI), EUA, foi a expositora do seminário *Radical Innovation Management in Firms*, que aconteceu no dia 6 de agosto no Anfiteatro do Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica (EP-USP).

O evento foi uma realização do Laboratório de Gestão da Inovação (LGI) da EP-USP e do Grupo de

Pesquisa Observatório da Inovação e Competitividade/NAP do IEA-USP, com apoio da Financiadora de Estudos e Projetos - Inovação e Pesquisa (Finep). A coordenação estará a cargo de Mario Salerno, coordenador do NAP-OIC e do LGI.



Gina Colarelli O'Connor e público durante o evento

No RPI, O'Connor coordena o principal grupo mundial de gestão da inovação radical. No seminário, ela apresentou possibilidades de gerenciamento de projetos com elevado grau de incerteza; algumas formas de estabelecer a função inovação nas empresas; e os desafios da criação e a capacitação em inovação radical para que esta seja perene.

📺 **VÍDEO** goo.gl/vL46KX

26 de setembro

PROGRAMA NACIONAL DE PLATAFORMAS DO CONHECIMENTO

Antonio Mauro Saraiva (EP), Glauco Arbix (Finep), José Eduardo Krieger (Pró-Reitor de Pesquisa), Mário Salerno (IEA e EP) e Vahan Agopyan (Vice-Reitor)
Sala de Eventos do IEA

Lançado pelo governo federal no dia 25 de junho, o Programa Nacional de Plataformas de Conhecimento (PNPC) possibilitará a constituição de arranjos público-privados para a articulação de competências com base numa infraestrutura de ciência, tecnologia e inovação avançada, envolvendo universidades, instituições de pesquisa e empresas.

De acordo com integrantes do governo, esses arranjos serão estruturados para a resolução de grandes problemas brasileiros e sua definição será orientada pela demanda estratégica prioritária do país.

O Comitê Gestor do programa é constituído pelos ministros da Casa Civil; Fazenda; Educação; Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Planejamento, Orçamento e Gestão; e da Ciência, Tec-

nologia e Inovação. Algumas das metas da iniciativa são: criar 20 plataformas do conhecimento em dez anos em áreas como agricultura, saúde, energia, aeronáutica, tecnologia da informação e comunicação, naval e equipamentos; aumentar os investimentos em pesquisa e desenvolvimento para 2% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020; atrair profissionais altamente qualificados do exterior para atuarem em subprogramas; e dotar as plataformas de regime especial de compra e contratação de pessoal.

Para debater as características do programa e os efeitos esperados com sua implantação, o Grupo de Pesquisa Observatório de Inovação e Competitividade/NAP do IEA realizou no dia 26 de setembro, no IEA, o seminário *Programa Nacional de Plataformas de Conhecimento*. A apresentação do PNPC foi feita pelo sociólogo Glauco Arbix, presidente da Finep e professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.



Martin Grossmann, Antonio Mauro Saraiva, Glauco Arbix, Mario Sergio Salerno e José Eduardo Krieger

Demandas estratégicas

De acordo com Glauco Arbix, presidente da Finep, em entrevista quando do lançamento do projeto, a preocupação governamental é preparar as bases para um salto na ciência e tecnologia no Brasil. Ele ressaltou que “o pressuposto é que o país não pode mais fazer mais do mesmo; o desenvolvimento tecnológico nas universidades e nas empresas é muito carregado de uma posição que chamamos de ‘oferetista’: as empresas e as universidades apresentam seus projetos e se derem certo, a gente avança; se derem errado, ficamos mais ou menos no mesmo patamar ou até voltamos para atrás”.

Segundo o sociólogo, a lógica que orientou a formulação do PNPC foi a de inverter esse processo: “O governo deve oferecer publicamente uma demanda estratégica para o país e os consórcios entre empresas, universidades e institutos de pesquisa se

formam para dar conta dessa demanda.”

De acordo com ele, essa estratégia “não tem nada a ver com uma intenção de dirigir a ciência ou restringer a pesquisa científica limitando sua criatividade e inovação: ao contrário, tem a ver com colocar a pesquisa acadêmica e a engenharia ligada às empresas em sintonia com o esforço que o país faz para se desenvolver”.

Arbix considera que o PNPIC coloca o Brasil no mesmo patamar dos principais países do mundo em relação a esse tipo estrutura de pesquisa e desenvolvimento. Segundo ele, os EUA estão construindo 45 plataformas com esse mesmo espírito, a União Europeia está desenvolvendo 60 núcleos de excelência em países diferentes e a Coreia tem implementado experiências similares.

Para o ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação Clélio Campolina, o programa é uma oportunidade para “o país articular educação, ciência e tecnologia para o desenvolvimento, fazendo a conexão entre o conhecimento científico e a base empresarial, com a mediação das instituições de fomento e financiamento”.

📺 **VÍDEO** goo.gl/zsiDiq

14 de outubro

GREASING THE WHEELS OF THE INTERNET ECONOMY

Alexandre Barbosa (CETIC.br), Daniel Fink (ICANN), David Dean (BCG) e Celso Fonseca (IEA)
Sala de Eventos do IEA

Qual é a importância de uma Internet aberta e global para o desenvolvimento econômico e oportunidades de negócios? Quanto o e-Atrito (*e-Friction*) reduz o potencial da economia digital? Como o setor privado pode colaborar com governos e sociedade civil para manter uma Internet aberta para benefícios mútuos?

David Dean, diretor da BCG (The Boston Consulting Group), apresentou seu estudo “Greasing the Wheels of Internet Economy”, encomendado pela Internet Corporation for Assigned Names and Numbers (ICANN), que traz evidências e formas de mensuração do impacto da internet na economia. Neste trabalho, lançado em janeiro de 2014, o autor pretende dar subsídios para o desenvolvimento de novas políticas sobre o tema para um diálogo com empresários e também representantes de governos.



Daniel Fink e David Dean

Um dos focos do estudo é o índice e-Friction que avaliou 65 países em uma escala de 0 a 100 com base em 55 indicadores (contemplando largura de banda de Internet per capita, velocidade de conexão em dispositivos móveis, proteção de propriedade intelectual, liberdade de imprensa, entre outros). Dentre os resultados apresentados, destaca-se a correlação entre o índice e o percentual das atividades econômicas online no PIB, incluindo recomendações de como ampliar esta fatia para o caso do Brasil. Uma atenção especial foi dedicada às pequenas e médias empresas, que seriam mais propensas aos benefícios de uma economia com baixo *e-Friction*.

📺 **VÍDEO** goo.gl/px8WYr

26 de novembro

PANORAMA DA INOVAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE

Rodrigo Rodrigues da Fonseca (Finep), Marcela Martinelli (Natura) e Celso Fonseca (OIC)
Auditório do MAC-USP

A busca por inovação e desenvolvimento tecnológico sustentável tem gerado a criação de produtos e processos para preservação dos recursos naturais, prevenção de poluentes e redução de emissão de gases de efeito estufa, entre outros resultados. Também merece atenção e investimentos dos bancos e agências de fomento à inovação a intensificação dos serviços de saneamento ambiental no país, com foco no tratamento e abastecimento de água e descarte de resíduos sólidos, acompanhado da criação de novas tecnologias de monitoramento ambiental e prevenção de desastres naturais.

Para analisar esse contexto, o Grupo de Pesquisa Observatório de Inovação e Competitividade/NAP organizou o seminário *Panorama da Inovação em Sustentabilidade*, que ocorreu no dia 26 de novembro.

Em 2014, ação conjunta da Finep e do BNDES resultou em um aporte de quase R\$ 4 bilhões para o financiamento de projetos pelo Programa Inova Sustentabilidade. Foram aprovadas 167 propostas, apresentadas por 126 empresas. As boas perspectivas abertas pelo programa colocam desafios não apenas às empresas, de acordo com Celso Fonseca: “As universidades, com seu conhecimento e capacidade de pesquisa científica, com crescentes avanços em inovação, podem e devem estimular a conversão de parte dessas pesquisas em produtos, processos e serviços inovadores que gerem ou acelerem projetos de impacto social e ambiental”.



Marcela Martinelli, Celso Fonseca e Rodrigo Rodrigues da Fonseca

📺 [VÍDEO goo.gl/DhlihJ](https://www.youtube.com/watch?v=DhlihJ)

Serie Decodificador de Competitividade

No dia 17 de abril, o Grupo de Pesquisa Observatório de Inovação e Competitividade/NAP lançou no IEA o GFCC Competitiveness Decoder, uma ferramenta online que sistematiza parâmetros para a análise e a comparação da competitividade entre países (decoder.thegfcc.org). O encontro abriu o ciclo *Diálogos de Competitividade*, que contou com mais quatro encontros temáticos e um que sintetizou as discussões.

Desenvolvido pelo OIC em parceria com a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) e o Global Federation Competitiveness Councils (GFCC), o sistema utiliza uma metodologia inédita para compilar, organizar e dispor dados de bases internacionalmente creditadas que demonstram a capacidade competitiva de 65 países.

Os dados de cada país são distribuídos em oito dimensões: desempenho geral da economia, talento, complexidade econômica, infraestrutura, capital,

inovação, qualidade de vida e crescimento futuro. Para cada uma dessas dimensões, há uma série de indicadores específicos — 164, ao todo. Isso torna possível obter informações e fazer análises conforme as prioridades e os interesses particulares do usuário, bem como dar pesos diferentes às variáveis em cada consulta, dependendo do cenário que se quer observar. Assim, nos rankings gerados a posição dos países muda de acordo com o foco da pesquisa em questão, diferentemente do que ocorre nos rankings tradicionais.

O lançamento do GFCC Competitiveness Decoder teve a participação de Mario Sergio Salerno, coordenador do OIC e professor da EP-USP, e de Roberto dos Reis Alvarez, gerente de Assuntos Internacionais da ABDI. Eles foram moderadores em todos os demais encontros. A iniciativa é resultado de parceria entre o OIC, a ABDI, o Movimento Brasil Competitivo (MBC) e a Câmara de Políticas de Gestão, Desempenho e Competitividade.

A série “Diálogos de Competitividade”:

17 de abril

APRESENTAÇÃO DO DECODIFICADOR DE COMPETITIVIDADE

Mario Sergio Salerno (EP e IEA), Roberto dos Reis Alvarez (ABDI) e Guilherme Amaral (ABDI e IEA)
Sala de Eventos do IEA

📺 [VÍDEO goo.gl/Yvwfko](https://www.youtube.com/watch?v=Yvwfko)

24 de abril

DESEMPENHO E COMPLEXIDADE ECONÔMICA

Participantes: Debatedores - Aod Cunha (JP Morgan), David Kupfer (BNDES), Esther Dweck (MPOG), Fernanda De Negri (IPEA), Jorge Gerdau Johannpeter (MBC), Mariano Laplane (CGEE); Moderadores - Mario Sergio Salerno (EP e IEA) e Roberto dos Reis Alvarez (ABDI)
Sala de Eventos do IEA

📺 [VÍDEO goo.gl/fqDI4q](https://www.youtube.com/watch?v=fqDI4q)

28 de abril

INFRAESTRUTURA E CAPITAL

Participantes: Debatedores - Francisco Graziano (Camargo Corrêa), Humberto Ribeiro (MDIC), Jaime Henrique Parreira (Infraero), Luciano Coutinho (BNDES), Luiz Roberto Calado (BRAiN Brasil Investimentos & Negócios), Paulo Cesena (Odebrecht TransPort); Moderadores - Mario Sergio Salerno (EP e IEA) e Roberto dos Reis Alvarez (ABDI)
Sala de Eventos do IEA

📺 **VÍDEO** goo.gl/z1JHuW

6 de maio

TALENTO E INOVAÇÃO

Participantes: Debatedores - Livio Amaral (Capes), Marcos Vinícius de Souza (Diretor do Departamento de Fomento à Inovação - MDIC), Gustavo Vasconcelos (Assessoria de Acompanhamento e Avaliação das Atividades Finalísticas-MCTI), Alberto Gadioli (Diretor Técnico de Pesquisa e Desenvolvimento - 3M), Maria Luisa Leal (Presidente substituta - ABDI), Cássio Spina (Diretor Executivo - Anjos do Brasil), Guilherme Marco de Lima (Diretor - Whirlpool); Moderadores – Mario Sergio Salerno (EP e IEA) e Roberto dos Reis Alvarez (ABDI)

Sala de Eventos do IEA

📺 **VÍDEO** goo.gl/Nhkg1U

8 de maio

QUALIDADE DE VIDA E CRESCIMENTO FUTURO

Participantes: Debatedores - Reginaldo Arcuri (Presidente Executivo do Grupo Farma Brasil), João Sanches (Diretor da MSD), Edmundo Aires (Vice-presidente de Tecnologia e Inovação da Braskem), Bob Wollheim (CEO da S_Kull, Flag Holding, IPG), Joe Capp (Executivo Chefe no Brasil do Global Green Growth Institute), José Domingos Gonzalez Miguez (Diretor, MMA) e José da Rocha Carneiro (IEA / FMRP / Fiocruz); Moderadores - Mario Sergio Salerno (EP e IEA) e Roberto dos Reis Alvarez (ABDI)

Sala de Eventos do IEA

📺 **VÍDEO** goo.gl/ShLbtQ

15 de agosto

SÍNTESE DOS DIÁLOGOS DE COMPETITIVIDADE

Participantes: Debatedores - Carlos Américo Pacheco (Reitor do ITA), Irani Varella (Diretor Voluntário do MBC), Marco



Roberto dos Reis Alvarez, Carlos Américo Pacheco, Mauro Borges Lemos, Mario Sergio Salerno, Irani Varella, Marco Stefanini e Sergei Soares

Stefanini (CEO da Stefanini), Mauro Borges (Ministro do MDIC), Sergei Soares (Presidente do IPEA); Moderadores - Mario Sergio Salerno (EP e IEA) e Roberto dos Reis Alvarez (ABDI)

Sala da Congregação do Instituto de Relações Internacionais (IRI)

📺 **VÍDEO** goo.gl/FSi7oF

Reunião de Trabalho

6 de fevereiro

INOVAÇÃO NA FINLÂNDIA: VISÃO GERAL

Tatu Tapio Lyytinen (Aalto University)

Sala de Eventos do IEA

Tatu Lyytinen apresentou aos membros do grupo e convidados sua experiência com o sistema de inovação na Finlândia e em outros países. Os temas abordados foram:

1. O papel da Tekes no sistema de inovação na Finlândia;
2. Inovação no cluster de barcos na Finlândia;
3. Inovação aberta no Otaniemi Campus entre Nokia, VTT e Aalto University;
4. Transferência de conhecimento entre VTT e CICITEM no Chile;
5. Abordagem de pesquisa e metodologias.



Tatu Tapio Lyytinen e Mario Sergio Salerno

7 de março

NEGÓCIOS SUSTENTÁVEIS: TRANSFORMANDO IDEIAS EM MODELOS INOVADORES

Edson Lopes e Henrique Corredor (Instituto Ethos) e Mario Sergio Salerno (EP e IEA)

Sala de Eventos do IEA

Edson Lopes e Henrique Corredor apresentaram o projeto do Instituto Ethos que visa a: (1) demonstrar a viabilidade de negócios sustentáveis através



Edson Lopes e Henrique Corredor

do desenvolvimento de modelagens que integrem e gerem valor nas dimensões econômica, ambiental, social e ética e (2) assegurar que essas modelagens sejam acessíveis para uma gama maior de usuários com potencial para desenvolvê-las e explorá-las em novos negócios.

📺 **VÍDEO** goo.gl/LnwNzr

Política Ambiental



Coordenação: Eda Tassara

Membros: Ana Paula Soares da Silva, Cilene Gomes, Elaine Pedreira Rabinovich, Héctor Omar Ardans Bonifacino, Jean-Pierre Goubert, José Oswaldo Soares de Oliveira, Marcello Giovanni Tassara, Maureen Bisilliat, Michel Paty, Myrna Valéria Coelho Frasseto, Nicole Nöthen de Oliveira, Sandra Maria Greger Tavares e Sandra Maria Patrício Ribeiro

O grupo iniciou seus trabalhos em 2009. A questão ambiental ou socioambiental, na medida em que é entendida como uma crise civilizatória, exige um enfrentamento a partir de múltiplas perspectivas. Isso traz implícito que aquilo que vier a frutificar desse grupo não pertencerá, disciplinarmente falando, a ninguém; irá ao encontro de um entendimento do conhecimento enquanto bem comum da humanidade. Cabe apontar que nessa direção do conhecimento como bem comum, um abismo tem se aberto entre as ciências exatas e biológicas e as ciências humanas e sociais.

Para discutir o tema é preciso adotar uma postura aberta, crítica e contextualizada. Aberta, no sentido de reunir, em diálogo democrático, múltiplas perspectivas; crítica, no sentido de reconhecer e analisar as vicissitudes dos encontros entre diferentes visões de futuro, intervindo em seus desdobramentos. No mundo contemporâneo, a contextualização implica, necessariamente, a abordagem do ambiente urbano e suas questões, tematizando fenômenos que se expandem globalmente: a urbanidade hegemônica e periurbanidades, a espacialização da identidade e a estratificação identitária, a inclusão excludente, a cultura da escassez, a pobreza e o consumismo.

Evento

25 de novembro

A POÉTICA EM LINA BARDI: UMA GRAMÁTICA POLÍTICA

Cilene Gomes (IP), Eda Tassara (IP), José Oswaldo Soares de Oliveira (Universidade de Taubaté), Marcello G. Tassara (ECA), Maureen Bisilliat (artista plástica), Sandra Maria Patrício Ribeiro (IP), Cristina Pontes Bonfiglioli (MAC), Márcia Augusto Ribeiro (Centro Cultural São Paulo) e Massimo Canevacci (IEA)
Sala de Eventos do IEA

A Poética em Lina Bardi: Uma Gramática Política foi o tema do seminário que o Grupo de Pesquisa em Política Ambiental do IEA realizou na Sala de Eventos do Instituto, em comemoração ao centenário de nascimento da arquiteta ítalo-brasileira.

O encontro tratou da dimensão política da obra da projetista do Museu de Arte de São Paulo (MASP) e do Sesc Pompeia, com foco no seu compromisso ideológico com a cultura popular e no caráter re-



Massimo Canevacci, Eda Tassara e Marcelo Tassara

volucionário de seu pensamento como intelectual da brasilidade. Os expositores discutiram particularmente os desdobramentos do pensamento da arquiteta, cuja influência se estende à atualidade.

Segundo Eda Tassara, coordenadora do grupo e professora do Instituto de Psicologia (IP) da USP, ao migrar para o Brasil em 1946, Bardi foi confrontada com um mundo ainda fortemente arraigado ao passado colonial, o que despertou sua consciência sobre o eurocentrismo cultural e impulsionou-a a se tornar precursora do que veio a se tornar a Teoria Crítica Pós-Colonial.

“Inicialmente desenvolvida por pensadores em sua maioria latino-americanos, este movimento expandiu-se para outros núcleos de intelectuais oriundos de sociedades mestiças, crioulas, ou sob jugo dominador colonial.”

Para a pesquisadora, seria reducionismo atribuir à produção de Lina apenas o epíteto de ‘arquitetura política’. “A poética de Lina é que deveria ser adjetivada de política; e ela buscava figurá-la, qualquer que fosse o universo material sobre o qual se debruçasse. E ela se debruçava sobre a brasilidade, vista como expressão potencial de alegre vitalidade criadora, negando veementemente interpretações impostas.”

Durante o encontro, as exposições abordaram diferentes facetas de Bardi a partir dessas reflexões:

- Lina Polifônica: Uma Europeia Solta no Mundo dos Trópicos – Massimo Canevacci;
- Lina Intelectual: A Crítica da Colonialidade do Poder – Eda Tassara;

- Lina Arquiteto: O Espaço e o Povo no Campo da Brasilidade – José Oswaldo de Oliveira, Cile-ne Gomes e Márcia Augusto Ribeiro;
- Lina Narradora: Esperança Projectual e Utopia – Cristina Pontes Bonfiglioli;
- Lina Poeta: A Lanterna Mágica no Vazio da Piscina – Marcello G. Tassara;
- Lina Sonhadora: O Imaginário Geopolítico e a Mestiçagem – Sandra Maria Patrício Ribeiro
- Lina Persona: Um Caleidoscópio – Maureen Bisilliat.

O seminário aconteceu no mesmo dia que o encontro *Conversazioni e Video su Lina Bo Bardi*, realizado pela Università La Sapienza di Roma, em Roma, Itália. O evento italiano integrou o ciclo *Lina Bo Bardi (1914-2014) - un'Architetta Romana in Brasile*, organizado pelo Departamento de Arquitetura e Design da universidade, também em celebração ao centenário de nascimento de Bardi. Os expositores do encontro brasileiro e do italiano debateram via teleconferência, sob coordenação da arquiteta Alessandra Criconia, integrante do comitê científico do ciclo, em Roma, e de Eda Tassara, em São Paulo.

📺 VÍDEO goo.gl/8QKM3e

Políticas Públicas, Territorialidade e Sociedade



Coordenação: Neli Aparecida de Mello-Théry

Membros: Hervé Théry, Alessandro Soares da Silva, Wanderley Messias da Costa, Jodival Maurício da Costa, Carla Moura de Paulo, Heloisa de Camargo Tozato, Jane Zilda dos Santos Ramires, Paulo Roberto Cunha, Luciana Riça Mourão Borges, Benedito Oscar Correia, William de Oliveira, Vincent Dubreuil e Vincent Nédélec

O grupo passou a integrar o IEA em 2009 e trata de políticas de desenvolvimento que resultam normalmente em grandes modificações do espaço geográfico e atuam simultaneamente sobre o econômico e o social. Várias delas são, obrigatoriamente, a base de outras, ao lado das quais funcionam, muitas vezes, os incentivos financeiros desempenhando um papel importante na definição do uso do espaço geográfico, nas dinâmicas territoriais. Um dos objetivos da geografia é o olhar sobre o que ocorre no território, seja decorrente dos processos econômicos, das mobilidades populacionais, das mobilizações sociais ou das ações de governos, analisando as transformações e impactos deles resultantes. A complexidade de todos estes processos e das ações neles inseridas induzem a uma necessária articulação com outros olhares científicos.

Objetivos

Planejar e realizar discussões a respeito de políticas públicas com pesquisadores, formadores de opinião e representantes governamentais, garantindo o caráter interdisciplinar e multiprofissional da temática; promover, periodicamente, debates de temas relacionados a políticas públicas estratégicas, federais, estaduais e/ou municipais por meio de palestras, seminários, mesas redondas, simpósios; elaborar estudos, publicá-los e divulgá-los junto a instituições governamentais (federais, estaduais e municipais), não-governamentais e instituições multilaterais.

Destaque

PESQUISADORA DO IEA É NOMEADA VICE-DIRETORA DA EACH

Em dezembro de 2013, o reitor João Grandino Rodas nomeou a nova vice-diretora da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP, a geógrafa Neli Aparecida de Mello-Théry. Ela passou a ocupar o cargo ao lado da geóloga Maria Cristina Motta de Toledo, nomeada diretora da EACH na mesma ocasião.

Professora da EACH desde 2005, Neli Aparecida integra redes e laboratórios de pesquisa no Brasil e na França. Seus estudos concentram-se nos temas: dinâmicas territoriais, políticas ambientais e territoriais, meio ambiente e desenvolvimento sustentável, gestão urbana e ordenamento territoriais, meio ambiente e políticas internacionais. No grupo de pesquisa do IEA, que coordena desde sua fundação, em 2009, investiga políticas de desenvolvimento que resultam em profundas modificações no espaço geográfico e nas esferas econômica e social.

A geógrafa é mestre pela Universidade de Brasília (1997) e pela Université Paris X, França (1999), onde também se tornou doutora com titulação dupla junto à USP (2002). Obteve dois títulos de livre-docência, um pela USP (2008) e outro pela Uni-

versité Rennes 2 (2011). Foi diretora de pesquisa do Ibama e consultora do Banco Mundial, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e da Unesco. Atuou em diversas instituições do governo federal e do Distrito Federal na área de gestão ambiental, trabalho que alternou com a docência na UnB, onde atualmente ocupa o cargo de pesquisadora associada.

Eventos

26 de março

VIOLÊNCIA POLÍTICA, MEMÓRIA E HISTÓRIA: OS CASOS DO BRASIL, COLÔMBIA E PERU

Participantes: *vide programação*

Sala de Eventos IEA

As palestras do seminário analisaram, sob a ótica interdisciplinar, a violência política, a memória e a história vivenciada por Brasil, Colômbia e Peru, especialmente quando da passagem dos cinquenta anos da ditadura militar brasileira.

Programação

Violência Política e Direitos Humanos na Perspectiva da Psicologia Política - Alessandro Soares Silva Tema

A Violência Política no Peru: Impactos Psicopolíticos da Comissão da Verdade - Agustín Espinosa

A Violência Política na Colômbia: Contextos Históricos, Políticos e Sociais - Carlos Sixirei Paredes

Violência Política: da Ditadura Militar à "Democratização" do Brasil - Dennis de Oliveira

 **VÍDEO** goo.gl/L5NI4b

30 de abril

ESTADO, POLÍTICA E TERRITORIALIDADES: ANÁLISES A PARTIR DA GEOGRAFIA, DA HISTÓRIA E DA PSICOLOGIA POLÍTICA

Participantes: *vide programação*

Sala de eventos IEA

Esse evento, inscrito no marco dos estudos e análises comparadas acerca da formação e ordenamento dos estados na ibero-latino-américa, destaca os elementos da política e da produção de territorialidade a partir do olhar da geografia, história e psicologia política. Esses seus olhares permitem uma perspectiva interdisciplinar e mais ampla do que posturas mais clássicas, inscritas em marcos particulares estabelecidos a partir de uma visão de dezenovecentista de ci-

ência. É do interesse do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas, Territorialidade e Sociedade, aprofundar a produção de conhecimento que torne possível: avançar no campo das políticas públicas, compreender as dinâmicas subjetivas e sócio-territoriais, contribuir para que novas formações do estado mediem as relações sociais e promovam as intervenções que podem conduzir a estruturas democráticas e comprometidas com a justiça social.

Programação

Estados Latino-Americanos, Política, História e Territorialidades - Carlos Sixirei Paredes (Universidade de Vigo)

Identidade Nacional e Conflitos Sociopolíticos no Peru - Agustín Espinosa (PUC-Peru)

Mobilidade, Acessibilidade e Direitos nas Políticas Públicas Portuguesas - Nuno Marques da Costa (Universidade de Lisboa)

Territorialidades, Planejamento e Gestão: os Desafios do Estado Brasileiro - Neli Aparecida de Mello-Théry (EACH e IEA - USP)

 **VÍDEO** goo.gl/CcUqk3



Neli Aparecida de Mello-Théry, Agustín Espinosa, Nuno Marques da Costa e Carlos Sixirei Paredes

26 e 27 de maio

VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS, MUDANÇAS CLIMÁTICAS E IMPACTOS SOBRE ÁREAS FRÁGEIS

Participantes: *vide programação*

Sala da Congregação ECA/USP

Esse encontro visou a dar continuidade ao V Seminário Internacional, realizado em 2013, em Rennes-França, no qual foram debatidos resultados de pesquisas e avanços relacionados à temática das políticas públicas e dos processos de adaptação locais às mudanças climáticas globais. O evento contou com

a participação de renomados cientistas nacionais e internacionais.

Programação

26 de maio

| | |
|---------------|---|
| 8h30 | Abertura |
| 9h00 - 10h30 | Mudanças Climáticas e Usos de Ferramentas de Geoprocessamento em Políticas Agrícolas - Andrea Cavicchioli (EACH-USP), Hervé Quenol (Rennes 2), Samuel Corgne (Rennes 2) e Solen Le Clec'h (Rennes 2 e USP) |
| 11h00 - 13h00 | Dinâmicas e Conservação Ambiental e Políticas sobre Mudanças do Clima - Aline Borges do Carmo (IO e IEA - USP), Carla Moura de Paulo (Procam-USP), Jane Zilda S. Ramires (PPGH-FFLCH-USP) e Silvia Helena Zanirato (EACH-USP) |
| 14h30 - 16h00 | Negociação Política nas Políticas de Mudanças do Clima - Alessandro Soares da Silva (EACH e IEA - USP), Eda Terezinha Tassara (IP e IEA - USP) e Wagner Costa Ribeiro (FFLCH - USP) |
| 16h15 - 18h00 | Conferência Incertezas dos Modelos sobre Cenários de Mudanças Climáticas e Gestão de Políticas Públicas - Neli Aparecida de Mello-Théry (EACH e IEA - USP) e Vincent Dubreuil (Rennes 2) |

27 de maio

| | |
|---------------|--|
| 9h00 - 10h30 | Mudança Climática, Políticas e Dinâmicas dos Atores - Agustín Espinosa (PUC-Peru), Gustavo Massola (IP-USP) e Paulo Roberto Cunha (Procam-USP) |
| 10h50 - 12h50 | Sociedade Civil, Movimentos Sociais e Mudança Climática - Alessandro Soares da Silva (EACH e IEA - USP), Bibiana Graeff (EACH-USP) e Eduardo Caldas (EACH-USP) |

 **VÍDEO** goo.gl/qo5ZUK

28 de maio a 3 de junho

3º SIMPÓSIO INTERNACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE - TEMA: ESTADO, MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS

Participantes: *vide programação*
Sala da Congregação ECA/USP

Programação

28 de maio

| | |
|---------------|---|
| 10h00 - 12h00 | Estado, Movimentos Sociais e Políticas Públicas - Jorge Alberto Machado (EACH-USP) e Silvina Brussino (UNC-Ar) |
| 14h00 - 16h00 | Discurso Político, Ideologia e Movimentos Sociais - Agustín Espinosa (PUC-Perú); Carlos Sixirei Paredes (Universidade de Vigo) e Dennis de Oliveira (ECA-USP) |
| 16h30 - 18h30 | Grupos de Trabalho: Criminalização dos Movimentos Sociais - Coord. Alessandro Soares da Silva (EACH e IEA - USP) |

29 de maio

| | |
|---------------|---|
| 10h00 - 12h30 | Desafios Contemporâneos dos Movimentos Sociais - Marcos Garcia (UFSCar) e Pablo Ortellado (EACH-USP) |
| 14h00 - 16h00 | Educação Política, Processos de Socialização e Movimentos Sociais - Graciela Mota Botello (UNAM), Ivan Estevão (EACH-USP) e Luiz Guilherme Galeão da Silva (IP-USP) |
| 16h30 - 18h30 | Grupos de Trabalho: Participação Política e Movimentos Sociais - Coord. Rogério Ferro (EACH-USP) |

30 de maio

| | |
|---------------|--|
| 14h00 - 16h30 | Estado, Movimentos Sociais e Participação Política - Bernardo Parodi Svartman (IP-USP), Luiz Carlos Beduschi (EACH e IEA - USP) e Salvador Sandoval (PUC-SP) |
| 16h45 - 18h45 | Grupos de Trabalho: Cultura, Comunicação Política e Movimentos Sociais - Coord. Alessandro Soares da Silva (EACH e IEA - USP) |

2 de Junho

| | |
|---------------|--|
| 9h30 - 12h30 | Movimentos Sociais na América Latina na Ótica da Psicologia Política - Alessandro Soares da Silva (EACH e IEA - USP), Graciela Mota Botello (Unam), Salvador Sandoval (PUC-SP), Silvina Brussino (UNC-Ar) e Telma Regina de Paula Souza (Unimep) |
| 14h30 - 17h00 | Grupos de Trabalho: Políticas Públicas e Movimentos Sociais - Coord. Fernando Andrade Costa (EACH-USP) |

3 de Junho

| | |
|--------------|---------------------------------|
| 8h00 - 18h00 | Reunião de Trabalho de Pesquisa |
|--------------|---------------------------------|

 **VÍDEO** goo.gl/m07etR

20 a 22 de outubro

SEMINÁRIO INTERNACIONAL: MUDANÇAS GEOPOLÍTICAS E SUBJETIVAS NOS PROCESSOS DE PARTICIPAÇÃO POLÍTICA



Salvador Antonio Mireles Sandoval, Graciela Mota Botello, Telma Regina de Paula Souza, Silvina Brussino e Alessandro Soares da Silva

E NA PRODUÇÃO DE NOVAS TERRITORIALIDADES

Participantes: *vide programação*
Auditório EACH da USP

Frente às múltiplas transformações vividas na sociedade contemporânea, é importante destacar aquelas ocorridas nessa primeira década do século 21 e que incidem no ordenamento geopolítico e territorial, nas dinâmicas subjetivas da participação política e, como não poderia ser diferente, nos processos de formulação, implementação e avaliação de políticas públicas.

O seminário internacional *Mudanças Geopolíticas e Subjetivas nos Processos de Participação Política e na Produção de Novas Territorialidades* discutiu as transformações no âmbito do planejamento e da gestão de políticas públicas ocasionadas (1) pela crise do Estado-Nação, e, ao mesmo tempo, o fortalecimento de nacionalismos; (2) pela porosidade das fronteiras derivada da globalização e o fortalecimento de organismos supranacionais e, por fim, (3) pela emergência de protestos sociais que demandam novas formas de ordenamento político, bem como o incremento da participação na governança. O seminário trouxe um olhar interdisciplinar a partir da contribuição de investigadores vindos do Brasil, Espanha, França, México e Peru, Portugal.

Programação

20 de outubro

10:00 - 12:30 Gestão e Planejamento de Políticas Ambientais na França e Portugal - Eduarda Marques da Costa (UL), Evandro Mateus Moretto (EACH-USP) e Veronique Van Tilbeurgh (Rennes 2)

15:00 - 17:30 Participação Política, Geopolítica e Mundialização - Eda Tassara (IP e IEA - USP), José Luis Lezama (Unam) e Neli Ap. de Mello-Théry (IEA e EACH - USP)

19:00 - 21:30 Cidadania e Processos de Negociação Política e Tomada de Decisão no Século 21 - Alessandro Soares da Silva (IEA e EACH - USP), Bernardo Mançano (Unesp) e José Manuel Sabucedo (USC)

21 de outubro

10:00 - 12:30 Geopolítica, Políticas Públicas e Novas Territorialidades no Século 21 - Eduardo de Lima Caldas (IEA e EACH), Eduardo Girardi (Unesp) e Hervé Théry (CNRS)

14:00 - 17:00 Participação Política, Mudança Social e Novas Territorialidades no Século 21 - Agustín Espinoza (EACH e IEA - USP), Dennis de Oliveira (ECA-USP), Martin Jayo (EACH-USP) e Salvador Sandoval (PUC-SP e IEA-USP)

19:00 - 21:30 Reunião de Trabalho

22 de outubro

10:00 - 12:30 Transformações Sociais, Organizações Políticas e Políticas Públicas - Celso Cancela (UVIGO), José Carlos Vaz (EACH-USP), Úrsula Dias Peres (IEA e EACH - USP) e Veronique Van Tilbeurgh (Rennes)

15:00 - 17:30 Reunião de Trabalho

19:00 - 21:30 Gestão Ambiental Pública e Mudanças na Governança Ambiental - Aline Borges do Carmo (Ibama e IEA - USP); José Luis Lezama (Unam), Márcio Gurgel (EACH-USP) e Patrícia Junia Viana (EACH-USP)

12 a 15 de novembro

COLÓQUIO INTERNACIONAL MEIO AMBIENTE E GEOMÁTICA - ABORDAGENS COMPARADAS FRANÇA-BRASIL

Campus Villejean, Universidade de Rennes 2, França

O colóquio internacional *Meio Ambiente e Geomática — Abordagens Comparadas França-Brasil*, realizado no Campus Villejean da Université Rennes 2, na França, concentrou-se na aplicação das novas técnicas de sensoriamento remoto e dos instrumentos de análise e gestão do espaço — particularmente dos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) — para otimizar a gestão sustentável dos territórios.

De acordo Neli Aparecida de Mello-Théry, coordenadora do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas, Territorialidade e Sociedade do IEA, um dos orga-

nizadores do colóquio, e Vincent Dubreuil, também integrante do grupo, muitos programas de pesquisa se voltam para as potencialidades dessas novas tecnologias, mas poucos se dedicam a investigar as reais contribuições que tais recursos tecnológicos vêm oferecendo para uma melhor compreensão dos processos físicos e antrópicos implicados nos problemas ambientais de espaços diferentes.

Entre os temas abordados estão: mudanças climáticas e seus impactos; riscos e geomática; as interações natureza-sociedade na França e no Brasil; dinâmica das paisagens; geomática e modelização ambiental; e desenvolvimento sustentável dos territórios.

O colóquio marcou o encerramento do projeto *Políticas Públicas e Impactos das Mudanças Climáticas sobre Espaços Frágeis nas Escalas Regional e Local*, desenvolvido a partir de uma parceria entre a USP e o Comité Français d'Evaluation de la Coopération Universitaire avec le Brésil (Confecub).

Pelo lado brasileiro, os organizadores do colóquio foram o grupo de pesquisa do IEA e a Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP. Pelo lado francês, os parceiros foram o núcleo misto de pesquisa Littoral, Environnement, Télédétection, Géomatique (LETG), o Grupo de Pesquisa Climate et Occupation du Sol par Télédétection (Costel) — sediado na Université de Rennes 2 e uma das cinco unidades integrantes do LGET — e o Observatoire des Sciences de l'Univers de Rennes (Osur).

24 de novembro

POLÍTICAS AMBIENTAIS E SERVIÇOS ECOSISTÊMICOS NO BRASIL

Ana Maria Nusdeo (USP); Aline Borges do Carmo (Ibama); Bruno Matta (The Nature Conservancy); Solen Le Clech (LETG Rennes COSTEL)

Auditório Vermelho EACH-USP

O objetivo científico deste seminário foi discutir teorias e experiências sobre os serviços ambientais no Brasil, para identificar as contribuições e limitações do conceito de serviços ecossistêmicos e considerar diferentes metodologias e quantificação espacial dos serviços ecossistêmicos e seu papel na gestão ambiental.

Com o aumento da pressão da sociedade sobre o meio ambiente e os recursos naturais, o serviço ambiental tem mostrado a dependência humana em relação aos ecossistemas. Esse conceito se tornou a pedra angular da gestão ambiental, passando a lide-

rar novas estratégias para a conservação e uso sustentável da biodiversidade e dos recursos naturais.

Estimulada pela Millenium Ecosystem Assessment (MEA), em 2005, a discussão do tema tem causado um interesse crescente por parte de investigadores, políticos e investidores. E agora as ferramentas de gestão ambiental já fazem parte do debate sobre o uso de recursos naturais.

A abordagem de serviços ecossistêmicos tem como objetivo identificar e medir a contribuição dos ecossistemas para satisfazer necessidades sócio-econômicas. Assim, essa abordagem poderá iniciar o diálogo entre os diferentes atores do território, fornecer instrumentos de política para tomar decisões informadas sobre os efeitos de diversas práticas e analisar de forma diferente as relações homem-natureza.

No entanto, o entendimento dos serviços dos ecossistemas, a sua quantificação e a sua cartografia levanta ainda muitas questões científicas. Qual é, hoje, o lugar desse conceito na pesquisa e na gestão ambiental no Brasil?

📺 **VÍDEO** goo.gl/7Prf05

2 de dezembro

CONFERÊNCIA URBANISMO EXPANSIVO, BOLHA IMOBILIÁRIA E POLÍTICAS URBANAS PÓS-CRISE NA ESPANHA

Jesús Manuel González Pérez (Universitat de les Illes Balears)
Departamento de Geografia, FFLCH-USP

O evento analisou cidades europeias no contexto pós-crise, tomando como estudo de caso a Espanha. Estes estudos buscam formas de valorizar políticas públicas estabelecidas pós-crise, destacando instrumentos como redes de pesquisa europeia. Por meio de tais mecanismos, a discussão de experiências de membros da União Europeia no âmbito do programa Horizon 2020 contribuiu para a retroalimentação de experiências similares em outros países.

3 de dezembro

CONFERÊNCIA PLANIFICAÇÃO TURÍSTICA E REABILITAÇÃO DE DESTINOS TURÍSTICOS DEGRADADOS: ESTRATÉGIAS NO CICLO ECONÓMICO EXPANSIVO E POLÍTICAS PÓS-CRISE

Jesús Manuel González Pérez (Universitat de les Illes Balears)
Auditório Vermelho - EACH/USP

O encontro objetivou destacar as estratégias das po-

líticas públicas pós-crise e os métodos de processos de planejamento que visam à reabilitação de locais degradados por meio da promoção de novos ciclos econômicos com base na recuperação pela atividade turística. Trata-se de uma problemática que se desdobra em múltiplas escalas, do global ao local, resultando em diretrizes e estratégias distintas para cada uma delas.

5 de dezembro

**CONFERÊNCIA DA REFORMA
INTERIOR À REABILITAÇÃO URBANA.
O PLANEJAMENTO COMO ESTRATÉGIA
PARA O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO
E A GENTRIFICATION NOS CENTROS
HISTÓRICOS**

Jesús Manuel González Pérez (Universitat de les Illes Balears)
e Rita de Cássia Ariza da Cruz (FFLCH/USP)
Auditório Vermelho - EACH/USP

O debate envolveu a análise da problemática dos centros urbanos históricos, reabilitados ou destinados ao turismo. O processo de revitalização, requalificação ou destinação a atividades específicas leva à modificação das estruturas sociais locais e, muitas vezes, tornam os espaços menos acessíveis às classes de menor renda, culminando na gentrificação.

Qualidade da Democracia



Coordenação: José Álvaro Moisés

Membros: Brásilio Sallum, Carlos Melo, Cícero Araujo, Cláudio Couto, Edison Nunes, Eduardo Graeff, Eduardo Portela, Eduardo Portella, Elizabeth Balbachevsky, Eunice Ribeiro Durham, Fernando Filgueiras, Francisco Weffort, Helena Sampaio, Leôncio Martins Rodrigues, Lourdes Sola, Lucio Rennó, Marco Aurélio Nogueira, Marcus André Melo, Maria Celina D'Araujo, Nina Ranieri, Nina Ranieri, Nuno Coimbra Mesquita e Rachel Meneguello

O Grupo de Pesquisa Qualidade da Democracia foi aprovado pelo Conselho Deliberativo do IEA em 3 de maio de 2013. Embora a formalização tenha ocorrido em 2013, José Álvaro Moisés, coordenador do grupo, já realizou outras atividades no IEA, como a organização do livro “O Papel do Congresso Nacional no Presidencialismo de Coalizão”, o lançamento do blog Qualidade da Democracia, entre outros eventos.

Objetivos

Criar um ambiente acadêmico adequado para exame e aplicação da abordagem da qualidade da democracia no Brasil. O grupo pretende reunir reflexões, artigos de opinião, livros, entrevistas e textos de resultados de pesquisas de autoria de acadêmicos, escritores, jornalistas e artistas, entre outros, que se dedicam ao tema da democracia da perspectiva de sua qualidade.

Eventos

25 de fevereiro

GÊNERO, PODER E DEMOCRACIA

Mino Vianello (Universidade de Roma “La Sapienza”), Teresa Sacchet (Ministério do Desenvolvimento Social), José Álvaro Moisés (NUPPs e IEA)

Não importa as diferenças de cultura, religião, regime político, nível de desenvolvimento e modelo econômico dos países, as mulheres estão sempre em

posições inferiores na hierarquia de poder, o que resulta num déficit de participação feminina na política. Esse é o ponto de partida do sociólogo italiano Mino Vianello para desenvolver sua teoria sobre o papel determinante das relações de gênero nas estruturas hierárquicas e na qualidade da democracia.

Professor emérito de sociologia econômica da Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, Itália, Vianello dedica-se há mais de 40 anos ao estudo da atuação das mulheres na vida pública. Suas ideias, baseadas no pressuposto da existência de uma cultura masculina dominante e opressora, foram apresentadas no seminário *Gênero, Poder e Democracia*, realizado no dia 25 de fevereiro pelo Grupo de Pesquisa Qualidade da Democracia do IEA.

A debatedora do encontro foi a cientista política Teresa Sacchet, assessora do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e integrante do Núcleo de Pesquisa em Políticas Públicas (NUPPs) da USP. A mediação ficou a cargo de José Álvaro Moisés, professor do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, diretor científico do NUPPs e coordenador do Grupo de Pesquisa.

Gênero e psique

Na introdução de sua fala, Vianello destacou que, após muitos anos estudando as relações de gênero e poder a partir de teorias e métodos clássicos da

ciência social, resolveu incluir em suas investigações escolas teóricas que geralmente são deixadas de lado nesse tipo de pesquisa, como a psicanálise e a neurociência. É com base nesse arcabouço que ele explica a baixa penetração das mulheres nas esferas do poder.

O argumento central do sociólogo consiste em que a psique masculina e a feminina são divergentes e, de certa forma, opostas. A masculina, dominante na cultura, seria marcada pela mentalidade psicotécnica, na qual predomina o pensamento concreto, pragmático e racional. Já a feminina seria caracterizada pela tendência à solidariedade, pela capacidade de abstração e pela empatia.

“Estamos todos dominados pela concepção platônica de razão instrumental, associada à psique dos homens. A própria democracia liberal é vista como uma forma de racionalidade”, explicou, acrescentando que a estrutura do poder, de matriz marcadamente masculina, impõe uma barreira cultural para a ascensão das mulheres.

Democracia limitada

De acordo com Vianello, o déficit de participação das mulheres na vida pública, decorrente dessa barreira, coloca em evidência uma grave falha do regime democrático, uma vez que este pressupõe a igualdade de direitos e oportunidades.

“A democracia trata como se fosse um acidente histórico as mulheres serem excluídas do poder. Esse enfoque é o objeto da minha crítica”, disse, ressaltando que, ao longo da trajetória da humanidade, o poder tem sido monopólio dos homens, condição que se manteria graças a uma sustentação ideológica duradoura, disseminada pelas mais diversas filosofias: a sobreposição da cultura masculina sobre todos valores da sociedade.



Mino Vianello

O sociólogo advertiu que o monopólio dos homens é exercido mesmo quando as mulheres chegam aos patamares mais altos da hierarquia, uma vez que elas seriam escolhidas através de um sistema controlado pelos homens e atuariam dentro dos parâmetros determinados por eles. Dessa forma, só seriam alçadas as mulheres que incorporassem a cultura masculina e que se dispusessem a serem incorporadas na estrutura política convencional. Por isso, garantiu, ter muitas mulheres no poder não quer dizer nada: “Elas são escolhidas por homens, segundo a lógica masculina, de modo que o poder permanece nas mãos dos homens e continua a ser exercido com base numa concepção instrumental”.

Transformação

Após esboçar o panorama de uma estrutura de poder intrinsecamente patriarcal e permeável somente a mulheres alinhadas à cultura masculina, Vianello questionou: “Como mudar a condição de supremacia da cultura masculina, quando se sabe que todas as esferas são dominadas pelos homens — religião, filosofia, política, arte, ciência?”.

De acordo com ele, para serem efetivas e terem impacto, as mudanças devem ser promovidas a partir das bases, por meio da construção de espaços alternativos na sociedade civil, o que seria possível com o auxílio das redes de comunicação viabilizadas pela Internet.

“Somente com mudanças dessa natureza poderemos passar de uma sociedade patriarcal para uma sociedade empática, preocupada com a qualidade de vida e com o estado de bem-estar social”, afirmou. Para o sociólogo, isso pressupõe a prevalência da psique feminina e, por conseguinte, a formação de uma mentalidade mais tolerante e aberta às diferenças sociais e religiosas. “A participação das mulheres pode mudar o mundo”, avaliou.

Divergências

Ao debater as ideias de Vianello, Sacchet concordou com muitos dos argumentos apresentados pelo sociólogo. Para ela, a sociedade, o estado moderno e as leis de fato foram construídos e funcionam segundo a lógica masculina.

Mas a cientista política destacou que discorda de Vianello no que se refere à solução proposta por ele: uma ação política independente por parte das comunidades de mulheres, voltadas para a criação de uma cultura mais feminina — logo, mais inclusiva

—, capaz de fazer frente ao domínio dos homens. A debatedora se opôs especificamente ao que definiu como uma valorização excessiva do “poder determinista da estrutura” por parte de Vianello. Para ele — esclareceu Sacchet — a via alternativa seria a única estratégia eficaz porque apenas mulheres cooptadas pelo machismo conseguiram ascender ao poder e entrar na política pelos meios convencionais.

Diferentemente de Vianello, Sacchet considera que as estruturas tradicionais da política são permeáveis às mulheres e podem ser transformadas desde dentro. Como exemplo, citou a Lei Maria da Penha e o Bolsa Família, cujo valor é pago diretamente às mães. “Várias políticas públicas em favor das mulheres foram criadas a partir da ação feminina dentro das estruturas de poder que existem hoje. Eu, como membro do MDS, atuante no campo das políticas de gênero, vejo como fundamental a participação das mulheres na esfera pública”, ressaltou.

Para reforçar sua posição contrária ao “determinismo da estrutura”, disse não acreditar que a cultura seja monolítica e que as estruturas de poder, rígidas a ponto de serem refratárias à atuação feminina. “Existem contraculturas. Ainda que haja uma cultura patriarcal dominante, como Vianello coloca, as mulheres podem implementar mudanças através da ação social e da mobilização na sociedade civil”, frisou.

Espaços alternativos

Embora tenha reconhecido a importância das comunidades de mulheres como espaços de participação, Sacchet relativizou o potencial de transformação social das ações alternativas, sobretudo daquelas que fazem uso da Internet. “Entendo a premissa da globalização e da liberdade de expressão, mas o próprio acesso à rede é limitado. E até que ponto o que é dito nas redes é usado na construção de uma cultura da empatia, como fala Vianello?”, questionou.

A cientista política se definiu como uma cética em relação à eficácia de se viabilizar uma transformação social profunda apenas via espaços alternativos. “Acredito na estratégia de ganhar espaço na estrutura política e construir uma sociedade mais igualitária e generosa em termos de raça, gênero e classe desde dentro da sociedade civil”, pontuou.

Diferenças de gênero

Ao concluir sua crítica ao pensamento de Vianello, Sacchet disse que vê com ressalvas a estratégia de enfrentar a dominação da cultura masculina trazendo

do à tona as diferenças de gênero. “Fico com as feministas pós-estruturalistas, segundo as quais centrar o debate nas diferenças inerentes entre homens e mulheres contribui para cristalização dessas diferenças e para a criação de modelos que mais atrapalham que viabilizam mudanças”.

Para ela, o problema não deve ser discutido com base na existência de um *ethos* feminino, envolto na ideia de que as mulheres são mais solidárias, empáticas e emotivas. “Esse mesmo discurso foi utilizado para justificar a inaptidão das mulheres para atuar na esfera pública”, advertiu.

Além disso, afirmou, a questão das diferenças de gênero é influenciada por outros fatores, como classe, raça e deficiência. “Nesta questão, importa não só as diferenças entre homens e mulheres, mas também as diferenças entre as próprias mulheres”, finalizou.

📺 **VÍDEO** goo.gl/Fsv0S9

2 de outubro

REFLEXÕES SOBRE A CRISE NA USP

Carlos Henrique de Brito Cruz (Fapesp), José Álvaro Moisés (NUPPS e IEA), José Arthur Giannotti (Cebrap), José Eduardo Krieger (PRP-USP), José Goldemberg (IEE-USP), Elizabeth Balbachevsky (NUPPS-USP), Eunice Durham (NUPPS-USP) e Martin Grossmann (IEA-USP).



Pesquisadores participantes do debate

A USP precisa repactuar seus vínculos com a sociedade paulista para que a definição do que a Universidade é atenda aos anseios da população e os objetivos por ela perseguidos.

Esse compromisso institucional, porém, deve integrar as diretrizes de um plano diretor que articule todas as instituições acadêmicas do Estado, sejam elas federais, estaduais ou municipais, públicas ou privadas.

Além disso, faz-se necessário avaliar a criação de um conselho orientador composto de membros externos à USP.

Essas medidas devem ser acompanhadas de mudanças nas instâncias de representação na Universidade, da descentralização das decisões, da diversificação de critérios de avaliação de acordo com as áreas de saber, da avaliação criteriosa de projetos, cursos, docentes, estudantes e funcionários e do estímulo permanente ao diálogo entre os vários segmentos da comunidade uspiana.

Essas foram as principais ideias com apoio preponderante entre os debatedores do encontro *Reflexões sobre a Crise da USP*, promovido pelo Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas (Nupps) e pelo IEA no dia 3 de outubro.

Os debatedores foram Carlos Henrique de Brito Cruz (diretor científico da Fapesp), José Álvaro Moisés (FFLCH, NUPPs e IEA), José Arthur Giannotti (FFLCH e Cebrap), José Eduardo Krieger (pró-reitor de Pesquisa da USP), José Goldemberg (IEE, IEA e ex-reitor da USP), Elizabeth Balbachevsky (FFLCH, NUPPs e IEA), Eunice Durham (FFLCH, NUPPs e IEA) e Martin Grossmann (diretor do IEA).

Na abertura da discussão, José Álvaro Moisés, coordenador do Nupps e do debate, disse que as questões ressaltadas recentemente pela crise financeira – e a consequente greve de quatro meses de parte dos funcionários e docentes – remetem a questões de fundo que têm dificultado à USP enfrentar as transformações na sociedade: “A hora é de uma reflexão aprofundada, menos conjuntural e mais prospectiva, mais voltada para o longo prazo”.

Segundo Eunice Durham, a Universidade sofre do defeito de modelo único. “A contratação de um professor de piano deve obedecer a critérios diferentes da contratação de um professor de física e, além disso, a universidade deve ter flexibilidade para contratar um poeta, por exemplo.”

Ela considera que as formas de representação devem ser revistas, inclusive com “a eliminação da superposição de conselhos nos processos de tomada de decisão e a redução de números de conselheiros, que deveriam ser um por unidade”. Também defendeu a revisão da estrutura hierárquica, a descentralização decisória e a melhoria da qualificação de funcionários para atividades de apoio à pesquisa (correspon-



Martin Grossmann, Elizabeth Balbachevsky e José Eduardo Krieger

dência estrangeira, produção de relatórios e prestação de contas de projetos).

Para Elizabeth Balbachevsky, há uma crise de perfis de governança nas universidades latino-americanas, “que estão bastante arcaicas, refletem um modelo de universidade que não existe mais, insulada da sociedade”. Na opinião da pesquisadora, hoje a universidade deve estar no centro da economia, “ela foi tragada para o centro da produção, mesmo na China”. Elizabeth chamou o modelo brasileiro de universidade pública de “delegação cega”, na qual “o Estado entrega os recursos e considera que, seja o que for que a Universidade faça, é do interesse do Estado, e essa não é mais a realidade em nenhum lugar do mundo”.

Ela afirmou que o modelo de autonomia existente “cria dinâmicas centrífugas, em concordância com os interesses dos stakeholders internos”. Elizabeth defende adoção de um canal estável de negociação na forma de um conselho de orientação, citando como exemplo o Board of Trustees da University of California, nos EUA: “O board é um espaço de negociação entre os interesses da universidade e os interesses da sociedade”.

José Arthur Giannotti disse que em primeiro lugar a Universidade deve definir para o que ela serve e quais são seus objetivos. Em segundo lugar, defendeu a elaboração de uma política do governo para o ensino superior: “A autonomia foi um logro, do tipo ‘dou o dinheiro e não me venha mais encher a paciência’; precisamos de uma política de longo prazo”.

Ele defendeu também a implantação de mais mecanismos de avaliação em todos os níveis: de professores e projetos a funcionários e estudantes. Além

disso, lamentou o fato de “as relações pessoais na universidade estarem se tornando delinquentes, com a dissolução do direito ao pensamento diferente”.

Para Carlos Henrique de Brito Cruz, que disse participar do debate como docente de uma universidade pública e não como diretor científico da Fapesp, é importante ressaltar que as três universidades do Estado apresentam enormes realizações na sua trajetória. “Sem elas, São Paulo e o Brasil seriam muito piores.” Por isso e por terem potencial para mais contribuições, “às vezes as três são colocadas sob uma expectativa ideal que elas não possuem, e isso gera uma enorme pressão”.

Ele destacou que, especialmente depois da autonomia, não se pensou mais em repactuar o que a sociedade deve esperar dessas instituições e, além disso, autonomia é diferente de independência. Brito Cruz defende que se promova uma reorganização do ensino superior no Estado de São Paulo, a exemplo do que foi feito no início dos anos 60 na Califórnia, sob a liderança do então reitor da University of California, quando as demandas eram similares às atuais no cenário paulista. Ele defende que a rede federal e o sistema privado de São Paulo sejam ampliados, que as universidades estaduais e as Fatecs viabilizem formas de colaboração mútua, bem como a articulação das instituições municipais com todo o sistema.

José Eduardo Krieger, que também frisou que suas manifestações no debate eram pessoais e não representavam necessariamente as opiniões da Administração da Universidade, disse que, ao se começar a falar em crise, não sabia se sentia orgulho ou vergonha, “pois o país possui mais de 100 instituições de ensino superior e uma delas, a USP, produz 23% de todas as pesquisas realizadas. Isso é motivo de orgulho e ao mesmo tempo representa algo anacrônico”, considerando-se o sistema de ensino superior do país.

Krieger indagou como é possível que a USP apareça em primeiro no país em qualquer tipo de indicador e ao mesmo tempo seja considerada em crise. Para ele, a resposta está no fato de a Universidade ter se tornado um ambiente hostil à divergência e nas dificuldades que ela tem para tornar públicas suas realizações.

José Goldemberg, que preside a Comissão Coordenadora das Comemorações dos 80 anos da USP, considerou que as dificuldades da USP devem-se ao fato de ela ser uma universidade de primeiro mundo, com um custo de US\$ 20 mil por aluno, mas es-

tar incrustada num país do terceiro mundo. Ele disse que “é preciso ter a coragem de pensar na criação de um conselho externo, iniciativa que poderia começar a abrir um campo de discussão”. Além disso, acredita que a formulação de um plano diretor para o ensino superior estadual “protegeria a universidade de demandas políticas”.

Quanto às dificuldades que a Universidade apresenta para reconhecer e publicizar suas realizações, relatou que fez uma experiência na comissão: enviou uma carta aos diretores de todas as unidades na qual solicitava que enviassem um texto com 10 páginas sobre as contribuições de sua unidade para a pesquisa e para a formulação de políticas públicas. “O resultado foi que 10% deles não tinham a menor ideia do que acontecia em suas unidades.”



José Goldemberg e José Arthur Giannotti

Quanto à repactuação dos objetivos da USP com a sociedade, Martin Grossmann comentou que a Universidade tem dificuldade de ouvir a sociedade e ser ouvida por ela: “Os contribuintes sabem que a USP existe, mas não sabem o que ela faz”. Para ele, isso reflete o fato de a instituição ser um enclave de primeiro mundo.

Grossmann sublinhou que um plano diretor para o ensino superior em São Paulo deve ser desenvolvido como política de Estado, não de governo. Lamentou que a formulação dessa política não tenha sido uma preocupação quando da concessão da autonomia às universidades estaduais paulistas. Criticou também o fato de não haver representantes da sociedade civil na maioria dos conselhos, “nem sequer de representantes dos artistas nos museus”.

No encerramento das exposições, José Álvaro Moisés ressaltou que a relação da Universidade com a sociedade e com o governo é uma questão central a ser aprimorada. Também destacou a importância da

formulação de um plano diretor para o ensino superior estadual, bem como de reformas na governança e da busca de fontes alternativas de recursos. Outro aspecto enfatizado por Moisés é a necessidade de melhoria da convivência entre os vários segmentos da comunidade uspiana, para que o compartilhamento de experiências beneficie a todos.

📺 **VÍDEO** goo.gl/IA9jB2

24 de outubro

CHANGING GLOBAL ENVIRONMENTS

Heide Hackmann (ISSC), Eduardo Marques (USP), Eduardo Viola (UnB); Pedro Jacobi (USP) e José Álvaro Moisés (IEA e NUPPS)

Sala de Eventos do IEA

O papel das ciências sociais na compreensão de causas e consequências das mudanças ambientais globais e no desenvolvimento de soluções eficazes, justas e sustentáveis foi discutido na conferência *Changing Global Environments*, que o Grupo de Pesquisa Qualidade da Democracia do IEA e o Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas (NUPPS) da USP realizaram dia 24 de outubro.

O evento teve como referência o “Relatório Mundial sobre as Ciências Sociais 2013 – Mudanças Ambientais Globais”, produzido com a colaboração de mais de 150 cientistas de todo o mundo a partir de uma parceria entre o Internacional Social Sciences Council (ISSC), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

A apresentação do relatório coube à socióloga Heide Hackmann, secretária-geral do ISSC. Atuaram como debatedores os professores Eduardo Viola, do



Eduardo Marques, José Álvaro Moisés, Heide Hackmann, Eduardo Viola, Pedro Jacobi

Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB); Pedro Jacobi, da Faculdade de Educação (FE) da USP e coordenador do Grupo de Pesquisa Meio Ambiente e Sociedade do IEA; e Eduardo Marques, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. A moderação foi de José Álvaro Moisés, professor da FFLCH, diretor científico do NUPPS e coordenador do grupo de pesquisa do IEA.

Objetivos

O objetivo central do relatório, segundo Heide, é mobilizar a comunidade das ciências sociais em geral para uma resposta às mudanças ambientais globais. Os demais objetivos são:

- ampliar o conhecimentos das ciências sociais sobre o tema;
- reunir as linhas de pensamento pertinentes das ciências sociais nas últimas décadas;
- apresentar contribuições que só podem ser elaboradas pelas ciências sociais;
- avaliar a capacidade de os cientistas sociais pesquisarem sobre o tema e conectarem ciência com políticas e ações;
- influenciar a agenda de pesquisas e seu financiamento.

A versão integral do relatório tem 612 páginas, com artigos de 150 pesquisadores de 23 disciplinas e de todas as regiões do planeta. Heide informou que a produção do documento levou dois anos para ser concluída e envolveu o trabalho de uma equipe editorial e de um comitê científico internacionais e a revisão dos artigos por mais de 40 consultores externos. O ISSC também criou um blog para receber comentários e contribuições complementares ao trabalho.

O público-alvo não são apenas os cientistas sociais, mas também cientistas naturais, engenheiros, *stakeholders*, tomadores de decisão, formuladores de políticas públicas e usuários em geral dos conhecimentos científicos, além de programas e organizações científicas e patrocinadores de pesquisas em âmbito nacional, regional e global.

Heide disse que confrontar os desafios das mudanças ambientais é uma responsabilidade de todas as ciências. Ao analisar as realidades globais, o relatório destaca que a contribuição das ciências sociais é indispensável, pois “nunca serão encontradas soluções que sejam justas, com impacto igual sobre todos, e duráveis”.

Para ela, não se pode mais separar os problemas ambientais dos problemas sociais, políticos, econômicos, culturais, da desigualdade, da insatisfação social, da corrupção: “Não faz sentido hierarquizar esses problemas, mas acabamos fazendo isso. Às vezes nos reunimos na Unesco e surgem opiniões do tipo ‘vamos solucionar a pobreza antes de nos preocupar com o clima’. E não é culpa da organização, mas sim dos estados-membro que realizam os debates. Isso não faz sentido, essas coisas são inseparáveis, partem de um único conceito socioecológico, e as ciências sociais possuem habilidades específicas que nos trazem explicações sobre essa inseparabilidade”.



Heide Hackmann

Heide comentou que o relatório poderia ter sido elaborado a partir de uma lista de desafios concretos sobre água, energia, alimentos, terra, clima, organização, desmatamento, “como a maioria dos relatórios faz”, mas a opção foi fazer algo adicional: “Especificar as questões concretas exclusivas das ciências sociais que devem ser perguntadas sobre aqueles desafios, para que as contribuições dos cientistas sociais levem a soluções melhores, mais justas, sustentáveis e duráveis”.

Tópicos

De acordo com a socióloga, os seis tópicos que norteiam o relatório incitam a aspectos essenciais para a transformação das ciências sociais. O primeiro deles refere-se à complexidade e urgência características das mudanças ambientais globais e da sustentabilidade. Nesse caso, “o contexto importa e não significa apenas geografia e localização, mas também identidade pessoal e questões sobre gênero e raça, pois tem a ver com a maneira como as pessoas sentem, reagem e criam sentido sobre o que está acontecendo no mundo”. A história também tem uma contribuição importante para o entendimento “da trajetória que nos trouxe onde estamos e também da nossa compreensão do futuro e da possibilidade

de visualizar alternativas”.

O segundo tópico trata das consequências das mudanças globais em diferentes contextos geográficos, culturais e pessoais do mundo real, sobretudo em comunidades vulneráveis. “Há quem considere isso um trabalho descritivo, mas são dados que precisamos, pois há uma lacuna no mundo inteiro sobre quais são as consequências das mudanças na vida das pessoas.”

O papel dos valores, visões de mundo e sistemas de crença na interpretação das mudanças e nas respostas a elas constituem o terceiro tópico. Como exemplo, Heide citou a importância de analisar a dimensão subjetiva da natureza humana e sua compreensão do problema das mudanças.

O quarto está relacionado com as condições e visões para mudança num mundo em rápida transformação. “Muitos cientistas naturais querem saber dos cientistas sociais como podemos mudar o comportamento humano, mas a questão não envolve apenas o comportamento. Estamos lidando com práticas sociais que estão enraizadas em sistemas e instituições. Fizemos perguntas sobre como se consegue mudar aspectos sistêmicos e nesse ponto começa-se a falar de engenharia social.”

A análise de abordagens éticas e preocupações em relação ao desenvolvimento de soluções políticas para os problemas das mudanças constituem o quinto tópico. Essa parte do trabalho envolveu filósofos e cobriu a ética, a justiça e as responsabilidades. Heide disse que isso significa “pensar nas consequências de quando atuamos como cientistas ou como pessoas envolvidas em nossas práticas profissionais”.

O sexto discute novas abordagens para a governança e tomada de decisão em diferentes escalas. O foco central dessa parte são os processos de participação política e o papel dos movimentos sociais, de comunidades, do conhecimento local, do processo de democratização, do processo político e também do processo científico.

O relatório é acompanhado de estatísticas sobre a produção científica das ciências sociais em relação às mudanças. “Tentamos mostrar uma panorama do que está sendo feito ao redor do mundo e uma análise bibliométrica da pesquisa das ciências sociais sobre as mudanças.”

Processo social

Uma das mensagens do relatório, segundo a pesquisadora, é que “as mudanças ambientais globais mudam tudo, a vida urbana, o modo de vida, o jeito com que interagimos com a natureza e uns com os outros, por isso acreditamos ser preciso uma nova ciência social para a sustentabilidade, mais corajosa e portadora de uma identificação das mudanças ambientais globais como um processo social”.

Essa nova ciência social deve, segundo Heide, estar mais apta a difundir os conhecimentos para a resolução de problemas do mundo real e possuir mais cientistas direcionados para as questões ambientais, além de adotar novas formas de pensar e colocar em prática o conhecimento.

Na sua participação, Eduardo Viola disse que o relatório é muito bem-vindo e que sintetiza um momento. No entanto, elencou uma série de aspectos que, a seu ver, constituem deficiências e omissões do documento.

Viola considerou os artigos bastante desiguais em termos de qualidade, deficiência que ele atribuiu em parte ao número excessivo de autores, “que não puderam aprofundar os temas nas poucas páginas a que tiveram direito, o que também resultou em redundância no conjunto, pois cada texto teve que apresentar considerações introdutórias óbvias”.



Eduardo Viola

Antropoceno

Ele criticou também o fato de “a centralidade do conceito de Antropoceno [termo proposto pelo Prêmio Nobel de Química Paul Crutzen para designar a atualidade como uma nova época geológica, caracterizada por grandes transformações na natureza provocadas pela humanidade] não estar presente em muitos textos” e a abordagem do relatório quanto à governança ambiental: “No Antropoceno,

ampliar a qualidade dessa governança envolve incorporar o longo prazo na institucionalidade da democracia”.

Para ele, há duas dimensões novas e decisivas da democracia dadas pelo Antropoceno: a necessidade de ceder soberania para uma governança global e a disposição, no nível nacional, para equilibrar o curto prazo com o médio e o longo prazos, ou seja, “a característica de produção de bens públicos universal da democracia equilibrada com a livre articulação de interesses particulares”.

Viola disse que a maioria dos artigos parte da ideia de que o obstáculo é o fato de que antes é preciso conhecer mais sobre os problemas relacionados com as mudanças globais. Para ele, essa é uma visão equivocada, pois “há conhecimento profundo sobre os interesses econômicos que bloqueiam as transformações e conhecimento significativo, embora menor, sobre algumas características do funcionamento da mente humana média, que deveria evoluir para outro patamar, incorporando uma percepção que combinasse o curto e o longo prazos, incluindo os intermediários”.

Relações internacionais

A última crítica de Viola ao relatório foi sobre a baixa proporção de artigos baseados nas relações internacionais e na economia política internacional. “A comunidade de relações internacionais estuda, por exemplo, as dinâmicas dos principais países do mundo em termos de sua participação no ciclo do carbono, proporção de emissões de gases efeito estufa, trajetória de emissões, intensidade do carbono no PIB e capital tecnológico e humano para a inovação em descarbonização.”

Pedro Jacobi, segundo debatedor, disse se identificar com as colocações presentes no resumo em português que leu em razão de sua história de vida, mas isso não significa que “esteja satisfeito com a situação em que se encontram as ciências sociais no Brasil e na América Latina em relação ao meio ambiente”.

Comentou que sua convivência de muitos anos com cientistas sociais, naturais e de ciências da terra o faz perceber que a relação entre eles, embora tímida, começa claramente a mostrar as necessidades e os porquês da demanda por uma ciência social mais envolvida com as mudanças ambientais.

Para ele, os cientistas sociais têm o desafio de trans-

formar as respostas da métrica em respostas para que a sociedade lide com os aspectos objetivos da desigualdade e da governança e também com os temas da subjetividade e das perguntas que todos se colocam continuamente.

Aprendizagem social

Jacobi frisou que “é muito fácil usar a palavra complexidade quando estamos no contexto universitário, mas quando estamos diante de um público leigo, se começamos a usar esse tipo de palavra, é como se quiséssemos que as pessoas se afastassem do nosso campo de compreensão”. Na sua opinião, o conceito de aprendizagem social é estratégico e indutor das dimensões presentes no relatório.

De acordo com o pesquisador, primeiro é preciso avançar muito nas aprendizagens recíprocas, na redução da barreira entre as ciências naturais e as ciências sociais: “Os cientistas sociais e cientistas políticos ainda se envolveram muito pouco com o meio ambiente, algo que se pode constatar na USP. E o interessante que vejo na minha experiência com cientistas naturais é que eles estão muito mais disponíveis para ouvir os cientistas sociais do que o inverso”.



Eduardo Viola e Pedro Jacobi

Comentou que muitas instituições, inclusive aquelas de financiamento, não estão lidando apropriadamente com novas áreas de conhecimento, situação problemática inclusive para as ciências sociais. “Se isso for ressaltado publicamente, talvez possamos chamar mais a atenção para a interdisciplinaridade e as áreas de conhecimento que precisam ser interdependentes.”

Jacobi acredita que a humanidade tem potencial para reduzir riscos e introduzir, cada vez mais, uma dimensão na qual “a tecnologia não seja hegemônica, onde o mais importante seja a tecnologia social,

permitindo aos atores sociais se envolverem, mas não numa perspectiva imediatista, mas sim se abrindo para o futuro”.

Como promover mudanças nos estilos de vida? Como promover mudanças nas relações sociotécnicas? Como promover o reconhecimento da importância das comunidades locais, das comunidades indígenas, da população de menor renda? As respostas a essas questões devem ser procuradas nos espaços de diálogo e aprendizagem, segundo Jacobi, que finalizou dizendo que “o relatório é muito mais de intenções, como todo documento, mas as intencionalidades têm de se converter em políticas e práticas”.

Bibliometria

Eduardo Marques, o terceiro debatedor, informou ter participado da editoria do relatório, especialmente em relação a aspectos institucionais. “Participei a pedido da Fapesp, para localizar especialistas e temas na América Latina e no Brasil e construir uma estratégia de pesquisa bibliométrica a partir da utilização do Portal SciELO, um esforço que ajudou a incorporar um conjunto de publicações que ficariam fora do relatório e das medições bibliométricas por terem sido publicadas em espanhol ou português.”

Comentando as críticas de Viola, Marques disse que o objetivo do relatório não era reunir a melhor produção científica de temas específicos, mas sim levantar a produção de boa qualidade por meio da mobilização das mais variadas comunidades de especialistas e acadêmicos do mundo inteiro (“esforço que leva quase necessariamente a certa heterogeneidade”), além de introduzir questões politicamente, contribuindo para a disseminação de ideias e a construção de consensos.

No caso do Brasil e da América Latina, diversas questões apareceram de forma intensa, de acordo com Marques, como as migrações, os diversos padrões de exploração econômica e distribuição dos recursos naturais, as cidades e as metrópoles, os padrões de governança, a democracia, os movimentos sociais e os conhecimentos tradicionais.

Ele destacou a importância do trabalho desenvolvido pelo ISSC na articulação da comunidade de ciências sociais: “O ISSC é pouco conhecido no Brasil, mas tem um papel muito importante na disseminação, na articulação internacional das ciências

sociais e na conexão dessa comunidade com outras comunidades ligadas aos temas específicos com os quais trabalha”.

Mobilização

Ao comentar a participação dos debatedores, Heide disse que a paixão demonstrada em alguns comentários significa que o relatório cumpriu um de seus objetivos. Ela lamentou o fato de os cientistas políticos não estarem se engajando como o desejado: “Um jovem cientista político não vê os benefícios de se envolver num campo que é interdisciplinar e complexo”. Essa foi uma das razões, segundo ela, para o relatório ter sido pensado como um instrumento de mobilização e tentado ouvir tantas vozes quanto possível, para que “trouxéssemos a crítica, o engajamento, e desafiássemos a comunidade a fazer melhor”.

No entanto, disse haver no relatório exemplos de como os cientistas sociais já estão contribuindo com soluções, “e não apenas com a produção de conhecimentos novos, mas também combinando criativamente conhecimentos já existentes”.

Para Heide, muito do que foi comentado no seminário refere-se a uma postura curativa e preventiva e muitos trabalhos falam de adaptação e mitigação, mas, perguntou, “quando vamos começar a contestar e dizer que podemos fazer as coisas de maneira diferente?”.

Papel crítico

Ana Paula Fracalanza, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP, presente na plateia, solicitou que os integrantes da mesa falassem sobre o papel crítico das ciências sociais quanto ao que resulta das relações entre homem e natureza e como esse papel foi incorporado ao relatório pelos autores.

Heide respondeu que o relatório tenta indicar que há um papel crítico ligado ao desafio de reimaginar essa relação, reestruturar essa noção e incorporar a parte social, “mostrando que não são apenas processos físicos, mas também processos sociais, que tem um passado e um futuro”. Viola disse que todos os autores são críticos da situação atual e dividem-se em duas posturas, “uma com bom material conceitual e outra excessivamente normativa”.

Desigualdade

Jacobi destacou que o papel das ciências sociais é fazer uma reflexão crítica e que “a questão é o quanto

é possível avançar nessa dimensão crítica ao se observar os fatores que justificam as transformações”. Argumentou que muitas vezes há uma situação em que as práticas participativas são ignoradas e tudo é deixado num patamar associado à governabilidade, que é uma dimensão muito diversa na realidade brasileira e latino-americana. “Ao se observar a produção de conhecimento das ciências sociais sobre meio ambiente na América Latina, emergem de forma muito explícita as desigualdades e o seu papel predatório das instituições econômicas. O desafio é justamente mobilizar a sociedade para reverter esses processos e identificar os instrumentos que dispomos, conceituais e metodológicos, para isso.”

Para Jacobi, “o normativo é sempre perigoso, pois leva à prescrição e antes dela precisamos conhecer muito bem os fatores que podem promover mudanças e também os fatores que geram enorme refratariedade, ou seja, por que a sociedade ou determinadas comunidades são refratárias a certas possibilidades de mudar sua condição de vida, pois não percebem exatamente seu próprio papel no processo”.

Marques acrescentou que talvez haja uma dimensão adicional ao papel crítico das ciências sociais quanto à questão ambiental, “o de ajudar a romper a separação entre sociedade e natureza, construir uma ontologia diferente que permita aos atores sociais entender a natureza não como um outro externo e que pode receber impactos, mas como algo constantemente construído como um todo”.

Governança

Moisés solicitou à expositora e aos debatedores que comentassem se a pesquisa avançou e quanto avançou na área de produção de conhecimento sobre as questões que envolvem a governança. Para ele, essa questão é bastante complexa: “Não basta falar de governança em escala nacional. Há uma série de questões produzidas em escala internacional, por decisões de corporações ou de governos, e esse enlace entre questões de ordem internacional e nacional conduz a problemas, dúvidas e resultados com consequências muito graves para as comunidades locais”.

Heide disse que na sua área de pesquisa, que é a de política de ciência e tecnologia, a análise da questão da governança ainda está no início, ainda sem desenvolver uma paradigma de prática que acompanhe o desenvolvimento dos sistemas das ciências: “A forma como estruturamos nossas reflexões e a

questão da governança não estão no mesmo passo”.

Do ponto de vista da governança global relativa às mudanças ambientais, Viola comentou que se avançou muito no conhecimento das dificuldades, ou seja, por que está bloqueada a governança do ambiente global.

Tratados

Ele disse que nos anos 90 havia o desenvolvimento da teoria dos regimes internacionais e houve a proliferação de uma vasta literatura sobre tratados ambientais, “mas a visão era ingênua, com um superdimensionamento da capacidade de cooperação internacional e do alcance dos tratados”. Com o tempo, disse, foi se vendo que os tratados tinham muito menos densidade do que se pensava e os componentes anárquicos clássicos do sistema internacional eram mais fortes do que se imaginava no momento otimista da década de 90, no fim da Guerra Fria.

Na sua opinião, não há avanços mais profundos e que poderiam predizer o futuro. “Os estudos existentes são muito mais sobre o perfil de evolução das emissões e de desenvolvimento de tecnologias de baixo carbono nos grandes *players* do sistema.”

O debatedor disse que no nível nacional os trabalhos mais importantes tratam de duas coisas. Uma delas refere-se aos bloqueios da governança e a compartimentalização dos sistemas nacionais. “O caso brasileiro é um extremo disso, os ministérios não se falam ou possuem agendas contraditórias, com retóricas e interesses divergentes, pois são colonizados por diferentes setores da sociedade.”

Longo prazo

A outra questão, menos abordada, segundo Viola, é a dificuldade de internalização por parte da opinião pública de perspectivas de longo prazo: “Isso foi ressaltado na questão das aposentadorias. Com o aumento da perspectiva de vida, as pessoas passaram a ansiar por um período como aposentadas com qualidade de vida. Mas esse é um longo prazo ainda curto em relação aos problemas ambientais”.

Os particularismos foram sobrevalorizados nas democracias, ficando o universalismo muito baseado no bem público, na opinião do pesquisador. “Os EUA seguiram muito nessa direção, ao passo que outras sociedades conseguiram evitar essa tendência, regimes parlamentares com uma lógica diferente, com uma cultura de promoção do pensamento em

longo prazo, como a Alemanha, países escandinavos e, depois, por outras razões, Japão e Holanda.”

Viola comentou também os problemas locais. Disse que “não há uma lei que estabeleça que sociedades com maior centralização produzam maior qualidade ambiental ou que sociedades com mais descentralização os produzam. “Nos EUA, por exemplo, a descentralização oferece maior qualidade de enfrentamento de políticas públicas em alguns estados e em outros não. Lá, o forte peso do local é muito bom para a governança ambiental, o princípio da sociabilidade predomina e o local predomina sobre o nacional. Mas, na verdade, isso é muito bom para a Califórnia, para Massachusetts, Washington, Oregon, mas não para o Mississippi, Missouri ou Louisiana, onde um estado mais unitário seria mais favorável, pois esses estados possuem padrões de política ambientais e de percepção de problemas ambientais muito abaixo da média americana.”

Pós-soberanismo

Para Viola, em relação à governança internacional e a nacional, o conceito fundamental desenvolvido foi o de transição do soberanismo para o pós-soberanismo: “As sociedades com democracias de alta qualidade têm capacidade de avançar para o pós-soberanismo. Há pesquisas que identificam as mentalidades mais orientadas para o pós-soberanismo e não é segredo que quem está na frente são os países da Escandinávia”. Ele disse que esse é um ponto fundamental para a pesquisa em governança e mudanças ambientais globais, mas “há pouca pesquisa empírica no Brasil sobre isso”.

Maurício Vieira Kritz, pesquisador do Laboratório Nacional de Computação Científica, enviou pergunta à Heide via internet. No seu entender, um dos problemas com os estudos interdisciplinares é o fato de que na realidade não há pesquisadores com as mesmas visões de um tema ou agenda, mesmo entre aqueles de mesma formação e interessados num empreendimento específico. Ele quis saber de Heide como esse fato afeta os estudos ambientais em geral e o engajamento dos cientistas sociais.

Em resposta, Heide comentou que há novos processos a serem reforçados para reunir as ciências naturais e as ciências sociais: “Os pesquisadores precisam ser apoiados e demora um tempo para que surjam relações de confiança. E isso afeta não só os estudos ambientais, mas as pesquisas em todos os desafios globais que requerem equipes e metodologias interdisciplinares”.

Acrescentou que agora buscam-se pesquisas transdisciplinares, novos níveis de interação, inclusive com a participação de não acadêmicos no processo de produção de conhecimento. Também nesses casos “há relações de poder e confiança a serem estabelecidas e, novamente, processos complexos que precisam de interações e certo nível de habilidade para lidar com ele que os pesquisadores de um modo geral ainda não possuem”.

Diálogo

Complementando a resposta de Heide, Jabobi disse que na pesquisa interdisciplinar ou na transdisciplinar um dos caminhos importantes é abrir-se para ouvir o outro, ampliar o espaço de diálogo: “Verificar como é possível começar a fazer perguntas juntos e utilizar o tipo de pergunta que de alguma forma repete a diversidade e a complexidade das questões”.

Para ele, há muita discussão a respeito da palavra governança por muitos cientistas sociais, “como se ela fosse associável apenas a uma visão de órgãos internacionais da área de relações internacionais”. Comentou que antes, na área ambiental, utilizava-se o conceito de gestão, o qual, em sua opinião, encerra um componente técnico, fundamentalmente operacional, “ao passo que o de governança, tomando-se por bases argumentos das relações internacionais e da sociologia econômica, introduz a dimensão de vários atores num processo que se espera possa ser o mais democrático possível”.

Jacobi disse que o importante na questão da governança sobre os temas mais estratégicos da área ambiental é que os atores públicos e privados e os agentes econômicos negociem consensos permanentemente e “as soluções não sejam de soma zero”.

📺 **VÍDEO** goo.gl/xQHsk9

24 de novembro

LANÇAMENTO DO LIVRO “O CONGRESSO NACIONAL, OS PARTIDOS POLÍTICOS E O SISTEMA DE INTEGRIDADE”

José Álvaro Moisés e Sérgio Simoni Jr.; Gabriela de Oliveira Carneiro; Rafael Moreira Dardaque Mucinhato; José Álvaro Moisés e Beatriz Rodrigues Sanchez; Leandro Consentino; Bruno Rico; Fátima Anastásia (UFMG e PUC-MG); Claudio Couto (FGV)

O livro “O Congresso Nacional, os Partidos Políticos e o Sistema de Integridade — Representação,

Participação e Controle Interinstitucional no Brasil”, publicado pelo Núcleo de Pesquisa em Políticas Públicas (NUPPs) da USP e pela Fundação Konrad Adenauer, foi lançado em seminário no dia 24 de novembro.

Organizada pelo cientista político José Álvaro Moisés, diretor científico do NUPPs, a obra contém seis estudos sobre o desempenho das instituições de representação e sua relação com a qualidade da democracia no Brasil.



Sérgio Simoni Jr, Gabriela de Oliveira Carneiro, Rafael Moreira Dardaque Mucinhato, José Álvaro Moisés, Cláudio Couto e Bruno Rico

Os autores do livro fizeram as seguintes apresentações (correspondentes aos capítulos da obra) no seminário:

- “Um Índice para Medir a Força do Legislativo” — José Álvaro Moisés (NUPPs e IEA) e Sérgio Simoni Jr. (Neci e Cebrap)
- “Consenso e Representação na Democracia: Uma Análise Individual e Sistêmica do Apoio aos Partidos Políticos em Perspectiva Comparada” — Gabriela de Oliveira Carneiro (NUPPs)
- “Quem São os Deputados Brasileiros? Um Balanço do Perfil Biográfico de 1986 a 2012” — Rafael Moreira Dardaque Mucinhato (NUPPs)
- “Representação Política das Mulheres e Qualidade da Democracia: O Caso do Brasil” — José Álvaro Moisés (NUPPs e IEA) e Beatriz Rodrigues Sanchez (NUPPs)
- “O Controle Externo do TCU e suas Funções de Accountability no Debate da Qualidade da Democracia” — Leandro Consentino (Insper, Fundação Mário Covas e NUPPs)
- “O Papel do Controle Interno no Combate à Corrupção: A Experiência da Controladoria-Geral da União no Executivo Federal Brasileiro” — Bruno Rico (NUPPs)

O lançamento foi uma realização do NUPPs e do

Grupo de Pesquisa Qualidade da Democracia do IEA, coordenado por Moisés. O público presente no lançamento recebeu exemplar gratuito do livro, cuja edição digital pode ser baixada no site da Fundação Konrad Adenauer.

Atuação de parlamentares

Segundo Moisés, o livro é uma contribuição para a agenda de pesquisas empíricas da democracia que vêm sendo realizadas no Brasil nos últimos 25 anos, ou seja, desde a promulgação da Constituição Federal em 1988. Com o apoio da Fundação Konrad Adenauer, o estudo envolveu o trabalho de dois pesquisadores seniores e seis assistentes — estudantes de graduação e de pós-graduação do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP — em torno da atuação de deputados e senadores brasileiros durante as legislaturas de 1995/1998, 1999/2002, 2003/2006 e 2007/2010. Os bancos de dados foram organizados a partir das informações cedidas pelo Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados.

O livro apresenta resultados parciais de estudos que examinaram o papel do Congresso Nacional, o perfil e o desempenho dos representantes eleitos e o apoio dos brasileiros aos partidos políticos. Moisés explica que as análises adotam uma perspectiva comparativa com outros países da América Latina e com casos recentes de democratização. O objetivo é “avaliar e mensurar a qualidade da democracia brasileira e, nesse sentido, avançar também no exame da representação política das mulheres e do papel do Tribunal de Contas da União e da Controladoria-Geral da União como parte do sistema de integridade que interage com o Congresso Nacional”.

Accountability

Essas dimensões de funcionamento do regime democrático são vistas no estudo como essenciais para a mensuração da qualidade da democracia, “em especial no que se refere aos conceitos de *accountability*¹ (horizontal e vertical) e de responsividade”, de acordo com Moisés. O que está em questão, em úl-

1 Palavra da língua inglesa sem correspondente em português. Segundo José António Gomes de Pinho e Ana Rita Silva Sacramento, em artigo publicado na edição de novembro/dezembro de 2009 da “Revista de Administração Pública”, o significado do conceito de *accountability* “envolve responsabilidade (objetiva e subjetiva), controle, transparência, obrigação de prestação de contas, justificativas para as ações que foram ou deixaram de ser empreendidas, premiação e/ou castigo”.

tima análise, comenta o organizador na apresentação do livro, é o modo como o parlamento e os partidos políticos desempenham, por uma parte, a sua função de representação, isto é, como mecanismos através dos quais as preferências dos eleitores são levadas em conta pelo sistema político, e, por outra, o seu papel como organismos de fiscalização e controle através dos quais a sociedade limita os riscos de abuso no poder.

“Enquanto a função de representação organiza as relações entre maiorias e minorias políticas com base no princípio de decisões majoritárias, a missão relativa ao conceito de *accountability* interinstitucional tem o papel de atualizar as informações com as quais os eleitores fazem a sua escolha.” Moisés ressalta que esta é a razão de a representação ser vista no estudo como “um condicionante extremamente importante da participação política”.

📺 **VÍDEO** goo.gl/lz821Z

Destaque

PROGRAMA DE ENTREVISTAS “A QUALIDADE DA DEMOCRACIA EM QUESTÃO”

Produzido pelo Grupo de Pesquisa Qualidade da Democracia do IEA e pelo Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas (NUPPs) da USP, em parceria com a Uversita - Universidade Aberta, o programa é dirigido e apresentado por José Álvaro Moisés, professor da FFLCH, diretor científico do NUPPs e coordenador do grupo de pesquisa do IEA.

27 de janeiro

FRANCISCO WEFFORT

José Álvaro Moisés, Carlos Melo e Francisco Weffort

José Álvaro Moisés e Carlos Alberto de Melo, professor do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), pesquisador associado do NUPPs e integrante do grupo de pesquisa do IEA, entrevistaram o cientis-



ta político Francisco Weffort, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, ex-ministro da Cultura (1995-2002) e colunista do site Qualidade da Democracia, do qual é um dos fundadores.

📺 VÍDEO goo.gl/nZzGzt

24 de fevereiro

MINO VIANELLO

José Álvaro Moisés (IEA e NUPPs) e Elizabeth Balbachevsky (FFLCH-USP)



José Álvaro Moisés e José Veríssimo Romão Neto, pesquisador do Nupps, entrevistam o pesquisador da Universidade de Roma “La Sapienza” Mino Vianello, que falou sobre gênero, poder e democracia.

📺 VÍDEO goo.gl/GT9Geb

Publicações

Em 2014, José Álvaro Moisés organizou a obra “O Congresso Nacional, os Partidos Políticos e o Sistema de Integridade: Representação, Participação e Controle Interinstitucional no Brasil Contemporâneo”. *Mais informações na pág. 63.*

Serviços de Ecossistemas



Coordenação: Jean Paul Walter Metzger

Membros: Antonio Mauro Saraiva, Dora Ann Lange Canhos, Humberto Ribeiro da Rocha, Tereza Cristina Giannini e Vania Regina Pivello e Vera Lúcia Imperatriz Fonseca

O grupo foi criado em 2008 pelo então diretor, professor César Ades, com o objetivo de iniciar os trabalhos focalizando o tema “Polinizadores no Brasil e serviços ambientais”, sob a coordenação de Vera Lucia Imperatriz-Fonseca (IB-USP). A partir de dezembro de 2014, a coordenação passou a ser do professor Jean Paul Walter Metzger.

Objetivos

Desde 2012, o grupo tem o objetivo de expandir as discussões sobre Serviços de Ecossistemas, analisando não somente a polinização, mas o impacto que as mudanças na paisagem, no clima e na biodiversidade pode causar nesses Serviços. Visa também sugerir políticas públicas e auxiliar na tomada de decisões, inserindo a pesquisa em uma perspectiva mais ampla, integrando aspectos sociais, econômicos e ecológicos.

A Evolução das Universidades: Desafios Contemporâneos



Coordenação: Carlos Alberto Barbosa Dantas

O presente projeto visa historiar e discutir, de maneira crítica, o papel das universidades desde sua criação até a contemporaneidade, com o objetivo de compreender as transformações mais recentes que vem impactando as instituições de ensino superior em todo mundo e, em especial, no Brasil. Isto se faz necessário em decorrência da velocidade das mudanças sócio-econômicas atreladas ao uso intenso das tecnologias de informação e comunicação

(TICs), que se aceleraram sobremaneira com o advento da internet e da world wide web e que vem causando grande impacto nos sistemas de ensino. A evolução de equipamentos e softwares no campo das comunicações nas últimas décadas – e sua utilização na internet – provocaram uma verdadeira revolução nos sistemas produtivos e propiciaram um modo de comunicação até então desconhecido por Estados, empresas e instituições de ensino superior.

Unesco de Educação para Paz, Direitos Humanos, Democracia e Tolerância



Coordenação: Sergio Adorno

Membros: Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer, Dina Lida Kinoshita, Fernando Mussa Abujamra Aith, Flávia Inês Schilling, Gustavo Augusto Soares dos Reis, José Gregori, Lília Blima Schraiber, Paulo Cesar Endo e Rossana Rocha Reis

O acordo para instalação da cátedra Unesco de Educação para a Paz, Direitos Humanos, Democracia e Tolerância da USP foi assinado na sede da Unesco, Paris, em 31 de dezembro de 1995, e sua inauguração na USP aconteceu em 26 de abril de 1996. Foi a primeira cátedra da Unesco a ser instalada em um país de língua portuguesa. Os ex-coordenadores da cátedra são José Mario Pires Azanha, da Faculdade de Educação (FE); Paulo Sérgio Pinheiro, do Núcleo de Estudos da Violência (NEV) e Dalmo de Abreu Dallari, da Faculdade de Direito (FD), todos da USP. O atual coordenador é Sergio Adorno, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

Objetivos

Formular, coordenar, executar e divulgar projetos ligados à temática, bem como colaborar e participar com outras instituições voltadas ao assunto. Publicar textos no âmbito do ensino fundamental, médio e superior, além de outras atividades que contribuam com seus objetivos.

Encerramento

Em 31 de outubro, após 19 anos, a Cátedra encerrou suas atividades na USP.

Projeto Cartografia de Direitos Humanos de São Paulo

Muitos direitos atuais são resultados de manifestações e intervenções da população pelas ruas das cidades brasileiras. As lutas pelo reconhecimento e efetivação da igualdade de raça, sexo, gênero, o movimento antimanicomial, a luta pelas diretas, a resistência às ditaduras, a luta pela moradia, pela livre expressão, entre outras, deixaram suas marcas na cidade de São Paulo. No entanto, poucas pessoas conhecem essas histórias, e como consequência, classificam os direitos humanos conquistados como mera benesse do Estado.

O projeto Cartografia de Direitos Humanos de São Paulo nasceu da preocupação em encontrar uma forma de abordar as questões relacionadas a direitos humanos que fosse capaz de sensibilizar a sociedade e atrair sua atenção para o tema. A partir de experiências internacionais bem sucedidas, como o Museu da Memória e dos Direitos Humanos, em Santiago, no Chile, ou o programa Visualizing Human Rights, da Universidade da Carolina do Norte, procurou-se abordar a questão dos direitos humanos de forma mais “atraente”, recorrendo, para isso,



Identidade visual desenvolvida por alunos da ECA-USP

a diferentes áreas do conhecimento, como história, urbanismo, sociologia, ciência política, publicidade, jornalismo, e distintas expressões artísticas, como fotografia, dança, poesia/literatura, artes gráficas e artes plásticas.

O projeto foi idealizado e coordenado por Rossana Rocha Reis, membro do conselho da Cátedra e docente do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) e do Instituto de Relações Internacionais

(IRI), ambos da USP.

Realizações

Para promover o resgate histórico, o projeto selecionou os lugares, em São Paulo, que sediaram as lutas e conquistas pelos direitos humanos e, para cada um dos marcos selecionados, foram produzidos textos de referência, coletadas fotografias e colhidos depoimentos com jornalistas, militantes sociais e ativistas que vivenciaram a prática dos direitos humanos em São Paulo.

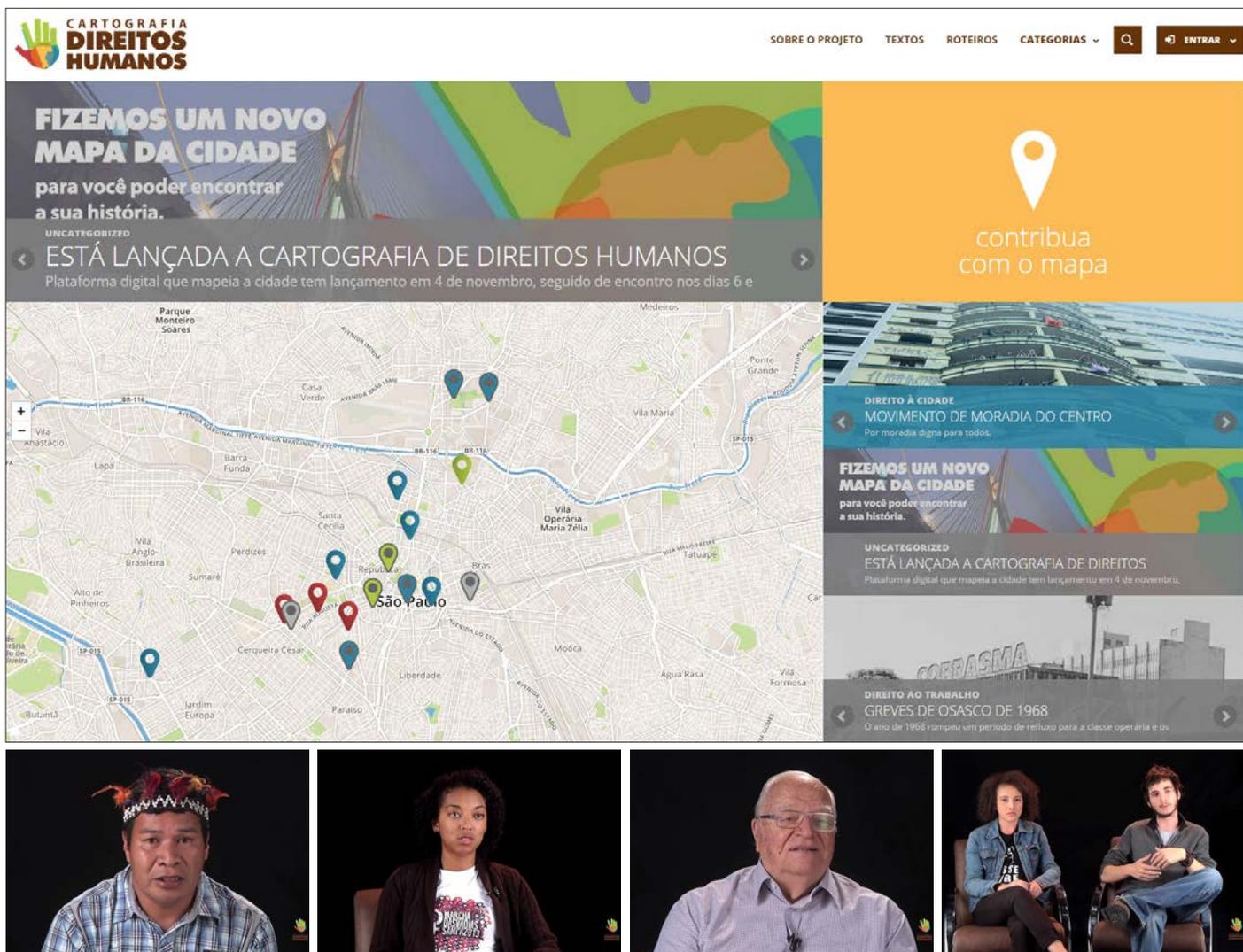
Combinando o conhecimento da história e da geografia da cidade com a arte, as ciências sociais e a utilização de novas mídias, todo o material produzido deu origem à plataforma digital Cartografia de Direitos Humanos de São Paulo (cartografiadh.iea.usp.br), que georreferencia os marcos e apresenta roteiros de visitação por região e por tema. O sistema permite, também, que novos marcos sejam adicionados e, assim, abranja um número ainda maior de conquistas.

Os marcos selecionados e as pessoas entrevistadas da primeira fase do projeto estão relacionados na tabela abaixo.

Parcerias e Apoios

O projeto foi contemplado no Edital 2013 da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP e contou com as parcerias do Centro Universitário Maria Antonia e do Ministério Público Federal - Procuradoria Regional da República - 3ª

| Marco / Entrevistado |
|---|
| Movimento Negro Unificado (MNU) - Milton Barbosa |
| União de Núcleos de Educação Popular para Negras, Negros e Classe Trabalhadora (UNEafro) - Douglas Belchior |
| Terras Indígenas Tenondé Porã - Jerá Giselda Guarani e Marcos Tupã |
| Movimento de Moradia do Centro (MMC) - Luiz Gonzaga (Gegê) |
| Jornadas de Junho de 2013 - Marcelo Hotimsky e Letícia Cardoso |
| Praça Kantuta e a Marcha dos Imigrantes - Paulo Illes |
| Oboré - Sérgio Gomes |
| Central Única dos Trabalhadores (CUT) e Greves de Osasco - Waldemar Rossi |
| Núcleo de Estudos da Violência (NEV) - Sergio Adorno |
| Exposição do MPF (Re) Conhecer... Para Nunca Esquecer! - Inês Virgínia Prado Soares |
| Ato Ecumênico de 1975 em homenagem à Vladimir Herzog - José Gregori |
| Casa Comissão Justiça e Paz - Margarida Genevois |
| Massacre do Carandiru - Belisário dos Santos Jr. |
| Batalha da Maria Antônia - Célia Galvão Quirino |
| Sarau do Binho - "Binho" |
| Parada LGBT - Fernando Quaresma |
| Marcha das Vadias - "Rebeca" |
| União de Mulheres de São Paulo e Jornal Brasil Mulher |



No alto, homepage do site do projeto (www.cartografiadh.iea.usp.br) e embaixo, alguns dos depoentes

Região. A gravação dos depoimentos foi realizada com o apoio da TV Alesp, da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, e a identidade visual foi desenvolvida pela turma 2012 de Publicidade e Propaganda da Escola de Comunicações e Artes da USP, sob a orientação do professor Dorinho Bastos.

Também apoiaram as atividades a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o Centro de Estudos Hannah Arendt, a Comissão da Verdade do Estado de São Paulo - Rubens Paiva, o Departamento de Ciência Política da FFLCH e o Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da USP.

Equipe

Coordenação geral: Rossana Rocha Reis
 Coordenação-executiva: Rafael Borsanelli
 Conteúdo: Amanda Kamanckek
 Curadoria: André Bueno e Carolina Brandão

Equipe: Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer, Dina Lida Kinoshita, Fernando Aith, Flávia Inês Schilling, Gus-

tavo Augusto Soares dos Reis, José Gregori, Paulo Cesar Endo, Sergio Adorno (membros da Cátedra Unesco de Educação para a Paz, Direitos Humanos Democracia e Tolerância), Martin Grossmann (diretor do IEA), Moacyr Ayres Novaes (pró-reitor adjunto de Extensão Universitária).

Equipe Casa da Árvore: Gabrielle Bonato Parra, Gustavo Faggiani, Jonny Cesar Florencio Manuel, Marina Keunecke, Nathalia Santos Andrijic, Rhuan de Oliveira Pereira, Rodrigo Piloto Moreti e Dorinho Bastos (orientador).

Atividades

Ao longo do ano, o projeto também realizou algumas atividades acadêmico-culturais com o objetivo de estimular a sociedade a entender o significado dos direitos humanos. Mostras, oficinas, workshops e mesas-redondas promoveram o diálogo e a reflexão por meio do grafite, da fotografia, literatura, dança e artes plásticas. Confira a seguir as atividades realizadas.

31 de março

EXPOSIÇÃO (RE)CONHECER... PARA NUNCA ESQUECER!

Inês Soares (MPF), Pedro Barbosa Pereira Neto (MPF), Sergio Adorno (IEA, NEV, FFLCH), Rossana Rocha Reis (IEA, FFLCH, IRI), Geovaldo José de Jesus "Gejo" (grafiteiro) e André Bueno (fotógrafo)

Ministério Público Federal de São Paulo

Primeira ação do projeto Cartografia de Direitos Humanos de São Paulo, a exposição foi desenvolvida em parceria com o Ministério Público Federal de São Paulo (PRR3). A intervenção consistiu na elaboração de dois painéis cujo tema foi os 50 anos do golpe militar de 1964. A obra foi pensada e desenvolvida por um coletivo de grafiteiros de São Paulo.

📺 **VÍDEO** goo.gl/zA1AGD



Rogério Sotilli, Inês Soares e Rossana Rocha Reis

6, 13 e 20 de maio

OFICINA DE LITERATURA - 1ª EDIÇÃO

Ana Rüsche (FFLCH) e Laura Mascaro (FFLCH)

Centro Universitário Maria Antonia

Curso gratuito de direitos humanos e escrita criativa com o título "A Narrativa Revela o Sentido, Sem Cometer o Erro de Defini-lo", baseado no pensamento de Hannah Arendt acerca da narrativa.

Os participantes tiveram contato com materiais re-



Primeira aula da oficina de literatura

presentativos de situações de violação dos direitos humanos (textos teóricos e literários, filmes e trabalhos artísticos) e produziram textos a partir da perspectiva de uma personagem que tenha vivenciado alguma situação em que direitos humanos estivessem em questão.

7 de setembro, 4 e 11 de outubro

OFICINA FOTOGRAFIA E MEMÓRIA EM DIREITOS HUMANOS

André Bueno (fotógrafo), Douglas Mansur (fotógrafo), Epitacio Pessoa (fotógrafo) e Rosa Gauditano (fotógrafa)
Centro Universitário Maria Antonia

Parte integrante do projeto Cartografia de Direitos Humanos de São Paulo, o curso teve como objetivo discutir a fotografia e a comunicação em direitos humanos em diálogo com fotógrafos humanistas, que zelam pela dignidade humana e tem o humano como maior fonte de inspiração em suas relações, representações estéticas e modos de trabalho.

Para isso, houve apresentações teóricas e de técnicas básicas, e os fotógrafos convidados compartilharam suas experiências e relatos sobre seus trabalhos e modos de ver o mundo. Além de trocas entre fotógrafos e participantes, foram propostos exercícios livres de reflexão e produção fotográfica em direitos humanos durante e após o curso.

O curso foi dividido em três partes, coordenadas por André Bueno: no primeiro momento, apresentação do curso e breve apresentação do Projeto Cartografia de Direitos Humanos e Curadoria da Exposição Fotográfica em andamento; no segundo momento, apresentações teóricas e de linguagem fotográfica, diálogos com fotógrafos convidados e estímulo para produção fotográfica a ser realizada individual ou coletivamente pelo grupo; por fim, apresentação de trabalhos, leituras e avaliação do curso.

21, 22 e 29 de outubro

OFICINA DE LITERATURA - 2ª EDIÇÃO

Ana Rüsche (FFLCH) e Laura Mascaro (FFLCH)

Sala Dutra Rodrigues, Faculdade de Direito da USP

3 a 5 de novembro

WORKSHOP INTERNACIONAL DE ARTE-MEMÓRIA

Andreas Knitz (artista plástico) e Horst Hoheisel (artista plástico)

Centro Universitário Maria Antonia

O *Workshop Internacional de Arte-Memória* foi destinado a artistas, estudantes e público em geral interessado em arte, memória e direitos humanos.

Objetivos

- Sensibilizar os cidadãos da importância das lutas pela promoção e garantia dos direitos humanos;
- Apresentar um panorama da arte-memória no mundo contemporâneo por meio da discussão de trabalhos selecionados;
- Realizar um trabalho coletivo sobre alguns dos principais marcos de memória selecionados para o projeto.

📺 VÍDEO goo.gl/Gv6Z4Z



Alunos durante a oficina (Foto: Fulvia Molina)

4 de novembro

CARTOGRAFIA DE DIREITOS HUMANOS DE SÃO PAULO – LANÇAMENTO

Martin Grossmann (ECA e IEA), Moacyr Novaes (FFLCH e PRCEU), Rossana Rocha Reis (Cátedra Unesco e FFLCH), Sergio Adorno (Cátedra Unesco e FFLCH)

Centro Universitário Maria Antonia

A Cátedra Unesco de Educação para Paz, Direitos Humanos, Democracia e Tolerância e o IEA promoveram o lançamento da plataforma digital Cartografia de Direitos Humanos em São Paulo.

Contemplado no Edital 2013 da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, o projeto Cartografia de Direitos Humanos de São Paulo resgata lugares que sediaram as lutas e as conquistas por direitos humanos na cidade de São Paulo. Para cada marco selecionado, foram colhidos depoimentos, imagens e textos que auxiliam na (re)construção da sua história e que, agora, podem ser consultados na plataforma online. O sistema permitirá, também, que novos marcos sejam adicionados e, assim, abranja um número ainda maior de conquistas.

📺 VÍDEO goo.gl/E8tW1X



Cerimônia de lançamento do projeto

4 de novembro a 5 de janeiro

EXPOSIÇÃO MARCAS - IMAGENS DE SÃO PAULO

Centro Universitário Maria Antonia

A exposição *Marcas - Imagens de São Paulo* teve o intuito de apresentar o resultado da pesquisa iconográfica sobre a história das lutas e das conquistas por direitos humanos que marcaram a cidade de São Paulo.

Com curadoria de André Bueno e Monica Alves, a exposição reuniu acervo de diversas fontes, tais como de museus e outras organizações, artistas, militantes e repórteres. Como temática, destacou a resistência dos movimentos populares, dos trabalhadores, dos estudantes, dos homens e das mulheres que lutaram e lutam contra a desigualdade social. A exposição resgatou e tornou acessível a preservação da memória dos direitos humanos, da identidade e da liberdade de expressão, por meio da fotografia artística e documental. A iniciativa buscou estimular a sociedade a refletir sobre o significado dos direitos humanos, entendendo a linguagem fotográfica como direito e potencial para o desenvolvimento humano.



Exposição no Centro Universitário Maria Antonia (Foto: Thamy Cabral)

6 e 7 de novembro

MESAS-REDONDAS MEMÓRIA, ARTE E EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Participantes: *vide programação*

A série de mesas-redondas discutiu o papel das artes na educação em direitos humanos. Especialistas de várias áreas debateram sobre literatura, dança, cinema, imagem e artes plásticas.

Programação

6 de novembro

10:00 Imagem: Memória, arte e educação em direitos humanos: Rossana Rocha Reis (FFLCH, IRI e IEA - USP), Marcio Seligmann (Unicamp), Tania Rivera (UFF), Janaina Teles (FFLCH-USP e IEVE)

14:00 Cinema: Memória, arte e educação em direitos humanos: Vanessa Berner (UFRJ), Ismail Xavier (USP), João Batista de Andrade (cineasta)

17:00 Artes plásticas: Memória, arte e educação em direitos humanos: Martin Grossman (ECA e IEA - USP), Moacir dos Anjos (Fundação Joaquim Nabuco), José Rufino (artista e escritor), Leila Danziger (UERJ)

7 de novembro

10:00 Literatura: Memória, arte e educação em direitos humanos: Paulo Endo (IP-USP), Laura Mascaro (FFLCH-USP), Ana Rusche (FFLCH-USP), Paloma Vidal (Unifesp), Roberto Zular (USP), Karl Erik Schollhammer (PUC-RJ)

14:00 Memoriais, monumentos, museus: Memória, arte e educação em direitos humanos: Marcio Seligmann (Unicamp), Ricardo Brodsky (Museo de la Memoria y los Derechos Humanos - Chile), Fulvia Molina (artista plástica), Horst Hoheisel (artista plástico), Andreas Knitz (artista plástico)

17:00 Dança: Memória, arte e educação em direitos humanos: Carolina Coelho Brandão (bailarina), Marika Gidali (Ballet Stagium), Cássia Navas (Unicamp)

📺 [VÍDEO goo.gl/IPMk11](https://goo.gl/IPMk11)



Expositores da mesa “Memoriais, monumentos, museus”

Outros Eventos

12 a 14 de novembro

MEMÓRIA, MEMORIAIS E O FUTURO DAS DEMOCRACIAS

Participantes: *vide programação*

Sala de Eventos do IEA

No seminário *Memória, Memoriais e o Futuro das Democracias* foram apresentadas algumas contribuições recentes de pesquisa sobre a construção, consolidação e preservação da memória social e política no Brasil, Argentina e África do Sul.

De acordo com os organizadores, a proposta fundamental do encontro foi colocar em diálogo o trabalho realizado pelos memoriais e museus e as pesquisas sobre a memória — que se apoiam em estratégias e metodologias distintas — e, com isso, “capturar o incapturável: traços, restos, reminiscências que, de certo modo, recusam sua própria duração”.

Quando aplicada à memória, a ação de preservar, manter e conter revela, segundo eles, “os esforços de permanência diante de tudo que resistiu à plena objetivação para ser encontrado dispersamente nos corpos, nos testemunhos, nas rasuras e sobras arquiváveis e nas falhas do lembrável”.

O seminário foi uma realização da Cátedra Unesco de Educação para a Paz, Direitos Humanos, Democracia e Tolerância do IEA e do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos (Diversitas) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, com apoio do CNPq, Fapesp e de duas unidades da USP: Faculdade de Educação (FE) e Instituto de Psicologia (IP).

Programação

12 de novembro

15:00 Reunião entre organizadores, comissão e convidados estrangeiros

19:00 Mesa de abertura: Memória, Memoriais e o Futuro das Democracias - Flavia Schilling (FE e IEA - USP), Paulo Endo (IEA e IP - USP), Sergio Adorno (FFLCH e IEA - USP), Zilda Iokoi (FFLCH-USP)

20:00 Recital com a Camerata de Violões de Campinas

13 de novembro

10:00 Mesa I: Memória das Mulheres: Corpo e Resistência - Flavia Schilling (FE e IEA - USP), Janine Gomes da Silva (UFSC), Graciela Jorge (Secretaria de Direitos Humanos para o Passado Recente da Presidência da República do Uruguai), Susel Oliveira da Rosa (UFPB)

15:00 Mesa II: Memória, História e Cultura do Testemunho - José Sergio de Carvalho (FE-USP), Janaína de Almeida Teles (FFLCH-USP e IEVE), Marcio Selligmann-Silva (Unicamp), Katia Neves (Memorial da Resistência de São Paulo)

14 de novembro

10:00 Mesa III: História, Memória e Cultura - Flavia Schilling (FE e IEA - USP), Deisy Ventura (IRI-USP), Eduardo Bittar (FD-USP), José Antonio Vasconcelos (FFLCH-USP)

15:00 Mesa IV: Memoriais, Arquivos e Democracias - Paulo Endo (IEA e IP - USP), Lila Victoria Pastoriza (exESMA), Garth Stevens (University of the Witwatersrand e Apartheid Archive Project), Umesh Laloo Bawa (University of the Western Cape)

18:00 Encerramento



Umesh Laloo Bawa, Lila Victoria Pastoriza, Paulo Endo e Garth Stevens

📺 **VÍDEO** goo.gl/JVqcmS

Bernardo O'Higgins



Coordenação: Maria Helena Rolim Capelato

O convênio (2013–2018) têm por objeto a reedição da Cátedra Bernardo O'Higgins nas áreas de Ciências Sociais e Humanidades, a fim de promover o intercâmbio de docentes/pesquisadores, estudantes de pós-graduação, estudantes de graduação (com reconhecimento mútuo de estudos de graduação) e membros da equipe técnico-administrativa das respectivas instituições.

As atividades do programa são:

1. Intercâmbios Acadêmicos;
2. Atividades comuns de investigação;
3. Participação em seminários e encontros acadêmicos;
4. Intercâmbio de materiais acadêmicos e outros;
5. Intercâmbio de estudantes, de acordo com a cláusula primeira.

Justificativa

Possibilidade de integração entre duas instituições internacionais latino-americanas que compartilham preocupações e interesses comuns no campo do ensino e pesquisa.

Prazo

5 Anos (outubro de 2013 a outubro de 2018)

Polos

Polo Ribeirão Preto



Coordenador: Rudinei Toneto Junior

Atividades

25 de fevereiro

1º ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Anfiteatro Dr. Ivo Torres, Bloco A, FEA-RP

No dia 25 de fevereiro foi realizado o *1º Encontro Internacional Sobre Educação Inclusiva “Transcendendo fronteiras: as contribuições do Projeto Roma para a educação brasileira”*. O evento contou com uma mesa redonda e teve como convidado Miguel Lopez Mello, coordenador do Projeto Roma e professor da Universidade de Málaga, Espanha.

O Projeto Roma tem como foco as condições de vida de pessoas com deficiência e considera as possibilidades de apropriação de ferramentas culturais, como a linguagem, a partir do potencial de desenvolvimento humano. O projeto visa a oferecer essas ferramentas, garantindo oportunidades de superação das dificuldades.

O encontro foi uma realização da Associação Síndrome de Down de Ribeirão Preto (Ribdown) e contou com o apoio do Polo Ribeirão Preto.

13 de março

O PENSAMENTO CIENTÍFICO: DA ELABORAÇÃO DA HIPÓTESE À DIFUSÃO DO CONHECIMENTO

Anfiteatro Prof. Dr. Ivo Torres, Bloco A, FEA-RP

O objetivo da mesa-redonda foi discutir como se faz ciência no Brasil, com especial enfoque na evolução do pensamento científico, debatendo assuntos como a elaboração de hipóteses e perguntas relevantes, estabelecimento de protocolos experimentais, coleta de dados e extrapolação de resultados.

O evento teve início com o professor Ricardo Felício (FFLCH-USP) realizando a palestra *Ciência sem Evidência: O Caso do ‘Aquecimento Global’*, que discutiu metodologia científica e interpretação de dados.

Em seguida, o professor Gabriel Arisi (Unifesp) debateu a *Neurociência e a Hipótese Relevante*, analisando como as mudanças de paradigma ocorreram ao longo da história e de que forma foi possível comprovar com experimentação as novas propostas de funcionamento do sistema nervoso.

O professor Gildo Magalhães (FFLCH-USP) encerrou a etapa de apresentações com a palestra *As controvérsias científicas na História*, traçando uma perspectiva histórica da evolução do pensamento científico. Após as apresentações, houve debate entre o público e os palestrantes.

O evento foi uma realização do Grupo de Estudos Reflexões em Neurociência Contemporânea, vinculado ao Polo Ribeirão Preto.

13 e 14 de março

III SEMANA NACIONAL DO CÉREBRO

Dentro da programação da *III Semana Nacional do Cérebro (Brain Awareness Week)*, o Grupo de Estudos Reflexões em Neurociência Contemporânea promoveu no dia 13 a palestra *Bridging the Gap from Emotion to Health: A Synthesis on Vagal Function*, com Andrew H. Kemp da University de Sidney, Austrália.

No dia 14 de março, ocorreu o *Simpósio em Neuropsiquiatria*. O evento contou com a coordenação de Norberto Garcia Cairasco (FMRP-USP) e abordou as neurociências, artes, saúde, estresse e doenças mentais.

Iniciando as apresentações, o professor Kemp expôs a relação entre a saúde física e mental, enquanto que o professor Mario Juruena (FMRP-USP) discorreu sobre o estresse e as doenças mentais. Concluindo o simpósio, o professor Cairasco fez a apresentação *A relação da neurociência com as artes*.

Fizeram parte da organização o Programa de Pós-Graduação em Fisiologia da FMRP-USP e o Programa de Assistência, Ensino e Pesquisa em Estresse, Trauma e Doenças Afetivas (EsTraDA).



Norberto Garcia Cairasco durante sua exposição

28 de março

NEUROCIÊNCIAS E COMPLEXIDADE: CONCEITOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Auditório do Centro de Informática da USP Ribeirão Preto (Cirp)

O evento teve moderação do professor Norberto Garcia Cairasco (FMRP-USP) e abordou as estratégias para lidar com os desafios associados à complexidade das patologias cerebrais, entre elas as epilepsias.

Iniciando as atividades, Márcio Flávio D. Moraes (UFMG) realizou a palestra *Codificação Neural: que língua falam os neurônios?* e Vinícius Rosa Cota (UFSJ) fez a exposição *Caracterização do Sincronismos Neurais para o Tratamento das Epilepsias*.



Apresentação de Vinícius Rosa Cota

A etapa de palestras foi encerrada por Cairasco, com a apresentação *Neurociências, Complexidade e Funções Emergentes*, em seguida, houve debate entre o público e os palestrantes.

A mesa-redonda fez parte das atividades do Grupo de Estudos Reflexões em Neurociência Contemporânea, coordenado por Norberto Garcia Cairasco.

14, 15 e 16 de abril

VII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RORSCHACH E MÉTODOS PROJETIVOS

Faculdade de Direito de Ribeirão Preto

O Congresso teve como objetivo propiciar um espaço para amplos debates, avanços e difusão do desenvolvimento científico da área da avaliação psicológica, em especial, os métodos projetivos.

A ideia foi promover a psicologia nos âmbitos sociais, atendendo as demandas atuais e difundindo o uso dos métodos projetivos, pautando-se em princípios éticos que envolvam o cuidado e a formação do profissional.

As discussões atuais sobre os métodos projetivos e as demais técnicas de avaliação psicológica exigem dos psicólogos o aprimoramento dos fundamentos epistemológicos, teóricos e técnico-científicos, com o objetivo de responder às demandas contemporâneas de utilização e das práticas dos métodos projetivos em diversos contextos da avaliação psicológica.

Desse modo, o congresso representou um significativo avanço conceitual e metodológico da área. Além disso, configurou-se como um instrumento de ensino e formação de estudantes e profissionais, bem como representou uma oportunidade para atualização contínua de novos saberes e práticas.

O evento contou com o apoio do Polo Ribeirão

Preto do IEA, da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, do Departamento de Psicologia, da Comissão de Pesquisa e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP).



Participantes consultam os painéis apresentados no congresso

25 de abril

PIONEIROS DA FÍSICA MÉDICA NO BRASIL

Departamento de Física, USP Ribeirão Preto

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e o Departamento de Física da USP Ribeirão Preto, com o apoio do Polo Ribeirão Preto, promoveram no dia 25 de abril mais um evento da série *Pioneiros da Física Médica no Brasil*. O evento foi uma homenagem ao professor Shiguelo Watanabe e foi aberto por Marcelo Mulato, chefe do Departamento de Física da USP Ribeirão Preto.

Após a abertura, Carlos Eduardo de Almeida (Laboratório de Ciências Radiológicas da UERJ) realizou a palestra *Avanços Tecnológicos em Radioterapia*. Em seguida, Sérgio Mascarenhas (Instituto de Física de São Carlos da USP) entregou o prêmio Janus ao professor Shiguelo.

Encerrando as atividades, os professores do Departamento de Física Thomas Ghilardi Netto e Oswaldo Baffa deram seus depoimentos sobre a carreira e



Shiguelo Watanabe e Sergio Mascarenhas

a importância do professor Shiguelo para o desenvolvimento da física médica no Brasil.

21 de maio

TECNOLOGIA E SAÚDE

Auditório do Centro de Informática da USP Ribeirão Preto

O objetivo da mesa-redonda foi explorar e debater as possibilidades do avanço tecnológico no campo da saúde, mais especificamente nas áreas da robótica, inteligência artificial e telemedicina.

O evento foi moderado pelas professoras Valéria Carril Elui e Carla Santana (ambas da FMRP-USP) e a primeira apresentação foi de Roseli Francelin (ICMC-USP), que abordou a utilização de robôs humanoides no auxílio de sessões de fisioterapia. Seguindo a programação, Bertrand Douet, sócio-fundador da Acto, demonstrou como a tecnologia pode favorecer a independência e melhorar a qualidade de vida de populações vulneráveis. Adriano Siqueira (EESC-USP) concluiu as exposições com a palestra *Robótica Aplicada à Reabilitação Motora*, seguida por um debate entre os pesquisadores e o público. O evento foi organizado pelo Polo Ribeirão Preto no dia 21 de maio e teve o apoio do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação e da Escola de Engenharia de São Carlos da USP.

30 de maio

EMPREENDEDORISMO NO AMBIENTE ACADÊMICO

Auditório do Centro de Informática da USP Ribeirão Preto

O evento teve como tema a disponibilização do conhecimento produzido dentro do ambiente acadêmico para a sociedade, enfatizando-se o apoio e a estrutura oferecida pela USP e o Supera, parque tecnológico instalado no Campus de Ribeirão Preto.

O professor Antonio Adilton Carneiro (FFCLRP-USP) abriu o evento e Flávia Prado, agente de inovação da Agência USP de Inovação, expôs as atividades e os serviços oferecidos pela agência, visando apoiar ao processo de transferência de tecnologia e facilitar o desenvolvimento do empreendedorismo na Universidade.

A segunda apresentação foi de Saulo Rodrigues, gerente da Supera Incubadora, que apresentou a estrutura oferecida pelo parque tecnológico e forneceu informações sobre o processo de instalação de novas empresas na incubadora, que atualmente conta com 32 empreendimentos.

Encerrando as apresentações, Mario Sérgio Adolphi Jr., diretor executivo da Kidopi, empresa de base tecnológica vinculada à Supera Incubadora e eleita a 3ª melhor empresa incubada do Brasil, relatou como surgiu a ideia e quais foram o caminho, as parcerias e as dificuldades até conseguir efetivar a empresa.

Após as apresentações, Oswaldo Baffa (FFCLRP-USP) moderou o debate entre o público e os palestrantes.

6, 7 e 8 de agosto

ENCONTRO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA BIOLOGIA 2014

Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, USP

No período de 6 a 8 de agosto ocorreu o *Encontro de História e Filosofia da Biologia 2014*. O objetivo do evento foi apresentar e debater pesquisas relacionadas ao tema, além de explorar suas interfaces epistêmicas por meio de apresentações e discussões.

A conferencista internacional convidada foi a professora Marsha Richmond, da Wayne State University, Estados Unidos, que falou sobre a participação das mulheres na ciência, utilizando como base a história da biologia.

O encontro foi promovido pela Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia (ABFHiB) e contou com o apoio do Departamento de Biologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP), do Programa de Pós-Graduação em Biologia Comparada (FFCLRP-USP), do Programa de Pós-Graduação em Entomologia (FFCLRP-USP), da Fapesp e do Instituto de Estudos Avançados da USP, Polo Ribeirão Preto.

18 de agosto

MAGNETIC MATERIALS IN MEDICINE: APPLICATIONS IN DIAGNOSIS, MANAGEMENT, AND TREATMENT OF DISEASE

Anfiteatro Vermelho do Hemocentro de Ribeirão Preto

O professor Tim St Pierre apresentou e explicou sua pesquisa sobre a aplicação de técnicas de medição e caracterização magnéticas para a análise não-invasiva do ferro nos sistemas biológicos. Pierre relatou que, em conjunto com sua equipe, desenvolveu uma tecnologia não-invasiva de mensuração do ferro no

figado que já foi comercializada e utilizada em mais de 20 mil exames em pacientes de todo o mundo. Atualmente o professor está trabalhando em métodos magnéticos para detecção de parasitas no sangue humano.

19 de agosto

AVALIAÇÃO DA EXCITABILIDADE CEREBRAL

Sala Professor Covian, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP

O Grupo de Estudos “Reflexões em Neurociência Contemporânea”, vinculado ao Instituto de Estudos Avançados da USP, Polo Ribeirão Preto, promoveu no dia 19 de agosto a mesa redonda “Avaliação da excitabilidade cerebral”.

O evento foi coordenado por Norberto Garcia Cairasco (FMRP-USP) e teve como debatedores Maria Elisa Calcagnotto (UFRGS) e Rubem Carlos de Araujo Guedes (UFPE).

Inicialmente, Calcagnotto apresentou o estudo do sistema GABAérgico e das oscilações cerebrais em modelos animais de epilepsia, enquanto que o professor Guedes discorreu sobre a potenciação da atividade elétrica cerebral resultante da depressão alastrante.



Norberto Garcia Cairasco

5 e 6 de setembro

II CONGRESSO DE LOGOTERAPIA

Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, USP

Diante do aumento da expectativa de vida, do aumento de patologias após a aposentadoria e da possibilidade de uma vida longa com sentido também após o encerramento das atividades profissionais, torna-se importante um trabalho de promoção da saúde e prevenção centrada no sentido da vida. Neste contexto, o congresso abordou os diversos âmbitos do envelhecimento e o cuidado ao idoso, explo-

rando como a logoterapia confronta a pessoa com o sentido de sua vida e a reorienta, aumentando sua capacidade de superar as adversidades.

O evento aconteceu entre os dias 5 e 6 de setembro, e teve como público geriatras, enfermeiros, nutricionistas, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas e demais profissionais da área da saúde.

12 de setembro

REFORMA PSIQUIÁTRICA: PROCESSO DINÂMICO E CONTÍNUO

Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, USP

Este evento fez parte da programação do *Congresso Internacional de Saúde Mental - Franca and Franco Basaglia International School*, que aconteceu no Brasil entre 9 e 13 de setembro.

A atividade em Ribeirão Preto aconteceu no dia 12 e debateu a reforma psiquiátrica no Brasil, considerando também o movimento italiano, que, junto a outros, influenciou diretamente a situação brasileira. A reforma psiquiátrica italiana foi iniciada compreendendo que para promover saúde é necessário espaços nos quais a liberdade e os exercícios de cidadania sejam respeitados.

Neste contexto, o modelo italiano mostrou ser possível a desconstrução do padrão manicomial (repressivo-custodial) como única forma de compreender e oferecer cuidados às pessoas diagnosticadas com transtorno mental.

No Brasil, a reforma psiquiátrica deu seus primeiros passos e muitas mudanças já foram feitas. Entretanto, trabalhadores e usuários reconhecem a necessidade de contínua reflexão e ampliação das ações. Assim, o evento mostra-se uma oportunidade única para se refletir sobre o processo de reforma psiquiátrica no Brasil.

Dentro da programação, Ernesto Venturini (Itália) tratou dos direitos humanos, John Jenkins (Inglaterra) realizou uma apresentação sobre *empowerment*, Pina Ridente (Itália) discorreu sobre a questão da reabilitação e Roberto Mezzina (Itália) encerrou as atividades com a palestra *Recovery, gestão da crise e processo de medicalização*.

As atividades foram coordenadas pelas professoras Clarissa Corradi-Webster (FFCLRP-USP) e Rosana Maria Sacle Seabra (Unesp).

24 de setembro

ESTÁGIO DE JOVENS PESQUISADORES BRASILEIROS NO EXTERIOR

Centro de Informática da USP Ribeirão Preto, USP

O evento foi organizado por Norberto Garcia-Cairasco (FMRP-USP), coordenador do Programa de Pós-Graduação em Fisiologia da FMRP e do Grupo de Estudos Reflexões em Neurociência Contemporânea, vinculado ao Polo Ribeirão Preto do IEA.

O objetivo do encontro foi apresentar e discutir os projetos e protocolos científicos desenvolvidos por alunos de Pós-Graduação e Pós-Docs em estágios no exterior, enfatizando-se as diferenças culturais, o significado dessas experiências e seu impacto na formação do futuro docente/pesquisador.

Compondo as atividades, os alunos apresentaram seus depoimentos de cunho acadêmico e cultural referentes aos países em que realizaram seus estágios, fornecendo uma visão bidirecional do intercâmbio que valoriza tanto o “brasileiro em experiência fora de casa”, levando seus anseios, competências e cultura, como também a “casa visitada pelo brasileiro” com suas personagens, sua cultura, seus benefícios e as eventuais dificuldades de adaptação.

O encontro aconteceu no dia 24 de setembro e teve o apoio dos Programas de Pós-Graduação de Fisiologia e de Neurologia/Neurociências da FMRP e do Grupo Coordenador das Atividades de Relações Internacionais do campus de Ribeirão Preto da USP.



Participantes do encontro

30 de setembro

MESA REDONDA: MÉTODOS QUANTITATIVOS EM MICROSCOPIA

Centro de Tecnologia da Informação de Ribeirão Preto, USP

O uso de técnicas de microscopia em pesquisas na

área biológica é amplamente difundido, especialmente devido à possibilidade de utilização de marcadores específicos de tipos celulares, vias metabólicas, sinalizadores de atividade celular, entre outros. Considerando essa infinidade de possibilidades, a análise quantitativa dos resultados, como por exemplo, ensaios imunohistoquímicos, é grande fonte de discussões entre os pesquisadores.

Neste sentido, a fim de demonstrar algumas possibilidades de quantificação de sinais em materiais biológicos, o evento discutiu a aplicação de técnicas de reconstrução tridimensional de células individuais, assim como o método estereológico para quantificação de número de células em dado volume de tecido e o uso de softwares como NeuroLucida e Stereo Investigator (Microbrightfield).

O evento fez parte das atividades do Grupo de Estudos Reflexões em Neurociência Contemporânea, coordenado por Norberto Garcia-Cairasco (FMRP-USP).

2 de outubro

I ENCONTRO SOBRE A ATUAÇÃO DA TERAPIA OCUPACIONAL EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS

Centro de Informática da USP Ribeirão Preto, USP

O evento ocorreu no dia 2 de outubro e abordou as experiências e a atuação do terapeuta ocupacional em instituições de longa permanência para idosos, analisando o contexto e as características de diferentes modelos e debatendo os recursos terapêuticos utilizados com a população-alvo.

A discussão deste tema é importante principalmente devido ao atual panorama de envelhecimento da população brasileira e ao crescimento de espaços sociais (residenciais ou não) voltados ao idoso.

Iniciando as atividades, Carla da Silva Santana (FMRP-USP) analisou os modelos de instituições de longa permanência no Brasil e no exterior, e Amanda Polin Pereira (T.O. CIR-HE) fez uma palestra sobre o uso de estímulos sensoriais como recurso terapêutico.

Na segunda etapa do encontro, Natália Minto Benedetti (T.O. CIR-HE) abordou o tema da intervenção da Terapia Ocupacional com foco em grupos de atendimento, e encerrando a fase de apresentações Carolina Guimarães Belchior (T.O.

Casa do Vovô) apresentou seus estudos sobre ações da Terapia Ocupacional no trabalho de socialização e reinserção social na comunidade.

17 e 18 de outubro

II CICLO DE ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP

A finalidade do evento foi oferecer formação continuada para profissionais da educação de escolas públicas e privadas, utilizando como modelo a perspectiva teórica do Projeto Roma, que trabalha o contexto em que as pessoas com deficiência vivem, considerando que, a partir do desenvolvimento humano, as pessoas podem se apropriar de ferramentas culturais, tais como a linguagem.

A conferência de abertura foi realizada por Lineu Norio Kohatso (Instituto de Psicologia da USP), que abordou a relação entre o conceito clássico de inteligência e a construção social do pensamento.

Iniciando as atividades do sábado, Maria Sílvia Cardoso Carneiro (Centro de Ciências da Educação - UFSC) tratou da linguagem como instrumento social e cultural adquirido e aprendido, e o psicólogo Adriano Gosuen, psicólogo especializado em saúde mental e direitos humanos, proferiu a palestra *Educação em Valores: um projeto de cultura de solidariedade e de humanização*.



Adriano Gosuen, psicólogo especializado em saúde mental e direitos humanos, durante sua participação

Encerrando as conferências, Carla Biancha Angelucci (Faculdade de Educação da USP) falou sobre a autonomia na perspectiva da emancipação cognitiva, social e cultural dos sujeitos.

31 de outubro

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO DIA MUNDIAL DO AVC

Centro de Convenções de Ribeirão Preto

Entre os dias 26 de outubro e 1 de novembro aconteceu a Campanha Nacional de Combate ao Acidente Vascular Cerebral (AVC), uma realização da Rede Brasil AVC, que teve como objetivo chamar a atenção da população para este problema.

O Acidente Vascular Cerebral (AVC) é a principal causa de morte e de incapacidade permanente no Brasil. Segundo o Ministério da Saúde, mais de 90 mil pessoas morrem por ano no país em decorrência do AVC.

Integrando as atividades que ocorreram em todo o país, foi realizado em Ribeirão Preto, dia 31 de outubro, o *III Simpósio Internacional do Dia Mundial do AVC*, no Centro de Convenções de Ribeirão Preto.

O simpósio contou com a participação via teleconferência de palestrantes internacionais do Hospital Geral de Massachusetts (EUA), Universidade de Utrecht (Holanda), Universidade Emory (EUA) e Universidade de Toronto (Canadá), além de médicos do Hospital das Clínicas de Porto Alegre e de Ribeirão Preto que discutiram atualizações da prevenção, tratamento e reabilitação do AVC.

O evento foi promovido pelo Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP) em parceria com a Rede Brasil AVC e o Instituto de Estudos Avançados, Polo Ribeirão Preto.

6, 7 e 8 de novembro

I CONGRESSO DE TERAPIA OCUPACIONAL EM CONTEXTOS HOSPITALARES E CUIDADOS PALIATIVOS - ATOHOSP

Faculdade de Medicina e Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, USP

A realização do *I Congresso de Terapia Ocupacional em Contextos Hospitalares e Cuidados Paliativos – ATOHosP* teve por objetivo geral promover o desenvolvimento técnico-científico da Terapia Ocupacional na especialidade de “Contextos Hospitalares” e suas áreas de atuação, dentre elas os “Cuidados Paliativos”, fundamentando e desenvolvendo seu campo de conhecimentos e de práticas.

O congresso reuniu profissionais, pesquisadores, docentes e estudantes de graduação e de pós-graduação para o aprimoramento de conhecimentos técnico-científicos, debatendo evidências científicas

e soluções para o desenvolvimento das melhores práticas profissionais e promoção do crescimento de pesquisa e publicações.

As atividades ocorreram entre os dias 6 e 8 de novembro e abordaram três eixos de trabalho: Terapia Ocupacional em Contextos Hospitalares, Terapia Ocupacional em Cuidados Paliativos e Ensino e Pesquisa de Terapia Ocupacional em Contextos Hospitalares e Cuidados Paliativos



I Congresso de Terapia Ocupacional em Contextos Hospitalares e Cuidados Paliativos - ATOHosP

4 e 5 de dezembro

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E TECNOLOGIAS EDUCATIVAS (SILTED)

Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, USP

A programação do simpósio visou a apresentar, socializar e debater os resultados de pesquisas e ações desenvolvidas no âmbito do projeto do Observatório da Educação Linguagens, Códigos e Tecnologias: Práticas de Ensino da Leitura e Escrita na Educação Básica, Ensino Médio e Fundamental.

As atividades se iniciaram no dia 4 de dezembro com Maria Regina Momesso (CTI-Unesp), que discorreu sobre as pesquisas, objetos, tecnologias e práticas de leitura e escrita. Após a palestra houve apresentação musical, seguida pela conferência *Linguagens e Discursos: Uma Leitura dos Processos Discursivos Humorísticos e Descontinuidades nas Redes Sociais*, proferida por Aracy Ernest, da Universidade Católica de Pelotas.

No período da tarde, Filomena Elaine P. Assolini (FFCLRP-USP) coordenou a mesa-redonda *Formações de Professores e Leitores: Discursos, Ensino e Práticas*, que contou com as presenças das pesquisadoras Claudia Pfeiffer (Unicamp), Beatriz Eckertt-Hoff (UFD), Cláudia Ometto (Unimep-Unicamp) e Marcia Cristina Argenti Perez (Unesp-Araquara).

Finalizando as atividades do primeiro dia, os professores Fausi dos Santos (UNESP/Araraquara) e Eduardo Yoshimoto (Gepalle, USP-RP) apresentaram resultados do projeto “Linguagens, Códigos e Tecnologias”.

No dia 5, a primeira conferência foi da palestrante internacional Ana Amélia Carvalho (Universidade de Coimbra, Portugal), intitulada *Na Era do Mobile Learning: Fomentar a Aprendizagem Significativa e Crítica dos Nativos Digitais*.

Continuando a programação, houve a mesa-redonda *Do Universo da Multiplicidade das Escrituras ao Universo da Escola: Entre Suportes, Discursos, Linguagens e Tecnologias*, mediada por Maria Regina Momesso (CTI-Unesp) e constituída pelas pesquisadoras

Luzmara Ferreira Curcino (UFSCar), Fabiane Verardi Burlamarque (UPF), Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago (UFG) e Maria Angélica Seabra Rodrigues Martins.

Encerrando o simpósio, as doutorandas Fabrícia M. Corsi e Michelle Ap. P. Lopes (UFSCar, LIRE, LABOR) apresentaram outros resultados do projeto *Linguagens, Códigos e Tecnologias*.

O evento foi promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP), em conjunto com o CTI-UNESP/Bauru, e contou com o apoio do Polo Ribeirão Preto do IEA.

Polo São Carlos



Coordenador em exercício: Hamilton Varela

Atividades

27 e 28 de janeiro

PALESTRAS SOBRE ARTÉRIAS E MODELOS EXPERIMENTAIS TRANSLACIONAIS

Gerson Rocha e Sérgio Mascarenhas

Auditório do IEA Polo São Carlos

O Instituto de Estudos Avançados (IEA) Polo São Carlos da USP realizou duas palestras com o médico e membro da American Physiological Society Gerson Rocha. Os eventos foram voltados a estudantes e profissionais ligados à área médica e coordenados por Sérgio Mascarenhas, coordenador de projetos do Polo São Carlos do IEA.

No dia 23, Rocha abordou a vasomotricidade de grandes e pequenas artérias e sua contribuição para o estudo da pressão intracraniana no acidente vascular isquêmico. A palestra foi dividida em duas partes, uma como introdução à perspectiva transdisciplinar de estrutura e função dessas artérias e a outra mostrando os resultados de experimentos translacionais órgão-típicos (artérias isoladas) e suas aplicações.

No dia 24, o médico falou de mecanismos de regulação da expansão do volume e a resposta neurocardiorrenal em modelos experimentais translacionais.

Gerson Rocha é mestre em medicina interna e nefrologia, doutor em farmacologia e tem pós-douto-

rado em fisiologia. Na American Physiological Society, participa em três seções: cardiovascular, renal e homeostase da água e eletrólitos.

13 de fevereiro

ATIVIDADE SOBRE SUBSTÂNCIAS QUÍMICAS

Yvonne Primerano Mascarenhas

ETEC Paulino Botelho, São Carlos

A equipe do Ciência Web levou no dia 13 de fevereiro mais uma atividade prática às escolas públicas. Desta vez, um grupo de alunos da ETEC Paulino Botelho, em São Carlos, pode conhecer um pouco mais sobre substâncias e participar de uma série de experimentos.

A atividade foi realizada pelas bolsistas de iniciação científica júnior do Ciência Web, Grazielle Aguiar, Raquel Correia e Stefany Souza, sob a orientação do estagiário de Licenciatura em Ciências Exatas Paulo Chiari. Por meio de uma apresentação dinâmica, elas explicaram os diferentes tipos de substâncias e misturas, as separações de substâncias e também os estados físicos da matéria.

Experiências como o “derretimento” de isopor na acetona pura e a torre de líquidos coloridos – que mostra como diferentes líquidos se organizam em um recipiente sem se misturar – despertaram olhares curiosos nos estudantes. Eles também puderam participar na prática, separando algumas misturas

mostradas pelas bolsistas, o que ajudou a compreender os diferentes processos de separação.

O objetivo dessas atividades é aproximar a ciência dos estudantes e fazê-los perceber que conteúdos de química, física e biologia estudados em sala de aula estão presentes em vários momentos do dia a dia.

19 de fevereiro

WORKSHOPS

Auditório do IEA-USP-Polo São Carlos

Série de workshops sobre os temas:

1. Projeto e Missões com Ministério da Saúde e Órgão PanAmericana de Saúde, com Sérgio Mascarenhas (IEA)
2. Análise Estatística e Modelagem de Morfologia da Função Temporal da Pressão Intracraniana – Colaborações Internacionais com Cambridge, Boston e Cambridge UK, com Brenno Cabella (IEA)
3. Modelagem da Hemodinâmica do Cérebro, com Fernando Rodrigues (ICMC-USP)
4. Complex Brain Networks: Structure and Dynamics, com José Alberto Cuminato (ICMC-USP)

24 de fevereiro

NEW DIRECTIONS IN HYDROGEN BOND DONOR CATALYSIS

Anita E. Mattson (The Ohio State University), Roberto G.S. Berlink e Andrei Leitão
Anfiteatro do IQSC-USP

19 de março

A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL ETICISTA NO MUNDO DO TRABALHO

Carlos Goldenberg (EESC-USP), Roberto G.S. Berlink e Andrei Leitão
Anfiteatro do IQSC-USP

14 de abril

ATIVIDADE SOBRE PROGRESSÃO ARITMÉTICA

Yvonne Primerano Mascarenhas
Escola Estadual Conde do Pinhal, São Carlos

A equipe do Ciência Web levou no dia 14 de abril uma atividade na área de matemática à Escola Estadual Conde do Pinhal, em São Carlos. Cerca de 40 alunos que cursam o 2º e 3º ano do Ensino Médio em período integral participaram.

As bolsistas do Ciência Web Stefany Souza e Gra-

ziele Aguiar, que também são estudantes do 3º ano do Ensino Médio, relembrou vários conceitos e fórmulas sobre progressão aritmética, um dos assuntos que os alunos aprendem entre o 1º e o 3º ano do Ensino Médio. Para tornar a atividade atrativa e facilitar o entendimento de quem participava, elas mostraram uma série de situações do dia a dia em que esse assunto está inserido, como a disposição das cadeiras em um cinema e dos pinos no jogo de boliche.

Ao final, elas propuseram um jogo de tabuleiro humano com diversas questões sobre o conteúdo apresentado. A atividade faz parte de um projeto desenvolvido pela bolsista e estudante de Licenciatura em Ciências Exatas da USP São Carlos Franciely Porto, que se propõe a levar ações como essa às escolas para desmistificar a ideia de que a matemática é um assunto complicado e sem relação com o cotidiano dos estudantes.



Estudantes da E.E. Conde do Pinhal se divertem com jogo levado pelo Ciência Web

Para que Stefany e Grazielle pudessem desenvolver o roteiro da apresentação, Franciely e o também bolsista e estudante de Licenciatura em Ciências Exatas da USP Paulo Chiari fizeram uma preparação de cerca de duas semanas, relembrou os conceitos e tirando dúvidas das estudantes sobre o assunto. Em seguida, elas pesquisaram as situações diárias em que a progressão aritmética tem importância e criaram o roteiro do jogo.

O projeto vai levar as atividades às escolas até o final de 2014, sempre com um tema diferente, pelo menos uma vez a cada bimestre. A próxima, prevista para o início de junho, abordará geometria.

15 de maio

III SEMINÁRIO DO CIÊNCIA WEB

Yvonne Primerano Mascarenhas
Auditório do Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC)

da USP São Carlos

O seminário apresentou iniciativas positivas de seis escolas públicas de diferentes localidades do País e discutiu formas de motivar os alunos a aprender.

26 e 27 de maio

I WORKSHOP INOVAÇÃO E SISTEMAS COMPLEXOS EM SAÚDE

Sérgio Mascarenhas

Auditório Embrapa Instrumentação, São Carlos

Uma área do conhecimento não tão complexa quanto se imagina, que pode ajudar na compreensão de diversas ciências, desde a saúde até as ciências agrárias, e na qual o Brasil está pelo menos 15 anos atrasados. Essa foi a definição básica de sistemas complexos transmitida pelos palestrantes do *I Workshop Inovação e Sistemas Complexos em Saúde*. O evento foi realizado nos dias 26 e 27 de maio no auditório da Embrapa Instrumentação, em São Carlos.

Um dos exemplos de sistema complexo abordado foi o cérebro. Segundo o coordenador do evento, Sérgio Mascarenhas, trata-se do sistema mais complexo que evoluiu antropologicamente. O órgão é o principal objeto de estudo de um dos projetos do pesquisador, que envolve a produção de um equipamento não-invasivo de medição da pressão intracraniana.

“A pressão intracraniana não é um número simples. Fazendo uma filtragem desses dados, conseguimos ver o coração batendo, não periféricamente, mas sim dentro do cérebro. E não só isso, nós conseguimos ver até a respiração. Com um só equipamento, é possível ver três funções vitais”, afirma ele.

O projeto tem a parceria do Ministério da Saúde e da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas). “A partir desse projeto de medição de pressão intracraniana saíram muitas ideias, afinal, todos os sistemas biológicos e humanos são sistemas complexos e estava faltando dar um enfoque mais específico sobre a particularidade desses sistemas na saúde”, explica o assessor de sistemas de saúde da Opas Félix Rigoli.

“No Ministério da Saúde, já trabalhamos desde o início da década passada com inovação e com o complexo industrial da saúde, onde é feita essa interrelação da demanda da saúde com a relação soma-produto e com inovação”, conta o coordenador da área de equipamentos médicos do Departamento do Complexo Industrial da Saúde e Insumos Estratégicos (Deciis) do Ministério da Saúde, Paulo Antonino.

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) também esteve presente no workshop, representada pelo coordenador do Núcleo de Estudos sobre Bioética e Diplomacia em Saúde (Nethis), José Paranaçu. Segundo ele, da participação no workshop surgiu uma nova ideia de expansão da fundação, por meio de projetos de redes de cooperação entre o órgão e pontos mais dinâmicos, como o polo de desenvolvimento científico e tecnológico existente em São Carlos.

“Isso certamente nos ajudará a compreender a complexidade que cerca todas as dimensões da saúde, que é um objeto de atenção, atuação e preocupação permanente nesses mais de cem anos de nossa fundação, para que deixemos de pensar que a complexidade é uma adversária, porque a vemos frequentemente com olhos ou atitudes complicadoras. Até penso que o oposto de complexidade não seja a simplicidade, mas sim o complicado. E quem sabe transitaremos do polo do complicado, que é sempre nossa atitude sofrida diante dos problemas da saúde pública, para uma atitude de relacionamento prazeroso com a complexidade”, disse Paranaçu durante a abertura do workshop.



Conferencistas durante o evento

Luz contra câncer e infecções

Outro tema ligado a sistemas complexos na saúde abordado durante o evento foi o uso da biofotônica no tratamento e diagnóstico de doenças. O docente do Instituto de Física de São Carlos (IFSC) da USP e coordenador do Centro de Pesquisas em Óptica e Fotônica, Vanderlei Salvador Bagnato, mostrou os principais trabalhos desenvolvidos nessa área.

“A sociedade está mudando. Ou a tecnologia trabalha para a saúde ou teremos problemas. A população está envelhecendo e o número de casos de câncer está aumentando. Quanto mais próximo chegamos dos cem anos de idade, maior as chances de desenvolver tumores”, explica ele.

Para Bagnato, um dos problemas dos tratamentos do câncer é a necessidade de deslocar os pacientes, o que gera custos para a própria família e pode atrapalhar o tratamento. Por isso, os aparelhos que o grupo do docente desenvolve acabam com esse transtorno. “Qualquer técnica que se crie para a saúde pode até ser excepcional, mas só vai ser boa mesmo se levar em conta a realidade econômica da população. Uma pessoa com tumor que viva no Acre não tem que viajar a São Paulo para se tratar”, diz.

As técnicas estudadas pelo grupo de Bagnato estão sendo aplicadas também nas áreas de veterinária, com o uso da terapia fotodinâmica no combate à pitiose, doença de difícil cura causada por micro-organismos semelhantes a fungos, e em odontologia, com o uso de luz para descontaminar dentaduras e assim evitar problemas causados por fungos do gênero *Candida*.

26 de maio

TRANSPORT BY THE NUCLEAR PORE COMPLEX: SIMPLE PHYSICS OF A COMPLEX BIOMACHINE”

Anton Zilman (University of Toronto), Carlos Alberto Montanari (IQSC-USP) e Andrei Leitão (IQSC-USP)
Anfiteatro do IQSC-USP

2 de junho

ATIVIDADE SOBRE GEOMETRIA

Yvonne Primerano Mascarenhas (IEA-USP)
Escola Estadual Conde do Pinhal, São Carlos

Estudantes de ensino médio da E. E. Conde do Pinhal e de ensino fundamental da E.E. Jesuíno de Arruda participaram nesta semana de atividades promovida pela equipe do Ciência Web sobre geometria. Os bolsistas de iniciação científica junior Caroline Catosso, Gabriel Campos e Stefany Souza apresentaram os principais conceitos ligados a figuras geométricas – como face, aresta e vértice – e mostraram de que forma essas figuras estão inseridas em nosso dia a dia.

Além de apresentar, os bolsistas planejaram toda a atividade. Eles foram orientados pelos estudantes de graduação de Licenciatura em Ciências Exatas Francielly Porto, Paulo Chiari e Rafaela Masson, que também fazem parte da equipe do Ciência Web.

Exemplos simples, como uma caixa de sapatos, favos de mel e até a própria sala de aula foram usados para aproximar o assunto dos estudantes. Ao final, duas oficinas de construção de figuras geométricas fo-



Aluna da E.E. Jesuíno de Arruda aceita desafio de montar figura com os olhos vendados

ram aplicadas, uma utilizando linhas e canudos para construir figuras espaciais, como cubos e pirâmides, e outra que mostrava a possibilidade de montar figuras planas a partir de outras menores, feitas em EVA.

A partir da segunda oficina, foi proposto um desafio aos alunos: montar as figuras em EVA com os olhos vendados. Cada peça menor possuía texturas diferentes, o que permitiu aos participantes reconhecer os formatos sem a necessidade da visão. A ideia partiu de Rafaela, que está pesquisando formas de tornar acessíveis aos deficientes visuais experimentos ligados às ciências exatas.

“Acredito não ser uma atividade somente para deficientes visuais, e sim para todos os alunos. Busca a inclusão, onde todos, independente de suas limitações, podem trabalhar em conjunto”, explica Rafaela.

5 de junho

ATIVIDADE SOBRE GEOMETRIA

Yvonne Primerano Mascarenhas (IEA-USP)
Escola Estadual Jesuíno de Arruda, São Carlos

Atividade realizada pela equipe de bolsistas do Ciência Web com alunos do 9º ano do ensino fundamental para relacionar conceitos de geometria ao dia a dia dos estudantes.

1 de julho

QUANTIFYING COMPLEXITY OF THE CARDIOVASCULAR CONTROL VIA SPONTANEOUS VARIABILITY OF PHYSIOLOGICAL VARIABLES

Alberto Porta (Università di Milano) e Sérgio Mascarenhas (IEA-USP)
Auditório do Polo São Carlos

27 de agosto

ENTREGA DO PRÊMIO JANUS

Yvonne Primerano Mascarenhas (IEA-USP)

Auditório do Polo São Carlos

O coordenador de projetos do Polo São Carlos, Sérgio Mascarenhas, realizou ontem uma homenagem ao coordenador do programa “Ciência às 19h” do Instituto de Física de São Carlos (IFSC) da USP, Luiz Agostinho Ferreira. Mascarenhas entregou ao docente o Prêmio Janus, que é concedido a professores e pesquisadores que contribuem de forma relevante para o desenvolvimento da ciência. O vice-coordenador em exercício Polo São Carlos, Hamilton Varela, também participou da homenagem.

O programa “Ciência às 19h” está completou dez anos em 2014 e já realizou cerca de 90 palestras abertas ao público sobre temas relacionados a física, química, medicina, biologia e astronomia, entre outras.

Segundo Ferreira, a iniciativa começou quando ele era professor do Instituto de Física Teórica (IFT) da Unesp, em São Paulo. “Queríamos fazer algo voltado aos professores da rede de ensino. Daí começamos o Física ao Entardecer, que trazia palestras para o público geral às 18h30. Como o IFT era perto da Avenida Paulista, do metrô, o acesso era fácil. A iniciativa virou livro e existe até hoje”.

Quando veio para São Carlos trabalhar no IFSC, o docente quis trazer a iniciativa e teve grande apoio da diretoria do Instituto. “A primeira palestra lotou o auditório. Talvez o fato da cidade ser menor que São Paulo contribua para a facilidade do acesso do público às palestras”, diz.

A vontade de trabalhar com a divulgação científica vem da infância, vivida na cidade de Espírito Santo do Pinhal (SP). Ferreira conta que, embora a vontade de aprender fosse grande, o acesso à informação era bastante difícil. “Mesmo as enciclopédias eram raras de se ter em casa. Fui ter minha primeira enciclopédia porque comecei a colecionar os fascículos que vinham em uma revista da Editora Bloch, na época”.

Hoje, mesmo em meio à facilidade de acesso a informações sobre ciência nos meios digitais, o programa “Ciência às 19h” contribui para levar conhecimento ao público leigo e despertar o interesse pela Ciência. “É um trabalho prazeroso, o público é mais inteligente do que se imagina. Temos pessoas de todas as idades, desde a criança até a dona de casa. Por isso, nos preocupamos em aumentar a qualidade das palestras. O assunto tem que ser relevante para o público e o especialista precisa saber se comunicar em uma linguagem acessível a todos. Esse é o segredo

do do sucesso”, explica o docente.

Embora a Ciência seja o grande foco das palestras, Ferreira diz que o leque de assuntos foi bastante amplificado. “Tivemos, por exemplo, o João Cândido Portinari falando sobre o trabalho do pai (o pintor Cândido Portinari) e até o médico Adib Jatene falando sobre sistema de saúde”.



Luiz Agostinho Ferreira (à esquerda) recebe o Prêmio Janus das mãos do vice-coordenador do polo Hamilton Varela e do coordenador de projetos do polo Sérgio Mascarenhas

Para o professor Sérgio Mascarenhas, a homenagem é mais do que merecida. “É uma forma de agradecer-lo pelo idealismo e visão. Ele não se atém somente a publicar trabalhos, mas também a pensar a ciência de maneira ampla, como construtora do desenvolvimento nacional. Num país em que tudo passa rápido, um programa com dez anos de existência é louvável”.

20 de agosto

HEMODINÂMICA DA AVALIAÇÃO CEREBRAL

Roberto Mario Machado Verzola (UFSCar) e Sérgio Mascarenhas (IEA-USP)

Auditório do IEA-USP-Polo São Carlos

5 de setembro

HEAD HELD HIGH

Kartik Kilachand (idealizador do Head Held High) e Yvonne Primerano Mascarenhas (IEA-USP)

Auditório do Polo São Carlos

Uma iniciativa na Índia pretende preparar, até 2022, dois milhões de jovens moradores de comunidades rurais sem acesso à educação formal para atuar profissionalmente no setor de serviços. A ideia partiu do Head Held High, projeto que tem como objetivo eliminar a pobreza capacitando pessoas com habilidades, conhecimento e oportunidades de trabalho que antes eram inacessíveis a eles.

Para mostrar como esse projeto funciona e que resultados já trouxe, o Polo São Carlos realizou no dia 5 de setembro uma palestra com o empreendedor e engenheiro indiano radicado nos Estados Unidos Kartik Kilachand, um dos idealizadores da iniciativa.

Kartik Kilachand é engenheiro formado pelo Instituto de Tecnologia da Índia, em Bombaim, com mestrado em engenharia elétrica pela Universidade de Cornell, MBA em finanças internacionais pela Universidade da Califórnia em Berkeley, também diplomado no Programa de Gestão Avançada pelo Insead, na França. No campo empresarial, Kilachand tem vasta experiência com empresas de tecnologia e serviços nos Estados Unidos e na Índia e é atualmente CEO e co-fundador da Magnus Gyan, empresa de tecnologia educacional. É membro do conselho da Cúpula de Inovação Sul-Sul, focada no desenvolvimento de plataformas de colaboração nas áreas de tecnologia da informação e educação entre Brasil, Índia e África do Sul.

17 e 25 de setembro

ATIVIDADE SOBRE NÚMEROS POSITIVOS E NEGATIVOS

Yvonne Primerano Mascarenhas (IEA-USP)
Projeto Pequeno Cidadão – USP São Carlos
Escola Estadual Prof. Álvaro Guião, São Carlos

A equipe do Ciência Web levou, em setembro, duas atividades sobre matemática a alunos do ensino fundamental de São Carlos. O objetivo da iniciativa foi mostrar os números positivos e negativos aos estudantes de uma perspectiva mais próxima do dia a dia e ajudar na compreensão desse tópico.

No dia 17 de setembro, a atividade envolveu alunos de 10 a 13 anos do Projeto Pequeno Cidadão, desenvolvido na USP São Carlos. No dia 25 de setembro foi a vez dos alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Álvaro Guião.

Os bolsistas de iniciação científica junior Caroline Catosso, Gabriel Campos e Stefany Souza, que são alunos do ensino médio da rede pública, revisaram e estudaram o assunto durante quase um mês com o apoio dos bolsistas de licenciatura em Ciências Exatas da USP Franciely Porto, Paulo Chiari e Rafaela Masson. Os números positivos e negativos geralmente são abordados nas aulas de matemática do 6º ano do ensino fundamental.

Eles criaram uma apresentação multimídia utilizando a ferramenta PowToon e também desenvolveram

um jogo pega-varetas com regras especiais para que os alunos fixassem melhor os conteúdos abordados.

Agora, os bolsistas estão trabalhando em uma versão dessa atividade para estudantes do ensino médio, que vai incluir, além de números positivos e negativos, conceitos de módulo.

24 de setembro

A PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA USP

Maria Arminda do Nascimento Arruda (Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP), Andrei Leitão (IQSC-USP) e Hamilton Varela (IEA e IQSC - USP)
Anfiteatro do IQSC-USP

7 e 9 de outubro

CERIMÔNIA DE ENTREGA DOS ALMANAQUES

Yvonne Primerano Mascarenhas (IEA-USP)
Escola Estadual Jesuíno de Arruda, São Carlos
Escola Estadual Prof. Álvaro Guião, São Carlos

O Polo São Carlos realizou nos dias 7 e 9 de outubro cerimônias nas escolas estaduais Jesuíno de Arruda e Álvaro Guião para marcar o encerramento das atividades desenvolvidas em 2014 pelo Grupo de Pesquisa Difusão Científica como Apoio à Educação.

Coordenado por Yvonne Mascarenhas e com o apoio da pesquisadora visitante Neucideia Colnago, o grupo propõe trabalhos que integram várias disciplinas sob um mesmo tema, geralmente ligados aos Anos Internacionais declarados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Em 2013, o tema escolhido foi a água, já que a Unesco declarou que aquele seria o Ano Internacional de Cooperação pela Água. Na escola Jesuíno de Arruda, as professoras de ciências, geografia e língua portuguesa trabalharam esse recurso natural sob vários aspectos, principalmente ressaltando a necessidade de economia por conta do período de estiagem. O trabalho foi realizado com estudantes do 7º ano do ensino fundamental.

“As salas foram divididas em grupos e foi muito interessante porque o trabalho foi desenvolvido no dia a dia. Os alunos fizeram pesquisas em casa, foram à prefeitura recolher dados e eu também trouxe algumas informações. Todos se empenharam e creio que colhemos bons frutos”, conta Maria Madalena Cardoso Caurim, professora de geografia da E.E. Je-

suíno de Arruda.

Diferentemente dos anos anteriores, quando optou-se por trabalhar com os almanaques no formato digital, este ano o trabalho foi entregue no formato de um jornal impresso. A professora de português Ana Paula Martins Cordeiro ajudou os alunos com os textos. “Eles produziram para o jornal artigos de opinião, cruzadinhas, poesia e história em quadrinhos”, diz ela.



Cerimônia de entrega dos jornais da E.E. Jesuíno de Arruda

Já na E.E. Álvaro Guião, além da produção de textos e outras peças para o jornal impresso, os alunos do 6º ano do ensino fundamental também montaram uma miniestação de água no laboratório da escola. Utilizando materiais como recipientes e tubos plásticos, os alunos reproduziram várias fases do tratamento, como floculação, decantação e cloração, entre outras. A miniestação será apresentada ao público durante o Circo da Ciência, realizado na Praça Dr. Christiano Altenfelder Silva (Praça da XV) nos dias 17 e 18 de outubro, e também durante a feira de ciências da escola, no final de novembro.

“É muito importante que o currículo do Estado de São Paulo proporcione oportunidades de aprofundamento de temas relevantes para a sociedade, como a água. E o mais legal desse trabalho que vimos aqui é a interdisciplinaridade”, afirma a dirigente regional de ensino de São Carlos Débora Gonzalez Costa Blanco.

Entrega dos almanaques impressos sobre o Ano Internacional de Cooperação pela Água produzidos por alunos do 6º ano do ensino fundamental com apoio do grupo de pesquisa Difusão Científica como Apoio à Educação do Polo São Carlos.

22 de outubro

GINCANA DA MATRIZ ENERGÉTICA

Yvonne Primerano Mascarenhas (IEA-USP)

Escola Estadual Attilia Prado Margarido, São Carlos

Em tempos de preocupação com os recursos natu-

rais do planeta, o Ciência Web levou no dia 22 de outubro à Escola Estadual Attilia Prado Margarido uma gincana para mostrar aos alunos os diferentes tipos de fontes de energia existentes atualmente. Além de informar e conscientizar, a atividade testou a rapidez e a habilidade dos estudantes no computador.

A disputa utilizou um dos jogos disponíveis no portal Ciência Web, o Jogo da Matriz Energética. Nele, o jogador é apresentado às diferentes fontes de energia renováveis e não-renováveis e precisa eliminar os quadrinhos que as representam na tela clicando em combinações de três ou mais elementos iguais. Combinações de quatro ou mais fontes renováveis dão ao jogador um bônus de tempo, mas se a combinação for de fontes não renováveis, ele é punido com perda de segundos.



O jogo também testou a rapidez e a habilidade dos estudantes

A competição envolveu alunos de cinco salas do 9º ano do ensino fundamental. Para que os estudantes pudessem conhecer o jogo, a equipe do Ciência Web levou, dias antes, uma apresentação sobre as fontes de energia renováveis e não renováveis e como elas estão presentes no cotidiano das pessoas. Ao final, foram introduzidas as regras do jogo e abertas as inscrições. No total, 47 alunos se inscreveram.

A gincana foi realizada em duas fases. Na primeira, os alunos de cada sala jogavam entre si para definir um vencedor. Da segunda, que envolveu os melhores de cada turma, saiu o campeão geral. Os estudantes Carla Gabriela dos Santos, Daniel Vinicius Ataíde, Matheus Lopes, Cristian Ferreira da Silva e Álvaro Costa Almeida foram os vencedores de cada sala e ganharam mochilas do Ciência Web. Daniel e Álvaro tiveram respectivamente a primeira e a segunda colocação na segunda fase e foram premiados com medalhas de ouro e prata.

17 de novembro

INSIGHTS INTO THE MECHANISM

OF FUNCTION OF THE PROTEIN UNFOLDING AND DEGRADATION SYSTEM CLPXP

Walid A. Houry (University of Toronto), Andrei Leitão (IQSC-USP) e Hamilton Varela (IEA e IQSC - USP)
Anfiteatro do IQSC-USP

19 de novembro

ATIVIDADE COM UMA TABELA PERIÓDICA EM BRAILE

Yvonne Primerano Mascarenhas (IEA-USP)
Escola Estadual João Jorge Marmorato, São Carlos

Atividade desenvolvida pela bolsista de iniciação científica Rafaela Masson e pelo estagiário Paulo Chiari para aplicar uma tabela periódica construída por ambos ao longo do ano. A atividade envolveu alunos do 1º ano do ensino médio, entre os quais há um deficiente visual. A tabela foi usada durante um jogo para localizar elementos e conseguiu integrar toda a turma.

1 de dezembro

A AGÊNCIA USP DE COOPERAÇÃO ACADÊMICA NACIONAL E INTERNACIONAL – AUCANI

Raul Machado Neto (Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional), Andrei Leitão (IQSC-USP) e Hamilton Varela (IEA e IQSC - USP)
Anfiteatro do IQSC-USP

Outras atividades desenvolvidas

- Instalação de uma TV para veicular vídeos produzidos pela Agência Ciência Web aos grupos de alunos e turistas que visitam o Museu da Ciência Mário Tolentino (São Carlos, SP), sob coordenação de Yvonne Primerano Mascarenhas (IEA).
- Desenvolvimento e implantação de um novo Portal Ciência Web para melhor integrar os diferentes conteúdos e voltado também a quem acessa por dispositivos móveis, como tablets e celulares;
- Desenvolvimento do Jogo da Matemática (jogo de tabuleiro virtual que aborda questões de vestibulares sobre diversos tópicos de matemática para o ensino médio) e do jogo Circuitrohm (montagem de circuitos elétricos para reforçar conceitos de física a alunos de ensino médio). Disponíveis em <http://www.cienciaweb.com.br/site/jogos>.
- Produção, edição e postagem de 40 vídeos no Portal Ciência Web;
- Parceria com o Canal 10 da NET (canal local) para exibição de vídeos de divulgação científica produzidos pela Agência Ciência Web.
- Apresentação de pôsteres sobre a tabela periódica em braile no *Encontro Nacional de Ensino de Química*, em agosto, em Ouro Preto (MG), e na *V Jornada das Licenciaturas da USP*, em outubro, em São Carlos.

Estatísticas

Eventos (São Paulo, Ribeirão Preto e São Carlos)

| | |
|--------------------------|--------|
| Total de eventos | 88 |
| Público presente | 4.503 |
| Público online | 31.150 |
| Expositores brasileiros | 171 |
| Expositores estrangeiros | 42 |

Site IEA

| | |
|----------------------------------|---------|
| Vídeos publicados em português | 134 |
| Vídeos publicados em inglês | 10 |
| Notícias publicadas em português | 135 |
| Notícias publicadas em inglês | 74 |
| Visitantes únicos | 152.198 |
| Visualizações de página | 702.439 |

Redes sociais

| | |
|-----------------------|-----|
| Postagens no Facebook | 231 |
| Postagens no Twitter | 157 |

Newsletter

| | |
|---|----|
| Edições do "Boletim-IEA" | 13 |
| Edições do informativo extra "A Seguir" | 7 |

Orçamento

FONTE TESOURO

| | |
|---|---------------------|
| Dotação básica | 552.506,00 |
| Desempenho acadêmico | 1.884,00 |
| Manutenção predial | 0,00 |
| Equipamentos de segurança | 0,00 |
| Informática: manutenção e reposição | 11.162,00 |
| Treinamento de servidores | 5.035,00 |
| Subtotal | 570.587,00 |
| Devolução Dotação Básica | 189.340,30 |
| Devolução NAPES | 131.951,83 |
| Devolução Reforma Polo Ribeirão Preto | 87.214,72 |
| Subtotal | 408.506,85 |
| Auxílio financeiro para Polo Ribeirão Preto – COP | 36.250,00 |
| Auxílio bolsa para professor visitante internacional | 491.669,54 |
| Auxílio Programa de Apoio às Publicações Científicas e Periódicos da USP – REA | 151.153,47 |
| Auxílio Prog. Apoio às Public. Científ. e Periódicos da USP - Revista "Scientia Studia" | 54.999,99 |
| Outros auxílios | 8.032,13 |
| Subtotal | 742.105,13 |
| Total Tesouro | 1.721.198,98 |

FONTE RECEITA

| | |
|---|-------------------|
| Devolução Dotação IEA | 157.256,83 |
| Devolução Auxílio PRCEU – Projeto São Paulo: Cidade de Direitos Humanos | 123.600,00 |
| Troca Dotação Tesouro x Receita | 105.000,00 |
| Total Receita | 385.856,83 |

TOTAL GERAL R\$ 2.107.055,81

Execução orçamentária

FONTE TESOURO

| | |
|--|--------------|
| Custeio | 765.783,63 |
| Investimento | 136.601,00 |
| Auxílio Bolsa Professor Visitante Internacional (RUSP) | 491.669,54 |
| Total Tesouro | 1.394.054,17 |

FONTE RECEITA

| | |
|---|------------|
| Custeio | 31.939,34 |
| Investimento | 95.000,00 |
| Projeto Projeto São Paulo: Cidade de Direitos Humanos | 71.376,77 |
| Total Receita | 198.316,11 |

TOTAL GERAL R\$ 1.592.370,28

Expediente



Reitor Marco Antonio Zago

Vice-Reitor Vahan Agopyan

Pró-Reitora de Graduação Antonio Carlos Hernandes

Pró-Reitor de Pós-Graduação Bernadette Dora Gombossy de Melo Franco

Pró-Reitor de Pesquisa José Eduardo Krieger

Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária Maria Armanda do Nascimento Arruda



CONSELHO DELIBERATIVO

Carlos Roberto Ferreira Brandão, Guilherme Ary Plonski, Hamilton Brandão Varela de Albuquerque, João Palermo Neto, Martin Grossmann, Regina Pekelmann Markus, Rudinei Toneto Jr. e Sedi Hirano.

DIRETORIA

Diretor Martin Grossmann

Vice-Diretor Carlos Roberto Ferreira Brandão

Secretária Executiva Maria de Fátima C. Moreno

ÁREA ACADÊMICA

Assistente Acadêmica Marilda Gifalli

Analistas de Comunicação Social Cláudia R. Tavares, Fernanda Rezende e Sandra Sedini

Secretária Marisa Macedo Gomes Alves

COOPERAÇÃO E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Richard Meckien

DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Chefe Rafael Borsanelli

Jornalista Flávia Dourado Maia e Mauro Bellesa

Analista de Comunicação Sandra Regina Codo

Técnica de Documentação Maria Leonor Calazans

REVISTA ESTUDOS AVANÇADOS

Editor Alfredo Bosi

Editor Assistente Dario Luis Borelli

Secretaria Editorial Marli de Fátima Pedro Gomes

Secretaria Comercial Edilma Souza Martins

SEÇÃO DE INFORMÁTICA

Analista de Sistemas Aziz Salem

Técnico de Informática Sérgio R.V. Bernardo

Técnico de Audiovisual Jorge Paulo Soares

ÁREA ADMINISTRATIVA

Assistente Administrativa Tizuko Sakamoto

Chefe de Apoio Administrativo Marlene Signoretti

Técnico Administrativo Roque Celeste Passos

Auxiliares Administrativos Flávia A. M. Mendes e Marcelo Rodrigues dos Santos

Serviços Gráficos Raimundo José da Silva

Serviços Gerais João Fernando da Silva

Serviços de Copa Raimunda R. Pinheiro dos Santos

Motoristas José Carlos Flor e Eduardo Carlos Rodrigues dos Santos

POLO RIBEIRÃO PRETO

Coordenador Rudinei Toneto Jr.

Analista de Comunicação João Henrique Rafael Jr.

Técnico Administrativo Rafael Sica

POLO SÃO CARLOS

Coordenador em exercício Hamilton Brandão Varela de Albuquerque

Coordenador de Projetos Sérgio Mascarenhas

Coordenadora Administrativa Yvonne Mascarenhas

Técnica Acadêmica Rosemari Siqueira

Jornalista Thaís Cardoso

Secretária Lucia Elena Losapio Pereira

Relatório de Gestão 2014

Textos: Flávia Dourado, Mauro Bellesa, João Henrique Rafael Jr. (Polo Ribeirão Preto) e Thaís Cardoso (Polo São Carlos)

Fotos: Acervo IEA-USP

Projeto gráfico e diagramação: Rafael Borsanelli